

HISTÓRIAS REAIS, ASSASSINOS REAIS

DARKSIDE

HAROLD
SCHECHTER

O DOSSIÊ DEFINITIVO
SOBRE ASSASSINOS
EM SÉRIE

CRIME SCENE SERIAL KILLERS

DARKSIDE

ANATOMIA DO MAL

ENTRE NA MENTE

DOS PSICOPATAS



“Apesar de todo o horror e repulsa genuínos que eles inspiram em nós, não faz sentido negar que os serial killers exercem uma atração sombria. Eles apelam não apenas ao nosso interesse mórbido, mas também à nossa necessidade de compreender um mistério humano supremo: como pessoas que parecem tão comuns, tão parecidas com o resto de nós, podem possuir corações e mentes de monstros.”

-A partir de *A ENCICLOPÉDIA DE A TO Z DOS ASSASSINO EM SÉRIE*

por Harold Schechter e David Everitt

“Um tomo horrível. . . . Schechter conhece seu assunto.”

—*Rocky Mountain News* (Denver)

“A referência definitiva sobre esse fenômeno fascinante.”

—*Revista PI*

“Harold Schechter combina o estilo gráfico de um romancista de terror com um olhar aguçado para material bizarro. . . . Um dos poucos nomes que garantem qualidade.”

—John Marr, *The Bay Guardian* (São Francisco)

Mais elogios às obras de crimes reais de Harold Schechter

“Deve ler para os aficionados do crime. . . reportagens horríveis, impressionantes e convincentes.”

—Ann Rule, autora best-seller do *New York Times* de *Worth More Dead*

“Meticulosamente pesquisado, brilhantemente detalhado e, acima de tudo, fascinante.”

—Caleb Carr, autor best-seller de *The Alienist*

The
A to Z
Encyclopedia
of
Serial Killers



Harold Schechter
and **David Everitt**

Revised and Updated



POCKET BOOKS
NEW YORK LONDON TORONTO SYDNEY



Prefácio à segunda edição

Na década desde que nosso livro apareceu pela primeira vez, o fenômeno que ele explora – o tipo de homicídio compulsivo e sexualmente sádico que agora chamamos de assassinato em série – continua a manter um forte controle sobre a imaginação do público. De fato, o serial killer se tornou uma parte tão difundida de nossa cultura popular que uma lista abrangente de todos os filmes, programas de TV e thrillers mais vendidos que apresentam esses vilões agora exigiria um volume próprio.

Mesmo os horríveis eventos de 11 de setembro de 2001 não conseguiram conter a onda de entretenimentos de serial killers. Embora agora enfrentemos ameaças muito mais graves ao nosso bem-estar nacional do que assassinos sexuais psicopatas, continuamos a ansiar por histórias sobre estes últimos. Na época em que escrevemos a introdução da primeira edição, por exemplo, *Se7en*, de *David Fincher*, era o filme número um das Américas. No momento atual (estamos escrevendo isso na primavera de 2005), o mesmo diretor está filmando *Zodiac*, sobre a busca do notório assassino em série que aterrorizou a área de São Francisco no final dos anos 1960. *Mais ça muda.*

Nas notícias, os serial killers da vida real também continuam a atrair a atenção da mídia. As façanhas selvagens de Angel Maturino Resendez – também conhecido como o “Assassino da Ferrovia” – escravizavam o país no verão de 1999. Dois anos depois, a prisão de Gary Ridgway pelos infames assassinatos de “Green River” foi notícia de primeira página em todo o país. Assim foi a apreensão, no início 2005, de Dennis Rader, o trabalhador da cidade aparentemente comum e frequentador de igreja que confessou ser o notório assassino conhecido como “BTK”.

O fato de casos há muito não resolvidos como Green River e BTK terem sido finalmente encerrados nos últimos anos representa uma das principais razões para a existência desta nova edição da *The A to Z Encyclopedia of*

Serial Killers. Muita coisa aconteceu desde que o livro foi lançado em 1995. Novos casos importantes ocorreram (como o do Dr. Harold Shipman, agora considerado o serial killer mais prolífico da história moderna). Houve novos desenvolvimentos importantes em casos antigos (incluindo uma suposta solução “final” dos assassinatos em série mais lendários de todos, aqueles cometidos por Jack, o Estripador).

Mudanças significativas ocorreram em nossa compreensão do assunto (está claro, por exemplo, que assassinos em série femininos e afro-americanos são muito mais comuns do que se pensava anteriormente). Conseguimos até traçar uma origem diferente – e significativamente mais antiga – para a própria expressão “assassino em série”.

Ao revisar nosso livro, então, tentamos torná-lo o mais atualizado possível. Mas *a Enciclopédia de A a Z* nunca foi feita para ser simplesmente uma ferramenta de referência. Sempre teve o objetivo de ser outra coisa: um livro que reconhecesse que o assunto do assassinato em série exerce uma atração sombria, mas inegável – o tipo de “prazer terrível” que, quando crianças, derivamos de mergulhar no mundo de contos de fadas dos demônios, e bruxas e ogros comedores de carne.

Há pouco sentido em negar o fato de que, por qualquer motivo – gerenciamento de ansiedade, curiosidade mórbida, sadismo latente – as pessoas gostam de ler sobre monstros. Como a primeira edição do nosso livro, esta revisão destina-se a esclarecer e entreter. É oferecido, em suma, não apenas no espírito de erudição séria, mas em franco reconhecimento do que Joseph Conrad chama de “fascínio da abominação”.

Prefácio *da primeira edição*

Estamos escrevendo este prefácio no outono de 1995, quando o filme número um nas bilheterias é *Se7en*, um thriller sombrio e intensamente assustador sobre um assassino em série que planeja matar suas vítimas de acordo com os sete pecados capitais (luxúria, ganância, gula, preguiça, orgulho, raiva e inveja). O interesse de longa data do público americano por açougueiros psicopatas – o mesmo fascínio mórbido que, em 1991, fez de Jeffrey Dahmer um garoto de capa da revista *People* e *O Silêncio dos Inocentes*, de Jonathan Demme, um sucesso de bilheteria vencedor do Oscar – ainda está forte.

De fato, o que inicialmente era um fenômeno marginal – uma obsessão por psicokillers enlouquecidos por sangue que era mais ou menos limitado a fãs obstinados de filmes de respingos – tornou-se tão popular que publicações tão tradicionalmente sóbrias (se não abafadas) como *The New York Review of Books* e *The New Yorker* entraram na onda ultimamente. O primeiro fez um grande ensaio sobre serial killers da romancista Joyce Carol Oates, enquanto o segundo fez um perfil estendido de pré-execução de John Wayne Gacy, que incluía trechos exclusivos dos escritos inéditos do “assassino mais notório da América”.

Críticos moralizadores foram rápidos em condenar esse fenômeno (chamado de “serial chic”) como mais um sintoma desagradável de podridão social, junto com gangsta rap e anúncios de roupas íntimas da Calvin Klein. Ressaltamos que, ao considerar o significado dos fenômenos pop, é sempre útil colocar coisas em um contexto cultural mais amplo. Para o bem ou para o mal, os seres humanos sempre ficaram intrigados com qualquer coisa que seja monstruosa, aberrante ou criminosa. E o terrível assassinato tem sido tema de histórias e canções, de alta e baixa arte, por séculos. Os livros sobre crimes reais existem desde pelo menos 1600, quando *God's Revenge Against Murder and Adultery*, de John Reynolds,

era uma das obras mais populares na Inglaterra. Durante o final do século XVIII, o público britânico devorava os relatos de crimes reais no *The Newgate Calendar*, enquanto os leitores vitorianos se emocionavam com os detalhes sangrentos de assassinatos, mutilações e torturas divulgados pelo *The Illustrated Police News*, o periódico mais popular da época . .

Em nosso próprio país, o frenesi da mídia desencadeado pelas atrocidades do Dr. HH Holmes, “o primeiro serial killer da América”, era semelhante à histeria gerada pelo julgamento de OJ um século depois. Em 1895, os habitantes de Chicago fizeram fila no quarteirão quando um showman empreendedor abriu um HH Holmes “Murder Museum”, completo com maquetes horríveis dos crimes do “arqui-demônio”. E a exploração do caos e do assassinato não se restringiu aos schlockmeisters. Artistas sérios, de Cézanne a Francis Bacon - assim como romancistas de Dostoiévski a Dreiser - fizeram do crime violento o tema de seu trabalho.

Em suma, não vemos o fascínio da América pelos assassinos em série como uma aberração, mas sim como uma manifestação contemporânea de uma realidade humana milenar. Além disso — na medida em que contar histórias, trocar piadas ou assistir a filmes sobre coisas assustadoras representa um método de enfrentamento — esse fascínio não é nada doentio. Na América do final do século XX, o serial killer passou a incorporar uma série de ansiedades corrosivas: ansiedades sobre crimes fugitivos e violência sexual e o colapso da conduta civil. Se somos assombrados ao ponto da obsessão pela figura do assassino psicopata, não é porque nos deleitamos com o sádico e medonho (embora também haja algo disso embutido nas profundezas arcaicas da psique), mas porque , como as crianças que adoram ouvir histórias assustadoras na hora de dormir, ler ou ouvir sobre assassinos em série é uma maneira de ganhar uma sensação de controle sobre nossos medos.

Embora tenha havido muitos livros sobre assassinatos em série nos últimos anos, *The A to Z Encyclopedia of Serial Killers* é o primeiro a lidar com o fenômeno em todos os seus aspectos: histórico, biográfico, criminológico, psicológico e cultural. As entradas cobrem todos os tópicos que poderíamos conceber, de [anúncios](#) e [tortura animal](#) a [zumbis](#) e [zoofilia](#) . Os leitores vão notar que algumas palavras dentro de cada entrada

estejam em negrito; estes são nomes e conceitos-chave que são tratados em entradas separadas próprias.

Apesar de todo o horror e repulsa genuínos que eles inspiram em nós, não faz sentido negar que os serial killers exercem uma atração sombria. Eles apelam não apenas ao nosso interesse mórbido, mas também à nossa necessidade de compreender um mistério humano fundamental: como pessoas que parecem tão comuns, tão parecidas com o resto de nós, podem possuir corações e mentes de monstros.

Em reconhecimento da necessidade de confrontar e explorar esse “mistério da iniquidade” (como Herman Melville o descreve), oferecemos as páginas a seguir.



Um DS

Nos velhos tempos, solteiros desesperados em busca de um companheiro podem recorrer a um casamenteiro profissional. Hoje em dia, eles são mais propensos a procurar na seção de anúncios classificados ou assinar um serviço de namoro na [Internet](#). Claro, quando se trata de comprar qualquer coisa que as pessoas estão vendendo nos jornais ou online – seja um carro usado ou elas mesmas – vale a pena prestar atenção ao velho aviso: Comprador Cuidado! Aqueles SWMs bonitos e DWFs sensuais que se fazem parecer e soam tão atraentes em suas fotos digitais e descrições impressas podem se tornar muito diferentes quando você os conhece pessoalmente.

Ocasionalmente, na verdade, eles podem se tornar assassinos em série.

Usar classificados como uma forma de capturar vítimas em potencial é uma manobra que remonta pelo menos ao início dos anos 1900. Foi quando a infame [Viúva Negra Americana](#), Belle Gunness, atraiu uma série de solteiros incautos para suas garras, colocando anúncios matrimoniais em jornais de todo o país: “Viúva rica e bonita, jovem, proprietária de uma grande fazenda, deseja entrar contato com um cavalheiro de riqueza com gostos cultos.” Houve uma certa deturpação neste classificado, uma vez que Gunness foi realmente gordo, cinquentão e feio de buldogue. Ela não estava mentindo sobre ser uma viúva rica, porém, já que ela havia assassinado pelo menos quatorze maridos depois de separá-los de suas economias.

Na França, o quase contemporâneo de Gunness, Henri Landru, conhecido como o “Barba Azul de Paris”, também encontrou suas vítimas-amantes através dos jornais. Alguns dos classificados eram anúncios matrimoniais

nos quais Landru se apresentava como um viúvo rico em busca de um companheiro. Em outros, ele fingia ser um negociante de móveis usados em busca de mercadorias. Em ambos os casos, se a pessoa que respondesse fosse uma mulher solitária de recursos, Landru aumentaria o charme. Os resultados eram sempre os mesmos. O dinheiro da mulher acabaria em sua conta bancária. A própria mulher acabaria como uma pilha de cinzas no fogão de sua casa de campo.

No final da década de 1950, um psicopata sexual e maluco de escravidão chamado Harvey Murray Glatman (ver [Fotografias](#)) conseguiu obter vítimas posando como fotógrafo profissional e colocando anúncios para modelos femininas. Depois de atrair uma mulher descuidada para seu “estúdio”, Glatman a estuprava, amarrava-a, tirava fotos dela enquanto ela gritava de terror e depois a estrangulava. (O caso de Glatman serviu como base da vida real para o romance best-seller de Mary Higgins Clark *Loves Music, Loves to Dance*, que – como o título sugere – lida com o mundo às vezes perigoso dos relacionamentos.)

Em tempos mais recentes, um sociopata vicioso chamado Harvey Louis Carignan atraiu mulheres jovens para a morte por publicidade para funcionários do posto de gasolina de Seattle que ele administrava. O MO de Carignan lhe rendeu o apelido de “Assassino de Anúncio de Procura” (o título do livro de crimes reais de 1983, best-seller de Ann Rule sobre o assunto). Mais ou menos na mesma época, um padeiro do Alasca chamado Robert Hansen – que acabou sendo condenado por quatro assassinatos sexuais selvagens, embora fosse supostamente responsável por dezessete – usou a página pessoal de seu jornal local para atrair várias de suas vítimas. Hansen, que era casado e tinha filhos, mandava a família tirar férias, depois pegava um classificado, procurando mulheres para “se juntar a mim para descobrir o que estava por vir”. Depois de capturar uma vítima, ele a levava para o deserto em seu avião particular. Então, depois de estuprá-la com uma faca, ele tirava suas roupas, dava a ela uma vantagem e (em uma duplicação doentia e real do famoso conto de Richard Connell “O Jogo Mais Perigoso”) a perseguia como um animal.

Ainda mais assustador era o canibal e assassino de crianças Albert [Fish](#), que regularmente vasculhava os classificados em sua busca interminável por vítimas. Em 1928, Fish se deparou com um anúncio de Situação de

Procurado colocado por um jovem chamado Edward Budd, que estava procurando um emprego de verão no país. Disfarçado de dono de uma grande fazenda em Long Island, o velho monstruoso visitou a casa de Budd, com a intenção de atrair o jovem para uma casa abandonada e torturá-lo até a morte. Fish alterou seus planos quando pôs os olhos na irmã mais nova de Edward, uma linda garota de doze anos chamada Grace. Foi a garotinha que acabou morta, desmembrada e canibalizada – e tudo porque o anúncio inocente de seu irmão trouxe um monstro à sua porta.



Alberto Peixe; de 52 cartas colecionáveis de Assassinos Famosos

(Cortesia de Roger Worsham)

Indiscutivelmente a jogada publicitária mais bizarra nos anais do crime sexual psicopático ocorreu em 2002, quando Armin Meiwes, um técnico de informática alemão de 41 anos, postou um anúncio na Internet que dizia: "Consumo." Embora seja impossível conceber uma aparição menos atraente, ela chamou a atenção de um designer de microchips de 42 anos chamado Bernd-Jürgen Brandes, que apareceu na porta de Meiwes, ansioso para ser massacrado. Com a cooperação entusiástica da vítima, Meiwes cortou o pênis de Brandes, cozinhou e serviu para os dois comerem juntos. Ele então esfaqueou Brandes no pescoço, cortou o cadáver, congelou certas partes para consumo futuro e enterrou o resto (veja [Canibalismo](#)).

Descrever Herr Meiwes como “perturbado” é claramente um eufemismo. Deve-se reconhecer, no entanto, que — em contraste com lobos em pele de cordeiro como Robert Hansen e Albert Fish — pelo menos ele não era culpado de propaganda enganosa.



Publicidade para vítimas

No filme *Sea of Love*, de 1989, um serial killer com uma linha sedutora passa a caçar vítimas masculinas nos classificados. Quando um otário morde, o assassino o enrola e o deixa de bruços no colchão, com uma bala na parte de trás do crânio.

Como fez nove anos antes em *Cruising*, Al Pacino interpreta um detetive de homicídios que se disfarça para pegar o assassino. Ao colocar seu próprio anúncio nos jornais, ele se transforma em isca viva. No processo, ele mergulha em um caso turbulento com Ellen Barkin – que pode ou não ser a assassina.

Um thriller fascinante, *Sea of Love* é especialmente bom em transmitir as perigosas correntes ocultas que correm sob a superfície da vida de solteiros da cidade grande, onde pessoas solitárias à procura de uma boa pesca às vezes acabam com uma barracuda.

UM JACARÉ

Quando se trata de se livrar de restos humanos, a maioria dos serial killers prefere manter as coisas simples, contando com recursos como covas rasas, espaços para rastejar em porões, fundos de rios e áreas remotas e densamente arborizadas (consulte [Descarte](#)). Ocasionalmente, no entanto, um serial killer pode recorrer a expedientes mais exóticos.

Na década de 1930, por exemplo, um réprobo alcoólatra chamado Joe Ball administrava uma estalagem decadente chamada (ironicamente) Sociable Inn na Highway 181, nos arredores de Elmsdorf, Texas. Ball instalou um tanque de cimento e o abasteceu com uma ninhada de cinco jacarés adultos. Para manter seus animais de estimação gordos e felizes,

Ball os alimentou com uma dieta de carne de cavalo, cães vivos e partes do corpo humano – os restos de várias funcionárias que ele assassinou e desmembrou. O número exato de suas vítimas é desconhecido, já que Ball foi ao seu morte sem confessar. Quando dois xerifes que estavam investigando o desaparecimento de uma garçonne bonita e jovem chamada Hazel Brown apareceram para questionar o brutal barman, ele sacou uma pistola da gaveta embaixo da caixa registradora e disparou uma bala em seu coração.

(Tobe Hooper, o autor que dirigiu o original *Texas Chainsaw Massacre*, usou os crimes de Ball como base para sua sequência sem inspiração, *Eaten Alive*, um fracasso de 1977 sobre um hoteleiro psicopata que empunha uma foice cujos hóspedes têm uma infeliz tendência a terminar no pântano infestado de répteis atrás de seu estabelecimento.)

O primo em primeiro grau do jacaré - o crocodilo da África Ocidental - também foi explorado para esse propósito nefasto. Na década de 1920, Carl Panzram - sem dúvida o assassino mais irregenerado nos anais do crime americano - viajou para a África Ocidental portuguesa como marinheiro mercante. Descendo a costa, ele contratou uma canoa e os serviços de meia dúzia de moradores para ajudá-lo a caçar crocodilos. Panzram acabou atirando nos seis africanos pelas costas e alimentando os répteis famintos com seus cadáveres.



Carlos Panzram; de 52 cartas colecionáveis de Assassinos Famosos

(Cortesia de Roger Worsham)

Os crocodilianos não foram as únicas criaturas cujos hábitos alimentares indiscriminados foram úteis para maníacos homicidas. Na Califórnia da virada do século, um fazendeiro chamado Joseph Briggen alimentou seus porcos premiados com partes do corpo de trabalhadores de fazenda massacrados. Os porcos de Briggen invariavelmente eram dólar superior em leilões locais. Quando as pessoas perguntavam o segredo de seu sucesso, ele apenas sorria e respondia: “Está tudo na alimentação”.

Outro criador de porcos canadense, Robert Pickton - supostamente o pior assassino em série do país - aparentemente confiou no mesmo método de eliminação de cadáveres porcino. Preso em 2002, Pickton, desde 24 de janeiro de 2004, foi implicado no assassinato de até trinta e uma mulheres.

“Não tenho nenhum desejo de me reformar. Meu único desejo é reformar as pessoas que tentam me reformar, e acredito que a única maneira de reformar as pessoas é matá-las. Meu lema é: roube todos, estupe todos e mate todos eles.”

C ARL P ANZRAM

UMA TORTURA NIMAL _

A crueldade infantil contra pequenas criaturas vivas não é necessariamente um sinal de psicopatologia. Muitos garotinhos que gostam de arrancar asas de moscas crescem e se tornam advogados ou dentistas. O comportamento sádico dos assassinos em série em ascensão é algo completamente diferente. Afinal, uma coisa é cortar uma minhoca ao meio porque você quer ver as metades separadas se contorcendo; outra bem diferente é eviscerar o gatinho de estimação do seu vizinho porque você gosta de ouvir seus uivos agonizantes.

As histórias de casos de assassinos em série estão repletas de casos de tortura de animais juvenis. Quando menino, por exemplo, Henry Lee [Lucas](#) gostava de prender pequenos animais, torturá-los até a morte e depois fazer sexo com os restos mortais. A primeira atividade sexual do terrível Peter [Kürten — o “Monstro de Düsseldorf”](#) — também combinava sadismo com

bestialidade. Aos treze anos, Kürten descobriu os prazeres de esfaquear ovelhas até a morte enquanto mantinha relações sexuais com elas.

Em vez de itens mais convencionais, como cartões de beisebol e histórias em quadrinhos, o pequeno Jeffrey [Dahmer](#) colecionava atropelamentos. De acordo com os vizinhos, ele também gostava de pregar sapos nas árvores e abrir peixes vivos para ver como suas entranhas trabalhado. Um dos passatempos favoritos da infância do [assassino de mouros](#) Ian Brady (veja [Killer Couples](#)) era jogar gatos de rua pelas janelas dos cortiços e vê-los espirrar na calçada. Os gatos, na verdade, são o alvo favorito dos jovens sociopatas. Edmund [Kemper](#) tinha apenas dez anos quando enterrou o gato da família vivo, depois desenterrou o cadáver e o decapitou. E o ex-agente especial do FBI Robert K. Ressler - o homem creditado por cunhar o termo "assassino em série" - menciona um assassino sádico que foi apelidado de "Doc" quando criança porque gostava de abrir os estômagos dos gatos e ver até onde eles poderiam correr antes de morrer.

A tortura animal é, de fato, um denominador tão comum na infância de assassinos em série que é considerado um dos três principais sinais de alerta de comportamento psicopático futuro, juntamente com enurese artificialmente prolongada e piromania juvenil (ver [Tríade](#)).

A grande maioria dos meninos que se divertem desmembrando as pernas compridas do papai ou jogando fogos de artifício em formigueiros perdem o estômago para o sadismo em tenra idade. O caso é muito diferente com os serial killers incipientes. Fixados em um estágio chocantemente primitivo de desenvolvimento emocional, eles nunca perdem seu desejo de crueldade e dominação. Muito pelo contrário: continua a crescer neles como um câncer. Eventualmente - quando cães, gatos e outras pequenas criaturas de quatro patas não podem mais satisfazê-lo - eles voltam suas atenções aterrorizantes para uma raça maior de duas patas: os seres humanos.

UM RISTOCRATAS

Na maioria das vezes, a única coisa verdadeiramente notável sobre os serial killers modernos é sua psicopatologia grotesca. Caso contrário, eles tendem a ser absolutamente ninguém. É precisamente por esta razão que eles são capazes de se safar do assassinato por tanto tempo. Ninguém olhando, digamos, para Joel Rifkin – o jardineiro paisagista de Long Island que

matou uma série de prostitutas e guardou seus corpos na casa suburbana que dividia com seus pais adotivos – jamais suspeitaria que esse indivíduo totalmente indescritível fosse capaz de tais atrocidades.

Para muitos serial killers, de fato, a notoriedade que eles alcançam por meio de seus crimes é, se não sua principal motivação, certamente um importante benefício adicional. O assassinato torna-se sua única reivindicação à fama - a única maneira que eles têm de colocar seus nomes no jornal, de provar ao mundo (e a si mesmos) que são pessoas “importantes”.

Nos séculos passados, a situação era frequentemente diferente. Longe de serem nulidades, os assassinos em série mais notórios dos tempos medievais eram pessoas de grande destaque e poder. O mais infame deles foi o nobre do século XV Gilles de Rais. Herdeiro de uma das grandes fortunas da França, Gilles lutou ao lado de Joana d'Arc durante a Guerra dos Cem Anos. Por sua coragem na batalha, ele foi nomeado marechal da França, a maior honra militar de seu país.

Após a execução de Joana em 1431, no entanto, Gilles retornou à sua propriedade ancestral na Bretanha e mergulhou em uma vida de depravação indescritível. Durante um reinado de terror de nove anos, ele atacou os filhos dos camponeses locais. Ao contrário dos assassinos em série de origem humilde de hoje, o aristocrático Gilles não precisava se esforçar para capturar suas vítimas; seus servos fizeram isso por ele. Levados de volta ao seu castelo de terror, as crianças (a maioria meninos) foram torturadas e desmembradas para o deleite do “Barão Bestial”, que gostava de coroar seu prazer violando seus cadáveres. Executado em 1440, ele é amplamente considerado o modelo para o monstro dos contos de fadas [Barba Azul](#).

Uma contraparte feminina de Gilles era a nobre da Transilvânia Elizabeth Bathory, uma beleza vampírica que acreditava que poderia preservar sua juventude banhando-se no sangue de virgens. De acordo com estimativas conservadoras, Bathory massacrrou e drenou o sangue de pelo menos quarenta mulheres jovens antes de sua prisão em 1610.

Sua contagem foi superada por sua quase contemporânea, a nobre francesa Marie Madeleine d'Aubray, marquesa de Brinvilliers. Tendo

passado por uma fortuna, essa beleza perdulária decidiu derrubar seu pai para colocar as mãos em sua propriedade. Em seus esforços para inventar um veneno indetectável, ela ofereceu seus serviços no Hôtel Dieu – o hospital público de Paris – e começou a experimentar diferentes fórmulas em seus pacientes, acabando por despachar pelo menos cinquenta deles. Em 1676, ela foi decapitada por seus crimes.

Mais perto do nosso tempo, alguns fãs [de Jack, o Estripador](#) (ou “Estripadores”, como preferem ser chamados) especulam que o lendário “Açougueiro de Whitechapel” era na verdade Albert Victor, Duque de Clarence, neto da rainha Vitória e herdeiro do trono da Inglaterra. Por mais tentadora que essa teoria pareça, é quase certamente uma fantasia completa, semelhante aos cenários mais selvagens do assassinato de Kennedy. A verdade nada glamorosa é que Jack provavelmente nada mais do que um ninguém empunhando uma faca - assim como as dezenas de não-entidades horivelmente doentes que seguiram seus passos sangrentos.

UM RT

A arte de serial killers pode ser dividida em duas categorias principais: (1) obras de arte *sobre* serial killers e (2) obras de arte *de* serial killers.

Para começar com o último: o mais conhecido de todos os artistas assassinos em série foi John Wayne [Gacy](#), que começou a se envolver em pintura a óleo enquanto estava na prisão. Embora Gacy pintasse tudo, desde personagens da Disney até a *Pietà de Michelangelo*, seu tema de marca registrada era Pogo, o Palhaço – a persona que ele adotou durante seus anos pré-prisão, quando ocasionalmente usava maquiagem de circo e entretinha as crianças no hospital local. Os óleos amadores de Gacy podiam ser adquiridos por uma ninharia há uma década, mas seu valor aumentou à medida que se tornaram itens colecionáveis da moda entre certas celebridades, como o diretor de cinema John Waters e o ator Johnny Depp. Desde a execução de Gacy, o preço de suas pinturas disparou ainda mais. Enquanto alguns de seus óleos são explicitamente assustadores (como suas chamadas pinturas do Palhaço Caveira), mesmo os mais “inocentes” – como suas representações dos Sete Anões da Disney – têm uma maldade inefável para eles.



Pogo, o Palhaço; pintura de John Wayne Gacy
(Cortesia de Mike Ferris)

Por um tempo, o negociante de arte exclusivo de Gacy foi o diretor funerário de Louisiana e entusiasta de serial killers Rick Staton (veja [The Collector](#)). Sob o incentivo de Staton, vários outros assassinos notórios começaram a praticar artes e ofícios na prisão. Staton – que fundou uma empresa chamada Grindhouse Graphics para comercializar este trabalho e organizou uma série de Death Row Art Shows em Nova Orleans – representou uma ampla gama de assassinos quase criativos, incluindo Richard “Night Stalker” [Ramirez](#) (que faz trabalhos brutos, mas intensamente assustadores). rabiscos de esferográfica); Charles [Manson](#) (que se especializou em animais esculpidos em suas meias velhas); e Elmer Wayne Henley. Henley – que, junto com seu amigo Dean Corll, foi responsável pela tortura e assassinato de até trinta e dois jovens – gosta de pintar coalas.

Por mais dedicado que seja a promover o trabalho dessas pessoas, até Staton admite que elas não possuem talento artístico. Existem algumas exceções, no entanto. Lawrence Bittaker - que mutilou e assassinou cinco adolescentes - produz alguns cartões pop-up verdadeiramente originais. O mais talentoso do grupo, no entanto, é William Heirens, o notório “Assassino do Batom”, que está na prisão desde 1946 e que pinta aquarelas primorosamente detalhadas.

No que diz respeito à arte séria (isto é, arte sobre, não por, assassinos em série), os pintores têm lidado com crimes sexuais horríveis desde pelo menos o século XIX. O artista vitoriano Walter Sickert, por exemplo, fez imagens tão perturbadoras de prostitutas assassinadas que a escritora de crimes Patricia Cornwell o acusou de ser [Jack, o Estripador](#). Estudiosos também descobriram que, além das paisagens pós-impressionistas e naturezas-mortas pelas quais ele é mais conhecido, Paul Cézanne fez toda uma série de pinturas e desenhos que retratam crimes sexuais horríveis.

Ao longo do século XX, o assassinato hediondo aparece frequentemente como um assunto de arte séria. Em *O Assassino Ameaçado*, uma pintura de 1926 do surrealista René Magritte, um homem de chapéu-coco empunha um membro humano semelhante a um taco enquanto uma mulher nua está sangrando ao fundo. Ainda mais perturbador é *A Few Small Nips*, de Frida Kahlo, de 1935, no qual um assassino ensanguentado, segurando uma faca, fica ao lado da cama de sua namorada selvagem. Em 1966, o pintor pós-moderno alemão Gerhard Richter causou alvoroço quando exibiu seus *Eight Student Nurses*, retratos realistas das vítimas de Richard [Speck](#), baseados em suas fotos do anuário. Essa controvérsia foi pequena, no entanto, em comparação com o clamor provocado em 1997, quando uma exposição de arte britânica altamente divulgada incluiu *Myra*, de Marcus Harvey - uma enorme retrato do notório [Moors Murderer](#) criado a partir das impressões das mãos de crianças.

De todas as pinturas de assassinatos em série produzidas no século XX, provavelmente as maiores são as de Otto Dix, o famoso expressionista alemão que era obcecado por imagens de mutilação sexual sádica e produziu uma série de telas extraordinárias sobre o assunto. Seu contemporâneo George Grosz (que posou como Jack, o Estripador em um famoso autorretrato fotográfico) também criou uma série de trabalhos sobre assassinatos relacionados ao sexo, incluindo o angustiante *Murder on Acker Street*, que retrata um assassino cretino esfregando as mãos depois de decapitar um mulher, cujo cadáver horrivelmente mutilado ocupa o centro da imagem. (Se você estiver interessado em um estudo brilhante sobre assassinato sexual na Alemanha de Weimar – que reproduz várias dezenas de trabalhos de Dix e Grosz – confira o livro *Lustmord* de 1995, da professora de Harvard Maria Tartar.)

O herdeiro espiritual de Dix e Grosz é Joe Coleman, os mais proeminentes pintores americanos de assassinos em série (veja [The Apocalyptic Art of Joe Coleman](#)). O trabalho de Coleman inspirou vários artistas mais jovens, incluindo o jovem pintor do Brooklyn Michael Rose, cujos temas variam de martírios religiosos a acidentes macabros às atrocidades de Albert [Fish](#). Outro artista do Brooklyn, Chris Pelletiere, fez uma série de retratos impressionantes de alguns dos assassinos mais notórios da América, incluindo Charles Starkweather, Henry Lee [Lucas](#) e Ed [Gein](#).

Finalmente, há o conhecido surrealista pop Peter Saul. Agora na casa dos sessenta, Saul tem ofendido as sensibilidades nas últimas três décadas com telas como *Pato Donald Descendo uma Escada*, *Filhote de Cachorro em Cadeira Elétrica* e *Assassinato de Sexo no Banheiro*. Apresentadas em um estilo extravagante e caricatural, as recentes pinturas de assassinos em série de Saul – que incluem representações grotescas da execução de John Wayne [Gacy](#) e os hábitos alimentares de Jeffrey [Dahmer](#) – estão entre suas obras mais eletrizantes.



A Arte Apocalíptica de Joe Coleman

O principal pintor de assassinos em série da América, Joe Coleman também é o único artista significativo a se apresentar como um geek. De fato, um de seus autorretratos mais poderosos - *Retrato do Professor Momboozoo* - mostra o Coleman crucificado com a cabeça de um rato mordido saindo de sua boca. Como grande parte do trabalho de Coleman, é uma imagem impressionante, que resume três dos principais temas de sua arte: horror, sensacionalismo secundário e (na medida em que devorar o corpo e o sangue de um roedor representa uma paródia grotesca da Última Ceia) obsessão religiosa.



Joe Coleman em seu “odditorium” (Foto de Steve Bonge)

Coleman nasceu em 22/11/55 — uma data (como ele gosta de apontar) cheia de duplos, prefigurando seu próprio fascínio por dualidades ligadas: pecador e santo, céu e inferno, corrupção e pureza, assassino e vítima. Crescendo em frente a um cemitério e imerso no catolicismo, ele desenvolveu um fascínio precoce pela morte e doença, sofrimento e sacrifício. Sua imaginação infantil também foi moldada por dois livros: a Bíblia (particularmente suas histórias mais suculentas de sexo e violência) e um volume sobre Hieronymus Bosch, cujas paisagens oníricas demoníacas e fervilhantes causaram uma profunda impressão na sensibilidade artística de Coleman.

De fato, embora Coleman seja frequentemente classificado na categoria ligeiramente depreciativa de artista “ingênuo” ou “de fora”, seu trabalho cai em uma tradição dominante que se estende de pintores medievais como Bosch e Breughel a expressionistas alemães modernos como Dix e Grosz. Também é verdade, no entanto, que - tão realizado e sofisticado quanto as pinturas de Coleman são - há, em seu estilo densamente texturizado e meticulosamente detalhado, uma qualidade distintamente de arte popular. Ele é, em suma, um original completo, um delineador totalmente americano

dos recessos mais sombrios da alma. Se Bosch tivesse se casado com a vovó Moses, sua descendência profana teria sido Joe Coleman.

Na paisagem purulenta da arte de Coleman, assassinos em série lendários como Carl [Panzram](#) e Charles [Manson](#) tornam-se visionários loucos, movidos por uma necessidade selvagem de arrancar as ilusões reconfortantes da sociedade convencional e expor as terríveis realidades da existência: horror aleatório, morte inexorável. Coleman é rápido em apontar que suas pinturas são autorretratos, e o mesmo impulso feroz é evidente em toda parte em seu trabalho. Ele usa o pincel como o bisturi de um vivisseccionista, para penetrar nas entranhas sangrentas, nas entranhas da existência. Sob nossas peles, sua arte parece dizer, não somos nada além de sangue, merda e fleuma, com um tumor latente, sem dúvida, à espreita em algum lugar de nossas células. Mas há também outro elemento, que redime sua obra da pura morbidez: a crença, ou pelo menos a esperança, de que, se penetrar o suficiente, descobrirá algo muito mais profundo: a alma.

Como comentou um crítico, Joe Coleman devolveu a *dor* à pintura. Mas seu trabalho brilha com poder e significado. Para aqueles que não estão familiarizados com ele, recomendamos fortemente seu livro *Cosmic Retribution* (Fantagraphic Books, 1992) – o único volume de arte (até onde sabemos) com uma entusiástica sinopse de Charles Manson. Exemplos mais recentes de suas pinturas podem ser encontrados em *Original Sin* (Heck Editions, 1997) e *The Book of Joe* (La Luz de Jesus Press, 2003).

Meus primeiros desenhos eram da crucificação de Cristo. Isso é uma coisa que vai excitar os garotinhos – que sua religião tem a ver com um cara sendo pregado na porra de uma cruz e todo esse sangue jorrando e todos esses santos sendo incendiados.

Esse é o tipo de religião que eu gosto.”

J O E C O L E M A N

A X E A S S A S S I N O _

Embora a figura do maníaco empunhando o machado seja um grampo de filmes de terror e contos de fogueira, ele é em grande parte uma invenção

da imaginação popular. Na realidade, assassinos em série raramente contam com machados.

O machado mais famoso da história do crime americano, é claro, foi o que pertenceu à senhorita Lizzie Borden, que, segundo o folclore, o usou para dar “quarenta pancadas” no rosto de sua madrastra adormecida (e quando ela viu o que tinha feito, ela deu a seu pai quarenta e um). Lizzie, no entanto, não era uma assassina em série, mas uma solteirona gordinha de 32 anos com ressentimentos há muito tempo fervendo que aparentemente enlouqueceu em um dia sufocante de agosto de 1892. Em suma, seus crimes (supondo que ela os cometeu, o que parece bastante certo, apesar de sua absolvição) foram um negócio de uma só vez - uma vida inteira de emoções sufocadas explodindo em um único ato selvagem.

Outra mulher fatal que era habilidosa com um machado era a notória Belle Gunness (veja [Viúvas Negras](#)), que assassinou pelo menos quatorze de seus maridos e pretendentes. Alguns aparentemente foram envenenados, outros foram despachados durante o sono com um machado. Embora a gorda e feroz Gunness fosse uma figura mais assustadora do que a elegante senhorita Lizzie, ela não era uma assassina de emoções de olhos arregalados. Em vez disso, ela era uma mercenária de sangue frio, matando para receber as apólices de seguro de vida de seus cônjuges ou herdar suas economias.

Mais próximo do que qualquer uma dessas senhoras letais do estereótipo popular do psicopata empunhando um machado estava um vagabundo duro chamado Jake Bird. Vagando por Tacoma em 1947, Bird cortou mãe e filha em pedaços com um machado que encontrou em seu galpão de madeira. Alertados pelos gritos moribundos das vítimas, os vizinhos chamaram a polícia, que conseguiu subjugar Bird após uma luta violenta. Bird se declarou inocente até que a análise forense estabeleceu que as manchas em suas calças eram sangue humano e tecido cerebral. Antes de sua execução em 1949, ele confessou nada menos que quarenta e quatro assassinatos nos Estados Unidos, vários deles cometidos com sua arma de escolha – o machado.

O assassino de machado mais assustador nos anais do crime americano, no entanto - aquele que manteve uma cidade inteira em estado de pânico

por mais de dois anos - era um maníaco cuja identidade permanece desconhecida. Esta é a figura sombria conhecida como o “Axeman of New Orleans”.

Na noite de 23 de maio de 1918, um casal de Nova Orleans chamado Maggio foi massacrado na cama por um intruso que esmagou seus crânios com uma lâmina de machado. em seguida, cortou suas gargantas com uma navalha, quase cortando a cabeça da mulher. Assim começou o reinado de terror do chamado Axeman, um bicho-papão da vida real que assombrou a cidade por dois anos e meio. Seu MO era sempre o mesmo. Rondando pela escuridão, ele mirava em uma casa, esculpia um painel da porta dos fundos, deslizava para dentro e encontrava o caminho para o quarto. Lá, ele se arrastaria em direção às suas vítimas adormecidas, levantaria sua arma e atacaria com fúria demoníaca. Ao todo, ele assassinou sete pessoas e feriu brutalmente outras oito.



Lizzie Borden; de 52 cartas colecionáveis de Assassinos Famosos

(Cortesia de Roger Worsham)

O pânico tomou conta da cidade, principalmente porque a polícia não conseguiu localizar o assassino. Cidadãos histéricos apontaram o dedo para vários suspeitos, incluindo um suposto espião alemão chamado Louis Besumer e um pai e filho chamados Jordano, que na verdade foram condenados por “testemunhos oculares” que mais tarde provaram ser

fabricados. Como muitas das vítimas eram mercearias italianas, havia também uma teoria (totalmente infundada) de que o assassino era um executor da máfia. Para lidar com seus medos, os cidadãos recorreram ao humor mórbido, organizando “festas Axeman” ao estilo de Nova Orleans e cantando junto com uma música popular chamada “The Mysterious Axeman's Jazz”.

Embora o assassino nunca tenha sido identificado, algumas pessoas acreditam que ele era um ex-presidiário chamado Joseph Mumfre, que foi abatido por uma mulher chamada Pepitone, a viúva da última vítima do Axeman. A Sra. Pepitone alegou ter visto Mumfre fugir da cena do crime. Se Mumfre era realmente o Axeman permanece uma questão de disputa, mas um fato é certo: os assassinatos pararam com sua morte.



Machado

Frailty, um chiller assustadoramente eficaz lançado em 2002, estrelado por Bill Paxton (que também dirigiu) como um viúvo do Texas cuja devoção paternal a seus dois filhos pequenos é um pouco prejudicada por sua mania religiosa desenfreada. Papai (o único nome que ele recebe no filme) acredita que Deus o escolheu para caçar e destruir demônios em forma humana, usando um machado muito grande como sua arma de retribuição divina.

As complicações surgem quando papai passa a acreditar que seu próprio filho de doze anos, Fenton, é um demônio disfarçado. Relutante em desmembrar seu filho, papai se contenta em trancar o menino em uma masmorra até que ele se arrependa. Graças a esse ato de solicitude paterna, Fenton consegue chegar à idade adulta. Na forma adulta de Matthew McConaughey, Fenton aparece anos depois na sede do FBI para contar sua história a um agente chamado Doyle (Powers Boothe), que está investigando um caso de assassinato em série não resolvido conhecido como assassinatos da “Mão de Deus”.

Atuações sólidas, reviravoltas surpreendentes na trama - e o pai mais assustador empunhando um machado a aparecer nos filmes desde que Jack

Nicholson saiu do fundo do poço em *O Iluminado* , de Stanley Kubrick - fazem *Fragilidade* um pequeno filme de terror altamente satisfatório.



BANHEIROS _

Explorando o labirinto assustador do porão de Buffalo Bill no clímax de *O Silêncio dos Inocentes*, de Thomas Harris, Clarice Starling se depara com uma visão medonha: uma “grande banheira . . . quase cheio de gesso vermelho-púrpura duro. Uma mão e um pulso erguidos do gesso, a mão ficou escura e murcha, as unhas pintadas de rosa. Clarice tropeçou em uma das ex-vítimas do monstro, que foi transformada em uma espécie de quadro grotesco.

Como o resto de nós, é claro, os serial killers da vida real precisam de um banho ocasional e, portanto, não podem entupir suas banheiras com cadáveres decompostos envoltos em gesso vermelho-púrpura de Paris. Alguns, no entanto, colocaram suas banheiras em usos especializados.

Por razões óbvias, as banheiras são um lugar útil para desmembrar cadáveres. Depois de pegar uma carona em janeiro de 1973, por exemplo, Edmund [Kemper](#) atirou na cabeça dela, depois levou o corpo de volta para casa, escondeu-o no armário do quarto e foi dormir. Na manhã seguinte, depois que sua mãe saiu para o trabalho, ele removeu o cadáver, fez sexo com ele, depois o colocou em sua banheira e o desmembrou com uma faca Buck e um machado.

A banheira de Dennis [Nilsen](#), por outro lado, foi usada para um propósito mais tradicional. Ele gostava de banhar seus amantes nele. Claro, eles estavam mortos na época. Como Jeffrey [Dahmer](#), este assassino em série britânico assassinou suas picapes homossexuais em parte porque estava desesperado por companhia. Transformá-los em cadáveres era sua maneira de garantir que eles não fossem embora pela manhã. Depois de

estrangular uma vítima, Nilsen se engajava em um ritual regular, limpando com ternura o cadáver em sua banheira, depois arrumando-o amorosamente na frente da TV ou do aparelho de som ou talvez na mesa da sala de jantar, para que pudesse desfrutar de sua companhia até que se tornasse demais. decomposto para suportar.

E depois há o assassino em série ocasional que transforma sua banheira em um dispositivo de matar, como o britânico [Barba Azul](#) George Joseph Smith, o notório assassino de “Noivas no Banho”, que afogou três de suas sete esposas pelo dinheiro do seguro.

Claro, o mais famoso desses acessórios de banheiro é a combinação de banheira de chuveiro onde Janet Leigh encontra seu fim brutal nas mãos de Anthony Perkins como Norman Bates. Graças a *Psicose de Hitchcock*, inúmeras estrelas nuas foram massacradas por maníacos enquanto se ensaboavam no chuveiro ou relaxavam em um banho de espuma. De vez em quando, um psicopata empunhando uma faca até sai de uma banheira como em *Atração Fatal*. Mas, no geral, esses são perigos que raramente ocorrem fora dos filmes. Na maioria das vezes, as banheiras são perfeitamente seguras – contanto que você não escorregue no sabonete.

B ED -W ETTING

Veja [Tríade](#).



David Berkowitz

Era a era da febre disco de Nova York – de sapatos plataforma, ternos de lazer, dançando ao som dos Bee Gees enquanto um globo espelhado girava e piscava no alto. Mas por pouco mais de um ano, entre 1976 e 1977, a batida da discoteca se transformou em uma pulsação de medo enquanto um louco armado de armas rondava as ruas da cidade à noite. Sua arma era um revólver .44 – e a princípio os tablóides o rotularam de “Assassino de calibre .44”.

O terror começou em 29 de julho de 1976, quando duas jovens foram baleadas em um carro estacionado no Bronx. Jovens em carros — muitas

vezes namorando casais — continuariam a ser os alvos preferidos do assassino. Em uma ocasião, no entanto, ele abateu duas jovens sentadas em uma varanda. Em outro, ele atirou em uma mulher enquanto ela voltava da escola para casa. Freneticamente, ela tentou proteger o rosto com um livro, mas sem sucesso. O assassino simplesmente levantou o cano de sua arma para o escudo improvisado e atirou na cabeça dela. Antes que sua fúria terminasse, um total de seis jovens nova-iorquinos estavam mortos, sete mais gravemente feridos.



David Berkowitz; de cartões comerciais *Bloody Visions*

(© & ™ 1995 MH Price e Shel-Tone Publications. Todos os direitos reservados.)

Na cena de um duplo assassinato, a polícia encontrou uma longa nota do assassino. “Eu sou o 'Filho de Sam'. Eu sou um pirralho”, escreveu ele. Daquele ponto em diante, o assassino seria conhecido por seu novo apelido bizarro.

Durante meses, enquanto a cidade estava tomada pelo pânico, a polícia não fez nenhum progresso. Quando finalmente chegou uma pausa, foi por causa de uma multa de estacionamento de trinta e cinco dólares. Em 31 de julho de 1977, quando um casal foi baleado ao longo da costa do Brooklyn, uma testemunha notou alguém se afastando do local em um carro que acabara de ser multado. Ao rastrear a convocação pelo computador, a

polícia descobriu o nome e o endereço de David Berkowitz, um carteiro de rosto atarracado que mora em Yonkers.

Quando a polícia o pegou, eles encontraram um arsenal no porta-malas do O carro de Berkowitz. Filho de Sam estava planejando um ato apocalíptico de carnificina - um ataque kamikaze a uma discoteca de Long Island.

Preso, Berkowitz explicou o significado de seu apelido bizarro. “Sam” acabou sendo o nome de um vizinho, Sam Carr, que – na mente profundamente distorcida de Berkowitz – era na verdade um “alto demônio” que transmitia suas ordens de matar através de seu cão de estimação, um labrador preto. Insana como essa história era, Berkowitz foi considerado mentalmente apto para ser julgado. Ele acabou sendo sentenciado a trezentos anos na prisão, onde recentemente passou por uma conversão religiosa e se tornou um televan-gelist de prisão, pregando o evangelho na TV de acesso público.

“Eu não queria machucá-los,
eu só queria matá-los.”

D AVID B ERKOWITZ

VIÚVAS PRETAS _ _

O clássico assassinato sexual em série – no qual um sociopata sádico é levado a perseguir, matar e cometer atos indescritíveis em uma sucessão de estranhos – é um ultraje perpetrado quase que exclusivamente por homens. Como o crítico de cultura de dois punhos Camille Paglia coloca: “Não existem [Jack, os Estripadores femininos](#)” (veja [Mulheres](#)). Por outro lado, as mulheres que matam toda uma série de seus companheiros, muitas vezes por razões mercenárias, são relativamente comuns nos anais do crime. Essas contrapartes femininas do assassino do tipo [Barba Azul](#) são conhecidas (em homenagem ao aracnídeo mortal que devora seus companheiros após o sexo) como “Viúvas Negras”.

A mais infame dessa raça foi a lendária Belle Gunness, née Brynhild Storset, que veio para este país de uma pequena vila de pescadores na Noruega em 1881. Como outros imigrantes do século XIX, a jovem

empreendedora achou a América uma terra de abundância , onde ela poderia colocar seus talentos dados por Deus para o uso mais lucrativo. Por acaso, Belle talento particular era assassinato em série. Depois que um incêndio destruiu sua fazenda em Indiana em 1908, os pesquisadores encontraram os restos decompostos de pelo menos uma dúzia de pessoas em sua propriedade, algumas enterradas no porão da casa destruída, outras enterradas na lama do chiqueiro ou plantadas em seu jardim. A maioria de suas vítimas eram maridos em potencial ou trabalhadores contratados que também atuavam como amantes. Suas mortes permitiram a Gunness lucrar com suas apólices de seguro e saquear suas contas bancárias. Como a porca que devora seu parto, ela também assassinou dois de seus próprios filhos depois de garantir suas vidas. Gunness ganhou status lendário não apenas por causa da enormidade de seus crimes, mas também porque ela desapareceu sem deixar vestígios, deslizando (como [Jack, o Estripador](#)) para o reino do folclore e do mito.



Mary Ann Algodão; de cartões comerciais *Bloody Visions*

(© & ™ 1995 MH Price e Shel-Tone Publications. Todos os direitos reservados.)

Outras notórias Viúvas Negras seguiram o padrão avarento de Gunness. Em meados do século XIX, a “Rainha Envenenadora” dos Estados Unidos, Lydia Sherman, eliminou um marido após o outro para herdar suas

economias. Relutante em dividir sua nova recompensa com qualquer outra pessoa, ela também envenenou seus filhos, despachando mais de uma de suas vítimas com chocolate quente com arsênico. De maneira surpreendentemente semelhante, seu contemporâneo britânico Mary Ann Cotton liquidou toda uma série de cônjuges e filhos. Suas mortes foram atribuídas a “febre gástrica” – até que uma autópsia de sua última vítima, seu enteado de sete anos, revelou vestígios de arsênico em seu estômago.

Nem todas as Viúvas Negras, no entanto, são motivadas pela ganância. A matrona multicida Nannie Doss – apelidada de “Vovó risonha” pela imprensa porque ria de diversão enquanto confessava seus crimes – ficou furiosa quando a polícia a acusou de matar quatro maridos por causa de suas apólices de seguro (que eram, na verdade, muito insignificantes). Leitora ávida de ficção de romance verdadeiro, a Babá insistiu que havia assassinado por amor, não por dinheiro. “Eu estava procurando o companheiro perfeito, o verdadeiro romance da vida.” Quando um marido não estava à altura, ela simplesmente o despachava (colocando veneno de rato líquido em seu uísque de milho ou ameixas cozidas) e depois ia em busca de outro Príncipe Encantado. Claro, sua explicação não foi totalmente convincente, já que suas vítimas também incluíam sua mãe, duas irmãs, dois filhos, um neto e seu sobrinho. Nannie Doss foi condenada à prisão perpétua, onde morreu de leucemia em 1965, depois de escrever suas memórias para a revista *Life*. Ela não matou nem por amor nem por dinheiro. Ela matou porque gostou.

B LASFEMIA

Na maioria das vezes, este é um ultraje perpetrado por cultistas adoradores do diabo que se deleitam em blasfemar contra os rituais ortodoxos do cristianismo (ver [Satanismo](#)). A cerimônia central do culto satânico, por exemplo, é a chamada Missa Negra, uma caricatura obscena da missa católica envolvendo sacrifício de bebês, sexo orgiástico e outras abominações.

Há, no entanto, pelo menos um serial killer que acrescentou blasfêmia à sua lista impressionante de ultrajes. Depois de assassinar sua última vítima — uma avó de oitenta e oito anos chamada Kate Rich — Henry Lee [Lucas](#)

esculpiu uma cruz de cabeça para baixo entre os seios da velha. Então ele estuprou o cadáver dela.

ROBERT B LOCH

Diga a palavra *psicopata* para a maioria das pessoas e elas imediatamente visualizarão cenas do clássico filme de terror: Janet Leigh sendo cortada em pedaços no chuveiro, Martin Balsam sendo atacado por um velho biddy com uma faca de açougueiro, Anthony Perkins sorrindo insanamente enquanto uma mosca zumbido em torno de sua cela acolchoada. Mas enquanto foi o gênio de Alfred Hitchcock que transformou *Psicose* em uma obra-prima, foi outra imaginação que primeiro sonhou com Norman Bates e seu motel do inferno. Pertenceu a Robert Bloch, um dos escritores de terror mais prolíficos e influentes do século.

Nascido em Chicago em 1917, Bloch começou a publicar histórias nos pulps ainda adolescente. Ele recebeu incentivo de seu amigo e musa, o horrormeister HP Lovecraft (que nomeou um personagem em homenagem a Bloch em sua história “The Haunter of the Dark”). Depois de trabalhar como redator publicitário em Milwaukee, Bloch saiu para se tornar um escritor em tempo integral no início dos anos 1950. Ele se especializou em contos cujos finais macabros os fazem ler como longas piadas de mau gosto. Assassinos psicopatas figuram com destaque em sua ficção. Uma de suas histórias mais conhecidas é intitulada “Yours Truly, Jack, o Estripador”.

Em 1957, Bloch - que havia se mudado para Los Angeles para escrever roteiros - voltou para Wisconsin para que sua esposa doente pudesse ficar perto de seus pais. Ele estava morando na cidade de Weyauwega, a menos de 50 quilômetros de Plainfield, onde a polícia invadiu a casa de fazenda em ruínas de um solteirão de meia-idade chamado Edward [Gein](#) e descobriu uma coleção de horrores que causaram ondas de choque em todo o país. Fascinado pelas incríveis circunstâncias do caso Gein – particularmente pelo fato (como ele disse mais tarde) “de que um assassino com apetites pervertidos pudesse florescer quase abertamente em uma pequena comunidade rural onde todos se orgulham de conhecer os negócios de todos” – Bloch atingiu sobre a ideia de um romance de terror. O resultado foi seu thriller de 1959, *Psicose*, sobre o esquizofrênico filhinho

da mamãe, Norman Bates – um monstro que (como Drácula e King Kong) se tornou um ícone permanente da nossa mitologia pop.

Bloch escreveu centenas de contos e mais de vinte romances, além de dezenas de roteiros e roteiros de televisão. No entanto, quando ele morreu, em 23 de setembro de 1994, as manchetes de seus obituários invariavelmente o identificavam (como ele previu que fariam) como o “Autor de *Psicose*”. Conforme interpretado por Hitchcock, essa peça pioneira da literatura sobre serial killers estabeleceu o padrão para todas as fantasias cinematográficas de terror dos últimos quarenta e seis anos. Dentro apesar de sua obsessão ao longo da vida por assassinos psicopatas, o próprio Bloch era o mais gentil dos homens, que tinha pouco uso para o tipo de filmes de terror graficamente sangrentos que seu próprio trabalho havia inspirado. Quando perguntado sobre sua opinião sobre filmes como *O Massacre da Serra Elétrica*, o homem que deu à luz Norman Bates admitiu: “Tenho bastante escrúpulos em relação a eles”.

B BARBAS

Supostamente inspirado no monstro do século XV Gilles de Rais (ver [Aristocratas](#)), o personagem de contos folclóricos Barba Azul é um nobre sinistro que assassina uma sucessão de esposas e armazena seus cadáveres em um quarto trancado em seu castelo. Na vida real, o termo é usado para descrever um tipo específico de serial killer que, como seu parceiro fictício, derruba uma esposa após a outra.

Existem duas grandes diferenças entre um assassino do Barba Azul e um psicopata como Ted [Bundy](#). Este último ataca estranhos, enquanto o tipo Barba Azul restringe-se às mulheres que são azaradas (ou tolas) o suficiente para se casar com ele. Suas motivações também diferem. Bundy e sua turma são movidos pelo sadismo sexual; eles são assassinos de luxúria. Em contraste, o pecado capital que motiva o Barba Azul não é a luxúria, mas a ganância. Na maioria das vezes, esse tipo de serial killer despacha suas vítimas para obter lucro.

O mais infame Barba Azul do século XX foi um francês baixo, calvo e de barba ruiva chamado Henri Landru (a inspiração da vida real para a comédia negra de Charlie Chaplin, *Monsieur Verdoux*). Apesar de sua aparência feia, Landru possuía um charme urbano que o tornava atraente

para as mulheres. Não doeu, é claro, que houvesse tantas mulheres vulneráveis ao redor - viúvas solitárias dos milhões de jovens soldados que morreram nos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial. Um vigarista talentoso que já havia sido condenado sete vezes por fraude, Landru encontrou suas vítimas publicando [anúncios matrimoniais](#) nos jornais. Quando um prospecto adequado (ou seja, rico, crédulo) respondesse, Landru iria cortejá-la, casar-se com ela, assumir o controle de seus bens, depois matá-la e incinerar o cadáver em um pequeno forno ao ar livre em sua propriedade rural nos arredores de Paris. Ele foi guilhotinado em 1922, condenado por onze assassinatos — dez mulheres, mais o filho adolescente de uma vítima.

Ainda mais prolífico foi um alemão chamado Johann Hoch, que emigrou para a América no final de 1800. Em termos puramente numéricos, Hoch detém alguns espécie de registro conjugal entre os Barbas-Azuis, tendo se casado com nada menos que cinquenta e cinco mulheres, das quais pelo menos quinze ele despachou. Como Landru, ele nunca confessou, insistindo em sua inocência mesmo quando o laço do carrasco se apertou em seu pescoço.



Gravura vitoriana, mostrando a coleção de cabeças femininas decepadas do Barba Azul.

Outro notório Barba Azul do outro lado do mar foi o inglês George Joseph Smith, que ficou conhecido como o assassino das “Noivas no Banho” por seu hábito de afogar suas esposas na banheira para receber seu seguro de vida. Como Landru e Hoch, Smith proclamou veementemente sua inocência, saltando durante seu julgamento e gritando: “Eu não sou um assassino, embora possa ser um pouco peculiar!” O júri não acreditou, pelo menos a primeira parte. Ele foi enforcado na sexta-feira, 13 de agosto de 1915.

Embora o assassino que captura suas vítimas femininas com suas maneiras suaves e atenciosas pareça essencialmente europeu, nosso próprio país produziu sua parcela de Barbas-Azuis. Nascido e criado no Kansas, Alfred Cline parecia um pastor presbiteriano - uma das razões, sem dúvida, que ele foi capaz de ganhar a confiança de tantas viúvas abastadas, oito das quais ele se casou e assassinou entre 1930 e 1945. Até mesmo o dispositivo de matar favorito de Cline - um copo envenenado de leiteiro - era o mais americano possível.

Depois, havia Herman Drenth, que despachou um número indeterminado de vítimas em sua câmara de gás caseira nos arredores de Clarksburg, West Virginia. Ele foi enforcado por cinco assassinatos em 1932. Ao contrário da maioria dos Barbas-Azuis, Drenth era um sádico confesso, obtendo não apenas lucro financeiro, mas também prazer sexual de seus crimes. Observando suas vítimas morrerem, ele disse à polícia: “Bata em qualquer cathouse em que eu já estive”.

“Eu posso ser um pouco peculiar.”

G EORGE J OSEPH S MITH ,

o assassino de “Noivas no Banho”

JOGOS DE TABULEIRO _

Embora parecesse improvável que se tornasse o próximo Trivial Pursuit, um jogo de tabuleiro chamado Serial Killer desencadeou uma tempestade de indignação quando foi colocado no mercado há alguns anos. A ideia de um cuidador infantil de Seattle chamado Tobias Allen, Serial Killer consistia em um tabuleiro de jogo impresso com um mapa dos Estados Unidos, quatro peças de jogo de serial killer, “cartões de crime”, “cartões de

resultado” e duas dúzias de plástico “vítimas” (na forma possivelmente imprudente de bebês mortos).

Com o lançamento de um dado, cada jogador se moveria ao longo do mapa e sacaria uma carta de crime. Cada carta envolveria um crime de “alto risco” ou de “baixo risco”, e o jogador coletaria as vítimas de acordo. Como Allen explicou: “Um crime de alto risco pode ser invadir a casa de um cidadão proeminente e matá-lo. Um crime de baixo risco seria assassinar uma prostituta ou um morador de rua. Quem tiver a maior contagem de corpos no final do jogo vence.”



Cartões de jogo do jogo de tabuleiro Serial Killer (Cortesia de Tobias Allen)

Embora Allen pretendesse que o jogo fosse “uma paródia da maneira como glorificamos a destruição em massa”, muitas pessoas não conseguiram ver o humor. Vários políticos canadenses se mobilizaram para proibir a venda do jogo em seu país. O fato de que veio embalado em um saco plástico aparentemente não ajudou.

“Um dormitório tranquilo pode se transformar em uma casa de horrores quando você o visita! Este campus está cheio de policiais, então, cuidado!

Carta de crime do jogo de tabuleiro Serial Killer

PEÇAS DO CORPO _

Veja [Troféus](#).

BTK

O desejo insaciável de matar não é uma fantasia passageira. Pelo contrário, é mais como um vício. E para assassinos em série, como viciados em heroína, é muito difícil, se não impossível, largar o vício.

É verdade que houve raras ocasiões em que uma série de assassinatos selvagens parou repentinamente e misteriosamente: o caso Jack, o Estripador, por exemplo, ou os assassinatos originais do Zodíaco. Poucos especialistas acreditam, no entanto, que esses dois psicopatas simplesmente decidiram parar de cometer assassinatos aleatórios e retornar aos seus empregos diários. É muito mais provável que eles tenham sido presos por alguma acusação não relacionada ou tenham morrido, seja de causas naturais ou por suicídio.

Há uma exceção para todas as regras, no entanto, como prova o caso dos chamados assassinatos de BTK. Vinte e oito anos após o último homicídio relatado daquele louco, a polícia finalmente prendeu um suspeito. Seu nome era Dennis Rader, um burocrata sem cor que - depois de supostamente aterrorizar a cidade de Wichita, Kansas, na década de 1970 com uma série de assassinatos horríveis - de alguma forma conseguiu deixar de lado seus impulsos homicidas e se retirar para uma vida de normalidade branda do Meio-Oeste.

O caso de pesadelo começou em janeiro de 1974, quando o assassino assassinou marido e mulher e dois de seus filhos. Ele passou a matar mais três pessoas, todas mulheres jovens, nos próximos três anos. Todas as vítimas foram amarradas e estranguladas e forçadas a suportar sofrimento prolongado. Como o assassino explicou em uma das cartas anônimas que enviou à mídia, seu método era “Amarre-os, Torture-os, Mate-os”. Ele também forneceu seu próprio apelido cativante, como que para facilitar a promoção da mídia. Usando o acrônimo para seu método de assassinato, ele se autodenominava o “BTK Strangler”.

Sempre um porco por atenção, o assassino poderia ficar um pouco irritado se não recebesse a resposta que achava que merecia. Uma vez, ele cozinhou por uma semana esperando que um jornal reconhecesse sua nota,

então escreveu a uma emissora de TV reclamando: “Quanto eu tenho que matar antes de ter meu nome no jornal ou alguma atenção nacional?”

Enquanto tudo isso acontecia, Dennis Rader trabalhava em seu jeito quieto e exigente, primeiro em uma empresa de sistemas de segurança residencial, depois como um executor de códigos municipais que atormentava os cidadãos por não deixarem seus cães na coleira ou por deixarem a grama crescer demais (ver [Servidores Públicos](#)). Em seu tempo livre, ele se ofereceu em sua igreja luterana local e liderou uma tropa de escoteiros. Como líder de tropa, o suposto carrasco e torturador estava especialmente interessado em ensinar os meninos a dar um nó adequado.

Depois que os assassinatos de BTK pareceram parar no final de 1977, especialistas como o lendário perfilador do FBI Robert Ressler concluíram que o culpado estava fora de ação de alguma forma. Os acontecimentos de 2004 provaram que, pelo menos no caso da BTK, essa sabedoria convencional não se aplicava.

Em março de 2004, o assassino enviou outro pacote à mídia que incluía fotocópias da carteira de motorista de uma mulher e de algumas fotos do cadáver da mulher (ver [Xerox](#)). Seu nome era Vicki Wegerle, e ela foi assassinada em 1986. Até esta última mensagem, a polícia não tinha ideia de que Wegerle era outra vítima de BTK.

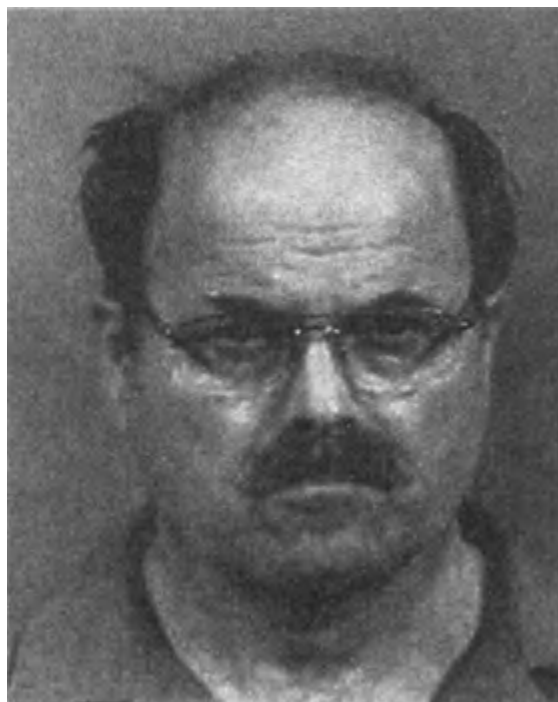


Foto da caneca de Dennis Rader, também conhecido como “BTK”

Outras mensagens se seguiram e, eventualmente, uma delas forneceu à polícia com a liderança de que precisavam para desvendar o caso. Continha um disco de computador que foi rastreado eletronicamente até um computador na Igreja Luterana de Cristo de Wichita. Em pouco tempo, a polícia reduziu a busca a Rader, o diácono calvo da igreja de 59 anos. Ao todo, os promotores acusaram Rader de dez assassinatos, o último cometido em 1991, cinco anos após o assassinato de Wegerle.

Em 27 de junho de 2005 - exatamente quatro meses após sua prisão - Rader, vestido com um paletó esporte bege e gravata azul, compareceu a um tribunal de Wichita e se declarou culpado de todos os dez assassinatos. Falando com uma voz monótona e desapaixonada – como se estivesse “lendo uma lista telefônica”, de acordo com um observador – ele ofereceu detalhes gráficos de suas enormidades, explicando como ele havia caçado vítimas, depois as perseguido, matado e... em vários casos, masturbavam-se sobre seus corpos.

Quando o juiz perguntou a ele sobre sua motivação, o ex-líder dos escoteiros e presidente da igreja respondeu calmamente que estava simplesmente encenando suas fantasias sexuais.



Ted Bundy

Ele era um genuíno Jekyll e Hyde — um tipo bem-educado do tipo Joe College, tão atraente e encantador que as moças, conhecendo-o pela primeira vez, subiam em seu carro sem hesitação. Uma vez lá, no entanto, eles se encontraram cara a cara com um monstro: um implacável assassino de luxúria que torturou e matou com alegria maníaca.

O alter ego bestial de Ted Bundy veio à tona pela primeira vez durante seus dias de estudante na Universidade de Washington. Em 1974, ele matou sete mulheres em alguns meses e infligiu danos cerebrais permanentes em outra, usando uma haste de metal para fraturar seu crânio e depois enfiando-a em sua vagina. De Seattle, mudou-se para Salt Lake City, matriculando-se

na faculdade de direito da Universidade de Utah. Em pouco tempo, ele se estabeleceu como um jovem republicano em ascensão com perspectivas políticas brilhantes. Ao mesmo tempo, no entanto, a criatura que espreitava sob essa fachada brilhante continuava a cobiçar sangue. Mulheres jovens começaram a desaparecer da área de Salt Lake – incluindo a filha adolescente de um chefe de polícia, cujos restos mortais nus e mutilados foram encontrados em um desfiladeiro.

Bundy também fez incursões ocasionais no Colorado, onde pelo menos cinco outras jovens desapareceram e morreram. Em 1976, ele foi finalmente preso, mas conseguiu escapar duas vezes, uma vez subindo por uma janela do tribunal, a segunda vez por serrar um buraco no teto de sua cela.



Ted Bundy; de cartões comerciais *Bloody Visions*

(© & ™ 1995 MH Price e Shel-Tone Publications. Todos os direitos reservados.)

Em janeiro de 1978, ele apareceu em Tallahassee, Flórida. A essa altura, o monstro dentro dele – seu malvado Sr. Hyde – estava assumindo o controle. Bundy não se dava mais ao trabalho de persuadir mulheres jovens a entrar em seu carro. Em vez disso, ele simplesmente entrou em seus quartos à noite e atacou com fúria demoníaca. Em um caso, ele quase mastigou o mamilo de uma vítima, depois mordeu suas nádegas com tanta selvageria que deixou marcas de dentes em sua carne. Essas marcas foram

sua ruína. Depois que a polícia da Flórida o prendeu em fevereiro – por dirigir um veículo roubado – eles conseguiram comparar as fotos das marcas de mordida com as impressões dos dentes de Bundy.

Em seu julgamento, o antigo estudante de direito atuou como seu próprio advogado. Ele não conseguiu impressionar nem o juiz nem o júri - embora tenha *conseguido* adiar sua execução por dez anos após sua condenação. Em um esforço desesperado para evitar a morte, ele também começou a cooperar com as autoridades. Entrevistado por agentes da Unidade de Ciência Comportamental do [FBI, ele ofereceu insights valiosos sobre a psicologia dos serial killers.](#) Ele também confessou vinte e oito assassinatos (embora seja suspeito de mais, talvez até cem).

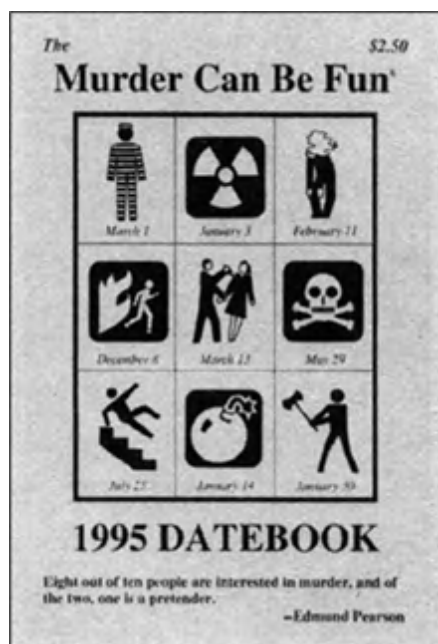
Em última análise, o processo legal o alcançou. Ele foi eletrocutado em fevereiro de 1989. Do lado de fora dos muros da prisão, centenas de pessoas brindaram sua morte com champanhe.

“Nós, assassinos em série, somos seus filhos, somos seus maridos, estamos em toda parte. E haverá mais de seus filhos mortos amanhã.

T ED B UNDY



CALENDÁRIOS _

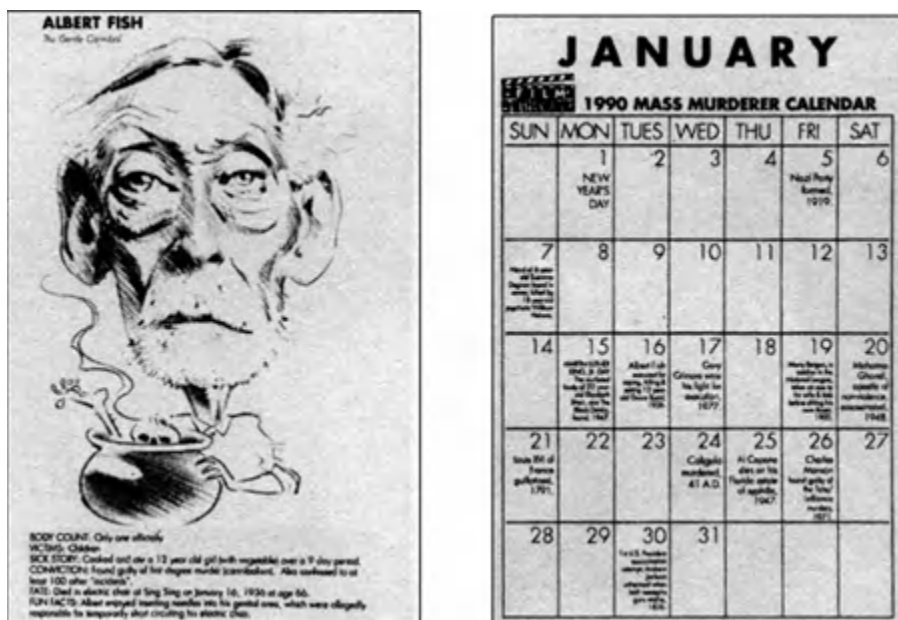


Agenda Assassinar Pode Ser Divertido

(Cortesia de John Marr)

Como todos sabem, há um calendário “temático” disponível para entusiastas de todos os tipos, de criadores de gatos a fanáticos de Tolkien e conhecedores de belas artes. Para satisfazer a demanda dos fãs de terror hardcore (ou “gorehounds” como eles afetuosamente se referem a si mesmos), o entusiasta do crime John Marr – editor do popular “zine” *Murder Can Be Fun* – ofereceu uma bela agenda anual, o presente perfeito para aquelas pessoas exigentes que gostam de acompanhar aniversários tão importantes como a data de David O segundo assassinato do “Filho de Sam” de [Berkowitz \(23 de outubro\)](#) e a execução de [Gary Gilmore \(4 de](#)

dezembro). Um tour de force de pesquisa, o macabro calendário de mesa de Marr conseguiu criar um evento deprimente diferente para cada dia do ano.



Ameaça do filme o calendário “Mass Murderer” de 1990 da revista; arte de Glenn L. Barr (Cortesia de Chris Gore, © 1989 Film Threat, Inc.)



Calendário de um psicótico organizado

Vários anos atrás, um item doentio, mas divertido, inventado por algum humor habilmente macabro fez as rondas - um daqueles risos anônimos que são passados de mão em mão (ou enviados por fax de máquina para máquina). Ele fingia ser o calendário mensal do psicoassassino mais retentivo anal do mundo. Como exemplo de humor negro hilariante, permanece, em nossa opinião, insuperável. Não sabemos o nome do gênio demente que o produziu, mas aqui está:

CALENDAR OF AN ORGANIZED PSYCHOTIC

August

Sunday	Monday	Tuesday	Wednesday	Thursday	Friday	Saturday
1 SET FIRE TO CATHOLIC SCHOOL	2 BUY 5 P.M. MAGAZINES AND CUT OUT ALL THE PAGES IN THE PICTURES.	3 GO FISHING IN PARK	4 CALL HIM AND MAKE HIS EYE THREATEN TO KILL DAD	5 MASTURBATE ALL DAY	6 GRAPPLE WITH SELF-HATE AND ATTEMPT SUICIDE	7 STARE AT WALL AND ATTEMPT TO STAY BALANCED
8 RANK BACK AND FORTH ALL DAY	9 DROOL AND HYPERVENTILATE	10 3 P.M. MEET-UP WITH EAZIE OFFICER— KILL HIM	C A T A T O N I A			
11 STEAL CAR RABBIT BANDAGE WEEK	12 RAPE PROSTITUTES	13 RAPE TEENAGE GIRL + SEX CRAB	14 GET RAPE IN JAIL BY SABOT GUARD	15 ESCAPE JAIL AND RAPE EX-WIFE	16 PARTICIPATE IN LONG RAPE OF SAGLAWY	17 RAPE YOUNG FISHING BOY
18 AND ON THE SEVENTH DAY HE RESTED	19 GO TO CLINIC FOR AIDS TEST WILL IN HALL— DANCE + JACQUET HIS BEARD	20 TERRIBLE LAWYERS SUGGESTION BUT IN PUBLIC	21 FAVORABLE ALL DAY, THEN RAB 7-11 WITH THE GUN.	22 AIDS TEST RESULT— CRAB FINDERS. RISK ANIMAL FOR GOOD LUCK	23 IF HAVE AIDS, COMMIT SUICIDE, IF NOT, GIVE BRAVE AT GAY BAR	24 SLASH THROAT OF 3 DRUNKS IN ALLEY
25 ATTEMPT SUICIDE AGAIN— GO TO HOSPITAL	26 IN HOSPITAL STEAL DRUGS + TAKE THEM ALL VOMIT ON AVISE	27 BUY PUSHOVER RIFLE. MUTILATE LEFT ARM WITH PUNCH-KNIFE	28 TAKE PHOTOS AT CARS IN FREEWAY	29 SPARK ALL DAY TRYING HYSTERICAL PRANK ABOUT REGULATING STEAM + URGENCY	30 FEATURE McLEOD— HIS CATS WITH CATTLE PAW	31 DARK VIEW— BLOOD IN BUBBLE BATH HIZANK PLANE TO GALAPAGOS 1914-1915

Vários anos atrás, a revista cult *Film Threat* lançou um calendário de Assassinato em Massa, com caricaturas espirituosas dos psicopatas mais infames da América (Ed [Gein](#), Albert [Fish](#), Ted [Bundy](#), John Wayne [Gacy](#) e mais oito) pelo artista Glenn L. Barr. Infelizmente, a revista não produz mais este item, e as cópias originais da edição rara e esgotada de 1990 tornaram-se [coleccionáveis cobiçadas](#) entre os fãs de serial killers.

CANIBALISMO _

Desde a Idade da Pedra, os seres humanos se entregam ao canibalismo, seja por razões dietéticas ou rituais. Os hominídeos pré-históricos conhecidos como *Homo erectus* gostavam de comer os cérebros de seus companheiros homens das cavernas. Aborígenes de todo o mundo, da Nova Zelândia à América do Norte, devoravam rotineiramente os corações dos guerreiros inimigos como forma de absorver sua coragem. O canibalismo cerimonial era uma característica central da religião asteca. E os fijianos consumiam carne humana (que eles chamavam de *puaka balava* ou “porco comprido”) apenas porque gostavam de seu sabor.

Na tradição judaico-cristã, no entanto, o canibalismo é visto com uma aversão tão intensa que, quando confrontados com a escolha entre comer outros humanos ou morrer de fome, algumas pessoas optaram pelo último.

(Foi o caso, por exemplo, de vários sobreviventes do famoso acidente de avião em 1972 que deixou um grupo de jovens uruguaios encalhados no alto dos Andes.) Como resultado, de todos os horrores associados aos assassinos em série, o canibalismo atinge muitas pessoas como o pior. Quando Thomas Harris, autor de *O Silêncio dos Inocentes*, decidiu criar o mais monstruoso assassino em série imaginável, o resultado foi o Dr. Lecter, também conhecido como “Hannibal, o Canibal”, cuja ideia de uma refeição gourmet é fígado humano com favas e um bom Chianti ao lado.

Na verdade, no entanto, os assassinos canibais da vida real são relativamente poucos e distantes entre si. Por razões que só podem ser conjecturadas, a Alemanha produziu uma porcentagem desproporcionalmente alta de comedores de pessoas do século XX. Durante o caos social da década de 1920, o terrivelmente depravado Fritz [Haarmann](#) matou até cinquenta meninos, comeu sua carne e depois vendeu as sobras como carne bovina do mercado negro. Seu igualmente degenerado compatriota Georg Grossmann também complementava sua renda vendendo carne humana, embora suas vítimas preferidas fossem jovens fêmeas gordas, cuja carne ele transformava em salsichas. Ainda outro canibal alemão do pós-guerra foi Karl Denke, um estalajadeiro que matou e consumiu pelo menos trinta de seus hóspedes.



Albert Fish assassinando Grace Budd; pintura de Michael Rose

Mais ou menos na mesma época na América, o louco sadomasoquista Albert [Fish](#) estava vagando pelo país, atacando meninos e meninas. Ele foi finalmente executado pelo sequestro-assassinato de uma linda garota de doze anos chamada Grace Budd, cujas partes do corpo ele transformou em um ensopado. Nos últimos anos, o “Monstro de Milwaukee”, Jeffrey [Dahmer](#), serviu como um lembrete grotesco que o desejo proibido de

consumir carne humana ainda pode espreitar sob a superfície da vida supostamente civilizada.

Por mais assustadores que fossem, os crimes de Dahmer foram superados pelo russo “Fera Louca”, Andrei [Chikatilo](#), que – com uma contagem confirmada de 52 vítimas – detém o recorde como o pior serial killer dos tempos modernos. Entre suas inúmeras atrocidades, Chikatilo devorou os genitais de algumas de suas vítimas – uma prática que o deixou (de acordo com seus captores) com um caso revelador de halitose bizarra.

Um contemporâneo canibal de Chikatilo e Dahmer foi Arthur Shawcross, cujas tendências descontroladamente sádicas encontraram liberdade nas selvas do Vietnã, onde (de acordo com seu próprio relato) ele estuprou, matou e canibalizou duas camponesas durante uma missão de combate do exército. A carreira subsequente de violência psicopática de Shawcross incluiu o assassinato de um menino de dez anos cujos genitais ele devorou e o estrangulamento de uma série de prostitutas cujos corpos ele jogou na floresta no norte do estado de Nova York. Ocasionalmente, ele se esgueirava de volta ao corpo semanas após o assassinato, depois cortava e comia pedaços do cadáver em decomposição (uma forma particularmente abominável de canibalismo tecnicamente conhecida como *necrofagia*).

Durante os últimos vinte e cinco anos, mais ou menos, houve uma série de assassinos canibais terríveis que poderiam muito bem ter se tornado assassinos em série completos se não tivessem sido presos depois de cometer uma única atrocidade. Entre eles estão Albert Fentress, um ex-professor de Poughkeepsie, Nova York, que, no verão de 1979, atraiu um garoto de dezoito anos para seu porão, cortou e comeu o pênis da vítima, depois atirou nele até a morte; Issei Sagawa, um cidadão japonês residente em Paris que, em 1981, matou sua namorada, fez sexo com seu cadáver, depois desmembrou e comeu partes de seu corpo; Daniel Rakowitz, que também assassinou e desmembrou sua namorada, depois a ferveu em uma sopa que ele supostamente serviu a moradores de rua no Lower East Side de Nova York em 1989; e Peter Bryan, um esquizofrênico britânico preso em 2004 depois de matar um amigo e fritar seu cérebro para consumo.

O mais bizarro de tudo é, sem dúvida, Armin Meiwes, um técnico de informática alemão de meia-idade que, em 2001, fez propaganda de uma

vítima disposta a ser abatida e consumida (ver [Anúncios](#)). Quando um homem de 43 anos chamado Bernd-Jürgen Brandes apareceu em resposta a esta postagem na Internet, Meiwes – com total aprovação de Brandes – cortou o pênis deste último. Os dois homens então compartilharam uma refeição do órgão decepado. Brandes foi então esfaqueado até a morte, desmembrado e congelado para consumo futuro.

Meiwes foi preso pouco depois. Como a Alemanha não tem leis contra o canibalismo, ele foi acusado de assassinato “por satisfação sexual” e “perturbar a paz dos mortos”. Seu advogado em seu julgamento de 2004 tentou argumentar que, uma vez que Brandes consentiu (na verdade, cooperou avidamente) em sua própria morte, o caso deveria ser classificado como um assassinato por misericórdia. O tribunal não estava convencido. Meiwes foi condenado por homicídio culposo e sentenciado a oito anos e meio de prisão, embora em abril de 2005, os promotores – opondo-se à clemência da sentença – tenham ganho um recurso para um novo julgamento.

Apesar da afirmação de Meiwes de que ele havia tirado seus impulsos canibais de seu sistema – “Eu tive meu grande chute e não preciso fazer isso de novo”, declarou ele – há motivos para duvidar de sua palavra. Certamente, se ele tivesse escolhido saciar seus apetites não naturais uma segunda vez, ele teria um cardápio variado para escolher. Em seu julgamento, um inspetor da polícia estadual testemunhou que os arquivos do computador de Meiwes mostravam que seu anúncio havia atraído respostas de 204 candidatos que queriam ser sua próxima refeição.

No reino do cinema assassino em série, o canibalismo aparece com destaque no clássico splatter de Tobe Hooper, *The Texas Chainsaw Massacre*, sobre uma família de bons e loucos garotos que transformam adolescentes incautos em churrasco. Assim como *Psicose* e *O Silêncio dos Inocentes*, o filme de Hooper foi inspirado nos crimes de Edward [Gein](#). Ostensivamente, os investigadores encontraram sinais inconfundíveis de canibalismo na casa de horror de Gein - um coração humano em uma frigideira, uma geladeira abastecida com partes do corpo embrulhadas em papel. Essa alegação, no entanto, foi apenas um dos muitos rumores históricos que surgiram após seus crimes. Embora Ghoulish Gein cometesse todos os tipos de atos indescritíveis, o canibalismo aparentemente não era

um deles. Ele, no entanto, gostava de comer feijão cozido de uma tigela feita de um crânio humano.

“Com cada pedaço de carne que eu comia eu me lembrava dele. Foi como tomar a comunhão.”

A RMIN M EIWES ,
testemunhando em seu julgamento
CARTÕES , C OMICOS E C OLETÍVEIS

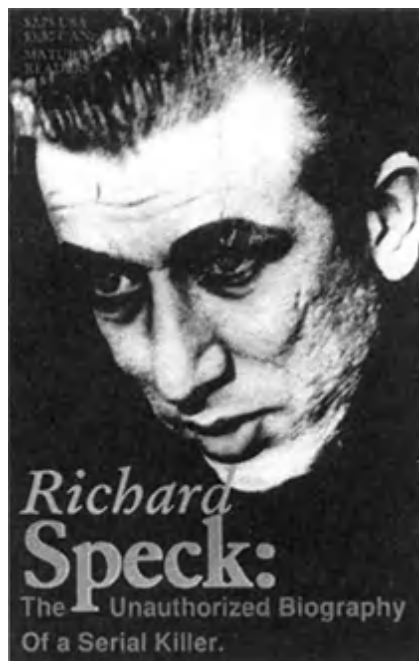
Alguns anos atrás, uma empresa chamada Eclipse Enterprises começou a comercializar um conjunto de cartões comerciais de crimes reais, com retratos coloridos dos assassinos em série mais infames da América (entre outros infratores notáveis). Previsivelmente, um coro de vozes indignadas de costa a costa denunciou imediatamente esses itens colecionáveis como perigosamente imorais, e pelo menos uma localidade – o condado de Nassau em Long Island, Nova York – aprovou uma lei proibindo sua venda a menores.



Capa da história em quadrinhos de Jeffrey Dahmer da Boneyard Press

(Cortesia de Hart D. Fisher)

Claro, o que essas pessoas sensatas não perceberam é que as crianças americanas sempre foram acusadas de tudo o que é violento, grosseiro e ofensivo às sensibilidades adultas. Pelo menos desde a década de 1940, havia cartões comerciais retratando gângsteres famosos. Os membros da geração boomer podem se lembrar com carinho da famosa série de cartões de chiclete da Guerra Civil que retratavam cenas educacionais como soldados sendo empalados pelas baionetas uns dos outros e tendo seus membros arrancados por tiros de canhão. Outro clássico infantil, os lendários cartões comerciais Mars Attacks, apresentavam imagens de humanos tendo seus corpos destruídos pelos raios de invasores alienígenas que dissolvem a carne.



Capa da história em quadrinhos de Richard Speck da Boneyard Press

(Cortesia de Hart D. Fisher)

Por outro lado, a série de crimes reais de Eclipse era positivamente de bom gosto, consistindo em nada além de retratos de rosto inteiro bem pintados. Acredite em nossa palavra – em termos de pura repulsa, os Garbage Pail Kids eram infinitamente mais censuráveis.

Por que as crianças (especialmente os meninos) deveriam se divertir tanto com todos os tipos de mercadorias nojentas, de vômito de borracha a minhocas de goma, é uma questão que deixaremos para psicólogos infantis (embora suspeitemos que gerenciar ansiedades criando jogos em torno de

eles tem algo a ver com isso). Mas a noção de que uma ilustração de três por cinco do rosto de Jeffrey [Dahmer](#) pode causar “crime juvenil e prejudicar o desenvolvimento ético” parece altamente duvidosa, para dizer o mínimo.

Por acaso, um magistrado federal concordou com essa opinião e decidiu que a proibição do condado de Nassau sobre esses cartões comerciais era inconstitucional. Naquela época, no entanto, o ponto era um tanto discutível, uma vez que a Eclipse Enterprises já havia saído do negócio.

Os cartões colecionáveis não foram os únicos colecionáveis controversos. Assassino em série entusiastas que cobiçam uma mecha do cabelo de Charles [Manson](#) ou uma obra de arte original de John Wayne [Gacy](#) ou uma carta autografada de Ted [Bundy](#) agora rotineiramente compram, vendem e trocam suas lembranças macabras pela [Internet](#). Essa prática levou pelo menos um crítico – Andy Kahan, do Gabinete de Assistência às Vítimas de Crime do Prefeito em Houston, Texas – a lançar uma campanha amplamente divulgada contra o comércio do que ele chamou de “assassinato”.

A noção de que colecionar relíquias do crime é um sintoma da “podridão cultural” dos Estados Unidos é, no entanto, simplesmente equivocada. De ingleses (e mulheres) do século XVII que molhavam seus lenços no sangue de criminosos decapitados, a franceses do século XVIII que tratavam seus filhos com guilhotinas em escala de trabalho, a americanos tementes a Deus no início do século XX que compravam cartões postais gráficos de linchamentos do sul, sempre houve pessoas atraídas por lembranças horríveis. E, afinal, quanta diferença há entre os colecionadores de “murderabilia” e as muitas pessoas que vasculham os mercados de pulgas em busca de recordações nazistas? Não vale a pena negar o fato de que, para incontáveis pessoas comuns que respeitam a lei, o mal exerce um fascínio sombrio.



Capa da história em quadrinhos Ed Gein por Pat Gabriele

(Cortesia de Hart D. Fisher)



Coleção de camisetas Charles Manson *(Cortesia de Damon Fox)*

THE SERIAL KILLER COLLECTION!



ED GEIN



CHARLES MANSON



JEFFREY DAHMER

Beautiful air-brushed, extra large scale artwork completely takes up the entire front of the shirt. Each is individually hand made with super stunning black & white portraits in L and XL on high quality shirts

HIGH QUALITY 100% COTTON!

Only \$39.95 ea.

HIGH QUALITY 100% COTTON!

A FOXX ENTERTAINMENT EXCLUSIVE!

Modas de assassinos em série (Cortesia de Damon Fox)

Ainda assim, o pensamento de que assassinos em série estão sendo “glamourizados” por esses hobistas é profundamente ofensivo para muitas pessoas – particularmente para aqueles cujos membros da família foram vítimas de um psicopata. Há alguns anos, parentes de algumas das vítimas de Jeffrey Dahmer processaram uma empresa chamada Boneyard Press de Champaign, Illinois, por publicar uma revista em quadrinhos de Dahmer. A mesma empresa também lançou quadrinhos sobre Richard [Speck](#) e Ed [Gein](#). A história de Gein também foi contada em uma história em quadrinhos “underground” anterior, *Weird Trips* No. 2, que apresentava uma ilustração de capa memorável do velho Eddie em sua cozinha pelo artista William Stout.

Embora alguns desses quadrinhos tenham sido atacados por serem exploradores, vários romances gráficos mais recentes ganharam elogios por sua arte e inteligência. Um dos mais conceituados é *From Hell*. Esta saga de oito partes sobre [Jack, o Estripador](#), ilustrada por Eddie Campbell e escrita por Alan Moore, foi a base para o elegante filme de 2001 estrelado por Johnny Depp (ver [Filmes](#)). Rick Geary, um brilhante ilustrador de quadrinhos cujo trabalho apareceu em todos os lugares, desde o *National*

Lampoon até a *Rolling Stone* e o *New York Times Book Review*, fez uma série de romances gráficos aclamados pela crítica chamada “A Treasury of Victorian Murder”, cujos temas incluem Lizzie Borden, Jack, o Estripador e HH [Holmes](#).



O coletor!

No reino dos colecionáveis cobiçados, memorabilia de serial killers não se comparam com as primeiras moedas americanas, selos comemorativos raros e quadrinhos de super-heróis da Era de Ouro. Ainda assim, existem alguns colecionadores sérios por aí – pessoas que considerariam um autógrafo original de Ed [Gein](#) mais valioso do que um cartão de novato do Mickey Mantle.

Um dos mais proeminentes deles é Rick Staton, um afável diretor funerário da Louisiana, que - como tantos membros da geração baby boom - desenvolveu um gosto precoce pelo macabro desde sua exposição infantil a programas de televisão com recursos de criaturas, Roger Corman horror filmes e a revista *Famous Monsters of Filmland*.

Em 1990, Staton – que até então não colecionava nada mais controverso do que pôsteres de filmes de grau B – soube que John Wayne [Gacy](#) havia começado a pintar a óleo na prisão. Staton iniciou uma correspondência com Gacy e acabou se tornando seu negociante de arte, vendendo pinturas originais de Gacy (principalmente de palhaços) para uma lista de clientes que incluía colecionadores de celebridades como Johnny Depp, John Waters e Iggy Pop.

Em pouco tempo, Staton também entrou em contato com outros assassinos infames - incluindo Charles [Manson](#), Richard [Speck](#), Richard [Ramirez](#) e Henry Lee [Lucas](#) — que logo estavam produzindo de tudo, desde rabiscos grosseiros de esferográfica até paisagens marinhas pintadas a óleo, que Staton vendia por meio de uma empresa de pedidos pelo correio chamada Grindhouse Graphics (ver [Art](#)).



Rick Staton (Foto de Arbie Goings, Jr.)

Enquanto isso, Staton montou sua própria coleção pessoal de artefatos e memorabilia de assassinos em série, que atualmente inclui itens únicos como uma pintura de pássaro em tela de Speck; Fotos Polaroid de Lucas e David [Berkowitz](#); o autógrafo de Ted [Bundy](#); o diploma do ensino médio de [Hillside Strangler](#) Kenneth Bianchi; cartões e cartas de Jeffrey [Dahmer](#), Edmund [Kemper](#) e uma série de outros assassinos notórios; vestígios de carvão da lápide de Gein; terra do jardim da frente de Gary [Heidnik](#); e muitas obras de Gacy, incluindo uma pintura única da *Pietà de Michelangelo*.

Embora Staton entenda que seus interesses são obrigados a levantar as sobranças, ele não esconde seu hobby (por assim dizer). Direto e autoconsciente, ele sabe que os monstros sempre exerceram um fascínio nas pessoas – em parte porque, ao enfrentá-los, estamos enfrentando e lidando com nossos próprios medos mais profundos e desejos proibidos.

Staton e seu amigo Tobias Allen (criador do infame Serial Killer [Board Game](#)) são o foco do fascinante documentário de Julian Hobbs *Collectors* (2000), que usa sua obsessão com o artista condenado por assassino sexual que se tornou sensível Elmer Wayne Henley para explorar o fenômeno do fandom de serial-killer.

CAUSAS _

O que transforma uma pessoa em um serial killer? Não faltam teorias. Infelizmente, nenhum deles é completamente convincente.

Um dos mais intrigantes (ainda que controversos) vem do campo pouco conhecido da paleopsicologia. De acordo com essa visão, nossos cérebros civilizados são construídos em um núcleo primitivo e animalesco conhecido como complexo R. No fundo de cada um de nós estão os instintos selvagens de nossos ancestrais simiescos. Para a grande maioria das pessoas, essa natureza básica e bruta é mantida sob controle por nossas faculdades mais evoluídas — razão, inteligência e lógica. Mas, por várias razões, uma pequena fração das pessoas é controlada por seus cérebros primitivos. Em essência, os defensores dessa visão veem os serial killers como retrocessos — sedentos de sangue, selvagens da Idade da Pedra que vivem no mundo moderno.

Os teóricos freudianos têm uma visão semelhante, embora falem sobre o id em vez do complexo R e vejam os serial killers não como homens-macacos modernos, mas como personalidades profundamente atrofiadas, fixadas em um estágio infantil do desenvolvimento psicosssexual. Por causa de sua educação traumática, os assassinos compulsivos nunca progridem além do desenvolvimento emocional de uma criança de dois anos. Coloque um vaso de porcelana nas mãos de uma criança e ele acabará em pedacinhos. Assassinos em série agem da mesma maneira. Eles adoram destruir coisas. Para eles, um ser humano é apenas um objeto quebrável — algo a ser desmontado por prazer.

Outras explicações vão do fisiológico (ferimentos na cabeça, desequilíbrios hormonais, deficiências genéticas) ao sociológico (ressentimento de classe, superpopulação, exposição excessiva à violência da mídia). Existem até teorias ambientais. Um especialista propôs que assassinos em série sofrem de uma doença causada, entre outros fatores, por poluentes tóxicos.

Quaisquer outros fatores que possam ou não estar envolvidos, um denominador comum parece ser que todos eles têm uma origem familiar atroz. A terrível [educação](#) da maioria, se não de todos, os serial killers contribui claramente para sua patologia, transformando-os em pessoas tão

cheias de ódio e auto-aversão. que o assassinato sádico torna-se seu substituto para a intimidade (ver [Sadismo](#)). Ainda assim, mesmo uma educação verdadeiramente terrível não parece ser uma explicação suficiente. Afinal, inúmeros seres humanos sofrem infâncias traumáticas sem se tornarem assassinos de luxúria em série.

Em última análise, as causas do assassinato em série são incognoscíveis - tão misteriosas à sua maneira quanto as fontes da musicalidade de Mozart ou o gênio matemático de Einstein. Talvez a única resposta possível seja a fornecida pelo grande romancista americano Herman Melville em sua obra-prima *Billy Budd*. Ponderando a depravação do vilão John Claggart, que se propõe a destruir o herói inocente sem nenhuma razão discernível, Melville conclui que a “natureza maligna” de Claggart “não foi gerada por treinamento vicioso ou livros corruptos ou vida licenciosa”, mas “nasceu com ele”. e inata.”

Às vezes, em suma, o “mal elemental” simplesmente assume uma forma humana.

“Para a realização de um objetivo que em devassidão de atrocidade pareceria participar dos insanos, ele dirigirá um julgamento frio, sagaz e sólido. Esses homens são loucos e do tipo mais perigoso.”

H E R M A N M E L V I L L E

Billy Budd



Cesare Lombroso e “Homem Criminoso”

Cem anos atrás, um médico italiano chamado Cesare Lombroso inventou o campo da “antropologia criminal”, precursor da atual teoria da “paleopsicologia”. Lombroso acreditava que os criminosos eram “atavismos” - seres selvagens e simiescos nascidos, por algum capricho evolutivo inexplicável, no mundo moderno. Por serem reminiscências de um passado pré-histórico, criminosos podem ser identificados por certas características físicas. Na verdade, eles possuíam as características

anatômicas dos macacos – crânios grossos, mandíbulas grandes, maçãs do rosto salientes, sobrelhas salientes, braços longos, pescoços grossos, etc.

Um serial killer chamado Vincenz Verzeni ajudou a convencer Lombroso de que sua teoria era válida. Depois de estrangular duas mulheres fora de Roma, Verzeni estripou os cadáveres e, em um caso, bebeu o sangue da vítima. Examinando o assassino de vampiros após sua prisão, Lombroso descobriu que o jovem - com sua mandíbula grande, pescoço de touro, orelhas malformadas e testa baixa - era um espécime perfeito de "humanidade primitiva". Em pouco tempo, Lombroso estava afirmando que você poderia identificar um “criminoso nato” puramente por suas características físicas. Chamado para testemunhar no julgamento de um jovem suspeito, Lombroso argumentou que o homem certamente deve ser culpado porque tinha orelhas grandes, nariz torto, aparência sinistra e tatuagem.

Desnecessário dizer que a teoria do “homem criminoso” de Lombroso foi completamente desacreditada até agora – especialmente sua noção de que você pode identificar um assassino apenas olhando para ele.

Pelo menos trinta mulheres jovens — que uma vez conheceram um rapaz bonito e bem-apegoado chamado Ted [Bundy](#), que não se parecia em nada com um macaco — poderiam ter dito ao famoso criminologista o quanto ele estava errado.

CARACTERÍSTICAS _

Além dos óbvios – mentes doentes, personalidades sociopatas, desejos indescritíveis, etc. – os serial killers tendem a compartilhar várias características. Em um artigo apresentado à Associação Internacional de Ciências Forenses em 1984, os agentes especiais [do FBI](#) Robert Ressler, John Douglas e vários colegas listaram as seguintes “características gerais” de assassinos sexuais em série:

1. A grande maioria são homens brancos solteiros.
2. Eles tendem a ser inteligentes, com QI na faixa “normal brilhante”.
3. Apesar de seus altos QIs, eles se saem mal na escola, têm dificuldade em manter empregos e muitas vezes trabalham como

trabalhadores não qualificados.

4. Eles tendem a vir de famílias marcadamente instáveis. Normalmente, eles são abandonados quando crianças por seus pais e criados por mães dominadoras.

5. Suas famílias muitas vezes têm antecedentes criminais, psiquiátricos e alcoólatras.

6. Eles odeiam seus pais. Eles odeiam suas mães.

7. Eles são comumente abusados quando crianças – psicologicamente, fisicamente e sexualmente. Às vezes, o agressor é um estranho. Às vezes é um amigo. Muitas vezes é um membro da família.

8. Muitos deles acabam passando tempo em instituições quando crianças e têm histórico de problemas psiquiátricos precoces.

9. Têm um alto índice de tentativas de suicídio.

10. Desde cedo se interessam intensamente por voyeurismo, fetichismo e pornografia sadomasoquista.

Para outras características de serial killers, veja as seguintes entradas:

[Causas](#), [Raça e](#) Racismo, [Tríade](#), [Educação](#) e [Mulheres](#).



Andrei Chikatilo

De acordo com a linha do partido, assassinos em série não existiam no estado soviético. Havia apenas um problema com essa afirmação. Mesmo enquanto as autoridades comunistas declaravam que o assassinato em série era estritamente “um fenômeno ocidental decadente”, um dos psicopatas mais monstruosos dos anais do crime estava à solta na cidade portuária russa de Rostov.

Ele era Andrei Chikatilo — um caixeiro de 42 anos de aparência tímida, casado e com filhos. Possuído por uma monstruosa sede de sangue, ele alvejava presas fáceis – meninos, meninas, mulheres jovens indefesas. Normalmente, ele os atraía para longe dos pontos de ônibus com a promessa de uma carona ou uma refeição. Levando-os para um trecho

solitário da floresta, ele atacava como um lobisomem, cometendo atrocidades indescritíveis em suas vítimas, muitas vezes enquanto ainda estavam vivas. (Cortar suas línguas, morder seus mamilos, cortar seus narizes, arrancar seus olhos, devorar seus órgãos genitais – esses foram apenas alguns dos horrores que ele cometeu.) Seu apetite por sangue humano era tão feroz que durante quatro semanas em 1984, ele massacrou nada menos que seis jovens vítimas.

O cúmplice inconsciente de Chikatilo nesses crimes hediondos foi o sistema totalitário soviético. De acordo com o dogma comunista, o crime não poderia existir em uma república popular sem classes como a URSS. Em vez de admitir que estavam errados, as autoridades soviéticas encobriram a monstruosa farra de Chikatilo. Como resultado, durante o reinado de terror de doze anos da “Fera Louca”, os cidadãos soviéticos nem sabiam que um serial killer estava à solta. Em vez de ficar em guarda, eles ficaram vulneráveis a seus avanços.

A polícia finalmente prendeu Chikatilo em 1990. Ele foi acusado de impressionantes cinquenta e três assassinatos, embora o total verdadeiro possa ter sido ainda maior. Em seu julgamento, ele foi mantido trancado dentro de uma gaiola de aço para protegê-lo dos parentes de suas vítimas. Ele foi executado em 1994.

Para uma dramatização convincente do caso, recomendamos *Cidadão X*, um filme feito para TV a cabo de 1995 (disponível em vídeo) estrelado por Stephen Rea, Donald Sutherland, Max von Sydow e – em um retrato completamente arrepiante – Jeffrey DeMunn como Chikatilo .

“O que eu fiz não foi por prazer sexual. Pelo contrário, me trouxe alguma paz de espírito.”

A NDREI C HIKATILO

CRIANÇA _

Veja [Educação](#) .

S ERVOS CIVIL _

Os funcionários do governo nunca tiveram a mais brilhante reputação entre o público em geral. Basta perguntar a qualquer um que já teve que lidar com um funcionário mal-humorado no balcão de informações do DMV local, ou foi chamado para uma auditoria do IRS.

A visão turva do público sobre os funcionários públicos certamente não ajudou em nada em 1986, quando o carteiro Patrick Sherrill entrou em seu local de trabalho em Edmond, Oklahoma, com um par de semiautomáticas Colt .45 e começou a aliviar um pouco de sua tensão relacionada ao trabalho, matando catorze pessoas e a si mesmo. Como se viu, ele foi apenas o primeiro de vários funcionários do USPS nos dez anos seguintes a ensinar ao mundo o significado da frase “ir postal”.

Para ser justo com os funcionários dos correios, eles não são os únicos postos governamentais de onde surgiram maníacos homicidas. No final da década de 1950, um sociopata escocês chamado Peter Manuel estava mantendo um emprego no serviço público com o Câmara de Gás da Cidade de Glasgow. Durante suas horas de folga, no entanto, Manuel levava uma vida secreta sinistra. Um criminoso perpétuo com um longo histórico de condenações por crimes que vão de roubo a estupro, Manuel assassinou sua primeira vítima - uma garota de dezessete anos cujo corpo ele jogou em um campo de golfe - em janeiro de 1956. Em pouco tempo, ele havia matado um total de oito pessoas, incluindo duas famílias inteiras que foram baleadas em seus crânios enquanto dormiam em suas camas à noite.

O contrerrâneo de Manuel, o notório Dennis [Nilsen](#) — cujos crimes tinham uma semelhança doentia com os de Jeffrey [Dahmer](#) — também trabalhou como funcionário público. Empregado pela British Manpower Services Commission, Nilsen era um profissional dedicado que ajudava jovens oprimidos a encontrar um trabalho remunerado. À noite, no entanto, ele não estava ajudando os jovens, mas os atacando. Depois de fazer sexo com uma de suas picapes gays, Nilsen mataria a jovem vítima e depois manteria o cadáver em decomposição em torno de seu apartamento por “companheirismo”. Quando a decomposição se tornou insuportável, Nilsen finalmente desmembraria e descartaria o corpo.

A carreira monstruosa de Nilsen – que deixou quinze vítimas mortas – começou no final de 1978. Apenas um ano antes, os crimes de outro notório

serial killer chegaram ao fim. Em agosto de 1977, o louco por armas conhecido como “Filho de Sam” foi preso após a maior caçada humana da história de Nova York. O público respondeu à sua prisão com duas emoções igualmente intensas: alívio por sua captura e espanto por sua identidade. Em vez de um monstro babando, o grande bicho-papão da era do disco acabou sendo uma nulidade de rosto rechonchudo chamado [David Berkowitz](#), considerado por seus colegas de trabalho como um nerd quieto e cortês.

O trabalho de Berkowitz? Ele trabalhou como classificador de cartas para uma agência dos correios no Bronx.

Quase trinta anos depois, o público havia se acostumado a esse tipo de disparidade entre o mundano e o monstruoso e ficou menos surpreso ao saber que o homem acusado de ser o notório [BTK](#) Strangler era um executor de códigos calvo e de óculos para o subúrbio de Wichita, do Parque Cidade. Ao contrário de outros suspeitos de serial killers que são frequentemente descritos como quietos e inofensivos, Dennis Rader pode ser uma dor real. No cumprimento de seus deveres não tão civis, ele atormentava as pessoas com as infrações mais triviais, chegando em alguns casos a medir a altura da grama nos gramados da frente dos vizinhos para se certificar de que estava de acordo com alguma lei municipal obscura. .

O trabalho de Rader como executor do código coincidiu com um período em que os assassinatos de BTK pararam. Um criminologista acha que pode haver uma conexão. O professor James Fox, da Northeastern University, teoriza que a sensação de poder que Rader sentiu ao assediar as pessoas pode ter sido um substituto para o poder absoluto que sentiu ao assassinar suas vítimas. Em outras palavras, enquanto ele estava arrebatando as pessoas, ele não sentia a necessidade de amarrá-las, torturá-las e matá-las.

Apenas lembre-se disso, da próxima vez que você for ao DMV. Se acontecer de você se deparar com um idiota burocrático insuportável, seu comportamento detestável pode ser apenas uma válvula de segurança para impulsos ainda mais odiosos – sua maneira de não ser postal.

C L A N s

Em nossa era de lares desfeitos, casamentos desfeitos e filhos desgarrados, é reconfortante ler sobre as famílias grandes e unidas do passado, unidas por interesses comuns e atividades compartilhadas. A menos, é claro, que esses interesses e atividades incluíssem assassinato em série, estupro coletivo e até canibalismo – como foi o caso de dois notórios clãs assassinos do passado, os Beanes e os Benders.

Segundo a lenda, Sawney Beane era um camponês escocês do século XV que se cansou da agricultura e se voltou para o roubo nas estradas. Com sua esposa de direito comum, ele se escondeu em uma caverna à beira-mar na costa de Galloway e gerou uma grande ninhada de filhos. Eventualmente, através do acasalamento incestuoso, a família cresceu para quarenta e oito membros, que subsistiam atacando viajantes incautos, devorando sua carne e conservando a carne restante na água do mar.

Ninguém sabe quantas pessoas foram vítimas desse clã selvagem – as estimativas chegam a mil. Para os habitantes locais, a causa desses desaparecimentos era um mistério. Era uma matilha de lobos devoradores de homens? Ou alguma criatura sobrenatural? A verdade finalmente veio à tona quando marido e mulher, voltando de uma feira da aldeia, foram atacados pelos bárbaros Beanes, que caíram sobre a mulher, cortaram sua garganta e começaram a se banquetear com sua carne. Uma segunda parte, deparando-se com esta cena terrível, informou as autoridades. Em pouco tempo, o rei Jaime liderou um grupo de quatrocentos soldados até a costa de Galloway, onde o indescritível esconderijo dos Beanes — suas paredes pendiam de partes do corpo - foi descoberto. A família inteira foi capturada e executada, os homens submetidos à tortura lenta, as mulheres queimadas vivas na fogueira.

Em nosso próprio país, uma família diabólica conhecida como “Bloody Benders” perpetrou uma série de atrocidades durante a década de 1870. Liderados por um patriarca brutal, John, e sua esposa igualmente selvagem (conhecida apenas como “Ma”), os Benders eram imigrantes alemães que se estabeleceram na acidentada fronteira do Kansas, onde administravam um “hotel” em ruínas. Mais de uma dúzia de viajantes cansados que pararam ali para uma refeição ou uma boa noite de descanso nunca chegaram mais longe. Enquanto a filha Kate servia o jantar ao estranho, Papa Bender e seu filho, John Jr., se esgueiravam por trás e esmagavam a vítima desavisada no

crânio com uma marreta. Então o corpo seria despido, roubado e enterrado. Quando um pelotão finalmente vasculhou o local, eles encontraram os restos de uma dúzia de vítimas, incluindo uma garotinha que havia sido brutalmente estuprada antes de ser enterrada viva sob o cadáver de seu pai. No momento em que essas atrocidades foram descobertas, no entanto, os Benders já haviam fugido. Até hoje ninguém sabe o que aconteceu com eles.

A tradição antiquada representada pelos Benders e os Beanes (“a família que mata unida permanece unida”) foi perpetuada em nossa própria era por uma família chamada McCrarys. Um bando nômade de pequenos ladrões, os McCrarys cometeram uma série de assaltos de costa a costa durante uma farra de um ano no início dos anos 1970. Ao longo do caminho, os três homens McCrary (pai Sherman, filho Danny e genro Raymond Carl Taylor) sequestraram vinte e duas mulheres jovens – garçonetes, balconistas, clientes – das cenas do crime, então as estupraram e atiraram nelas. a cabeça, e abandonou os corpos. Em meio a tudo isso, as duas mulheres McCrary - mamãe Carolyn e filha Ginger McCrary-Taylor - ficaram ao lado de seus homens. “Eu amo muito meu marido”, declarou Ginger depois que o cruel clã assassino foi preso. “E nunca me ocorreu fazer outra coisa senão ficar com ele.”



Sawney Beane no filme

Na verdade, não *há* filmes sobre Sawney Beane. Dois filmes de terror louváveis, no entanto, foram vagamente inspirados pelas façanhas devoradoras de homens do lendário clã escocês de canibais.

O mais assustador do par é o choque de baixo orçamento de Wes Craven, *The Hills Have Eyes* (1977), sobre uma família de moradores do meio-oeste em férias cuja caminhonete quebra no deserto da Califórnia, onde são atacados por um clã de canibais mutantes cujos membros incluem um personagem verdadeiramente alarmante chamado Plutão (interpretado por um ator, Michael Berryman). O clássico de Craven recebeu uma reforma estilosa em 2006 pelo goremeister francês Alexandre Aja.

Menos intenso - embora ainda valha a pena ver - é o filme de terror britânico de 1972 *Raw Meat* (também conhecido como *Death Line*). Durante os anos 1800 (de acordo com o filme), uma gangue de trabalhadores, cavando um túnel para o metrô de Londres, ficou presa no subsolo por um desmoronamento. Como salvá-los era muito caro, eles foram simplesmente abandonados lá embaixo. O filme trata de seus descendentes modernos, um clã de canibais consanguíneos que ainda habitam os confins subterrâneos do sistema de metrô de Londres, atacando passageiros azarados. Apesar de seu título e premissa lúgubres, o filme – estrelado por Donald Pleasence, com uma participação especial de Christopher Lee – é surpreendentemente contido e até mesmo (desculpe a expressão) de bom gosto.

C OEDS

Embora psicopatas cinematográficos como o brilhante e culto Hannibal Lecter sejam frequentemente retratados como mentores do crime, poucos, se houver, assassinos em série da vida real possuem [QI de nível de gênio](#). Ainda assim, a maioria é inteligente o suficiente para saber como selecionar vítimas vulneráveis – o que os criminologistas chamam de “alvos de oportunidade”. Muitas vezes isso significa atacar [prostitutas](#). Também pode significar mirar em vítimas mais respeitáveis.

As jovens cativantes que abundam nos campi universitários são um bom exemplo. Essas alunas não são apenas atraentes; muitas vezes são fáceis de manipular. Eles geralmente são ingênuos sobre as dimensões mais sombrias da natureza humana; eles geralmente não são supervisionados pela primeira vez em suas vidas; e às vezes são tentados por novas experiências que trazem um cheiro do proibido. Em suma, eles fazem escolhas fáceis para uma certa raça de assassino predatório.

De longe, o assassino misto americano mais infame foi o de língua prateada Ted [Bundy](#). Enquanto freqüentava a Universidade de Washington em 1974, ele usou sua boa aparência e charme superficial para atrair estudantes do sexo feminino para longe de locais públicos seguros e levá-los a lugares isolados onde ele libertaria seu Sr. Hyde interior. No final de sua terrível carreira, Bundy dispensou a sedução. Invadindo algumas

irmandades em Tallahassee, Flórida, ele atacou vários dos residentes adormecidos e atacou seus corpos em um frenesi de sede de sangue.

Predando Bundy por alguns anos estava outro notório assassino misto, John Norman Collins. Como Bundy, Collins fez uma figura totalmente americana. Seu professor de inglês da faculdade, no entanto, vislumbrou um outro lado do jovem aparentemente normal quando Collins entregou um papel sobre o direito de cometer assassinato. “Se uma pessoa aponta uma arma para alguém, cabe a ela decidir se tira a vida da outra ou não”, escreveu Collins. “O ponto é: não é o julgamento da sociedade que é importante, mas a própria escolha individual de vontade e intelecto.” Entre 1967 e 1969, Collins – a estrela do esporte e especialista em educação – colocou essa teoria em prática estuprando, atirando, esfaqueando, estrangulando e espancando até nove mulheres jovens.

Collins ficou conhecido na imprensa como o “assassino misto”. Mas ele não foi o único assassino a ganhar esse apelido. O mesmo apelido foi aplicado a um dos psicopatas mais terríveis da época, Edmund [Kemper](#) III. Com um metro e oitenta e nove e quase 300 libras, Kemper não se encaixava no molde Golden Boy de Bundy e Collins. Tampouco possuía a menor habilidade social quando se tratava do sexo oposto. Em vez de bajular jovens núbeis para baixar a guarda, ele preferia simplesmente encontrá-las ao longo da estrada em um momento em que as alunas confiavam o suficiente para considerar a carona como uma maneira razoável de viajar. Uma vez que ele os tivesse no carro, ele atiraria ou esfaquearia suas vítimas. Depois, ele traria os cadáveres para casa e realizaria atrocidades indescritíveis em seus corpos.

Na verdade, como Kemper calmamente confessou à polícia, essas abominações eram o equivalente a levar uma jovem atraente para um encontro.

“Vivos, eles estavam distantes, não compartilhando comigo. Eu estava tentando estabelecer um relacionamento [com eles].”

EDMUND KEMPER,
*sobre seu motivo para massacrar, desmembrar, praticar sexo
necrófilo e canibalizar suas vítimas mistas*

PERÍODO DE ARREFECIMENTO _

Consulte [Definição](#).

COPYCATS

Não há nada de novo nos assassinos “imitadores” – indivíduos desesperadamente perturbados que se sentem impelidos a imitar crimes sensacionais e altamente divulgados. No final da década de 1890, por exemplo, uma mulher de São Francisco chamada Cordelia Botkin, depois de ser abandonada por seu amante casado, enviou uma caixa de chocolates envenenados para a esposa involuntária do homem. O caso Botkin, que recebeu cobertura nacional frenética de notícias, inspirou tantos crimes semelhantes que o país logo se viu no meio do que a imprensa (um pouco histericamente) chamou de “epidemia de veneno”.

A situação tende a ser diferente, no entanto, quando se trata de assassinato em série. É verdade que o filme *Copycat de 1995* retratava um maníaco homicida que imita o modo de ação de psicopatas notórios como David “Filho de Sam” [Berkowitz](#), os “[Estranguladores](#) de Hillside”, Ted [Bundy](#) e Jeffrey [Dahmer](#). Mas isso é pura fantasia de Hollywood. Na vida real, mesmo os maníacos homicidas mais infames – aqueles que recebem o tipo de cobertura de notícias saturadas que os transformam em celebridades da mídia – raramente inspiram imitadores. Dahmer, por exemplo, foi notícia de primeira página de costa a costa e capa da revista *People*. Mas ninguém jamais tentou duplicar suas atrocidades. A razão é simples. Os horrores perpetrados por tais seres são produto das mais profundas compulsões psicosssexuais. Ninguém vai estripar, canibalizar e fazer sexo necrófilo em um bando de adolescentes só porque leu sobre isso nos jornais e parecia uma coisa legal de se fazer.

Houve alguns imitadores *de* assassinos em série reconhecidos. Peter [Kürten](#), o “Monstro de Düsseldorf”, era fascinado por [Jack, o Estripador](#), e passava horas debruçado sobre os relatos das atrocidades de Saucy Jack. O monstruoso compatriota de Kürten, Fritz [Haarmann](#), foi uma inspiração para o igualmente perturbado Albert [Fish](#), que coletou todos os recortes de jornal que conseguiu encontrar sobre o “Vampiro de Hanover”.

Um exemplo mais recente é Heriberto Seda. Um jovem louco por armas profundamente desajustado, Seda ficou obcecado com o infame atirador da Costa Oeste conhecido como [Zodiac](#). Adotando o mesmo apelido, ele cometeu uma série de assassinatos no Brooklyn e em Manhattan no início dos anos 1990, enquanto enviava comunicações bizarras à imprensa, completas com mensagens astrológicas enigmáticas. Ao contrário de seu modelo psicopata, no entanto, Seda foi finalmente capturado em 1998 e condenado a mais de oitenta anos atrás das grades.

Embora tenha havido relativamente poucos imitadores de assassinos em série no sentido estrito do termo – pessoas que tentam replicar horrores específicos sobre os quais leram nas notícias – há um número maior que se enquadra em uma categoria relacionada: psicopatas possuídos do ambição doentia de ganhar notoriedade como assassinos em série. Para saber mais sobre esse fenômeno, consulte [Wannabes](#).

TEATRO DA SALA DE TRIBUNAL

Dada a sua bizarra composição psicológica, não é de admirar que, quando os serial killers são levados a julgamento, às vezes eles criam cenas ultrajantes. Depois de passarem suas vidas nas sombras, como insetos debaixo de uma pedra, eles de repente se vêem empurrados para o centro do palco, com uma audiência que (na era da mídia) pode chegar a milhões. Com o mundo inteiro assistindo, alguns desses psicopatas fazem um show e tanto.

Durante seu julgamento em 1924, Fritz [Haarmann — o](#) infame “Vampiro de Hanover”, que assassinou pelo menos 28 meninos mastigando suas gargantas — continuou como um apresentador de talk show. Dando uma baforada em um charuto gordo, ele interpelou as testemunhas e fez piadas frequentes sobre seus crimes terríveis.

O compatriota de Haarmann, o assassino sexual alemão Rudolph Pleil, usou seu julgamento como plataforma para estabelecer sua proeminência letal. Pleil foi acusado de estupro e assassinato de nove mulheres. Dono de uma vaidade perversa, Pleil indignou-se com essas acusações, afirmando ser ele mesmo o responsável por vinte e oito homicídios. Em seu julgamento, ele exigiu que a transcrição oficial se referisse a ele como “*der beste Totmacher*” – “o melhor matador”.

Mais ou menos na mesma época na América, os “Assassinos de Corações Solitários”, Martha Beck e Raymond Fernandez, estavam sendo julgados por um trio de assassinatos, incluindo o assassinato de uma criança de dois anos (veja [Killer Couples](#)). A certa altura, a montanhosa Beck – determinada a demonstrar seu amor eterno – desviou-se a caminho do banco das testemunhas para se lançar nos braços de seu pai, amante latino magricela (uma cena não muito diferente da de *Fantasia* de Walt Disney, quando a bailarina hipopótamo mergulha nos braços de seu parceiro de dança reptiliano).

Poucos julgamentos, no entanto, foram tão ultrajantes quanto o de Charles [Manson](#) e sua “família” de assassinos hippies enlouquecidos por drogas. Manson começou o processo marchando para o tribunal com um grande X esculpido em sua testa. “Eu me tirei do seu mundo”, foi sua lúcida explicação para essa bizarra automutilação. No auge da loucura do julgamento, Manson atacou o juiz e tentou atacá-lo.

Como a psicologia dos serial killers é uma mistura tão profana de perturbação e astúcia, é difícil saber quando seu comportamento estranho no tribunal é genuíno e quando eles estão apenas fingindo. Este último pode muito bem ter sido o caso no julgamento de Andrei [Chikatilo](#), o “Fera Louca” russo que assassinou, estuprou e canibalizou mais de cinquenta mulheres e crianças. Acorrentado dentro de uma jaula com barras de ferro - que foi instalada no tribunal para protegê-lo dos parentes vingativos de suas vítimas - Chikatilo passou seu tempo balançando autista, vomitando obscenidades, latindo para o juiz e gritando comentários insanos (em um ponto, ele começou a gritar sobre sua batalha de um homem só contra a máfia assíria; em outro, ele alegou que estava grávida e amamentando). Se o comportamento de Chikatilo foi um ato calculado, destinado a persuadir os observadores de sua insanidade legal, não teve sucesso. Ele recebeu a melhor pancada por sua atuação - uma bala na parte de trás do crânio de um carrasco russo.

CSI

Desde sua estreia no outono de 2000, a série de TV da CBS *CSI: Crime Scene Investigation* tornou-se um fenômeno cultural genuíno. Não só gerou

dois spin-offs de sucesso — *CSI: Miami* e *CSI: New York* —, mas também produziu poderosas reverberações no mundo real dos acadêmicos e do direito. As inscrições no programa de ciências forenses da Baylor University, por exemplo, aumentaram dez vezes desde que o programa foi ao ar. Dezenas de outras faculdades criaram cursos de ciências forenses para atender às crescentes demandas de jovens aspirantes a CSI.

O impacto do show também se tornou evidente no tribunal – tanto que promotores, advogados de defesa e juízes agora falam do “CSI efeito.” Os jurados que costumavam adormecer quando os advogados começaram a falar sobre evidências científicas agora aguardam o testemunho de técnicos de DNA e outros especialistas forenses. Enquanto alguns especialistas legais aplaudem o programa por criar um grupo de jurados mais cientificamente informado, outros o criticam por criar expectativas irreais. Afinal, nem todo crime pode ser comprovado com provas científicas concretas. E no mundo real, até mesmo as descobertas de DNA podem não ser confiáveis, principalmente porque – ao contrário de Gil Grissom e sua equipe glamourosa – os técnicos humanos são conhecidos por cometer erros.

Grissom, o personagem principal na entrada original da franquia *CSI*, é interpretado por William Petersen. Isso parece particularmente adequado, uma vez que Petersen começou sua carreira no cinema combinando inteligência com Hannibal Lecter em 1986 *Manhunter* de Michael Mann, a primeira versão cinematográfica de *Red Dragon* de Thomas Harris. Em *CSI*, também, Petersen se depara com uma variedade de assassinos em série altamente criativos: um assassino sexual conhecido como o “Assassino da Tinta Azul”, cujas vítimas são todas encontradas com manchas de tinta nas mãos; um sádico chamado “Strip Strangler”, que deliberadamente planta evidências enganosas; um louco que recria compulsivamente o assassinato de seu pai (que ele testemunhou quando menino) atirando nas vítimas na banheira; um maníaco que engana casais em busca de prazeres sexuais, depois mata o marido depois de forçá-lo a cortar a garganta da esposa; e outros.

É claro que, apesar de todo o verniz de hipersofisticação científica, *CSI* é, no fundo, um programa muito tradicional. Retire a engenhoca de última geração de Gil Grissom – os espectrômetros de gás e fluorômetros de fibra

óptica, os kits eletromagnéticos de pó e lanternas ultravioleta - e você ficará com uma versão de Sherlock Holmes de Las Vegas: um excêntrico solitário, sua cabeça cheio de informações esotéricas, que resolve crimes por meio de observação atenta e uma notável capacidade de tirar deduções inteligentes dos menores fragmentos de evidência física. No final, a verdadeira mensagem do programa parece ser que, embora a tecnologia esteja fornecendo à polícia ferramentas cada vez mais úteis, o que conta quando se trata de rastrear assassinos em série e outros criminosos é o bom e velho trabalho de detetive.

C ULTS

Em essência, um culto é uma família substituta, liderada por um líder forte e carismático que funciona como substituto do pai. Os membros do culto são obrigados a se comportar como crianças obedientes e fazer o que o papai disser - seja cometer suicídio em massa ao engolir Kool-Aid envenenado ou cometer assassinato em série.

Sem dúvida, os crimes mais notórios da Era de Aquário foram os assassinatos de Tate-LaBianca, perpetrados pela renegada “família” de psico-hippies de Charles [Manson](#) . Os crimes se tornaram uma sensação mundial, em parte por causa de sua terrível selvageria – sete pessoas massacradas em duas noites, incluindo a atriz grávida Sharon Tate. Mas igualmente inquietantes eram os próprios assassinos. Começando como “filhos das flores” mais ou menos típicos – parte da migração em massa de adolescentes drogados que se mudaram para a Califórnia durante o verão do amor – eles foram transformados em peões de um feiticeiro malévolo disposto a cometer um massacre aleatório ao seu capricho. .



Carlos Manson; de 52 cartas colecionáveis de Assassinos Famosos

(Cortesia de Roger Worsham)

De acordo com alguns relatos, Manson e sua tribo se envolveram com o satanismo. Desde a década de 1960, a América tem estado aterrorizada (e excitada) por relatos de adoração desenfreada ao diabo, envolvendo tudo, desde a mutilação ritual de animais até o uso de “reprodutoras” humanas – mulheres jovens férteis que são engravidadas com o propósito expresso de produzir bebês para sacrifício. Se acreditarmos em tablóides de TV como *Geraldo*, nosso país está cheio de cultos satânicos, geralmente compostos por diabólicos suburbanos ou adolescentes de olhos arregalados que recebem suas instruções de Lúcifer tocando discos do Black Sabbath ao contrário. Felizmente, a maioria desses relatos não passa de fantasias quase pornográficas de loucos religiosos ou pessoas que assistiram a muitas exibições de *O Bebê de Rosemary*. Os cultos do diabo que realizam sacrifícios humanos são abençoadamente raros. Mas eles existem – como um jovem chamado Mark Kilroy teve o azar de descobrir em março de 1967.

Kilroy, um estudante de 21 anos da Universidade do Texas, estava de férias de primavera com alguns amigos em Matamoros, no México, quando desapareceu durante uma noite de bar em bar. Seu paradeiro permaneceu

um mistério até que os investigadores foram levados a um rancho remoto que serviu de quartel-general para uma gangue local de contrabando de drogas. O líder dessa tripulação sanguinária era um autoproclamado feiticeiro chamado Adolfo de Jesus Constanzo – também conhecido como *El Padrino* (“O Poderoso Chefão”) – que pregava uma mistura de santeria cubana, vodu haitiano, santismo asteca e uma religião obscura de origem africana chamada Palo Mayombe. Sempre que um grande negócio de drogas estava prestes a acontecer, o culto de Constanzo buscava proteção sobrenatural sacrificando uma vítima humana, cujo coração e cérebro seriam cozidos em um caldeirão e devorados em um banquete canibal. Quando os *federais* finalmente reuniram a gangue, encontraram os restos mutilados de quinze vítimas (incluindo Kilroy) que haviam sido sacrificadas à religião do culto.



Culto da Perdição

Seu bandido moderno médio tende a ser um personagem relativamente assustador, principalmente quando está armado com uma arma de 9 mm. Ainda assim, comparado aos Thugs originais – um notório culto de assassinos que existiu na Índia por pelo menos seis séculos – até um assassino da máfia parece um covarde.

Uma sociedade secreta de ladrões e assassinos, os bandidos eram devotos da deusa canibal Kali, em cujo nome eles cometeram seus inúmeros crimes. A palavra *bandido* em si é uma bastardização da palavra hindu *thag*, que significa trapaceiro ou enganador. O engano era crucial para sua técnica assassina. Fazendo-se passar por viajantes inocentes, um grupo de bandidos se juntava a um grupo de peregrinos ou comerciantes (seus alvos favoritos). Então - depois de atrair o grupo para um local adequado - os bandidos se aproximavam de suas vítimas e estrangulavam todos de uma vez enquanto cantavam orações para a deusa. Depois de mutilando e eviscerando os cadáveres, os assassinos enterravam os corpos e faziam um banquete ritual nas sepulturas.

Geração após geração de bandidos estrangulou inúmeras vítimas em toda a Índia. (Filhos de membros do culto foram introduzidos na sociedade e ensinados o método prescrito de assassinato em bonecos de barro.) Finalmente, a partir de 1830, os britânicos lançaram uma guerra virtual contra os bandidos, acabando com o culto da morte em 1860.

Por pura maldade exótica, os Thugs são difíceis de derrotar; não é surpresa que dois dos filmes de aventura mais coloridos de todos os tempos tenham usado esses cultistas adoradores de Kali como vilões – *Gunga Din*, de George Stevens, e *Indiana Jones e o Templo da Perdição*, de Steven Spielberg.

Outros filmes que lidam com os bandidos incluem o filme de terror Hammer alegremente horrível de 1959, *The Stranglers of Bombay*, e - no extremo oposto do espectro cinematográfico - o thriller artístico de 1988 *The Deceivers*, no qual um jovem oficial britânico (interpretado por um pré-007 Pierce Brosnan) se infiltra no culto de adoração de Kali.



Jeffrey Dahmer



Jeffrey Dahmer; de *True Crime Trading Cards Série Dois: Assassinos em Série e Assassinatos em Massa*; arte de Jon Bright

(Cortesia de Jon Bright e Valarie Jones)

Os folcloristas às vezes se referem às histórias da “Câmara Proibida” – contos sobre jovens homens ou mulheres que, enquanto exploram o castelo de um ogro, abrem uma porta secreta e descobrem uma sala cheia de corpos massacrados. Em 1991, esse pesadelo realmente aconteceu – não em um

castelo decadente em algum lugar nas profundezas da Floresta Negra, mas em um prédio de apartamentos decadente em um bairro decadente de Milwaukee.

Na noite de 22 de julho, um jovem atordado e aterrorizado, com um par de algemas penduradas em um pulso, fez sinal para uma viatura do MPD. Um “cara estranho” tinha acabado de tentar matá-lo, ele disse à polícia. Sua história levou os oficiais ao apartamento no. 213 de um prédio próximo. Dentro, eles descobriram um armazém virtual de restos humanos. O inventário doentio incluía uma cabeça humana em uma prateleira de geladeira, crânios escondidos em um armário, partes do corpo embaladas em um barril de plástico azul, mãos decompostas em uma panela de lagosta, uma variedade de ossos armazenados em caixas de papelão e um freezer cheio de vísceras – pulmões, fígados, intestinos, rins. Havia também uma coleção de Polaroids repugnantes, incluindo uma de um torso masculino devorado pelo ácido dos mamilos para baixo. O ocupante desta casa mortuária, um jovem manso e de fala mansa chamado Jeffrey Dahmer, não fez nenhum esforço para esconder a evidência de seus crimes indescritíveis.

Dahmer havia matado dezessete homens ao todo, a maioria deles jovens afro-americanos que ele pegava em bares gays. Ele os drogou, estrangulou e desmembrou seus corpos com uma serra elétrica. Ele finalmente confessou as depravações mais inimagináveis, incluindo canibalismo e estupro necrófilo (estripar um cadáver e fazer sexo com as vísceras era um de seus prazeres particulares). Em várias ocasiões, ele também realizou lobotomias improvisadas em suas vítimas ainda vivas, fazendo buracos em seus crânios e injetando ácido muriático em seus cérebros em um esforço para transformá-los em [zumbis](#).

Os apetites desordenados de Dahmer remontavam à sua infância. Quando menino, ele adorava coletar e dissecar atropelamentos e massacrar pequenas criaturas. Antigos conhecidos se lembrariam de encontrar gatos e sapos pregados em árvores na floresta atrás da casa dos Dahmer. Em uma ocasião, alguns meninos da vizinhança encontraram a cabeça de um cachorro empalada em uma vara.

Dahmer progrediu de [Tortura Animal](#) para homicídio aos dezoito anos, quando - depois de pegar um jovem caroneiro e trazê-lo para casa para fazer

sexo - ele espancou o jovem até a morte, depois desmembrou o corpo e enterrou as partes na floresta. Dois anos depois, Dahmer exumou os restos decompostos, pulverizou os ossos com uma marreta e espalhou os pedaços pela floresta.

O "Monstro de Milwaukee" foi finalmente condenado a quinze penas de prisão perpétua consecutivas, totalizando 936 anos. Mas sua pena de prisão – e sua vida – chegou a um fim abrupto em 1994, quando foi espancado até a morte por um companheiro de prisão.

“Eu realmente estraguei tudo dessa vez.”

J EFFREY D AHMER ,
ao pai

DESEJO DE MORTE _

É óbvio que, em certo sentido, *todos os* serial killers têm um desejo de morte – eles desejam infligir a morte ao maior número possível de pessoas. Mas muitos deles também têm um desejo de morte no sentido estrito freudiano do termo: um desejo de provocar sua própria destruição. A longa lista de assassinos em série que cometeram ou tentaram suicídio inclui figuras notórias como Karl Denke, Georg Grossmann, Gary [Heidnik](#), Joseph Kallinger e Henry Lee [Lucas](#).

Alguns desses psicopatas se mataram como forma de escapar da lei. Joe Ball, o caso duro da Flórida que se livrou de seus amantes indesejados alimentando seus jacarés de estimação com eles, colocou uma bala em seu coração em vez de se submeter à prisão (veja [Jacarés](#)). Leonard Lake – que construiu um bunker de tortura em seu rancho na Califórnia, onde ele e seu parceiro, Charles Ng, assassinaram um número indeterminado de vítimas – engoliu uma cápsula de cianeto imediatamente após sua prisão (ver [Parceiros](#)).

Por outro lado, outros serial killers cumprem seu desejo de morte arquitetando sua própria captura e eventual execução. Seis anos depois de assassinar e canibalizar uma menina de 12 anos, Albert [Fish](#) enviou um bilhete para sua mãe descrevendo o crime. Embora Fish tenha riscado o endereço do remetente gravado no envelope, ele fez um trabalho tão tímido

que a polícia não teve problemas para decifrar o endereço e localizá-lo. O criminoso A carreira do serial killer Bobby Joe Long chegou a um fim abrupto quando ele simplesmente deixou uma de suas vítimas sequestradas ir. A jovem foi imediatamente à polícia e forneceu uma descrição detalhada de seu sequestrador, seu apartamento e seu carro. Que alguns serial killers querem desesperadamente ser capturados ficou claro pelo famoso apelo rabiscado de batom que o assassino sexual William Heirens deixou na parede do quarto: “Pelo amor de Deus, pegue-me antes que eu mate mais. Eu não posso me controlar.”

Não é muito surpreendente que assassinos em série sejam muitas vezes suicidas. Criados por pais terrivelmente abusivos que os enchem com a sensação de que todos os seres humanos - começando por eles mesmos - são apenas lixo sem valor, os serial killers são consumidos pelo desespero e auto-aversão. Após sua condenação por assassinato em primeiro grau, Harvey Murray Glatman – um idiota sádico que tirava fotos de suas vítimas amarradas e amordaçadas antes de estrangulá-las até a morte – sugeriu que a execução seria a punição mais apropriada. Quando o juiz o condenou à câmara de gás, Glatman comentou: “É melhor assim. Eu sabia que seria assim.” Outros assassinos em série – como o missionário mórmon que virou assassino de crianças Arthur Gary Bishop – aceleraram suas próprias mortes recusando-se a apelar de suas sentenças de morte. Para assassinos como esses, a vida se torna um pesadelo crescente. Eventualmente, eles anseiam por escapar.

É possível que o mais famoso de todos os serial killers, [Jack, o Estripador](#), caia nessa categoria. Embora sua identidade permaneça um mistério, o fato de seus crimes terem cessado abruptamente após sua quinta e última atrocidade sugere que – oprimido pela repulsa pelo crescente horror de seus atos – o “Monstro de Whitechapel” tirou a própria vida.

De fato, alguns serial killers parecem esperar suas mortes iminentes com entusiasmo positivo. Michael Ross, que estuprou e assassinou oito adolescentes na década de 1980, pôs fim a quaisquer outros apelos à sua sentença de morte em 1992 e finalmente teve seu desejo de morte realizado quando os guardas da prisão o amarraram a uma maca de injeção letal em maio de 2005. De acordo com um observador, quando Ross soube que a execução finalmente aconteceria, ele “ficou otimista e começou a brincar”.

Por mais estranho que possa parecer, não é nada comparado ao modo como Peter [Kürten](#) – o “Monstro de Düsseldorf” – antecipou sua própria execução, muito mais dura. Seu humor, de acordo com certos relatos, só pode ser descrito como positivamente vertiginoso. Despertado desde a infância pela visão e som de jorrando sangue, Kürten afirmou que morreria um homem feliz se pudesse ouvir o sangue jorrando de seu próprio pescoço no momento da decapitação.

DEFINIÇÃO

Como certos outros termos — *obscenidade*, por exemplo — *assassinato em série* é surpreendentemente difícil de definir. Parte do problema é que as definições policiais tendem a diferir das concepções populares. De acordo com alguns especialistas, um serial killer é qualquer assassino que comete mais de um assassinato aleatório com um intervalo entre os crimes. Certamente há alguma validade nesse ponto de vista. Se (por exemplo) Ted [Bundy](#) tivesse sido pego depois de cometer apenas algumas atrocidades, ele não teria ganhado notoriedade mundial - mas ainda assim teria sido o que era: uma personalidade demente capaz dos mais depravados atos de violência. Ainda assim, é difícil pensar em alguém como um serial killer, a menos que ele tenha matado uma série de vítimas.

Quantas vítimas constituem uma “sequência”? Novamente, é difícil ser preciso. Os assassinos em série mais infames – Bundy, [Gacy](#), [Dahmer](#), etc. – são os responsáveis por assassinatos de dois dígitos. A maioria dos especialistas parece concordar, no entanto, que para se qualificar como um serial killer, um indivíduo deve matar no mínimo três vítimas não relacionadas.

A noção de uma string implica algo mais além de um simples número. Um serial killer deve perpetrar uma série de assassinatos aleatórios com um período de “esfriamento” emocional entre cada crime. Esse hiato – que pode durar de horas a anos – é o que distingue o serial killer do [Mass Murderer](#), o maluco homicida que explode em uma explosão de violência insana, matando um grupo inteiro de pessoas de uma só vez. Assim, a definição oficial do [FBI](#) de homicídio em série é “três ou mais eventos separados com um período de reflexão emocional entre os homicídios, cada assassinato ocorrendo em um local diferente”.

Existem vários problemas com esta definição, no entanto. Por um lado, nem todos os serial killers cometem seus assassinatos em locais diferentes. As quase três dúzias de vítimas de John Wayne Gacy, por exemplo, todas encontraram suas mortes horríveis no porão de sua casa de fazenda suburbana. E há assassinos que cometem três ou mais homicídios separados por longos períodos de tempo que não são assassinos em série: assassinos da máfia, por exemplo.

O que distingue um assassino profissional de um assassino em série, no entanto, é que um mata por dinheiro - é seu trabalho - enquanto o outro mata puramente por prazer depravado. Um assassino pode gostar de seu trabalho, mas o assassinato não é sua principal fonte de gratificação sexual. A situação é diferente com psicopatas como Gacy, que atingem as alturas do êxtase enquanto cometem suas atrocidades. De acordo com muitos especialistas, em outras palavras, o verdadeiro homicídio em série sempre envolve um elemento de [sadismo](#) sexual indescritível .

Levando essas questões em consideração, o Instituto Nacional de Justiça oferece uma definição que achamos mais útil do que a do FBI: “Uma série de dois ou mais assassinatos, cometidos como eventos separados, geralmente, mas nem sempre, cometidos por um criminoso agindo sozinho. Os crimes podem ocorrer em um período de tempo que varia de horas a anos. Muitas vezes o motivo é psicológico, e o comportamento do ofensor e as evidências físicas observadas nas cenas do crime refletem conotações sádicas e sexuais”.

(Para mais informações sobre o elemento de sadismo sexual em assassinatos em série, veja [Mulheres](#) .)



Cunhando uma frase

Em tempos anteriores, assassinos psicopatas que massacravam uma sucessão de vítimas aleatórias eram geralmente descritos em termos sobrenaturais – demônios, demônios, monstros. No final de 1800, um jornalista engenhoso, procurando uma maneira de descrever o infame Dr. HH [Holmes](#) , inventou o termo “multi-assassino” – uma cunhagem

aliterativa que nunca pegou. Outros termos comuns usados para descrever essas criaturas incluem “assassinos de luxúria”, “assassinos recreativos”, “maníacos homicidas” e “assassinos de estranhos”. Durante a maior parte de meados do século XX, todos os criminosos que massacraram várias vítimas foram agrupados como “assassinos em massa”.

No final da década de 1960, no entanto, ficou claro que era preciso fazer uma distinção entre o tipo de assassino que mata um monte de gente de uma vez e o assassino compulsivo que comete uma série de atrocidades por um longo período de tempo. Em última análise, o termo “assassino em massa” foi reservado para o primeiro – o assassino violento que “se torna postal” – enquanto o termo “assassino em série” foi aplicado ao tipo de assassino sexual predatório exemplificado por [Bundy](#), [Gacy](#) et al.

O crédito pela frase “serial killer” geralmente foi dado (e reivindicado pelo) ex-agente especial Robert K. Ressler, um dos pioneiros do Unidade de Ciência Comportamental do [FBI](#). De acordo com o relato de Ressler (publicado em seu livro de 1992, *Whoever Fights Monsters*), ele estava lecionando na Academia de Polícia Britânica quando um dos participantes se referiu a “crimes em série”. Impressionado com a frase, Ressler começou a usar uma variação – “assassinos em série” – em suas aulas em Quantico.

Na verdade, no entanto, a frase “assassino em série” pode ser rastreada pelo menos até 1961, quando foi usada pelo crítico de cinema alemão Siegfried Kracauer para descrever o assassino de crianças psicopata interpretado por Peter Lorre no clássico thriller de Fritz Lang, *M*. Cinco anos depois, o escritor britânico John Brophy usou a mesma frase repetidamente em seu livro de 1966, *The Meaning of Murder*.

É possível que, enquanto na Inglaterra, Ressler pegou a frase (talvez subliminarmente) de Brophy ou de alguém familiarizado com o livro de Brophy. Ainda assim, Ressler merece crédito por alterar o termo de “assassino em série” para o “assassino em série” um pouco mais ágil. E foi certamente Ressler e seus colegas de Quantico que popularizaram o termo, que rapidamente se tornou parte do discurso americano cotidiano.



Albert DeSalvo

Em sua curta e perturbada vida, Albert DeSalvo adquiriu vários apelidos. Aos vinte e poucos anos, ele ficou conhecido como o “Homem Medidor”, um molestatador sexual em série que ia de porta em porta, posando como olheiro para uma agência de modelos. Se uma mulher caísse nessa linha e o convidasse para entrar, ele pegava uma fita métrica e começava a checar seus bens – um estratagema que lhe permitia satisfazer seu gosto por carícias sexuais grosseiras.

Alguns anos depois, após cumprir uma breve sentença de prisão, ele passou de molestamento a estupro, agredindo centenas de mulheres em toda a Nova Inglaterra durante um período de dois anos no início dos anos 1960. Durante esse período, ele era conhecido como o “Homem Verde”, assim chamado por causa das roupas de trabalho verdes que ele usava enquanto comete seus crimes.

Foi seu terceiro apelido, no entanto, que lhe garantiu a infâmia duradoura. Em 1962, DeSalvo ficou conhecido como o “Estrangulador de Boston”, um sádico de fala mansa que assassinou selvagememente treze mulheres durante um reinado de terror de dezoito meses.

Ou, pelo menos, essa tem sido a versão oficial nos últimos quarenta anos. Desenvolvimentos recentes levantaram algumas questões sobre a culpa de DeSalvo.

A história geralmente aceita começa com a educação insanamente brutal de DeSalvo, quando ele adquiriu um gosto precoce pelo [sadismo](#). Um de seus passatempos favoritos de infância era colocar um gato faminto em uma caixa de laranja com um cachorrinho e observar o gato arrancar os olhos do cachorro. Ele se casou enquanto estava no exército e manteve uma fachada mais ou menos normal como marido e pai, mesmo cometendo alguns dos crimes mais chocantes da história americana. (É claro que havia tensões no casamento. Entre outras coisas, DeSalvo era possuído por uma libido demoníaca e exigia sexo seis vezes por dia.)

As primeiras vítimas do Estrangulador de Boston foram mulheres idosas. Cada uma tinha voluntariamente deixado o assassino entrar em seu apartamento. Posando como um reparador de prédios, o assassino sexual

loquaz e de fala mansa não teve problemas para entrar. Além de estuprar e estrangular as mulheres, ele gostava de profanar seus cadáveres, às vezes enfiando garrafas ou vassouras em suas vaginas. Depois de terminar com sua vítima, ele deixava uma assinatura grotesca, amarrando seu garrote improvisado (geralmente uma meia de náilon) em um grande arco ornamental sob o queixo da mulher morta.

No final de 1962, o MO do Strangler mudou de repente. Ele começou a caçar mulheres muito mais jovens. E seus assassinatos se tornaram ainda mais cruéis e bizarros. Em um exemplo, ele esfaqueou sua vítima quase duas dúzias de vezes. Ele deixou outro cadáver encostado na cabeceira da cama, um laço rosa amarrado em seu pescoço, um cabo de vassoura saindo de sua vagina e um cartão de feliz ano novo apoiado em seu pé esquerdo.

Eventualmente, DeSalvo foi preso não pelos assassinatos do Estrangulador de Boston, mas por um dos estupros do Homem Verde. Durante um período em um hospital psiquiátrico estadual, no entanto, ele começou a se gabar de sua carreira de estrangulamento para um colega detento. Só então as autoridades descobriram que, sem querer, prenderam o infame assassino.

No final, DeSalvo nunca foi punido pelos crimes do Estrangulador de Boston. Através de um acordo feito por seu advogado - F. Lee Bailey - DeSalvo foi poupado da cadeira e condenado à prisão perpétua pelos estupros do Homem Verde. Não que os esforços de Bailey tenham feito muito bem a DeSalvo no final. Ele foi esfaqueado até a morte por um companheiro de prisão em novembro de 1973.

A morte de DeSalvo, no entanto, não foi o fim da história. Durante anos, perguntas sobre sua culpa giraram em torno do caso. Alguns céticos acreditavam que DeSalvo confessou por motivos mercenários — ou seja, porque acreditava que lucrar com os direitos de livros e filmes. Outros continuaram convencidos de que havia mais de um Estrangulador.

Em 2001, especialistas forenses deram apoio aos céticos quando o DNA foi coletado do cadáver exumado da última vítima do Estrangulador não forneceu uma correspondência com DeSalvo. A controvérsia sobre seu envolvimento nos outros dez casos, no entanto, continua inabalável. Ainda não se sabe se a ciência será capaz de resolver a questão de sua culpa.

"Eu? Eu não machucaria nenhuma garota. Eu amo vadias."

A L B E R T “B O S T O N S T R A N G L E R ” D E S A L V O

D E L I M I N A Ç Ã O

Para se safar de um assassinato horrível de novo e de novo, um serial killer tem que possuir um grau bastante alto de astúcia diabólica. Capturar uma vítima é o primeiro desafio que ele precisa enfrentar. Depois de ter perpetrado suas atrocidades, ele se depara com outro problema ainda mais premente - o que fazer com os restos mortais. As soluções para este terrível dilema variam do simples ao diabolicamente elaborado.

Alguns assassinos em série simplesmente deixam suas vítimas onde estão, ocasionalmente dedicando tempo para causar alguma indignidade grotesca nos restos mortais. Por exemplo, Albert [DeSalvo](#), o “Estrangulador de Boston”, gostava de amarrar grandes laços ornamentais ao redor da garganta de suas vítimas, como se estivesse deixando um presente embrulhado para a polícia.

A prática bizarra de amarrar com arco de DeSalvo criou uma “assinatura” inconfundível. Compreensivelmente, muitos outros maníacos homicidas preferem não deixar nenhum rastro de suas identidades. Para alguns sociopatas, a abordagem mais simples para o descarte de cadáveres é a melhor. Ted [Bundy](#), os “[Estranguladores](#) de Hillside” e o Assassino de Green River, por exemplo, simplesmente jogaram os corpos de suas vítimas ao ar livre – nas florestas, ao longo das margens dos rios, nas encostas que margeiam as rodovias. Outros fizeram tentativas superficiais de ocultação, enterrando os corpos em covas rasas ou jogando folhas mortas sobre os restos mortais. John Wayne [Gacy](#) nem se deu ao trabalho de sair de casa. Ele simplesmente prendeu os mortos corpos de suas jovens vítimas do sexo masculino sob o espaço sob o soalho de sua casa - pelo menos até que ele ficou sem espaço, quando começou a jogá-los em um rio próximo.

Por outro lado, existem alguns assassinos em série que fazem um grande esforço para obliterar todos os vestígios de suas vítimas, muitas vezes mergulhando os corpos em ácido, cobrindo-os com [cal virgem](#) ou incinerando-os em [fornos](#).

Depois, há aqueles assassinos em série cujos métodos de eliminação podem ser melhor descritos como descontroladamente (se não insanamente) pouco ortodoxos. Joe Ball, por exemplo, livrou-se de suas amantes assassinadas dando carne para seus [jacarés de estimação](#), enquanto o monstruoso Fritz [Haarmann](#) cortava suas vítimas e vendia sua carne para seus vizinhos, passando-a como carne do mercado negro.

Quanto mais tempo um serial killer permanece à solta, é claro, mais proficiente ele tende a se tornar. Com a eliminação de cadáveres, como acontece com a maioria das habilidades humanas, a prática leva à perfeição. Agentes especiais da Unidade de Ciência Comportamental do [FBI descrevem um serial killer que foi jogado em um estado de confusão quase apavorante quando se deparou com os restos devastados de sua primeira vítima](#). Quando cometeu seu segundo homicídio, ele já havia elaborado um método sofisticado de descarte, levando quatro horas meticulosas para desmembrar o corpo em seu banheiro antes de ensacar as peças e depositá-las em lixeiras de supermercados.

Claro, existem alguns assassinos em série que preferem não se desfazer de suas vítimas. Tanto Dennis [Nilsen](#) quanto seu colega americano, Jeffrey [Dahmer](#), estavam tão desesperados por companhia que fizeram de tudo para manter os cadáveres por perto. Claro, já que ambos os homens ocupavam apartamentos apertados, até eles tiveram que enfrentar a realidade fétida depois de um tempo e se livrar de seus hóspedes apodrecidos. A solução de Nilsen foi sublime em sua simplicidade, se não inteiramente prática – ele cortou os corpos e jogou os pedaços no vaso sanitário, um método que acabou levando à sua prisão quando o encanamento de seu prédio ficou entupido com pedaços de carne humana em decomposição.

DOUTORES _

Do Dr. Jekyll ao Dr. Lecter, o médico diabólico tem sido um marco na fantasia de terror. Infelizmente, essa figura de pesadelo não é apenas uma invenção da imaginação pop. Os anais do crime contêm exemplos notáveis de psicopatia MDs que colocam o Juramento de Hipócrates de cabeça para baixo usando suas habilidades para causar danos.

“Eu tenho um cadáver em minhas mãos. As pessoas me viram entrar aqui. Como vou embalar isso? Vou colocá-lo em um saco duplo ou um lençol e levá-lo para fora daqui? Achei que quanto menor melhor. Cortei o corpo, enfiei um pouco na geladeira, joguei as tripas em um terreno baldio, jogando pedaços aqui e ali, o que saísse primeiro da sacola. Eu estava assustado.”

*Serial killer anônimo,
descrevendo sua primeira experiência com eliminação de corpos*

Dada sua destreza na dissecação, sempre houve especulações de que [Jack, o Estripador](#) – o primeiro e mais famoso dos assassinos em série modernos – era alguém com treinamento cirúrgico. “Ripperologists” surgiram com vários candidatos: um médico russo e maníaco homicida chamado Michael Ostrog, que acabou em um manicômio; outro russo, Dr. Alexander Pedachenko, descrito como um “criminoso lunático” e livros em Londres pela polícia secreta do czar; e um cirurgião inglês chamado Stanley que supostamente confessou os assassinatos de Whitechapel em seu leito de morte.

O contemporâneo de Jack, HH [Holmes](#), foi o MD original da América — ou seja, Medical Deviate. Depois de receber seu diploma da Universidade de Michigan em Ann Arbor, Holmes foi para Chicago, onde construiu seu famoso “Castelo do Assassinato”, completo com um laboratório de dissecação no porão. Embora Holmes trabalhasse como farmacêutico, não como médico, ele conseguiu colocar seu treinamento cirúrgico em uso lucrativo vendendo os esqueletos despojados e montados de suas vítimas para escolas de anatomia locais.

Mais ou menos na mesma época, um psicopata britânico chamado Thomas Neill Cream – que se formou em medicina pela Universidade McGill de Montreal e fez pós-graduação no prestigioso Royal College of Physicians and Surgeons em Edimburgo – estava ocupado despachando vítimas em ambos os lados do Atlântico. Depois de matar várias mulheres por meio de ações ilegais abortos, o Dr. Cream - que residia em Chicago na época - envenenou o marido de sua amante ao misturar o remédio para epilepsia do homem com estricnina. Libertado após um período de dez anos em Joliet, ele partiu para a Inglaterra, onde embarcou em uma carreira

como assassino em série de prostitutas – envenenando cinco prostitutas de Londres antes de ser pego, julgado e enforcado em 1892. outro candidato ao Estripador, já que tem a fama de ter gritado: “Eu sou Jack, o...” assim que ele mergulhou pelo alçapão da força.



HERMAN MUDGETT

Herman Mudgett, também conhecido como Dr. HH Holmes; de *True Crime Trading Cards Série Dois: Assassinos em Série e Assassinatos em Massa*; arte de Jon Bright

(Cortesia de Jon Bright e Valarie Jones)

Cinquenta anos depois e do outro lado do Canal da Mancha, moradores da Rue Le Sueur, em Paris, foram agredidos por um fedor insuportável vindo de um prédio do bairro. Quando os bombeiros invadiram, ficaram horrorizados ao descobrir uma pilha de corpos desmembrados em decomposição no porão. Descobriu-se que o prédio pertencia ao Dr. Marcel [Petiot](#), que alegou que os cadáveres eram de colaboradores nazistas mortos pela Resistência. Não foi até o fim da guerra que a terrível verdade emergiu: as vítimas eram na verdade judeus franceses ricos, desesperados para fugir da França ocupada pelos nazistas. Fazendo-se passar por um membro da Resistência que os traficaria para a liberdade – por uma taxa – Petiot providenciou para que as vítimas desavisadas chegassem à sua casa com todos os seus objetos de valor. Em seguida, ele administraria uma “vacina de imunização” – na verdade uma injeção letal de estricnina – trancando-os

em uma câmara (onde, através de um olho mágico, ele poderia vê-los morrer em agonia), apropriar-se de seus pertences, e descartar seus restos mortais em sua fornalha. Implacável até o fim, Dr. Petiot foi para a guilhotina com um sorriso em 1946.

Alguns dos assassinos em série mais notórios dos últimos anos foram médicos. Embora condenado por apenas três assassinatos, acredita-se que o Dr. Michael Swango – um psicopata clássico que confessou sentir-se excitado pelo “cheiro doce, rouco e próximo de homicídio dentro de casa” – tenha despachado até sessenta vítimas, todas se recuperando pacientes do hospital que sofreram súbitas e misteriosas convulsões cardíacas enquanto estavam sob seus “cuidados”. (A história de Swango – e do estabelecimento médico americano que voluntariamente ignorou seus atos nefastos – é contada de forma brilhante no best-seller de James Stewart em 2000, *Blind Eye*.) Ainda mais chocante foi o Dr. Harold Shipman, que tirou mais vidas inocentes do que qualquer outro assassino em os anais do crime britânico.



Dr. Morte

Ninguém jamais saberá exatamente quantas vidas foram tiradas pelo Dr. Harold Frederick Shipman durante os anos em que tratou pacientes no norte da Inglaterra. Um total de 459 pessoas morreram sob seus cuidados, mas algumas delas certamente morreram de causas naturais. A estimativa mais confiável é que, entre 1971 e 1998, o genial clínico geral cometeu nada menos que 250 assassinatos, tornando-o o serial killer mais prolífico da história britânica – e possivelmente mundial. (Consulte [Registros](#).)

A grande maioria de suas vítimas eram mulheres idosas, que gostavam de sua maneira encantadora de cabeceira. O MO do Shipman era sempre o mesmo. Ele pagaria uma visita inesperada à tarde para uma paciente bastante saudável, a mataria com uma injeção do analgésico diamorfina (heroína de grau médico, legal no Reino Unido) e depois sairia correndo. Mais tarde — muitas vezes chamado por um telefonema frenético de um parente que descobriu o cadáver — ele voltava e assinava o atestado de óbito, atribuindo a morte inesperada a causas naturais.

Foi só em 1997 que alguém – uma mulher chamada Debbie Brambroffe, filha do agente funerário local – percebeu que algo sinistro estava acontecendo. Impressionada com a taxa de mortalidade incomumente alta entre as pacientes idosas do Dr. Shipman – e pelo fato bizarro de que seus corpos eram invariavelmente encontrados completamente vestidos e sentados em suas poltronas favoritas ou descansando no sofá – a Sra. Brambroffe compartilhou suas suspeitas com outra médica local, Dra. Susan Booth. Em pouco tempo, uma investigação estava em andamento.

Embora Shipman soubesse que as autoridades começaram a examinar os atestados de óbito de seus pacientes, ele não conseguia parar de matar. Ele foi finalmente pego depois de assassinar uma octogenária extraordinariamente em forma, a Sra. Kathleen Grundy, e então forjar um testamento em seu nome que lhe deixou toda a sua fortuna de quase US \$ 400.000. Assim que a filha da Sra. Grundy viu o documento, ela viu que era falso e entrou em contato com a polícia, que já tinha Shipman na mira. Em pouco tempo, o corpo da Sra. Grundy foi exumado e autopsiado. Quando quantidades letais de diamorfina foram descobertas, Shipman foi preso.

O que o levou a matar? Alguns psiquiatras afirmam que Shipman estava extraordinariamente ligado à mãe e profundamente traumatizado por testemunhar sua morte lenta por câncer quando ele era adolescente. De acordo com essa teoria, a visão do médico de família administrando injeções de morfina para aliviar suas agonias finais deixou uma marca indelével em sua psique, que o levou, mais tarde, a recriar aquela cena traumática repetidas vezes. No julgamento de Shipman em janeiro de 2000, o promotor Richard Henriques deu uma explicação mais simples: Shipman foi morto por prazer. “Ele exercia o poder supremo de controlar a vida e a morte”, argumentou Henriques, “e repetiu o ato tantas vezes que deve ter achado o drama de levar a vida a seu gosto”.

Shipman, que sempre negou sua culpa, foi condenado por matar quinze pacientes e sentenciado à prisão perpétua. Em 13 de janeiro de 2004 - um dia antes de seu aniversário de cinquenta e oito anos - ele tirou uma vida final: a sua própria. Ele se enforcou com seus lençóis nas barras de sua cela - um ato aplaudido pelos tablóides britânicos, que instavam outros serial killers encarcerados a seguir o exemplo de Shipman.



E SCAPE

Com sua astúcia diabólica, os serial killers muitas vezes são capazes de iludir a lei por longos períodos de tempo – meses, anos, às vezes para sempre (veja [Paradeiro Desconhecido](#)). Também houve uma série de notórios assassinos em série que foram capturados após caçadas massivas, apenas para conseguir fugas bem-sucedidas.

Na década de 1920, quando Harry Houdini estava impressionando o público ao se livrar milagrosamente de baús submersos, caixões enterrados e outros receptáculos aparentemente à prova de fuga, Earle Leonard [Nelson](#) conseguiu alguns feitos impressionantes. Condenado a um manicômio estatal, ele conseguiu fugir com tanta frequência que as autoridades finalmente desistiram de tentar recapturá-lo. Em 1926, Nelson embarcou em sua carreira letal como estuprador e estrangulador em série, uma figura aterrorizante que veio a ser conhecida como o “Gorilla Murderer”. Depois de cometer vários assassinatos nos Estados Unidos, ele foi para o Canadá, onde a polícia finalmente o prendeu. Nelson foi levado para a prisão de Killarney, despojado de suas botas e jogado em uma cela duplamente trancada. Deixado desprotegido por quinze minutos, ele de alguma forma conseguiu escapar, desencadeando um pânico em toda a cidade e a maior caçada humana em Manitoba. história, que terminou quando ele foi recapturado menos de doze horas depois.

Talvez a fuga mais assustadora já projetada por um serial killer ocorreu em 1967, quando Albert [DeSalvo](#), o “Estrangulador de Boston”, escapou da custódia. Inúmeras mulheres se barricaram em suas casas enquanto o terror tomava conta da Nova Inglaterra. Como se viu, no entanto, a fuga de

DeSalvo foi um ato simbólico, não uma tentativa séria de se libertar e retomar sua carreira de crime. DeSalvo estava descontente com sua falta de tratamento psiquiátrico, e a fuga foi sua maneira de protestar. Quando a polícia finalmente o alcançou, ele não fez nenhum esforço para resistir.

Apenas um ano antes, um nanico psicopata chamado Charles Schmid, que veio a ser conhecido como o "[Pied Piper](#) de Tucson", foi condenado a cinquenta e cinco anos de prisão pelo estupro-assassinato de uma menina de quinze anos, um de suas três vítimas adolescentes. Cinco anos após sua condenação, Schmid conseguiu escapar da prisão. Antes de ser recapturado alguns dias depois, havia algumas pessoas muito nervosas no Arizona. Em seu julgamento, Schmid prometeu “pegar as pessoas” que testemunharam contra ele.

Um dos mais astutos de todos os assassinos em série modernos foi Ted [Bundy](#). Em janeiro de 1977, Bundy foi extraditado para o Colorado para ser julgado por assassinato. Como Bundy (que havia sido estudante de direito em Utah) insistiu em supervisionar sua própria defesa, ele teve acesso à biblioteca jurídica do tribunal do condado de Pitkin, em Aspen. Na manhã de 7 de junho de 1977, depois de ficar sozinho na biblioteca por alguns minutos, Bundy saltou para a liberdade através de uma janela aberta do segundo andar. Ele voltou à prisão alguns dias depois, mas no final de dezembro daquele ano, ele conseguiu ver um buraco no teto de sua cela e escapar. Desta vez, ele escapou das autoridades por mais de um mês. Antes de ser capturado novamente, em meados de fevereiro de 1978, ele foi para a Flórida e assassinou brutalmente mais três jovens.

E VII

As atrocidades cometidas por alguns serial killers são tão extremas – torturar crianças enquanto gravam seus pedidos de ajuda agonizantes, perfurar os crânios de vítimas vivas e injetar ácido em seus cérebros para transformá-los em “[zumbis sexuais](#)”, castrar meninos e forçar que comam seus próprios genitais - que, na tentativa de explicar tal comportamento, alguns peritos os psiquiatras levantaram as mãos e recorreram a uma antiga explicação: mal puro e elementar.

Um desses especialistas é o Dr. Michael Stone, da Universidade de Columbia, que, depois de estudar as biografias de várias centenas de

assassinos em série britânicos e americanos, concluiu que, embora alguns estivessem claramente sofrendo de uma doença mental grave, muitos outros eram tecnicamente sãos; seus crimes horríveis foram cometidos por puro prazer. Segundo Stone, esses seres – Ted [Bundy](#), John Wayne [Gacy](#) e [Moors Murderer](#) Ian Brady, entre outros – não podem ser diagnosticados de acordo com as categorias psiquiátricas usuais: narcisismo maligno, psicopatologia criminal, transtorno de personalidade antissocial etc. escolha racional de cometer crimes terríveis repetidas vezes”, diz Stone. “Eles são maus, e devemos ser capazes de dizer isso formalmente.”

Nem todos concordam. Alguns dos colegas de Stone acreditam que falar do mal cheira a superstição medieval. O conhecido psiquiatra forense Dr. Park Dietz, por exemplo, diz sobre os assassinos em série que “Até onde podemos dizer, as causas de seu comportamento são biológicas, psicológicas e sociais, e até agora não incluem o trabalho de Lúcifer.”

Outros, no entanto, estão do lado de Stone no que tem sido chamado de debate “louco ou ruim”. Esses especialistas forenses acreditam que apenas um conceito pode descrever adequadamente criaturas como Fred e Rose West, o [casal assassino britânico](#) que estuprou, torturou e assassinou uma série de jovens vítimas, incluindo vários de seus próprios filhos.

Mal, puro e simples.

E XCREMENTO

É difícil dizer qual das muitas [parafilias](#) praticadas por assassinos em série é a mais repugnante, embora a coprofagia – ou seja, obter prazer sexual ao comer fezes – esteja claramente no topo da lista. Escusado será dizer que este era o passatempo favorito do monstruosamente pervertido Albert [Fish](#). Durante o julgamento de Fish em 1935 pelo assassinato canibal da pequena Gracie Budd, seu advogado citou o gosto do velho por comer excremento humano como evidência de sua extrema anormalidade. A promotoria respondeu chamando um psiquiatra que insistiu que muitas “pessoas muito bem-sucedidas, artistas bem-sucedidos, professores bem-sucedidos, financistas bem-sucedidos” regularmente engajados na mesma atividade. Tais pessoas, ele declararam, estavam “socialmente bem” – um testemunho que deixou muitos espectadores se perguntando quem era mais louco, Fish ou a suposta testemunha especialista.

EXECUÇÕES

Nos velhos tempos – quando as execuções públicas eram uma forma importante de entretenimento popular – matar um serial killer era uma produção e tanto. Quando o assassino do século XV Sawney Beane foi finalmente levado à justiça, ele e todos os outros membros masculinos de seu clã canibal tiveram suas mãos e pernas cortadas. Em seguida, as mulheres foram jogadas em três fogueiras em chamas depois de serem forçadas a assistir seus homens sangrarem até a morte. Tudo isso, é claro, aconteceu diante de uma grande multidão de espectadores ansiosos. (Para mais detalhes sobre os Beanes bestiais, veja [Clãs](#).)

Cerca de um século depois, no final do século XVI, um serial killer alemão chamado Peter Stubbe cometeu atos tão indescritíveis que foi considerado um lobisomem literal. (Entre outras atrocidades, Stubbe assassinou seu próprio filho, depois abriu o crânio do menino e devorou seu cérebro.) Quando Stubbe foi finalmente preso, as autoridades aplicaram uma punição compatível com seus crimes. Depois de ser torturado no rack, ele foi quebrado no volante. Em seguida, pinças em brasa foram usadas para arrancar pedaços de sua carne, seus braços e pernas foram esmagados com uma cabeça de machado, e sua cabeça foi cortada e seu corpo incinerado.

Como todos sabem, é claro, vivemos em uma época muito menos bárbara. Hoje em dia, mesmo uma criatura como John Wayne [Gacy](#) acaba sendo tratada como um animal de estimação amado e doente – adormecido por injeção letal. Ainda assim, houve exceções. Sem surpresa, uma exceção particularmente desagradável ocorreu sob o regime mais bárbaro dos tempos modernos. Entre 1928 e 1943, um entregador de lavanderia alemão chamado Bruno Ludke assassinou até oitenta mulheres. Oficiais nazistas repetidamente atrapalharam a investigação, mas quando finalmente alcançaram Ludke, reagiram com a brutalidade característica. Ignorando os canais usuais, eles o enviaram para um “hospital de pesquisa” em Viena, onde ele foi usado como cobaia humana. Somente quando os médicos de tortura nazistas terminaram com ele, Ludke foi executado por injeção letal.

Claro, quando você está lidando com serial killers, nem sempre fica claro que matá-los é uma forma de punição. Alguns desses maníacos realmente

anseiam pela experiência. compatriota de Ludke, Peter [Kürten](#) — o “Monstro de Düsseldorf” — mal podia esperar para ser decapitado; o som de seu próprio sangue jorrando, ele afirmou, seria uma fonte de prazer supremo. O assassino de crianças americano Albert [Fish](#) parecia sentir o mesmo. Fish não era apenas um assassino sádico, mas também um masoquista de classe mundial, que gostava de enfiar agulhas de costura em sua virilha (entre outras formas extravagantes de auto-abuso). Quando Fish foi condenado à morte pelo selvagem assassinato de uma menina de doze anos, os jornais o citaram dizendo: “Que emoção será morrer na cadeira elétrica! Será a emoção suprema – a única que não experimentei!”



CONTOS DE FADAS _

Os contos de fadas podem ser ambientados na encantada terra do nunca de “Era uma vez”, mas também refletem as condições do mundo real dos camponeses europeus que originalmente os contaram. E a partir da evidência dessas histórias infantis supostamente encantadoras, esse mundo estava cheio de violência, brutalidade e o tipo de assassinos impiedosos que agora chamamos de assassinos em série.

Veja “O Noivo Ladrão”. A heroína deste conhecido conto dos Irmãos Grimm encontra-se noiva do líder de uma gangue de assassinos canibais que sequestram mulheres jovens, cortam-nas em pedaços, fervem as partes em uma grande chaleira e depois consomem a carne com generosas porções de sal.

Outro conto de Grimm, “Fitcher's Bird”, é um exemplo de uma tradição folclórica que os estudiosos chamam de narrativas de “câmara sangrenta”: histórias sobre mulheres jovens inocentes que descobrem que estão casadas com monstros quando entram em salas proibidas cheias de restos fétidos de seus vítimas anteriores dos maridos. O vilão de “Fitcher's Bird” é um assassino em série que mantém os cadáveres desmembrados de suas vítimas femininas em uma “grande bacia sangrenta” guardada em um quarto trancado. Quando sua última esposa entra no quarto e descobre seu terrível segredo, ele corta a cabeça dela, corta-a em pedaços, então “joga-a na bacia com o resto”.

Um dos mais famosos contos de fadas, “Chapeuzinho Vermelho”, é geralmente interpretado como um conto de advertência sobre os perigos reais que meninas desprotegidas enfrentam de predadores sexuais. Alguns

estudiosos acreditam que o grande lobo mau deve representar os “licantropos” da vida real – assassinos de mutilação em série que mataram com uma ferocidade tão selvagem que se pensava que fossem homens-lobos reais. O exemplo mais famoso foi Peter Stübbe, um assassino de luxúria alemão do século XVI que massacrou, desmembrou e canibalizou mais de uma dúzia de crianças, muitas vezes arrancando seus corações e comendo-as “arfando quentes e cruas”.

Em um de seus discos mais vendidos, Frank Sinatra canta: “Os contos de fadas podem se tornar realidade, podem acontecer com você”. Se você está familiarizado com as histórias dos Irmãos Grimm como “The Robber Bridegroom” e “Fitcher's Bird”, tudo o que você pode dizer é: “Espero que não”.

FAN CLUBS

Embora seja comum que assassinos em série - mesmo os mais repugnantes - atraiam [Groupies](#), poucos possuem apelo amplo o suficiente para gerar fãs-clubes. Uma exceção é Ed [Gein](#), o filho nativo mais notório de Wisconsin. Sem dúvida, por causa de seu status único como o psicopata mais influente desde [Jack, o Estripador](#), Gein - cujos crimes macabros inspiraram *Psicose*, *O Massacre da Serra Elétrica* e *O Silêncio dos Inocentes* - atraiu um número considerável de seguidores cult em todo o mundo.

Evidência do apelo de Gein é a existência do fãs-clubes oficial de Ed Gein, cujas informações podem ser encontradas no site www.evilnow.com. Por uma taxa modesta, os novos membros recebem um cartão, um distintivo e um copo adornado com a caneca de Ed, bem como ofertas com descontos especiais em itens colecionáveis como um suposto pedaço da lápide de Gein, uma amostra de sujeira de seu túmulo, e uma lápide esfregando.

Outra celebridade psicopata que sempre exerceu fascínio generalizado é o assustadoramente carismático Charles [Manson](#). A página da Web www.charlesmansonfanclub.com orgulhosamente oferece “o melhor em Charlie Manson Memorabilia”, de camisetas “Charlie Fan Club” a isqueiros Zippo estampados com um retrato do Manson da era hippie cercado pelo slogan: “Lembrem-se crianças, Charlie te ama”.

Desnecessário dizer que esses fã-clubes psicopatas – e as lembranças alegremente insípidas que eles vendem – inspiram profunda indignação em muitas pessoas. Para saber mais sobre o fenômeno que um crítico indignado chamou de “assassinato”, veja [Cards, Comics, and Collectibles](#).



Certificado oficial de membro do Ed Gein Fan Club e distintivo de lapela

(Cortesia de Damon Fox)

FANTASIA _

Embora às vezes relutemos em admitir (até para nós mesmos), todo mundo abriga pensamentos socialmente inaceitáveis — sonhos proibidos de sexo e violência. Há uma grande diferença, porém, entre as fantasias dos serial killers e as das pessoas comuns. Por um lado, os primeiros são muito mais doentes. Um cara comum pode se imaginar fazendo amor com uma supermodelo. O serial killer, por outro lado, pensará obsessivamente em algemá-la a uma parede e depois cortar seu corpo com uma faca de caça.

Há uma segunda diferença, ainda mais assustadora: ao contrário de uma pessoa normal (que pode ter um devaneio ocasional sobre, digamos, contratar um assassino para acabar com seu chefe), os serial killers não estão satisfeitos em *pensar* em comportamento tabu. Eles são compelidos a encenar suas fantasias – transformar suas imaginações mais sombrias em horrores da vida real.

As pessoas que crescem para ser assassinos em série começam a se entregar a fantasias de atividades sádicas em uma idade perturbadoramente jovem – às vezes aos sete ou oito anos. Enquanto seus colegas fingem ser

estrelas do esporte ou super-heróis, esses psicopatas incipientes já estão sonhando acordados com assassinatos e caos. Entrevistado na prisão após sua prisão, um serial killer explicou que, quando criança, passava tanto tempo sonhando acordado na aula que seus professores sempre anotavam isso em seus boletins. — E com o que você sonhou acordado? perguntou o entrevistador. Sua resposta: “Aniquilando toda a escola”.

Outro serial killer lembrou que seu jogo de faz de conta favorito quando menino era a “câmara de gás”, na qual ele fingia ser um prisioneiro condenado passando por uma execução agonizante. Fantasiar sobre uma morte lenta e dolorosa era uma fonte de intenso prazer de infância para esse psicopata iniciante.

Ao contrário de outras pessoas, o serial killer nunca supera suas fantasias de infância. Pelo contrário. Cortado das relações humanas normais, ele afunda cada vez mais em seu mundo privado de imaginações grotescas. Do lado de fora, ele pode parecer perfeitamente bem ajustado - um trabalhador esforçado, bom vizinho e cidadão sólido em todos os aspectos. Mas o tempo todo, sonhos bizarros e encharcados de sangue estão correndo soltos dentro de sua cabeça.

Como os psicopatas não têm as restrições internas que impedem as pessoas normais de realizar seus desejos ocultos, não há nada que impeça um serial killer de tentar realizar seus sonhos mais sombrios. Eventualmente, é exatamente isso que acontece. Suas fantasias pervertidas de dominação, degradação e tortura tornam-se o combustível que põe seus crimes em movimento. Por esta razão, o ex -agente [do FBI](#) Robert K. Ressler – o homem que popularizou o termo “serial killer” – insiste que não é abuso infantil ou trauma precoce que transforma as pessoas em serial killers. São os sonhos deles.

Como Ressler coloca, criaturas como Ted [Bundy](#), John Wayne [Gacy](#) e seus semelhantes são “motivados a matar por suas fantasias”.

FBI

Os G-men de J. Edgar Hoover ganharam sua reputação lutando contra bandidos da era da Depressão como John Dillinger e Pretty Boy Floyd. Mas comparados com os assassinos em série de hoje, aqueles bandidos armados

de metralhadoras de outrora parecem quase pitorescos. Para combater a crescente ameaça de violência aleatória na América, o Bureau teve que criar novas técnicas sofisticadas de combate ao crime.

A partir do final da década de 1970, agentes da Unidade de Ciência Comportamental do FBI (BSU), com sede na Academia de Treinamento do Bureau na base marinha de Quantico, no leste da Virgínia, embarcaram no Projeto de Pesquisa de Personalidade Criminal - um esforço ambicioso para investigar as mentes de assassinos. Viajando para prisões nos Estados Unidos, esses agentes (cujos feitos forenses foram imortalizados no filme de grande sucesso *O Silêncio dos Inocentes*) entrevistaram quase quarenta das figuras mais notórias da América, incluindo Ed [Gein](#), Charles [Manson](#), Richard [Speck](#), David [Berkowitz](#), John Wayne [Gacy](#) e Ted [Bundy](#). Lisonjados com a atenção do Bureau, a maioria desses assassinos ficou feliz em conversar sobre si mesmos. Os insights obtidos com esta pesquisa permitiram à BSU conceber um método revolucionário de “perfil de personalidade criminosa” que provou ser uma nova arma importante na luta contra crimes violentos (ver [Perfil](#)).

Com os assassinatos em série se multiplicando a um ritmo alarmante, o FBI percebeu a necessidade de uma câmara de compensação nacional que prestasse assistência aos policiais de todo o país em seus esforços para resolver os assassinatos mais monstruosos e desconcertantes. O resultado foi a criação do Centro Nacional de Análise de Crimes Violentos (NCAVC), projetado com o propósito expresso (como Ronald Reagan colocou quando anunciou sua criação em junho de 1984) de “identificar e rastrear assassinos repetidos”. Administrado pela Unidade de Ciências Comportamentais, o NCAVC não apenas oferece seu serviço de perfis criminais para agências policiais frustradas em todo o país, mas também atua como o principal centro de recursos do mundo para a perseguição e captura de assassinos em série.

Além do perfil, a arma mais poderosa no arsenal do NCAVC é o Programa de Apreensão de Criminosos Violentos (VICAP), criação de um ex-detetive de homicídios de Los Angeles chamado Pierce Brooks. No final da década de 1950, Brooks estava investigando um assassinato brutal que parecia ser obra de um assassino veterano que continuava em movimento. Tendo chegado a um beco sem saída em sua investigação, Brooks decidiu

FD-1156a (11-86)
GPO No. 74-200

U.S. Department of Justice
Federal Bureau of Investigation



VICAP
Crime Analysis Report

VICAP NCAVC BILM 43071, Quantico, VA, U.S. (270944-2)

REVENUE SERVICE OF THE ANNUALS OF VICTIMS OF CRIME

Percebendo a necessidade de uma maneira mais eficiente de rastrear a crescente população americana de assassinos indescritíveis e altamente móveis, Brooks surgiu com o conceito de uma rede nacional computadorizada projetada para reunir e fornecer pistas sobre milhares de crimes não resolvidos. Como resultado dos esforços de Brooks, o VICAP finalmente se tornou operacional em 1985.



Contos do “Esquadrão Psique”

Dois membros fundadores do NCAVC — Robert K. Ressler e John Douglas — publicaram relatos emocionantes de suas experiências. Os leitores interessados em aprender mais sobre a equipe de crack do Bureau de perfis de personalidade criminosa (também conhecido como “Psyche Squad”) não devem deixar de conferir *Quem Luta contra Monstros*, de Robert K. Ressler e Tom Schachtman (Nova York: Simon & Schuster, 1992) e *Mindhunter: Inside the FBI's Elite Serial Crime Unit* por John Douglas e Mark Olshaker (New York: A Lisa Drew Book/Scribner, 1995). Também recomendado: *Who Killed Precious? de H. Paul Jeffers?* (Nova York: St. Martin's, 1992), uma visão animada dos bastidores da história e das operações da Unidade de Ciência Comportamental do FBI, e *The Evil That Men Do*, de Stephen G. Michaud (New York: St. Martin's, 1999), que detalha a carreira de Roy Hazelwood, outro perfilador pioneiro e cofundador da VICAP

OBJETOS DE FETISH

Veja [Troféus](#).



Alberto Peixe

Albert Fish tem sido chamado de “bicho-papão da América” – e por boas razões. Um ogro canibal disfarçado de um velho gentil, ele era o pior pesadelo de todos os pais: um demônio que atraiu crianças para a destruição com a promessa de um presente.

O crime que trouxe Fish à atenção do público foi o sequestro e assassinato em 1928 de uma linda garota de doze anos chamada Grace Budd. Depois de fazer amizade com seus pais, Fish inventou uma mentira diabólica. Ele disse que sua sobrinha estava dando uma festa de aniversário

e perguntou se Grace gostaria de ir. O Sr. e a Sra. Budd — que não tinham como saber que o velho avô era um monstro — concordaram.

Vestida com suas melhores roupas de domingo, a garotinha confiante saiu com Fish, que a levou para uma casa isolada em um subúrbio ao norte de Nova York. Lá, ele a estrangulou, massacrou seu corpo e carregou vários quilos de sua carne. De volta aos seus aposentos, ele transformou sua “carne” (como ele a chamava) em um ensopado canibal, completo com cenouras, cebolas e tiras de bacon. Ele passou os nove dias seguintes trancado em seu quarto, saboreando essa refeição profana e se masturbando compulsivamente.

Nos seis anos seguintes, Fish permaneceu foragido, mas durante todo esse tempo ele foi perseguido obstinadamente por um detetive de Nova York chamado William King, que fez do caso Grace Budd sua cruzada pessoal. Mesmo assim, Peixe provavelmente teria se safado do crime se não fosse por seus próprios demônios internos. Em 1934, ele se sentiu compelido a enviar à Sra. Budd uma das [cartas mais doentias](#) já escritas. No final, King conseguiu rastrear sua presa através do papel timbrado que Fish havia usado.



ALBERT FISH

Alberto Peixe; de True Crime Trading Cards Série Dois: Assassinos em Série e Assassinatos em Massa; arte de Jon Bright

(Cortesia de Jon Bright e Valarie Jones)

Uma vez que Fish estava sob custódia, as autoridades rapidamente perceberam que tinham em suas mãos um assassino de depravação inimaginável, alguém que passou a vida inteira infligindo dor – a si mesmo e aos outros. Como vários assassinos em série, Fish era um maníaco religioso e se submeteu a formas grotescas de tortura como penitência por seus pecados - flagelando-se com tiras de couro e pás cravejadas de pregos, comendo seu próprio excremento, enfiando agulhas de costura em sua boca virilha. As crianças que ele mutilou e assassinou eram, aos seus olhos dementes, ofertas de sacrifício ao Senhor. O renomado psiquiatra da cidade de Nova York, Dr. Frederic Wertham – que foi chamado pela defesa para examinar Fish – declarou que o velho havia praticado “todas as perversões sexuais conhecidas”, bem como algumas das quais ninguém jamais ouvira falar (entre seus prazeres grotescos, Fish gostava de inserir hastes de rosa em sua uretra). Raios-X de sua região pélvica tiradas na prisão revelaram que havia vinte e nove agulhas alojadas em torno de sua bexiga.

Embora o júri em seu julgamento de 1935 tenha reconhecido que ele era louco, eles acreditavam que ele deveria ser eletrocutado de qualquer maneira. Depois de receber a sentença de morte, o velho bizarro teria exclamado: “Que emoção será ser morrer na cadeira elétrica! Será a emoção suprema – a única que não experimentei!”

Em 16 de janeiro de 1936, Fish, de 65 anos, foi para a cadeira — o homem mais velho já morto em Sing Sing.

F OLIE À D EUX

O massacre de Columbine teria ocorrido se Eric Harris nunca tivesse conhecido Dylan Klebold? Será que Nathan Leopold teria tentado a “matança emocionante” sem o incentivo de Richard Loeb? Em ambos os casos, a resposta é: é possível, mas altamente improvável. Casos como esses – em que dois indivíduos se incitam a atos insanos de violência que nenhum deles, individualmente, ousaria cometer por conta própria – são exemplos de um fenômeno que os psiquiatras chamam de *folie à deux*: uma loucura compartilhada por duas pessoas (também conhecido como “loucura dupla”, “loucura recíproca” ou “loucura em pares”).

Nem todos os criminosos presos em uma *folie à deux* são assassinos em série. Alguns, como Klebold e Harris, são assassinos em massa. Outros, como Leopold e Loeb, cometem um único ato espetacular de violência gratuita.

Por outro lado, nem todos os serial killers que operam em pares estão nas garras de uma *folie à deux*. Henry Lee [Lucas](#) e o indescritível Ottis Toole, por exemplo, se uniram por um tempo, mas cada um já era um serial killer confirmado. Uma verdadeira *folie à deux* envolve duas pessoas que, separadamente, podem sonhar acordadas com um assassinato, mas nunca teriam coragem de cometê-lo. Somente quando eles formam um vínculo com outra personalidade igualmente tóxica eles mergulham em um comportamento homicida completo.

Entre as mais notórias dessas parcerias perniciosas estão Leonard Lake e Charles Ng, dois sádicos descontroladamente cruéis que estupraram, torturaram e assassinaram uma série de vítimas em um bunker de concreto especialmente projetado no norte da Califórnia durante o início dos anos 1980; Lawrence Bittaker e Roy Norris, outra dupla mortal da Califórnia que sequestrou e matou meia dúzia de adolescentes em uma van personalizada que apelidaram de “Murder Mack”; e os “[Estranguladores da Encosta](#)”.

Um número significativo de *folies à deux* envolve casais masculino-feminino. Dentro Em casos como esses, geralmente é o homem que instiga os crimes e a mulher que serve como sua cúmplice voluntária, até mesmo ansiosa. Para saber mais sobre esse fenômeno, veja [Killer Couples](#).

ESTRANGEIROS _

Os Estados Unidos podem não ser mais o maior fabricante mundial de carros, câmeras e TVs coloridas, mas ainda estamos muito à frente quando se trata de assassinos em série. Não só os produzimos em quantidade muito maior do que qualquer outra nação civilizada, como também produzimos a maioria dos psicopatas de grande nome do final do século XX: [Manson](#), [Bundy](#), [Gacy](#) et al. Ainda assim, seria o cúmulo do chauvinismo acreditar que os Estados Unidos da América são o único país capaz de criar maníacos sexuais homicidas.

Desde os dias de [Jack, o Estripador](#), a Grã-Bretanha tem sido o lar de muitos assassinos em série (veja [Estripadores](#)). Somente nas últimas décadas, a “ilha abençoada” de Shakespeare produziu vários psicopatas de classe mundial, incluindo os indescritivelmente hediondos Fred e Rosemary West (veja [Killer Couples](#)) e o Dr. Harold Shipman, um dos serial killers mais prolíficos da história. (ver [Registros](#)). A França também produziu seu quinhão – de Joseph [Vacher](#) ao Dr. Marcel [Petiot](#) e Thierry Paulin (o “Monstro de Montmartre”, que assassinou pelo menos vinte velhinhas em meados da década de 1980). Alguns dos assassinos de luxúria mais monstruosos da história, incluindo Peter [Kürten](#) e Fritz [Haarmann](#), nasceram e foram criados na Alemanha. Entre os maníacos homicidas italianos, uma menção especial deve ser feita ao “Monstro de Florença”, um assassino sexualmente sádico [de Lovers' Lane](#) que atacava principalmente jovens casais nas décadas de 1970 e 1980. Até a Bélgica, o último lugar na Terra onde você esperaria encontrar assassinos em série, acabou produzindo alguns espécimes assustadores. Na década de 1930, por exemplo, uma envenenadora em série chamada Marie Becker derrubou uma dúzia de pessoas (Becker tinha um talento especial para descrições pitorescas. Durante seu julgamento, ela disse ao juiz que uma de suas vítimas femininas parecia “um anjo engasgado com chucrute”). Mais recentemente, um pedófilo belga, Marc Dutroux, esteve no centro de um escândalo envolvendo sequestro de crianças e assassinato em série.

Com todos esses assassinos na Europa Ocidental (para não falar dos EUA), o assassinato em série pode ser visto como um sintoma da decadência capitalista? Isso é certamente o que as autoridades soviéticas costumavam alegar. Sua posição foi um pouco prejudicada, no entanto, quando as vítimas de Andrei [Chikatilo](#), a “Besta de Rostov”, começou a se acumular. Nem um sistema social comunista impediu a China de produzir pelo menos um notório assassino sexual, Lu Wenxian, também conhecido como o “Estripador de Guangzhou”, responsável por treze assassinatos de mutilação no início dos anos 1990. Há motivos para suspeitar que houve outros assassinos em série na China, embora seja improvável que o mundo algum dia ouça sobre seus crimes, já que esse não é o tipo de notícia que uma mídia controlada pelo Estado tende a divulgar.

Para um país tão escassamente povoado, a Austrália produziu um número surpreendente de assassinos em série, incluindo “Granny Killer” John Wayne Glover, Edward Leonski (também conhecido como “Singing Strangler”) e William McDonald, o “Sydney Mutilator”. A América do Sul pode reivindicar ter produzido o terrivelmente prolífico Pedro Lopez, o “Monstro dos Andes”, responsável pela morte de até trezentas meninas no Equador, Colômbia e Peru.

Na África do Sul, um ex-presidiário de fala mansa chamado Morris Sithole matou 38 jovens entre janeiro e outubro de 1995, um caso que recebeu atenção internacional, principalmente depois que o “caçador de mentes” [do FBI Robert Ressler foi trazido como consultor.](#) Os japoneses se orgulham da segurança de sua sociedade, mas durante a década de 1940, um ex-oficial da marinha chamado Yoshio Kodaira confessou o estupro e assassinato de sete mulheres. Mais recentemente, o país foi abalado pelo caso do “Kobe School Killer”, um psicopata menor de idade que colocou a cabeça decepada de um menino de onze anos na entrada de uma escola secundária, junto com um bilhete de provocação enfiado em boca da vítima.

Da Noruega à Nova Zelândia, de Portugal ao Paquistão, o assassinato em série é claramente um fenômeno internacional. Parafraseando a música, é um mundo terrível, afinal.



A aranha iraniana

Aqui está um enigma filosófico: o assassinato em série é um crime se o perpetrador vive em uma sociedade onde as pessoas toleram – até aplaudem – seu comportamento? Essa foi a questão em torno do caso do assassino sexual iraniano Saeed Hanaei.

Por mais de um ano, o operário de 35 anos percorreu as ruas da cidade sagrada de Mashhad, atraindo dezesseis prostitutas para sua casa. Lá, onde foram estrangulados com seus lenços, depois envolvidos em seus xadores pretos e jogados à beira da estrada ou em esgotos a céu aberto. Preso em julho de 2001, Hanaei – conhecido como a “Aranha” por sua habilidade em capturar vítimas – não demonstrou nenhum remorso. Pelo contrário, ele se

orgulhava positivamente de seus crimes, descrevendo-se como um santo cruzado contra o pecado e a corrupção. “Percebi que Deus olhou favoravelmente para mim, que ele havia notado meu trabalho”, proclamou Hanaei, que se descreveu como um “ativista anti-streetwalker”.

Com certeza, outros “assassinos meretrizes” sentiram que estavam fazendo a obra de Deus. O “ [Estripador de Yorkshire](#)”, Peter Sutcliffe, por exemplo, acreditava que estava “apenas limpando as ruas” matando prostitutas. E o assassino de luxúria alemão, Heinrich Pommerencke foi inspirado a sair e massacrar mulheres “pecadoras” depois de assistir a sequência do Bezerro de Ouro em *Os Dez Mandamentos de Cecil B. DeMille*.

Nas nações ocidentais, no entanto, esses psicopatas tendem a não receber apoio amplo e entusiástico para seus atos malévolos de misoginia. O caso foi diferente no Irã, onde Hanaei se tornou um herói popular para os religiosos da linha dura, que se uniram em sua defesa, argumentando que suas vítimas eram um “desperdício de sangue” e que, ao descartá-las, Hanaei estava apenas obedecendo à lei islâmica.

Seu apoio diminuiu apenas depois que Hanaei revelou que havia feito sexo com as mulheres antes de matá-las. Ele foi para a forca em abril de 2002, convencido até o fim de que seus aliados ideológicos interviriam no último minuto e o salvariam.

O caso de Hanaei é o tema do fascinante documentário de 2002 de Maziar Bahari, *And Along Came a Spider*, que explora seus crimes no contexto de uma sociedade amargamente dividida entre o fundamentalismo e a reforma.



Jack, o Estripador, era realmente um ianque?

Esqueça Shakespeare, Churchill e os Beatles. No que diz respeito aos aficionados do crime, o inglês mais importante de todos os tempos foi [Jack, o Estripador](#). Há apenas um problema com essa crença. De acordo com

um par de escritores chamados Stewart Evans e Paul Gainey, Saucy Jack era realmente um americano!

Em seu livro de 1995, *The Lodger: The Arrest and Escape of Jack the Ripper*, Evans e Gainey argumentam que o lendário “Monstro de Whitechapel” foi na verdade, um charlatão irlandês-americano, Dr. Francis Tumberty. Uma personalidade bizarra que já havia sido presa pelo assassinato de Abraham Lincoln, Tumberty era um odiador de mulheres confesso. Ele desenvolveu um rancor contra o sexo oposto depois de descobrir que sua esposa estava fazendo bico como prostituta. Entre suas outras excentricidades, ele mantinha uma coleção pessoal de órgãos femininos preservados, que gostava de exibir para seus convidados durante os jantares.

Enquanto residia em Londres no final da década de 1880, Tumberty tornou-se o principal suspeito dos crimes do Estripador. Preso em meados de novembro de 1888 - poucos dias depois do que acabou sendo o último dos assassinatos de Whitechapel - ele foi detido por uma semana antes de ser resgatado por funcionários leais. Embarcando em um navio a vapor de volta para os Estados Unidos, ele se escondeu em seu apartamento em Manhattan e depois desapareceu novamente com os inspetores da Scotland Yard ainda em seu encalço. Não muito tempo depois, uma série de terríveis assassinatos de prostitutas - idênticos em método aos assassinatos de Whitechapel - ocorreram na Jamaica e mais tarde em Manágua, Nicarágua. Evans e Gainey acreditam que Tumberty foi o responsável, tornando-o “o primeiro serial killer viajante do mundo”.



John Wayne Gacy



John Wayne Gacy; dos Assassinos! conjunto de cartas

(Cortesia de Roger Worsham)

John Wayne Gacy era um homem de muitas máscaras. Havia a máscara da masculinidade. Para fazer jus ao nome de dois punhos dado por seu pai tirânico, Gacy cultivou um ar rude e arrogante. Havia a máscara da respeitabilidade da classe média, simbolizada por sua casa arrumada em estilo rancho em um subúrbio de Chicago. Ele até usava uma máscara literal, disfarçando-se como um palhaço sorridente chamado Pogo para entreter crianças hospitalizadas.

Mas Gacy era um dos sociopatas mais monstruosamente divididos nos anais do crime, e suas máscaras escondiam uma realidade hedionda. Por

baixo de sua persona de “homem de homem”, ele era um homossexual atormentado e autodepreciativo que atacava jovens do sexo masculino. Sob o rosto sorridente, ele era um sádico malicioso e implacável. Sob o espaço sob o soalho de sua casa suburbana, mais de duas dúzias de cadáveres mofavam no lodo.

Criado por um pai alcoólatra abusivo - que passava grande parte do tempo ridicularizando seu filho como um maricas - Gacy cresceu para ser um hipocondríaco rechonchudo cujos impulsos homossexuais eram uma fonte de auto-ódio profundo. Ele também possuía uma personalidade terrivelmente anti-social.

Por muito tempo, no entanto, ele conseguiu esconder seu verdadeiro caráter sob o verniz de um ambicioso empresário da América Central. Aos 22 anos, ele era um homem e pai casado, um membro altamente respeitado da Câmara de Comércio Júnior e o gerente bem-sucedido de uma loja Kentucky Fried Chicken em Waterloo, Iowa. Mas ele também estava levando uma vida secreta como sedutor e molestador de jovens do sexo masculino. Em 1968, depois de ser preso sob a acusação de sodomia, foi condenado a dez anos de prisão, embora tenha provado ser um prisioneiro tão exemplar que conseguiu liberdade condicional depois de apenas dezoito meses.

Gacy - cuja primeira esposa havia se divorciado dele no dia de sua sentença - mudou-se para Chicago, onde logo se restabeleceu como um aparente pilar da comunidade, casando-se novamente, iniciando um próspero negócio de contratação, tornando-se ativo na política local (em certa ocasião, ele foi fotografado apertando a mão da primeira-dama Rosalynn Carter). Em pouco tempo, no entanto, seus impulsos mais sombrios se reafirmaram - desta vez de uma forma ainda mais medonha. Ele se tornou um predador humano que torturou e assassinou seus jovens machos para seu próprio prazer depravado.

Percorrendo as ruas em busca de traficantes, vagabundos e fugitivos, Gacy (que às vezes os coagia a entrar em seu carro se passando por policial à paisana) os trazia de volta para sua casa. Lá, ele os algemava e os sujeitava a horas de estupro e tortura antes de estrangulá-los lentamente. Seus corpos acabariam no espaço de rastreamento de sua casa.

Em 1978, a polícia finalmente voltou suas atenções para o empreiteiro de mentalidade cívica quando um adolescente sumiu de vista depois de dizer a amigos que estava indo ver Gacy sobre um trabalho. Investigando o passado de Gacy, a polícia descobriu registros de seus crimes sexuais anteriores. Na lama fétida de seu espaço sob o soalho, eles exumaram os restos em decomposição de vinte e sete vítimas. Gacy enterrou mais dois em outro lugar em sua propriedade e jogou outros quatro cadáveres em um rio próximo, elevando o número de suas vítimas para trinta e três.

A princípio, Gacy sustentou que ele era vítima de transtorno de personalidade múltipla e que suas atrocidades eram na verdade obra de um alter ego maligno chamado Jack. Mas o estratagema não funcionou. Ele foi condenado à morte em 1980. Após quatorze anos no corredor da morte, o “Palhaço Assassino” foi finalmente executado por injeção letal.



Edward Gein



Borda em

(AP/Fotos do mundo inteiro)

Se um serial killer é definido como alguém que mata pelo menos três vítimas durante um longo período de tempo, então – estritamente falando – Edward Gein não era um serial killer, já que ele parece ter assassinado não mais que duas mulheres. E, no entanto, seus crimes foram tão grotescos e terríveis que assombraram a América por quase quarenta anos.

Gein foi criado por uma mãe fanática e dominadora que reclamava incessantemente sobre a natureza pecaminosa de seu próprio sexo. Quando ela morreu em 1945, seu filho era um solteirão de 39 anos, ainda emocionalmente escravizado pela mulher que havia tiranizado sua vida. Embarcando o quarto dela, ele o preservou como se fosse um santuário. O resto da casa, no entanto, logo degenerou em ruínas de um louco.

Quando Gein não estava ganhando a vida fazendo biscates para os vizinhos, ele passava suas horas solitárias debruçando-se sobre as lúgubres matérias de revistas sobre operações de mudança de sexo, caçadores de cabeças dos Mares do Sul e atrocidades nazistas. Suas próprias atrocidades começaram alguns anos após a morte de sua mãe. Impulsionado por sua solidão desesperada - e psicose crescente - ele começou a fazer incursões noturnas em cemitérios locais, desenterrando os corpos de mulheres de meia-idade e trazendo-os de volta para sua remota casa de fazenda. Em 1954, ele aumentou suas atividades necrófilas com assassinato, atirando em uma taberna local chamada Mary Hogan e fugindo com seu cadáver de 100 quilos. Três anos depois — no primeiro dia da temporada de caça, em 1957 — ele matou outra mulher local, uma avó de 58 anos que era dona da loja de ferragens do vilarejo.



Ed Gein exumando um cadáver; arte de Chris Pelletiere

A suspeita imediatamente caiu sobre Gein, que estava rondando a loja nos últimos dias. Invadindo sua cozinha de verão, a polícia descobriu o cadáver sem cabeça e eviscerado da vítima suspenso de cabeça para baixo em uma viga como um animal de caça vestido. Dentro da própria casa, o Pesquisadores atordoados descobriram uma grande variedade de artefatos indescritíveis – cadeiras estofadas com pele humana, tigelas de sopa feitas de crânios, uma caixa de sapatos cheia de genitália feminina, rostos cheios de jornais e montados como troféus de caça nas paredes e um “colete mamário” esfolado de o tronco de uma mulher. Gein mais tarde confessou que gostava de se vestir com esta e outras roupas de pele humana e fingir que era sua própria mãe.

A descoberta desses horrores góticos enviou ondas de choque por toda a América da era Eisenhower. No próprio Wisconsin, Gein rapidamente entrou no folclore local. Poucas semanas após sua prisão, [piadas macabras](#) chamadas “Giners” se tornaram uma mania em todo o estado. O país como um todo soube de Gein em dezembro de 1957, quando as revistas *Life* e *Time* publicaram matérias sobre sua “casa dos horrores”.

Depois de dez anos em um hospital psiquiátrico, Gein foi julgado competente para ser julgado. Ele foi considerado culpado, mas insano e

institucionalizado pelo resto de sua vida, morrendo de câncer em 1984.

Até então, no entanto, Gein já havia alcançado a imortalidade pop, graças ao escritor de terror Robert [Bloch](#), que teve a ideia inspirada de criar um personagem fictício baseado em Gein – um filho da mãe perturbado chamado Norman Bates. Em 1960, Alfred Hitchcock transformou o chiller de Bloch, *Psycho*, em uma obra-prima cinematográfica. Na medida em que *Psycho* iniciou a mania por filmes “slasher”, Gein é reverenciado pelos fãs de terror como o “Avô de Gore”, o protótipo de todo maníaco empunhando facas, machados e cutelos que perseguiu as telas de cinema da América no passado. trinta anos.



Ed Gein, Superstar

Os crimes macabros de Ed Gein serviram de inspiração para os três filmes mais aterrorizantes dos últimos trinta anos: *Psicose*, *O Massacre da Serra Elétrica* e *O Silêncio dos Inocentes*.

Embora Robert [Bloch](#), o autor original de *Psicose*, insistisse que seu livro não era simplesmente uma versão ficcional dos crimes de Gein, seu personagem imortal, Norman Bates, foi claramente inspirado por Gein. (De fato, no romance original de Bloch, o próprio Norman aponta os paralelos entre seus próprios crimes e os de Gein.)



Borda em; de *True Crime Trading Cards Série Dois: Assassinos em Série e Assassinatos em Massa*; arte de Jon Bright

(Cortesia de Jon Bright e Valarie Jones)

Tobe Hooper, o diretor de *O Massacre da Serra Elétrica*, supostamente ouviu histórias sobre Gein de parentes do Meio-Oeste e cresceu assombrado por essas histórias. Em seu clássico splatter-movie, o personagem inspirado em Gein não é um dono de motel bem-educado com uma dupla personalidade, mas um hulk bestial chamado Leatherface, que ostenta uma máscara feita de carne humana seca.

Thomas Harris pesquisou os arquivos do [FBI](#) sobre Gein antes de criar seu serial killer fictício Jame Gumb (também conhecido como “Buffalo Bill”), um aspirante a transexual que tenta fazer um terno com os torsos esfolados de suas vítimas. A versão cinematográfica vencedora do Oscar de Jonathan Demme baseou-se no livro *Deviant: The Shocking True Story of the Original “Psycho”* de Harold Schechter para criar o visual esquálido da casa de Gumb inspirada em Gein.

Psycho, *Chainsaw* e *Silence* tomam liberdades consideráveis com a história de Gein. O filme que mais se aproxima dos fatos é um choque de baixo orçamento de 1974 chamado *Deranged*, que desenvolveu um grande culto de seguidores entre os fãs de terror. Algumas versões em vídeo de

Deranged são prefaciadas por um breve documentário sobre Gein chamado *A Nice Quiet Man*, que inclui a única filmagem conhecida de alguns de seus horríveis artefatos de carne humana.

G RAVE R OBBING

Veja [Necrofilia](#).

“Cada homem ao seu gosto. O meu é para cadáveres.”

H ENRI B LOTE

G ROUPIAS

A fama pode ser um poderoso afrodisíaco — mesmo quando uma pessoa é famosa por cometer assassinatos em série. Assassinos de celebridades atraem groupies há pelo menos um século. Durante um período de dez dias em 1895, um belo estudante de medicina de São Francisco e professor de escola dominical chamado Theo Durrant - o Ted [Bundy](#) de sua época - atraiu duas jovens para uma igreja vazia, depois as assassinou e estuprou seus cadáveres, deixando um corpo dentro da biblioteca da igreja, o outro no campanário. O julgamento de Durrant foi uma sensação nacional, exercendo um fascínio mórbido nas pessoas de costa a costa. Uma jovem chamada Rosalind Bowers, no entanto, levava seu fascínio ao que a maioria dos observadores considerava um extremo indecoroso. Praticamente todos os dias do julgamento, a delicada senhorita Bowers apareceu no tribunal com um buquê de flores de ervilha, que ela apresentou ao “Demônio do Campanário” como um gesto de apoio. Em pouco tempo, a senhorita Bowers ganhou uma medida de celebridade, sendo apelidada pelos jornais de “Sweet Pea Girl”.

No século desde o caso Durrant, assassinos em série de alto nível continuaram a atrair quase tantas groupies quanto estrelas do rock. Enquanto alguns desses assassinos possuem um certo charme superficial (como Bundy), outros têm sido seriamente repelentes (John Wayne [Gacy](#), por exemplo) ou simplesmente bizarros (como Richard, o “Perseguidor Noturno” [Ramirez](#)). Mas não importa quão repugnante ou grotesco seja o assassino, sempre houve mulheres que o consideraram um barco dos sonhos. Até mesmo Ed [Gein](#) — um necrófilo de meia-idade estúpido com o

magnetismo sexual aproximado de Gomer Pyle — recebia cartas frequentes de mulheres implorando por mechas de seu cabelo.

Um dos exemplos mais surpreendentes desse estranho fenômeno erótico veio à tona apenas recentemente com a publicação do livro *Love Letters to Adolf Hitler*, selecionado da coleção de um homem chamado William Emker. Pouco depois do fim da Segunda Guerra Mundial, Emker — então um oficial do Exército dos EUA — estava vasculhando o quartel-general bombardeado de Hitler quando se deparou com um monte de cartas escritas ao Führer por admiradoras. “Amor mais doce”, começa uma carta típica, “o favorito do meu coração, meu mais querido, meu mais verdadeiro e mais quente amado. Eu poderia te beijar mil vezes e ainda não estar satisfeito. Meu amor por você é infinito, tão terno, tão quente e tão completo.” Emker encontrou milhares de missivas como esta, endereçadas a “Meu querido e doce Adolf”, “Meu amado Führer” ou às vezes simplesmente “Querido Adi”. O fato de que o maior [assassino em massa](#) do século XX pudesse estimular essas fantasias superaquecidas apenas confirma o ponto inquietante: há algo nos monstros que apenas excita certas mulheres.



Fritz Haarmann

Um dos mais infames assassinos de luxúria do século XX, Haarmann nasceu em um casal da classe trabalhadora em Hanover, Alemanha, em 1879. Ele era uma criança mal-humorada e de raciocínio lento cujo passatempo favorito era se vestir como uma menina. Aos dezessete anos, ele foi internado em um asilo depois de ser preso por molestar crianças. Seis meses depois, ele fugiu para a Suíça e voltou para Hanover.

Por um tempo, ele tentou levar uma vida respeitável, aceitando um emprego em uma fábrica de charutos, ficando noivo de uma jovem. Mas esse período de relativa normalidade não durou. Abandonando sua noiva, ele fugiu e se juntou ao exército. Quando ele voltou para Hanover em 1903, ele se lançou em uma vida de pequenos crimes. Ao longo de seus vinte anos, ele estava dentro e fora da prisão por crimes que variavam de ser um batedor de carteiras a roubo. Ele passou a Primeira Guerra Mundial atrás das grades.

Libertado em 1918, ele voltou para sua cidade natal e se juntou a uma rede de contrabando do pós-guerra que traficava, entre outras coisas, carne bovina do mercado negro. Ele também serviu como pombo de fezes da polícia, uma atividade paralela que lhe deu proteção para suas atividades ilícitas. Em 1919, no entanto, depois de ser pego na cama com um menino, Haarmann foi enviado de volta para a prisão.

Foi depois de sua libertação, nove meses depois, que Haarmann começou sua carreira de depravação sem paralelo. Vivendo no obscuro bairro antigo de Hanover, ele caiu sob a escravidão de uma prostituta homossexual chamada Hans Grans. Juntos, os dois começaram a atacar os jovens refugiados do sexo masculino que estavam inundando a cidade devastada pela guerra. Embora Haarmann tenha sido acusado de vinte e sete assassinatos, parece provável que ele tenha sido responsável por até cinquenta. O método que empregava para matar suas vítimas era sempre o mesmo.

Depois de atrair o menino faminto para seu quarto, Haarmann o alimentava com uma refeição, depois o dominava (muitas vezes com a ajuda de Vovó) e caía sobre a garganta do menino, mastigando a carne até que quase separasse a cabeça do corpo. Geralmente, ele experimentava um clímax sexual enquanto batia no menino.

Depois, Haarmann e Grans massacravam o corpo e descartavam a carne vendendo-a como carne do mercado negro. As roupas da vítima também seriam vendidas, e as partes não comestíveis do corpo jogadas em um canal.



Fritz Haarmann; de cartões comerciais *Bloody Visions*

(© & ™ 1995 MH Price e Shel-Tone Publications. Todos os direitos reservados.)

À medida que o número de meninos desaparecidos aumentava, a suspeita da polícia começou a recair sobre Haarmann. Uma mulher que havia comprado um de seus “bifes” no mercado negro convenceu-se de que era carne humana e o entregou à polícia. No verão de 1924, vários crânios e um saco cheio de ossos foram encontrados nas margens do canal. Procurando nos quartos de Haarmann, detetives descobriram pacotes de roupas de meninos. O filho da senhoria estava usando um casaco — dado a ele por Haarmann — que pertencia a um dos meninos desaparecidos.

No final, Haarmann confessou. Ele foi julgado em 1924, considerado culpado e condenado à morte. Enquanto aguardava a execução, o “Vampiro de Hanôver” (como fora apelidado pela imprensa) produziu uma confissão escrita na qual descrevia, com indisfarçável prazer, o prazer que havia obtido com suas atrocidades. A seu próprio pedido, ele foi decapitado com uma espada no mercado da cidade. Depois, seu cérebro foi removido de seu crânio e enviado para a Universidade de Goettingen para estudo. Infelizmente, nada resultou desse esforço. Setenta anos depois, a ciência ainda não está mais perto de compreender o mal de monstros como Fritz Haarmann.

O ator Götz George apresenta uma performance assustadoramente persuasiva como Haarmann no filme de arte alemão de 1995 *Der Totmacher (O Matador)*. Com um roteiro baseado nas transcrições reais das entrevistas psiquiátricas de Haarmann, o filme (disponível em DVD) é confinado inteiramente a uma sala de interrogatório onde, pouco antes de sua execução, o assassino da luxúria de olhos arregalados está sendo examinado por um psiquiatra impassível. Enquanto Haarmann zomba, reclama, choraminga e se gaba, surge um retrato aterrorizante de loucura homicida. Não procure ação em ritmo acelerado ou gore hardcore. O filme é só conversa, embora de um tipo absolutamente convincente. Acho que *meu jantar com André* encontra *O Silêncio dos Inocentes*.

LESÕES NA CABEÇA _

Quando se depara com um fenômeno tão incompreensivelmente maligno quanto o assassinato em série, é natural que as pessoas busquem algum tipo de explicação racional. Afinal, se os pesquisadores pudessem identificar as

fontes do assassinato em série, talvez fosse possível encontrar uma cura – ou pelo menos identificar psicopatas em potencial antes que eles tenham a chance de machucar alguém. Em seus esforços urgentes para resolver esse problema, os criminologistas criaram todos os tipos de teorias, desde “paternidade negativa” a hormônios malucos (veja [Causas](#)). Alguns especialistas culpam o “trauma cerebral juvenil” – ou, em linguagem simples, levar uma pancada na cabeça quando criança. O dano cerebral causado por tal lesão pode, de acordo com esses especialistas, transformar as pessoas em assassinos em série.

Certamente é verdade que uma alta porcentagem de assassinos em série sofreu ferimentos na cabeça durante a infância. Earle Leonard [Nelson](#), por exemplo – o notório “Gorilla Man” que assassinou quase duas dúzias de mulheres em meados da década de 1920 – foi jogado para fora de sua bicicleta por um carrinho quando tinha dez anos e ficou em coma por quase uma semana. Ele finalmente se recuperou, mas seu comportamento (que não era totalmente normal para começar) tornou-se ainda mais bizarro a partir de então. O estuprador e assassino em série Bobby Joe Long - condenado em 1984 por nove acusações de assassinato em primeiro grau - deve ter estabelecido algum tipo de recorde de ferimentos na cabeça. Às cinco, ele ficou inconsciente em uma queda de um balanço. Aos seis anos, ele sofreu um acidente de bicicleta que o jogou de cabeça em um carro estacionado. Aos sete, ele caiu de um pônei e caiu sobre o crânio. A partir daí, ele conseguiu evitar mais traumas na cabeça – até chegar aos vinte e poucos anos, quando sofreu um acidente de moto, batendo de cabeça no asfalto com tanta força que seu capacete foi esmagado. Estes são apenas dois de muitos exemplos. A lista de psicopatas maltratados inclui alguns dos nomes mais infames dos anais do assassinato em série – John Wayne [Gacy](#), Richard [Speck](#), Charles [Manson](#) e Henry [Lucas](#).

Infelizmente, a teoria do trauma cerebral do assassinato em série tem as mesmas limitações que outras explicações redutivas. Lesões na cabeça são um fato cotidiano da vida infantil. Milhões de crianças caem de bicicletas, balanços e gangorras e caem de cabeça. Mas apenas uma pequena fração acaba por ser assassinos psicopatas. Por outro lado, combinado com outros fatores predisponentes, um traumatismo craniano grave pode contribuir para uma psicopatologia incipiente.

Então, o assassinato em série pode ser causado por algo tão simples quanto uma pancada na cabeça? Provavelmente não.

Mas com certeza não ajuda.



Gary Heidnik

A manchete média dos tablóides é o equivalente impresso do discurso de um ladrador de espetáculos secundários – uma entrada estridente e que chama a atenção que tende a prometer muito mais do que pode entregar por meio de emoções lúgubres. Em raras ocasiões, no entanto, mesmo as manchetes mais sensacionais ficam aquém da terrível verdade. Foi o que aconteceu em 26 de março de 1987, quando jornais de costa a costa alardearam frases de primeira página como “Orgia sexual do louco” e “Masmorra de tortura”. Por mais excitantes que fossem essas manchetes, eles não podiam começar a transmitir a chocante realidade da casa de horrores de Gary Heidnik.

Alertados por uma ligação frenética para o 911 de uma mulher chamada Josefina Rivera – que alegou ter sido mantida em cativeiro por meses no porão de Heidnik – os policiais entraram na casa decadente do suspeito no norte da Filadélfia e encontraram uma cena que poderia ter sido imaginada pelo Marquês de Sade. No porão úmido e esqualido, duas mulheres nuas estavam algemadas a canos. Outro estava sentado tremendo em um poço fétido que havia sido cavado no chão de terra. Todos os três foram espancados, famintos, torturados, estuprados.

Eventualmente, as autoridades descobririam que Heidnik havia sequestrado e aprisionado um total de seis jovens. Josefina Rivera teve a sorte de escapar. Outros dois morreram. Heidnik matou uma, forçando-a a entrar no poço, enchendo-o com água e depois eletrocutando-a com um fio energizado. A outra vítima morreu depois que Heidnik a deixou pendurada pelos pulsos por uma semana. Ele havia desmembrado o corpo dela, moído um pouco de sua carne em um processador de alimentos e misturado com comida de cachorro. Então ele forçou os outros cativos a devorar esse mingau indescritível. Ao revistar a casa de Heidnik, a polícia descobriu uma

costela humana carbonizada no forno e um antebraço no freezer. Não surpreendentemente, Heidnik acabou sendo um ex-paciente mental e criminoso sexual condenado com um histórico de atacar mulheres negras mentalmente retardadas. Apesar de sua psicopatologia flagrante, ele era uma espécie de gênio financeiro, que havia investido um modesto investimento em uma fortuna de meio milhão de dólares. Como disse um especialista, Heidnik era um especialista em “ações e servidão”. Ele possuía vários carros caros, incluindo um Rolls-Royce. Ele conseguiu evitar o pagamento de impostos sobre sua renda fundando sua própria igreja e nomeando-se bispo.

Aspirando ao papel de patriarca do Antigo Testamento, ele começou a sequestrar mulheres no final de 1986, com a intenção de montar um harém pessoal de dez mulheres que lhe proporcionariam toda uma tribo de descendentes. "Nós seremos apenas uma grande família feliz", disse Heidnik a seus cativos, mesmo enquanto ele estava ocupado enfiando chaves de fenda em seus ouvidos, estuprando cada um enquanto os outros eram forçados a assistir, e os transformando em canibais inconscientes.

Em sua acusação, Heidnik ofereceu uma nova defesa, alegando que as mulheres já estavam lá quando ele se mudou para a casa. Por alguma razão, os juízes não acreditaram nele. Ele foi condenado por duas acusações de assassinato e condenado à morte. Enquanto estava na prisão, ele parecia compartilhar a opinião de muitas pessoas de que sua vida não valia a pena ser salva. Durante os onze anos em que definhou no corredor da morte, ele fez várias tentativas de se matar. Em 6 de julho de 1999, o pessoal da prisão terminou o trabalho por meio de injeção letal.

“Qualquer pessoa que coloca comida de cachorro e restos humanos em um processador de alimentos e chama isso de refeição gourmet e alimenta os outros está fora para almoçar.”

A T TORNEY C HUCK P ERUTO J R .,
referindo-se ao seu cliente Gary Heidnik



Os Estranguladores da Encosta

Quando os cadáveres começaram a se acumular — mulheres jovens que haviam sido torturadas, estupradas e estranguladas — os jornais deram a notícia: um serial killer estava à solta. Eles o apelidaram de “Estrangulador de Hillside” porque a maior parte dos corpos foi depositada em encostas ao redor da área de Los Angeles. Mas os jornais estavam errados. Os crimes terríveis não foram obra de um serial killer.

Eles eram o trabalho em equipe demente de *dois* assassinos em série.

A primeira a morrer foi uma prostituta negra, cujo cadáver nu foi jogado perto do cemitério Forest Lawn em meados de outubro de 1977. Duas semanas depois, o corpo de uma fugitiva de quinze anos apareceu no subúrbio de Glendale, em Los Angeles. Nos meses seguintes, mais oito corpos seriam encontrados. As vítimas tinham entre doze e vinte e oito anos. Todos foram sexualmente violados (às vezes com objetos como garrafas de refrigerante), estrangulados e torturados de várias maneiras. Um tinha sido queimado com um fio elétrico. Outro tinha sido injetado com solução de limpeza. Ainda outra havia sido morta com crueldade voluptuosa – estrangulada até o ponto da inconsciência, depois revivida, depois estrangulada novamente, e assim por diante até que seu algoz finalmente a matou.

Desde o início de sua investigação, a polícia suspeitou que dois assassinos estivessem envolvidos, uma vez que o sêmen encontrado dentro das vítimas indicava que as mulheres haviam sido estupradas (muitas vezes por via vaginal e anal) por homens diferentes. Essa suspeita foi confirmada quando uma testemunha ocular avistou dois homens forçando uma jovem a entrar em seu carro.

Como regra, os serial killers continuam matando até serem pegos. Em fevereiro de 1978, no entanto - quatro meses depois de terem começado - os Hillside Stranglings cessaram abruptamente. Os assassinos poderiam ter se safado de suas atrocidades – se não fosse pelas compulsões distorcidas de um membro da dupla indescritível.

Um ano após o último dos assassinatos em Los Angeles, duas jovens foram estupradas e estranguladas em Bellingham, Washington. A suspeita

imediatamente caiu sobre um segurança de 26 anos chamado Kenneth Bianchi, que havia se mudado recentemente para Bellingham de Los Angeles. Em pouco tempo, a polícia descobriu a verdade – Bianchi e seu primo de 44 anos, um sociopata brutal chamado Angelo Buono, eram os Estranguladores de Hillside.

Embora Buono levasse uma vida aparentemente respeitável como proprietário de um bem-sucedido negócio de estofados de automóveis, ele também era um cafetão sádico com um longo histórico de violência contra as mulheres. (Ele supostamente sodomizou sua esposa na frente de seus filhos depois que ela se recusou a fazer sexo com ele.) Bianchi era um vigarista de pequeno porte que se mudou com seu primo depois de se mudar de Rochester, Nova York, em 1976. Separadamente, nenhum dos dois jamais cometeu assassinato, mas juntos, eles despertaram os impulsos mais monstruosos um no outro. (Veja [Folie à Deux](#) .)

Por um tempo, Bianchi fez com que as autoridades acreditassem que ele sofria de uma personalidade dividida. Ostensivamente, foi seu alter ego malvado, “Steve”, que participou dos assassinatos. Mas um especialista em psiquiatria finalmente estabeleceu que “Steve” – um assassino sexual sádico que surgiu sob hipnose – era um ardil.

No final - para evitar uma sentença de morte - Bianchi concordou em se declarar culpado dos assassinatos e testemunhar contra seu primo, que foi condenado após um julgamento altamente prolongado. Ambos Hillside Stranglers estão atualmente cumprindo penas de prisão perpétua.

HISTÓRIA

Revisar a história do assassinato em série é uma proposta complicada, pois é difícil saber exatamente por onde começar. Por um lado, o assassinato em série parece um fenômeno exclusivamente moderno, um sintoma dos vários males que afligiam a América do final do século XX – alienação, decadência social, violência sexual, crime desenfreado etc. os impulsos subjacentes ao assassinato em série são, sem dúvida, tão antigos quanto a humanidade.

Qualquer levantamento histórico do assassinato em série teria que começar pelo menos até de volta à Roma antiga, quando o imperador Calígula estava ocupado satisfazendo seu gosto pela tortura e perversão. Durante a Idade Média, [aristocratas depravados](#) como Gilles de Rais (o original “[Barba Azul](#)”) e Elizabeth Bathory (a “Condessa de Sangue”) alimentavam seus desejos profanos com o sangue de centenas de vítimas, enquanto camponeses psicopatas como Gilles Gamier e Peter Stubbe massacravam suas vítimas com tal ferocidade bestial que se acreditava serem lobisomens literais (ver [Licantropia](#)). Outros monstros homicidas da era pré-moderna incluem o canibal escocês Sawney Beane (veja [Clãs](#)) e Vlad, o Empalador, o Drácula da vida real (veja [Vampiros](#)).

A maioria dos aficionados por crimes concorda que o primeiro assassino em série da era moderna foi [Jack, o Estripador](#), cujos crimes – o horrível massacre de cinco prostitutas de Londres – enviaram ondas de choque por toda a Inglaterra vitoriana. Cem anos depois, o assassinato em série de prostitutas tornou-se uma atividade tão comum que (para citar apenas um dos muitos exemplos) quando, em julho de 1995, um ex-funcionário de depósito chamado William Lester Suff foi condenado por matar treze prostitutas no sul da Califórnia, a mídia mal notou o evento. Essa mudança resume a história do assassinato em série no século XX: sua terrível transformação de uma anomalia monstruosa em um horror cotidiano.

Contemporâneo americano de Jack, o Estripador, HH [Holmes](#), que confessou vinte e sete assassinatos no final da década de 1890, é considerado o primeiro serial killer documentado da América. Duas décadas inteiras se passariam antes que outro surgisse em cena: o maníaco desconhecido apelidado de “Axeman of New Orleans”, que aterrorizou aquela cidade entre 1918 e 1919 (ver [Axe Murderers](#)).

Embora tenha sido uma década violenta e sem lei, os loucos anos 20 produziram apenas dois autênticos assassinos em série: Earle Leonard [Nelson](#) – o estrangulador em série apelidado de “Gorilla Murderer” – e o cruel e depravado Carl [Panoram](#). Assassinos em série eram igualmente poucos e distantes entre os anos 1930 e 1940. O pedófilo canibal Albert [Fish](#) e o psicopata anônimo conhecido como o “Mad Butcher of Kingsbury Run” (também conhecido como “Cleveland Torso Killer”) são os únicos assassinos em série conhecidos da América da era da Depressão. A lista de

assassinos em série da década de 1940 também se limita a um par de nomes: Jake Bird, um ladrão homicida que confessou uma dúzia de assassinatos com machado, e William Heirens, famoso por seu pedido desesperado rabiscado de [batom](#): “Pelo amor de Deus, pegue-me antes Eu mato mais. Eu não posso me controlar.”

Não foi até o período pós-Segunda Guerra Mundial que o assassinato em série se tornou desenfreado neste país. Sua sombra já começava a se espalhar durante os dias ensolarados da era Eisenhower. A década de 1950 testemunhou as depredações do ghoul Ed [Gein de Wisconsin](#); os horrores voyeurísticos do californiano Harvey Murray Glatman (que fotografou suas vítimas amarradas e aterrorizadas antes de assassiná-las); os crimes dos golpistas homicidas Martha Beck e Raymond Fernandez (os “Assassinos dos Corações Solitários”); e a fúria sangrenta de Charles Starkweather, que massacrrou uma série de vítimas enquanto percorria o ermo do Nebraska.

A situação tornou-se ainda mais sombria durante a década de 1960, período que produziu figuras infames como Melvin “Sex Beast” Rees, Albert “Boston Strangler” [DeSalvo](#), Richard [Speck](#), Charles [Manson](#) e o ainda desconhecido [Zodíaco](#). Quando a década de 1970 chegou, o problema tornou-se tão terrível que, pela primeira vez, os agentes da lei sentiram a necessidade de definir esse fenômeno florescente como uma categoria importante de crime (ver [Definition/Cining a Phrase](#)). A década de 1970 foi a década de [Berkowitz](#) e [Bundy](#), [Kemper](#) e [Gacy](#), Bianchi e Buono (os “[Estranguladores de Hillside](#)”) e muito mais.

Na década de 1980, alguns criminologistas usavam palavras como *peste* e *epidemia* para caracterizar o problema. Embora esses termos cheiram a histeria, é verdade que o homicídio em série se tornou tão comum em nosso país que a maioria de seus perpetradores desperta apenas o interesse local. Apenas os mais medonhos desses assassinos, aqueles que parecem mais monstros míticos do que criminosos – Jeffrey [Dahmer](#), por exemplo – capturam a atenção de toda a nação e acabam como nomes familiares assustadores.

Diante dessa crônica sombria, é difícil não concordar com a famosa definição de Voltaire. “A história”, escreveu ele, “é pouco mais do que um retrato do crime e do infortúnio humanos”.



HH Holmes

Ao mesmo tempo em que [Jack, o Estripador](#), aterrorizava Londres, os Estados Unidos abrigavam seu próprio monstro psicopata. Chamando a si mesmo de Dr. HH Holmes, ele era pelo menos tão notório em sua época quanto “Saucy Jack”. Mas enquanto a fama deste último cresceu ao longo dos anos, o Dr. Holmes - por razões inexplicáveis - foi amplamente esquecido. Na crônica do crime americano, no entanto, ele ocupa um lugar especial: ele foi o primeiro serial killer documentado do nosso país.



Dr. HH Holmes, o “multi-assassino” do século XIX

(Cortesia da Sociedade Histórica do Estado de Illinois)

Muito sobre sua vida e crimes permanece envolto em mistério. Sabemos que seu nome verdadeiro era Herman Mudgett, que ele nasceu na pequena vila de Gilmanton Academy em New Hampshire e que – como outros sociopatas iniciantes – ele gostava de conduzir “experimentos médicos” em pequenas criaturas vivas durante sua infância.

Aos vinte e poucos anos, casou-se com uma jovem conhecida — a primeira de várias esposas que adquiriria sem nunca se preocupar com a formalidade de um divórcio. Ele a abandonou poucos anos depois do casamento. Após um ano de faculdade em Vermont, transferiu-se para a Universidade de Michigan em Ann Arbor, graduando-se em medicina em 1884. Àquela altura, ele já era um vigarista talentoso que aprendera a enganar as companhias de seguros de milhares de dólares. Seu método era simples. Ele faria uma apólice de seguro de vida para uma pessoa fictícia, obteria um cadáver, alegaria que o cadáver era o indivíduo segurado e receberia a apólice. É claro que o esquema dependia da capacidade de Mudgett de adquirir cadáveres. Mas nessa atividade, também, ele se tornou proficiente.

Em 1886, ele apareceu em Chicago com um novo nome - Henry Howard Holmes. Em poucos meses, ele conseguiu um emprego como farmacêutico no elegante subúrbio de Englewood. A farmácia era propriedade de um idoso viúva, que desapareceu misteriosamente alguns meses depois, deixando Holmes como o novo proprietário. Um vigarista consumado, ele não teve problemas para conseguir grandes somas de dinheiro de investidores crédulos. Combinado com os lucros de diversos golpes, esse dinheiro permitiu que ele construísse uma residência magnífica em um terreno baldio em frente à sua loja. Ele o chamou de “O Castelo”. Continha dezenas de quartos, ligados por passagens secretas, escadas escondidas, paredes falsas, poços ocultos e alçapões. Alguns dos quartos eram à prova de som, forrados com amianto e equipados com tubos de gás ligados a um grande tanque na adega. De um painel de controle em seu escritório, Holmes podia encher essas câmaras com gás asfixiante. Um par de rampas ia do segundo e terceiro andares até o porão, onde Holmes mantinha um laboratório de dissecação totalmente equipado.

Dentro das paredes desta casa de horror gótica, um número indeterminado de pessoas desapareceu – incluindo uma série de jovens mulheres suscetíveis que caíram sob o feitiço do charme insidioso de Holmes. Durante a Feira Mundial de Chicago de 1893, Holmes também alugou quartos para turistas, muitos dos quais nunca mais foram vistos. Durante todo esse período, as escolas médicas locais — necessitando desesperadamente de espécimes anatômicos de alta qualidade —

compraram um suprimento regular de esqueletos humanos do Dr. Holmes, sem fazer perguntas.

Ele foi finalmente preso pelo assassinato de um cúmplice, Ben Pitezel. Holmes usou o cadáver de Pitezel para tentar realizar seu golpe de seguro favorito, mas foi pego por investigadores inteligentes. Após seu julgamento — o mais sensacional de sua época — ele confessou vinte e sete assassinatos. A enormidade de seus atos fez dele o criminoso mais infame de sua época, conhecido em todo o país como “Holmes, o Arch Fiend”. Ele foi enforcado na Filadélfia em 7 de maio de 1896.

“Eu nasci com o diabo em mim. Não pude evitar o fato de ser um assassino, assim como o poeta não pode evitar a inspiração para cantar. . . . Nasci com o Maligno de pé como meu padrinho ao lado da cama onde fui introduzido no mundo, e ele está comigo desde então.”

Da confissão do Dr. HH Holmes

CORPORES DOMÉSTICOS

Alguns assassinos em série vão longe em busca de suas presas. Outros, no entanto, têm uma inclinação mais doméstica. Atraindo suas vítimas para suas casas ou apartamentos, esses psicopatas cometem seus horribéis assassinatos no conforto de suas próprias casas – e às vezes até escondem os cadáveres no local.

Pouco depois de um homenzinho ratinho chamado John Reginald Christie desocupar seu apartamento em Londres em 1953, os novos inquilinos começaram a notar um cheiro desagradável que parecia emanar de um lugar oco na parede da cozinha. Rasgando o papel de parede, eles descobriram um armário escondido contendo três cadáveres femininos. Quando a polícia fez uma busca nas instalações, eles encontraram um quarto corpo em decomposição - o da própria esposa de Christie - sob as tábuas do piso da sala de jantar e os restos mortais de duas outras vítimas enterradas no quintal. (Veja [O Homem Errado](#).)

Na década de 1970, tanto Dean Corll quanto John Wayne [Gacy](#) transformaram suas casas em câmaras de tortura suburbanas, cometendo dezenas de atrocidades contra jovens amarrados e indefesos. Cada um

desses sociopatas cometeu mais de trinta assassinatos em casa sem nunca despertar as suspeitas de seus vizinhos. Corll enterrou os cadáveres ao longo da margem de um lago próximo (veja [Parceiros](#)). Gacy também jogou algumas de suas vítimas em um rio – mas não até que ele ficou sem espaço em sua propriedade, onde a polícia finalmente desenterrou 29 corpos.

Jeffrey [Dahmer](#) era outro assassino homossexual caseiro, que não apenas transformou seu apartamento em Milwaukee em uma câmara mortuária, mas também o encheu com uma variedade terrível de restos humanos. Seu colega britânico, Dennis [Nilsen](#), encenou pequenas cenas tortuosas de domesticidade com os cadáveres de suas vítimas do sexo masculino – dando banho neles, aconchegando-se com eles na cama, apoiando-os na frente da TV ou sentando-os à mesa de jantar.

Um dos mais horríveis de todos os assassinos em série domésticos foi um estalajadeiro alemão demente chamado Karl Denke. Denke estava tão relutante em sair de casa que nem se deu ao trabalho de sair para comprar comida. Durante a era pós-Primeira Guerra Mundial, ele assassinou quase três dúzias de inquilinos, depois esquartejou suas carcaças, conservou a carne em salmoura e a guardou em seu porão. Quando Denke foi finalmente preso em 1924, ele disse à polícia que não comia nada além de carne humana nos últimos três anos (veja [Canibalismo](#)).

H OMOSSEXUALIDADE

Em um livro chamado *A Casebook of Murder*, o especialista em crime britânico Colin Wilson faz a declaração bastante notável de que Ed [Gein](#), o infame ghoul de Wisconsin, era “um homem sexualmente normal”. Uma vez que, entre outras coisas, Gein era culpado de desenterrar os corpos de mulheres idosas, desmembrar os cadáveres e praticar atrocidades indescritíveis sobre eles, leva um momento para descobrir que o que Wilson realmente quer dizer é que, qualquer outro tipo de criatura que Gein era, pelo menos ele não era *homossexual*. Enquanto as implicações da observação de Wilson são verdadeiramente surpreendentes (ou seja, que roubo de túmulos, necrofilia, desmembramento, etc., são mais “normais” do que a homossexualidade), ele consegue colocar o dedo em um fato saliente

de assassinato em série. A grande maioria de seus praticantes são, de fato, heterossexuais.

Mais especificamente, os criminologistas estimam que pelo menos 86% dos assassinos em série masculinos são heterossexuais – o que significa que eles obtêm sua mais profunda gratificação de estuprar, mutilar e assassinar mulheres. Ainda assim, embora numericamente inferiores, os serial killers gays incluem alguns dos principais monstros do nosso tempo.

Ao longo de seus dois casamentos, por exemplo, John Wayne [Gacy](#) estava ocupado fazendo sexo com adolescentes – 27 dos quais acabaram enterrados no espaço sob sua casa suburbana. Da mesma forma, Jeffrey [Dahmer](#) predava exclusivamente machos jovens. O mesmo aconteceu com o infame serial killer britânico Dennis [Nilsen](#), cujos assassinatos - como o de Dahmer - pareciam pelo menos parcialmente motivados por um desejo desesperado de impedir que seus homens saíssem pela manhã. Menos conhecido – embora tão hediondo – foi o “Assassino da Freeway” da Califórnia, William George Bonin, um veterano do Vietnã e motorista de caminhão responsável por torturar e depois assassinar 21 jovens durante a década de 1970.

O assassinato sexual em série, praticado por homens, é praticamente desconhecido entre as [mulheres](#), homossexuais ou não. Uma exceção recente é a prostituta lésbica Aileen [Wuornos](#), que matou uma série de motoristas do sexo masculino ao longo de uma rodovia da Flórida em 1989 e 1990.

Certos assassinos de luxúria possuem apetites tão vorazes que são, de fato, bissexuais, atacando indiscriminadamente vítimas masculinas e femininas. Durante um período de três anos no final da década de 1890, por exemplo, um maníaco horivelmente desfigurado chamado Joseph [Vacher](#), armado com facas, tesouras e um cutelo de açougueiro, vagou pelo interior da França, atacando quase uma dúzia de vítimas antes de sua captura em agosto de 1897. As vítimas de Vacher — que sofreram mutilações sexuais indescritíveis em suas mãos — variavam de uma viúva de 58 anos a um menino de 14 anos. Andrei [Chikatilo](#), o russo “Besta de Rostov”, também torturou, espancou, estuprou e canibalizou membros de ambos os sexos, muitos deles adolescentes. E enquanto o pedófilo americano

desesperadamente perturbado Albert [Fish](#) preferia cometer suas atrocidades em meninos, ele estava feliz em se contentar com uma menina bonita quando uma vítima masculina não estava disponível.



Serial Killers Homossexuais no Cinema

Serial killers gays – homossexuais psicopatas que atacam membros de seu próprio gênero – são uma raridade nos filmes. Aileen Wuornos, por exemplo – cuja história sórdida é contada na cinebiografia vencedora do Oscar *Monster* – era lésbica, mas sua raiva homicida era dirigida estritamente aos homens. Por outro lado, “Buffalo Bill” – o psicokiller flagrantemente efeminado de *O Silêncio dos Inocentes* – tem como alvo apenas vítimas do sexo feminino.

O único filme mainstream de Hollywood (até onde sabemos) a lidar com assassinatos em série homossexuais é *Cruzeiro de 1980*, de William Friedkin. O choque de Friedkin foi amplamente – e, em grande medida, merecidamente – insultado pelos críticos (em seu *Movie and Video Guide*, Leonard Maltin lança palavras como “desagradável”, “doente” e “degradante”). Ainda assim, é um filme profundamente perturbador, estrelado por Al Pacino como um policial de Nova York em busca de um maníaco homicida gay em Greenwich Village pré-AIDS.

PROPRIETÁRIOS _

Ao contrário do que algumas pessoas afirmam, nem todos os serial killers são homens. [As mulheres](#) também cometem assassinatos em série – elas apenas o fazem de uma maneira mais, bem, *feminina*. O assassinato em série masculino é essencialmente uma agressão fálica antiquada levada a um extremo monstruoso – a penetração violenta no corpo de uma vítima com um instrumento afiado e pontiagudo. Assassinas em série femininas, por outro lado, são como paródias grotescas de estereótipos femininos: noivas da [Viúva Negra em vez de](#) esposas adoradoras. [Enfermeiras](#) letais

em vez de cuidadoras amorosas. E em vez de donas de casa felizes, governantas do inferno.

Nos primeiros anos do século XIX, uma amargurada viúva alemã chamada Anna Zwanziger, que tinha uma notável semelhança com um sapo enorme, contratou-se como governanta e cozinheira para uma sucessão de juízes de meia-idade. Aparentemente, Zwanziger esperava que uma dessas dignas se tornasse tão dependente de suas habilidades domésticas que acabasse propondo casamento. Claro, havia um pequeno problema com o plano de Anna, ou seja, o fato inconveniente de que cada um dos homens já estava casado ou noivo de outra mulher. Anna encontrou uma solução engenhosa: envenenou duas das mulheres com arsênico. Para completar, ela também envenenou um dos juízes, vários servos e um bebê (que morreu depois de comer um biscoito embebido em leite com arsênico). Pouco antes de sua execução em julho de 1811, Anna disse a seus carcereiros: “Talvez seja melhor para a comunidade que eu morra, pois seria impossível para mim parar de envenenar as pessoas”.

Enquanto Zwanziger parece ter sido motivado por alguma combinação letal de desespero e esperança esmagada, outras donas de casa homicidas mataram por razões mais obscuras. Cerca de dez anos após a decapitação de Zwanziger, outra cozinheira alemã chamada Gessina Gottfried envenenou uma família inteira chamada Rumf — papai, mamãe e cinco filhos — borrifando arsênico em todas as refeições que ela preparava para eles. Seu motivo admitido foi puro prazer malévolos - em seu julgamento em 1828, ela confessou que a visão das agonias da morte de suas vítimas a levou a um transporte de êxtase. Igualmente terrível foi a doméstica francesa Helene Jegado. Entre 1833 e 1851, ela envenenou fatalmente pelo menos vinte e três e talvez até trinta homens, mulheres e crianças. Suas vítimas incluíam várias freiras e sua própria irmã.

“Onde quer que eu vá”, ela foi ouvida certa vez, “as pessoas morrem”.



I MPOTÊNCIA

Sigmund Freud argumentou que quando os impulsos sexuais normais são distorcidos, eles tendem a se manifestar como violência. O impulso de amar se transforma em desejo de destruir. Sua teoria é confirmada com brutal clareza no comportamento dos serial killers, que comumente substituem o assassinato por sexo. Isso é especialmente evidente nos casos daqueles assassinos psicopatas que sofrem de impotência sexual.

John Reginald Christie, o “Monstro de Rillington Place”, estava tão atormentado pela impotência que não pôde consumir seu casamento por mais de dois anos. O assassinato era sua maneira doentia de compensar essa deficiência. Gasear e estrangular mulheres serviu como uma excitação sexual para Christie. Uma vez que suas vítimas estavam mortas, ele não teve problemas para estuprá-las (veja [The Wrong Man](#)).

O problema de potência de Christie provavelmente não teria surpreendido seus conhecidos. Careca, de óculos e um conhecido hipocondríaco, ele não era exatamente uma imagem de virilidade autoconfiante. Paul John Knowles, por outro lado, tinha uma figura impressionantemente masculina. Charmoso e robusto, ele ficou conhecido em meados da década de 1970 como o “Assassino da Casanova”. Pelo menos dezoito pessoas que cruzaram seu caminho – e talvez até trinta e cinco – acabaram baleadas, esfaqueadas ou estranguladas. No curso de sua morte perambulando, Knowles conheceu uma jornalista britânica chamada Sandy Fawkes que, como tantas outras jovens, imediatamente se interessou por ele. Os dois acabaram na cama, mas Knowles não conseguiu se apresentar sexualmente com um parceiro disposto. Quando Fawkes rompeu

abruptamente seu relacionamento de curta duração, Knowles voltou ao único tipo de sexo que ele era capaz, procurando um dos amigos íntimos de Fawkes e tentando estuprá-la com uma arma.

Alguns serial killers, por outro lado, sofrem do problema oposto – não impotência, mas um desejo sexual de intensidade quase demoníaca. Quando Bobby Joe Long, por exemplo, tinha vinte e poucos anos, nem mesmo a combinação de relações sexuais duas vezes ao dia com sua esposa e masturbação compulsiva conseguia saciar sua fome sexual. Logo ele começou a perseguir uma saída adicional, estuprando pelo menos cinquenta mulheres da Flórida e assassinando até dez.

EU INSANIDADE

Quando se trata de um assassino que esfola a pele de cadáveres, a bronzeia como pele de animal e a transforma em um terno, a questão da sanidade parece estar cortada e seca (por assim dizer). E, de fato, Ed “Psycho” [Gein](#) – que realmente fez roupas de moda com pele humana – foi considerado oficialmente insano e comprometido por toda a vida em uma instituição mental estatal.

Gein, no entanto, representa a exceção e não a regra. Embora pelo menos um especialista em psiquiatria tenha declarado categoricamente que os serial killers são “quase sempre insanos”, persuadir um júri é outra questão. As estatísticas contam a história. De todos os múltiplos assassinos levados a julgamento no século passado, menos de 4% recorreram a um argumento de insanidade. E desses, apenas um em cada três foi considerado NGRI (inocente por motivo de insanidade).

Ainda assim, as poucas chances não impediram alguns notórios assassinos em série de tentar. David “Filho de Sam” [Berkowitz](#), por exemplo, fez o possível para persuadir os psiquiatras de que sua mente era controlada pelo cachorro de seu vizinho, um labrador preto ostensivamente possuído pelo espírito de um demônio de seis mil anos chamado Sam. . A jogada “Voices from Beyond” também foi empregada (sem sucesso) pelo “Yorkshire [Ripper](#)”, que matou treze mulheres no final dos anos 1970. O “Estripador de Yorkshire” acabou sendo um motorista de caminhão bem casado chamado Peter Sutcliffe, que insistiu que estava simplesmente agindo sob ordens de Deus, cuja voz ele ouviu saindo de um túmulo em um

cemitério local. compatriota de Sutcliffe John George Haigh - o notório “Assassino do Banho de Ácido” dos anos 1940 – tentou uma tática diferente para impressionar os jurados com sua loucura: ele bebeu sua própria urina.

“Como resultado de nosso exame psiquiátrico, somos da opinião de que este homem no momento não é louco.”

De um relatório do Hospital Bellevue de 1930 sobre Albert Fish, que dois anos antes havia sequestrado, desmembrado e canibalizado uma menina de doze anos

Outros assassinos em série tentaram o popular estratagema de múltiplas personalidades. William Heirens (famoso pelo apelo rabiscado de [batom](#) que ele deixou no apartamento de uma vítima, “Pelo amor de Deus, pegue-me antes que eu mate mais”) culpou por seus crimes uma personalidade alternativa chamada “George Murman”. Da mesma forma, John Wayne [Gacy](#) e Kenneth “[Hillside Strangler](#)” Bianchi alegaram que seus crimes foram obra de alter egos malignos, chamados “Jack” e “Steve”, respectivamente. Nenhum desses truques funcionou.

O problema para advogados de defesa com clientes assassinos em série é que mesmo os atos mais horríveis – crimes que nenhuma pessoa normal poderia imaginar, muito menos cometer – não são necessariamente prova de insanidade legal. Um assassino como Jeffrey [Dahmer](#) pode desmembrar suas vítimas ainda vivas, comer sua carne, guardar suas cabeças em sua geladeira, etc., e ainda ser considerado são de acordo com a lei. Embora as definições legais variem, a maioria dos estados se baseia na regra McNaughton, que diz, em essência, que o critério de sanidade é a capacidade de distinguir o certo do errado. Como a maioria dos serial killers se esforça para encobrir seus crimes, é difícil provar que eles não sabem que estão envolvidos em delitos.

A dificuldade de ganhar um veredicto da NGRI é vividamente ilustrada pelo caso de Albert [Fish](#), certamente uma das mentes mais bizarras dos anais do crime americano. Um assassino de crianças assustadoramente sádico e canibal, Fish era um verdadeiro fenômeno psiquiátrico, que se entregava (de acordo com o testemunho de especialistas) “em todas as

perversões sexuais conhecidas e algumas perversões nunca ouvidas antes”. Embora o júri tenha concordado que Fish sofria de graves perturbação mental, eles o consideraram culpado e o sentenciaram à cadeira. Como um jurado explicou após o julgamento (expressando um sentimento que muitas pessoas endossariam), “acreditávamos que ele era louco, mas achamos que ele merecia morrer de qualquer maneira”.

INTERNET _

Em apenas alguns anos, a Internet evoluiu de um saco on-line de informações altamente duvidosas para uma ferramenta de pesquisa legítima, até mesmo indispensável (embora ainda haja muitas informações altamente duvidosas circulando).

O melhor site para biografias de serial killers – bem como para artigos altamente informativos sobre assuntos como “Team Killers” e “Necrofilia” – é o Crime Library da Court TV (www.crimelibrary.com). A Serial Killer Central (www.skcentral.com) oferece notícias atualizadas ao minuto, juntamente com uma série de materiais psico-relacionados, incluindo arte, poesia e lojinhas sobre serial-killer. O Internet Crime Archives (www.mayhem.net) é outra fonte de informações rica, embora um pouco indutora de dor de cabeça, algumas delas relacionadas a assassinos obscuros ignorados por outros meios de comunicação.

Pesquise no Google o nome de qualquer serial killer notório e você certamente encontrará um número considerável de acertos. Psicopatas que tendem a gerar o interesse mais obsessivo do público geralmente têm sites inteiros construídos em torno deles. Um dos melhores deles é a página **Zodiac de Tom Voigt** (www.zodiackiller.com). Há também – como seria de esperar – um site muito impressionante dedicado exclusivamente ao serial killer mais lendário de todos, **Jack, o Estripador** (www.casebook.org).

Se a Internet se tornou uma ferramenta muito útil para pessoas interessadas em assassinos em série, há alguma indicação de que ela também pode vir a ser um recurso para os próprios assassinos em série. Já houve dois casos conhecidos de psicopatas que buscavam vítimas no ciberespaço: o canibal alemão Armin Meiwes, que encontrou um voluntário

de sacrifício postando um anúncio na web, e o predador online John E. Robinson, responsável por pelo menos sete homicídios.

Escoteiro aos treze anos e aspirante a padre, Robinson abandonou a escola preparatória do seminário e embarcou na carreira de vigarista, falsificador e fraudador. Seus golpes tomaram um rumo assassino em 1985, quando ele matou uma jovem mãe solteira e vendeu seu bebê de quatro meses para seu próprio irmão e cunhada, que acreditavam estar recebendo uma criança legalmente adotada.

Enquanto isso, Robinson também administrava uma rede de prostituição especializada em sexo sadomasoquista, uma atividade que chamou a atenção do [FBI](#) e acabou levando-o à prisão. Lançado em 1993, ele rapidamente descobriu a Internet e – sob o nome de “Slavemaster” – começou a participar de salas de bate-papo sexualmente explícitas. Com suas artimanhas de vigarista, não demorou muito para capturar uma série de mulheres submissas que viajaram para encontrá-lo e acabaram apodrecendo em barris lacrados.

O comportamento cada vez mais imprudente de Robinson o colocou sob vigilância policial, e ele finalmente foi preso em 2000, aos cinquenta e seis anos. Uma busca em alguma propriedade desolada que ele possuía no Kansas, bem como em uma instalação de armazenamento alugada do outro lado da fronteira do estado no Missouri, revelou cinco grandes tambores químicos, cada um contendo o cadáver decomposto de uma mulher.

Em janeiro de 2003, “o primeiro serial killer da Internet”, como foi apelidado pela imprensa, foi condenado à morte.

QI

Embora nenhum psicopata da vida real chegue perto de igualar o gênio do mal do Dr. Hannibal Lecter, os serial killers tendem a ser inteligentes. Quando os agentes especiais da Unidade de Ciência Comportamental do [FBI começaram seu programa de criação de perfis criminais](#), eles descobriram que o QI médio dos serial killers era normal.

A inteligência acima da média desses psicopatas é uma das coisas mais assustadoras sobre eles, tornando possível para eles não apenas capturar

vítimas com relativa facilidade, mas também iludir a polícia, às vezes para sempre (veja [Paradeiro Desconhecido](#)). Também é responsável pelo número impressionante de assassinos em série que se saíram bem em termos de sucesso mundano. Ted [Bundy](#) era um estudante de direito, John Wayne [Gacy tinha um](#) negócio próspero, Gary [Heidnik](#) fez uma fortuna jogando no mercado de ações e um número considerável de assassinos em série foram [médicos](#).

Por outro lado, também é verdade que, por causa de seus graves problemas de personalidade, muitos serial killers acabam trabalhando em trabalhos braçais que estão muito abaixo de suas capacidades intelectuais.



Jack o Estripador

Os horrores começaram nas primeiras horas da manhã de 31 de agosto de 1888. Por volta das 3h45, enquanto caminhava por uma rua deserta e mal iluminada no East End de Londres, um porteiro chamado George Cross tropeçou no que ele considerou ser um pacote embrulhado em lona. Olhando mais de perto, ele viu que a pilha que se espalhava era o corpo esquartejado de uma mulher, mais tarde identificada como uma prostituta de 42 anos chamada Mary Anne Nicholls. Sua garganta havia sido cortada, sua barriga cortada, sua vagina mutilada com facadas.

Embora ninguém pudesse suspeitar disso na época, a selvageria de Mary Anne Nicholls foi um marco terrível na história do crime. Não apenas foi o primeiro de uma série de assassinatos que enviariam ondas de choque por toda Londres e, eventualmente, pelo mundo, mas também significou algo ainda mais importante – o alvorecer da era moderna do assassinato sexual em série.

Uma semana depois da atrocidade de Nicholls, os restos mutilados de Annie Chapman, uma prostituta de 47 anos que sofria de desnutrição e tuberculose, foram descobertos nos fundos de uma hospedaria a 800 metros do local do primeiro assassinato. A cabeça de Chapman mal estava presa seu corpo — o assassino havia cortado os músculos de seu pescoço e quase conseguiu serrar sua coluna vertebral. Ela também havia sido estripada.

A verdadeira identidade do assassino nunca seria conhecida. Mas várias semanas depois, a Polícia Metropolitana recebeu uma [carta provocante](#) de um escritor que alegou ser o culpado e assinou sua nota com um sinistro pseudônimo. O nome pegou o público. Daquele ponto em diante, o louco açougueiro de Whitechapel seria conhecido por esse apelido horrível – Jack, o Estripador.

Dois dias depois que a polícia recebeu a carta do Estripador, o assassino cortou a garganta de uma prostituta sueca chamada Elizabeth Stride. Antes que pudesse cometer mais atrocidades contra a vítima, foi interrompido pelos sons de uma carroça se aproximando. Apressando-se, o Estripador encontrou Catherine Eddowes, uma prostituta de quarenta e três anos que acabara de ser libertada de uma delegacia de polícia, onde passara várias horas sóbria depois de ter sido encontrada bêbada na calçada. O Estripador a atraiu para uma praça deserta, onde cortou sua garganta. Então, tomado por um frenesi demoníaco, ele desfigurou seu rosto, dividiu seu corpo do reto ao esterno, removeu suas entranhas e carregou seu rim esquerdo.

“A garganta foi cortada com uma faca, quase separando a cabeça do corpo. O abdômen foi parcialmente rasgado e ambos os seios foram cortados do corpo. . . . O nariz havia sido cortado, a testa esfolada e as coxas, até os pés, despojadas da carne. . . . As vísceras e outras partes da armação estavam faltando, mas o fígado, etc., foi encontrado colocado entre os pés desta pobre vítima. A carne das coxas e pernas, junto com os seios e o nariz, foram colocados pelo assassino sobre a mesa, e uma das mãos da mulher morta foi empurrada em seu estômago.”

De uma descrição de jornal de 1888 da vítima final de Jack, o Estripador, Mary Kelly

O último crime cometido pelo Estripador também foi o mais hediondo. Sobre na noite de 9 de novembro, ele pegou uma prostituta irlandesa de 25 anos chamada Mary Kelly, grávida de três meses, que o levou de volta para seus aposentos. Em algum momento no meio da noite, ele a matou na cama, depois passou várias horas de lazer massacrando seu cadáver - estripando-a, cortando seu nariz e seios, esculpindo a carne de suas pernas.

Após essa indignação, os horrores de Whitechapel chegaram a um fim abrupto. O Estripador desapareceu para sempre, saindo da história para o reino do mito.

Desde então, detetives de poltrona propuseram uma série de suspeitos, de um açougueiro kosher a um herdeiro do trono inglês (ver [Teorias do Estripador](#)). A maioria dessas “soluções” contribui para uma leitura colorida, mas a verdadeira identidade do Estripador continua sendo o que tem sido há cem anos – um mistério tentador e provavelmente insolúvel.



Teorias do Estripador

Existe uma lei básica (e desanimadora) do trabalho policial: se um caso não for resolvido imediatamente, as chances de resolvê-lo rapidamente diminuem para zero. Portanto, as chances de encontrar a solução para um crime centenário são essencialmente menores que zero. Ainda assim, isso não impediu uma série de detetives de poltrona de oferecer teorias sobre o mistério de assassinato mais tentador de todos: quem era o assassino de prostitutas em série conhecido como [Jack, o Estripador?](#) Em sua maioria, esses teóricos são excêntricos inofensivos, como as pessoas que passam o tempo tentando provar que havia um segundo atirador na colina gramada, ou que Amelia Earhart acabou em um convento japonês. A verdade mais provável é que – como praticamente todos os outros assassinos em série da história – o Estripador era uma completa nulidade cuja única característica notável era uma capacidade impressionante de violência. Mas — como é frequentemente o caso da realidade — essa explicação simples é infinitamente menos satisfatória do que alternativas mais coloridas. A seguir estão algumas das hipóteses mais divertidas apresentadas por vários “Estripadores”:

1. *O russo louco.* Supostamente o próprio Rasputin escreveu um livro chamado *Great Russian Criminals*, no qual afirmava que Jack, o Estripador, era na verdade um médico russo demente chamado Pedachenko,

que foi despachado para Londres pela polícia czarista em um esforço para criar consternação na Inglaterra e envergonhar as autoridades britânicas.

2. *O Mago Negro*. O Estripador era na verdade a Dra. Roslyn D'Onston Stephenson, um pretenso conjurador obcecado pelo ocultismo, que supostamente cometeu os assassinatos do East End como parte de um ritual satânico.

3. *O Matador Judeu*. Um *shochet*, ou açougueiro kosher, decidiu usar suas habilidades de escultura em mulheres da noite.

4. *Jill, o Estripador*. O maníaco homicida não era um homem, mas uma parteira demente de Londres.

5. *O Inquilino*. Um pensionista não identificado em uma pensão de Londres agiu de forma suspeita na época dos assassinatos do Estripador e pode ter sido o demônio do East End. Embora a mais vaga das soluções do Estripador, essa teoria se destacou como base para quatro filmes divertidos, incluindo um thriller inicial de Hitchcock (ver [Le Cinéma de Jack](#)).

6. *O Médico Mortal*. Um homem chamado Dr. Stanley cometeu os assassinatos como um ato de vingança, depois que seu filho contraiu sífilis de uma prostituta.

7. *O Advogado Letal*. Um advogado falido chamado Montague John Druitt cometeu os crimes do Estripador e depois se afogou no Tâmesa.

8. *O envenenador polonês*. Um assassino múltiplo chamado Severin Klosowski (também conhecido como George Chapman), que envenenou três de suas esposas, presumivelmente cometeu os assassinatos de Whitechapel por causa de seu ódio patológico pelas mulheres em geral.

9. *O Aristocrata Maligno*. Sua Alteza Real o Príncipe Albert Victor, Duque de Clarence – neto da Rainha Vitória e herdeiro do trono britânico – começou uma matança depois de ficar enlouquecido pela sífilis.

10. *O Mercador de Algodão Enlouquecido*. Um diário que surgiu no início dos anos 1990 “revelou” que o Estripador era um empresário viciado em drogas chamado James Maybrick. Infelizmente, o diário foi declarado uma farsa por renomados especialistas em documentos.

11. *O Pintor Psicológico*. Patricia Cornwell, a popular romancista policial com talento para a ciência forense, gastou seis milhões de dólares de seu próprio dinheiro para provar que o pintor vitoriano Walter Sickert era o verdadeiro Estripador. A teoria de Cornwell — apresentada em seu livro de 2002 *Portrait of a Killer: Jack the Ripper, Case Closed* — baseia-se em parte na propensão de Sickert para assuntos obscuros e sexualmente perturbadores e em parte em alguns testes de DNA altamente duvidosos que indicavam que Sickert poderia ter sido um dos milhares de pessoas que escreveram uma carta do Estripador que poderia muito bem ter sido uma farsa.

Apesar do subtítulo do livro de Cornwell, os estripadores mais sérios zombam de sua teoria. Um crítico (Caleb Carr, autor do thriller histórico best-seller *The Alienist*) chegou ao ponto de exigir que Cornwell emitisse um pedido público de desculpas por caluniar a reputação de Sickert.



Le Cinema de Jack

Não é de surpreender que [Jack, o Estripador](#) – o mais famoso de todos os assassinos em série – seja um favorito de longa data dos cineastas. A seguir está uma lista de suas aparições mais memoráveis na tela grande:

1. *A Caixa de Pandora* (1928). Clássico filme mudo de GW Pabst, estrelado pela lenda do cinema Louise Brooks como a femme fatale Lulu, que acaba se tornando uma prostituta em Londres. E adivinhe quem é o primeiro (e último) cliente dela?

2. *O Inquilino* (1944). Baseado em um romance de 1913 de Marie Belloc Lowndes, este thriller de suspense - sobre uma família chamada Bunting que suspeita que seu novo hóspede seja Jack, o Estripador - já havia sido filmado por Alfred Hitchcock em 1926. Mas a versão de Hitchcock é como *Hamlet* sem o príncipe, uma vez que os Buntings estão errados. A versão de 1944, dirigida pelo emigrante alemão John Brahm, é mais fiel ao original – Saucy Jack realmente está morando na casa de Bunting e tendo um interesse vivo (ou mortal) em sua filha, Daisy.

3. *Quarto para alugar* (1950). Adaptado de uma peça de rádio da BBC com o mesmo título, este pequeno e modesto thriller (no qual Jack se revela um médico sinistro chamado Dr. filmes que começou a ser lançado no final da década de 1950.

4. *Homem no Sótão* (1954). Ainda outra versão de *The Lodger*, esta estrelando o inimitável Jack Palance como o Estripador. Fale sobre tipificação.

5. *Jack, o Estripador* (1960). Um choque britânico de baixo orçamento com um truque memorável. Embora o filme inteiro seja em preto e branco, a sequência climática – na qual Jack é esmagado até a morte por um elevador em queda – foi filmada em cores para que o público pudesse apreciar o vermelho vívido de seu sangue jorrando.

6. *Um estudo sobre o terror* (1965). Que conceito! Sherlock Holmes luta contra Jack, o Estripador, neste thriller rápido e divertido, produzido com a cooperação de Adrian Conan Doyle, filho do criador de Holmes.

7. *Mãos do Estripador* (1971). Sofrendo dos efeitos traumáticos de ver o papai esfaquear a mamãe, a filha angelical de Jack, o Estripador, se transforma em um maníaco homicida sempre que um cara a beija. Ela acaba em tratamento com um discípulo precoce de Freud. Um clássico do filme Martelo!

8. *Assassinato por Decreto* (1979). Outro filme de Holmes vs. Estripador, este um com um elenco estelar: Christopher Plummer, James Mason, Donald Sutherland, Genevieve Bujold, David Hemmings, John Gielgud e Anthony Quayle.

9. *Tempo após tempo* (1979). Fantástica pequena fantasia escrita e dirigida por Nicholas Meyer, na qual Jack, o Estripador, viaja da Inglaterra vitoriana para a América moderna através da máquina do tempo de HG Wells.

10. *Jack, o Estripador* (1988). Originalmente um filme de TV em duas partes, este é um relato sólido e generoso do caso do Estripador, estrelado por Michael Caine como um inspetor da Scotland Yard no encalço de Saucy Jack. Ela se apegue aos fatos, exceto por sua conclusão, quando o herói consegue desmascarar o assassino.

11. *Do Inferno* (2001). Embora pudesse ter se beneficiado de um pouco mais de terror e suspense – para não mencionar o tipo de violência terrível que se espera em um filme de Jack, o Estripador – esta bela adaptação da aclamada graphic novel de Alan Moore e Eddie Campbell faz um trabalho impressionante de evocar o submundo sórdido da Londres vitoriana. Johnny Depp apresenta uma performance tipicamente convincente como o detetive da Scotland Yard que usa ópio e descobre uma conspiração de alto nível em sua busca por Saucy Jack.

J EKYLL /H YDE

Muitas pessoas levam vidas duplas: matronas suburbanas com amantes ao lado; maridos bem casados que se esgueiram à noite para passear pelos bares gays; executivos corporativos bem-sucedidos apoiando hábitos caros de heroína. Mas casos como esses empalidecem ao lado das vidas de certos assassinos em série. Ted [Bundy](#) era tão brilhante e bem-apessoado que poderia ter se candidatado a um cargo eletivo se também não fosse um assassino sexual sádico que assassinou dezenas de mulheres jovens. John Wayne [Gacy](#) gostava de se vestir de palhaço e entreter crianças hospitalizadas quando não estava torturando adolescentes em sua casa suburbana. E o médico sueco Dr. Teet Haerm, que mutilou e matou pelo menos nove mulheres jovens, era um respeitado patologista forense que acabou realizando as autópsias em algumas de suas vítimas.

Assassinos como esses possuem personalidades tão monstruosamente divididas que parecem um pouco irreais, como se saíssem das páginas de uma história de terror. Mais especificamente, eles parecem encarnações em carne e osso de uma figura imaginada pela primeira vez pelo escritor britânico Robert Louis Stevenson na década de 1880: Dr. Henry Jekyll, que passa metade de sua vida como um cientista idealista e a outra metade como uma criatura hedionda chamada Edward Hyde.

“Dreed up” não é apenas uma figura de linguagem, já que a ideia para a história supostamente veio a Stevenson em um pesadelo. Ele fez um primeiro rascunho em apenas três dias, mas sua esposa ficou tão chocada com essa versão que Stevenson a queimou e depois a reescreveu de uma forma um pouco menos sensacional. Assim como *Drácula* e *Frankenstein*,

Dr. Jekyll e Mr. Hyde é uma daquelas histórias que todo mundo conhece, mesmo que nunca tenha lido o original. Isso ocorre em grande parte porque foi transformado em muitos filmes, começando com uma versão silenciosa de 1920, estrelada por John Barrymore. É uma surpresa, portanto, descobrir que a novela de Stevenson não é tanto uma história de terror quanto um mistério, girando em torno da questão da identidade de Edward Hyde – quem é esse ser maligno e qual é sua relação com o distinto Dr. Jekyll? A resposta a essas perguntas não é revelada até o final, quando os leitores descobrem que Hyde é realmente o alter ego de Jekyll, a encarnação viva do eu bestial e oculto do bom médico.

Para as pessoas que só conhecem o Dr. *Jekyll e o Sr. Hyde* dos filmes, há outros aspectos surpreendentes da história original. No filme, Hyde é tipicamente retratado como uma criatura peluda e com presas – uma espécie de lobisomem em roupas vitorianas. No livro, no entanto, ele é menos abertamente monstruoso. Há algo profundamente repugnante nele, mas é difícil dizer exatamente de onde vem essa qualidade. “Ele não é fácil de descrever”, comenta um personagem. “Há algo errado com sua aparência; algo desagradável, algo absolutamente detestável. Nunca vi um homem de quem não gostasse tanto e, no entanto, mal sei por quê. Ele deve estar deformado em algum lugar; ele dá uma forte sensação de deformidade, embora eu não pudesse especificar o ponto. Ele é um homem de aparência extraordinária, e ainda assim não consigo citar nada fora do caminho.”

Além disso, embora Stevenson nos diga que Hyde tem um histórico de atos vis e violentos, ele não parece ser um maníaco homicida. Em vez disso, ele é a personificação dos impulsos desagradáveis e sem lei que se escondem sob nossos vernizes civilizados: o que Sigmund Freud chamou de Id. De fato, na história de Stevenson, Edward Hyde comete apenas um único assassinato — o espancamento de um distinto cavalheiro chamado Sir Danvers Carew.

Em suma, embora assassinos em série como Bundy e Gacy sejam frequentemente descritos como Jekyll-and-Hydes, eles são realmente muito piores. Comparado a eles, a criação bestial de Stevenson era um gatinho.

J OKES

Assassinato em série não é motivo de riso. Mas isso não impediu as pessoas de tirar sarro disso – assim como não as impediu de trocar piadas doentias sobre outros assuntos escabrosos e sensacionais, de OJ Simpson a Lorena Bobbitt, a dona de casa da Virgínia que, em 1993, cortou o pênis do marido. enquanto ele dormia porque ela estava descontente com sua vida sexual. Este último, de fato, co-estrelou neste amplamente divulgado cócegas nas costelas com um dos principais assassinos em série da América, o falecido Jeff “The Chef” [Dahmer](#) :

O que Jeffrey Dahmer disse a Lorena Bobbitt?

"Você vai comer isso?"

Os crimes canibais de Dahmer inspiraram uma série de piadas doentias. Um dia, por exemplo, sua mãe veio jantar. “Jeffrey”, ela reclamou, no meio da refeição, “eu realmente não gosto dos seus amigos.” “Então coma os legumes, mãe”, respondeu Dahmer.

O fenômeno do humor serial-killer parece ter se originado em relação a outra celebridade psicopata que (como Dahmer) residia em Wisconsin: Edward [Gein](#). Não muito tempo depois que as atrocidades de Gein vieram à tona, piadas sobre o “Plainfield Ghoul” começaram a circular por todo o Centro-Oeste. Esses enigmas grosseiros – conhecidos como “Giners” – chamaram a atenção de um psicólogo chamado George Arndt, que publicou um artigo sobre eles em um jornal psiquiátrico. Entre os exemplos de Arndt estavam os seguintes:

Por que a namorada de Ed Gein parou de sair com ele?

Porque ele era tão foda.

O que Ed Gein disse ao xerife que o prendeu?

“Tenha um coração.”

Por que ninguém joga pôquer com Ed Gein?

Ele pode vir com uma boa mão.

Por que existem piadas sobre assassinos em série? Eles são uma expressão de pura insensibilidade e crueldade? Provavelmente não. Como outras piadas grosseiras e desagradáveis, o humor do serial killer oferece uma saída para nossos medos – da mesma forma que uma criança passando

por um cemitério assobia uma música animada para acalmar seus nervos. É uma forma de afastar o terror com levandade. Como diz o ditado, rimos para não chorar.



“Uma visita do Velho Ed”



Xilogravura de Ed Gein por Chris Pelletiere

Piadas doentias sobre Ed [Gein](#) não foram o único tipo de humor negro que circulou nos meses seguintes à descoberta de seus crimes. Pesquisando a reação local às atrocidades de Gein, o psicólogo George Arndt gravou esta paródia macabra de “A Visit from St. Nicholas” de Clement Moore:

'Twas a noite antes do Natal, quando todo o galpão,
Todas as criaturas estavam se mexendo, até o velho Ed.
Os corpos foram pendurados nas vigas acima,
Enquanto Eddie procurava outro novo amor.
Ele foi para Wautoma para um acordo Plainfield,
Procurando amor e também uma refeição.

Quando o que para seus olhos famintos deve aparecer,
Mas a velha Mary Hogan em seu novo sutiã vermelho.
Suas bochechas eram como rosas quando beijadas pelo sol.
E ela soltou um grito ao ver a arma de Ed.
O velho Ed puxou o gatilho e Mary caiu morta,
Ele pegou seu velho machado e cortou a cabeça dela.
Ele então pegou sua serra e a cortou em dois,
Uma metade para hambúrguer, a outra para guisado.
E colocando a mão ao lado de seu calcanhar,
Até as vigas foi sua próxima refeição.
Ele saltou para seu caminhão, para o cemitério ele voou,
As horas eram curtas e muito trabalho ele tinha que fazer.
Procurou a sepultura onde jazia o mais gordo,
E começou a cavar com pá e pá.
Ele pá e pá e pá um pouco mais,
Até que finalmente chegou à velha porta do caixão.
Ele pegou um pé-de-cabra e abriu a caixa,
Ele não era apenas inteligente, mas astuto como uma raposa.
Quando ele pegou o corpo e cortou sua cabeça,
Ele podia dizer pelo cheiro que a velha estava morta.
Ele encheu a sepultura pelo luar acima,
E mais uma vez o velho Ed encontrou um novo amor.

“Ele tinha um senso de humor bizarro.”

Um dos ex-colegas de escola de Jeffrey Dahmer

JUVENIS _

Garotinhos que crescem para ser assassinos em série tendem a ser extremamente sádicos, mas os alvos de sua crueldade são quase sempre pequenos animais, não outras crianças (veja [Animal Torture](#)). Uma exceção a essa regra foi o psicopata juvenil Jesse Pomeroy, um dos criminosos mais perturbadores da América do século XIX.

Pomeroy sofreu uma infância difícil. Ele foi criado em dificuldades por uma mãe viúva, que conseguiu uma vida pobre como costureira no sul de Boston. E ele foi amaldiçoado com uma aparência grotesca - sua boca estava desfigurada por um lábio leporino e um olho estava coberto por uma película branca medonha. Ainda assim, seus contemporâneos não estavam inclinados a atribuir suas atrocidades a traumas de infância. Para eles, ele era simplesmente um demônio nato.

Pouco se sabe sobre o início da vida de Pomeroy até atingir a idade de onze - nesse ponto, ele começou a atacar outras crianças. Entre o inverno de 1871 e o outono seguinte, ele atacou sete meninos, atraindo-os para um local isolado, depois despindo-os, amarrando-os e torturando-os. Suas primeiras vítimas foram submetidas a espancamentos selvagens. Mais tarde, Pomeroy passou a cortar suas vítimas com um canivete ou esfaqueá-las com agulhas.

Preso no final de 1872, Pomeroy foi condenado a dez anos em um reformatório, mas conseguiu ganhar liberdade condicional depois de apenas dezoito meses, fazendo um show convincente de reabilitação. Assim que ele foi libertado, no entanto, ele voltou aos seus modos anteriores. Mas a essa altura, o psicopata adolescente não se contentava apenas em infligir ferimentos. Neste ponto, ele era homicida.

Em março de 1874, ele sequestrou Mary Curran, de dez anos, depois a mutilou e matou. Um mês depois, ele sequestrou Horace Mullen, de quatro anos, levou-o para um trecho remoto de pântano e o cortou tão selvagememente com um canivete que o menino quase foi decapitado.

Quando o corpo de Mullen foi encontrado, a suspeita imediatamente caiu sobre Pomeroy, que foi pego com a arma ensanguentada no bolso e lama nas botas que combinavam com o solo encharcado do local do crime. Quando a polícia mostrou a Pomeroy o corpo horivelmente mutilado da vítima e perguntou se ele havia matado o menino, Pomeroy simplesmente

disse: “Acho que sim”. Não foi até julho que o cadáver de Mary Curran foi encontrado, quando trabalhadores descobriram seus restos decompostos enquanto escavavam o porão de terra da casa dos Pomeroy.

O julgamento de Pomeroy em 1874 foi uma sensação nacional. Os reformadores morais atribuíram seus crimes aos lúgubres “romances baratos” da época (muito parecidos com aqueles modernos narizes azuis que atribuem a taxa de criminalidade atual ao gangsta rap e videogames violentos). Infelizmente, a posição deles foi prejudicada pela insistência de Pomeroy de que nunca havia lido um livro na vida.

Apesar de sua idade, Pomeroy foi condenado à morte, mas sua sentença foi comutada para prisão perpétua com uma ressalva severa: o chamado menino-demônio cumpriria sua pena na solitária. E, de fato, foi somente quarenta e um anos depois que ele finalmente teve um contato limitado com outros detentos. Ele morreu no confinamento em 1932, com a idade de setenta e dois.

Pomeroy faz uma breve, mas memorável aparição no romance best-seller de Caleb Carr de 1994, *The Alienist*, quando o herói titular – buscando entender a mente de um serial killer desconhecido – viaja para Sing Sing para entrevistar o ex-boy-fiend e o encontra trancado em uma prisão. cela de punição, sua cabeça envolta em uma “capa de colarinho” parecida com uma gaiola.

Durante o final da década de 1990 – um século após os crimes de Pomeroy – a América ficou chocada com uma onda de assassinatos horrendos cometidos por sociopatas juvenis. Em Pearl, Mississippi, Luke Woodham, de dezesseis anos, matou três colegas de escola e feriu outros sete depois de esfaquear sua própria mãe até a morte. Em West Paducah, Kentucky, Michael Carneal, de quatorze anos, matou a tiros três colegas estudantes e feriu outros cinco em uma reunião de oração matinal. Em Springfield, Oregon, Kip Kinkel, de quinze anos, assassinou seus pais, depois atirou em vinte e sete estudantes, matando dois. Em Jonesboro, Arkansas, Andrew Golden e Mitchell Johnson – de onze e treze anos – acionaram um alarme de incêndio para atrair seus colegas para fora, depois abriram fogo, matando quatro alunos e um professor.

O mais notório desses incidentes ocorreu em abril de 1999, quando Dylan Klebold, de dezessete anos, e Eric Harris, de dezoito anos, massacraram seus colegas e professores na Columbine High School, em Littleton, Colorado, deixando treze mortos e vinte e cinco feridos. Como outros de sua laia, no entanto, Klebold e Harris não eram assassinos em série, mas assassinos em massa: **assassinos** suicidas tão cheios de raiva e desespero que escolheram acabar com suas próprias vidas depois de infligir uma terrível vingança ao mundo que passaram a achar insuportável. .

“Apesar de ambas as algemas na gola, Jesse tinha um livro na mão e estava lendo calmamente. . . . – Muito difícil estudar neste lugar – disse Jesse, depois que a porta se fechou. 'Mas eu estou tentando. Acho que talvez seja aí que eu errei — sem educação. . . .’” “Laszlo assentiu. 'Admirável. Vejo que você está usando um gorro.

“Jesse riu. 'Ahh... eles *alegam* que eu queimei o rosto de um cara com um cigarro enquanto ele dormia. . . . Mas eu lhe pergunto... Ele se virou para mim, o olho leitoso flutuando sem rumo em sua cabeça. 'Isso soa como eu?’

“

O Alienista de Caleb Carr



Edmund Kemper

Em agosto de 1963, quando Edmund Kemper tinha quinze anos, ele deu um passo atrás de sua avó e casualmente atirou na nuca dela. Depois de esfaqueá-la algumas vezes, ele esperou calmamente que seu avô voltasse do trabalho, então o abateu também. Seu motivo? “Eu só queria saber como seria atirar na vovó”, explicou ele à polícia.

Em retrospecto, essa explosão homicida não foi realmente muito surpreendente. Desde seus primeiros anos, Kemper tinha sido o que sua mãe descreveu eufemisticamente como um “real esquisito”. Uma de suas brincadeiras favoritas de infância era fingir que estava sendo asfixiado na câmara de gás. Ele também gostava de decapitar as bonecas de suas irmãs.

Aos dez anos, ele se formou em [Tortura Animal](#), cortando um gato com um facão e escondendo as partes desmembradas em seu armário. Ele enterrou outro gato vivo e, depois de exumar o cadáver, cortou sua cabeça, que exibiu com orgulho em seu quarto.

Considerado mentalmente doente após o duplo assassinato de seus avós, Kemper foi internado em um hospital psiquiátrico de segurança máxima em 1963.

Apenas seis anos depois, ele foi libertado. Fisicamente, ele havia passado por uma mudança impressionante, tendo se tornado um corpulento, com 1,90m e 130 quilos. Psicologicamente, porém, ele era o mesmo de sempre — um psicopata sádico obcecado por fantasias necrófilas.

Dois anos após sua alta do hospital psiquiátrico, Kemper pegou duas alunas de carona, as levou para um local isolado e as esfaqueou até a morte. Depois de contrabandear seus corpos de volta para casa, ele se divertiu por várias horas com seus “troféus” – fotografando-os, dissecando-os, fazendo sexo com suas vísceras. Eventualmente, ele ensacou e enterrou as partes do corpo e jogou as cabeças em uma ravina.

Quatro meses depois, ele sequestrou outra caroneira adolescente, estrangulou-a, estuprou seu cadáver e depois o levou para casa para mais diversão e jogos. O mesmo padrão se repetiria com mais três vítimas do sexo feminino, todas estudantes pedindo carona. Embora Kemper claramente gostasse do assassinato, foram as perversões post mortem que lhe deram mais satisfação. Ele decapitou todas as mulheres e gostou de fazer sexo com seus corpos sem cabeça. Ele também gostava de dissecar os cadáveres e salvar várias “lembranças”. Em pelo menos duas ocasiões, ele canibalizou suas vítimas, cortando a carne de suas pernas e cozinhando em uma caçarola de macarrão.

Em janeiro de 1973, as autoridades de Santa Cruz estavam cientes de que um assassino em série - apelidado de "assassino misto" - estava à solta, embora nunca suspeitassem de Kemper, que, de fato, havia feito amizade com vários policiais locais. Vários meses depois, no fim de semana da Páscoa, Kemper cometeu matricídio, martelando o crânio de sua mãe adormecida e cortando sua cabeça. Depois de estuprar o corpo decapitado, ele arrancou sua laringe e a jogou no triturador de lixo. (“Isso parecia apropriado”, ele diria mais tarde à polícia, “por mais que ela tenha reclamado, gritado e gritado comigo por tantos anos.”) Depois, ele telefonou para a melhor amiga de sua mãe e a convidou para jantar. Quando ela chegou, ele esmagou seu crânio com um tijolo e submeteu seu cadáver aos habituais ultrajes pós-morte.

No domingo de Páscoa, Kemper entrou em um carro e foi para o leste. Quando chegou ao Colorado, ele telefonou para seus amigos da polícia de Santa Cruz e confessou. Condenado por oito acusações de assassinato, ele foi questionado sobre o que ele achava que seria uma punição adequada. “Morte por tortura”, foi sua resposta razoável. Em vez disso, ele foi condenado à prisão perpétua.

P. “O que você pensa quando vê uma garota bonita andando na rua?”

R. “Um lado meu diz: 'Gostaria de falar com ela, sair com ela'. O outro lado de mim diz: 'Eu me pergunto como a cabeça dela ficaria em uma vara?' “

EDMUND KEMPER,
durante entrevista à revista

KIDNEY

Esse órgão vital tem um significado especial para os aficionados do crime, pois figura com destaque no caso do serial killer mais famoso de todos os tempos.

Na noite de 30 de setembro de 1888, o louco anônimo que se tornaria conhecido como [Jack, o Estripador](#), cometeu duas atrocidades em rápida sucessão. Primeiro, ele cortou a garganta de uma prostituta sueca chamada Elizabeth Stride. Então, depois de ser interrompido por uma carroça que se aproximava, ele abordou uma prostituta de 43 anos chamada Catherine Eddowes e a atraiu para uma praça deserta, onde cortou sua traqueia e atacou seu corpo, removendo seu rim esquerdo.

Duas semanas depois - em 16 de outubro - um pacote chegou à casa de George Lusk, chefe do Comitê de Vigilância de Whitechapel, um grupo de comerciantes locais que se organizaram para ajudar na busca pelo assassino. O pacote continha uma surpresa horrível - um pedaço de rim (com uma polegada de artéria renal ainda anexado), acompanhado por uma carta igualmente terrível endereçada a Lusk: pedaço que eu fritei e comi foi muito bom, eu posso te mandar a maldita faca que eu tirei se você só esperar mais um pouco.” Estava assinado “Prenda-me quando puder, Senhor Lusk”.

O endereço do remetente no canto superior direito da carta dizia simplesmente: “Do Inferno”.

Nas semanas desde o primeiro ataque do Estripador, a polícia foi inundada com cartas de excêntricos alegando ser o assassino e, a princípio, havia muitos que declararam que esta última comunicação não passava de uma farsa depravada. O rim, eles proclamaram, havia sido retirado de um cachorro ou retirado de uma sala de dissecação. O exame feito por um

especialista do Museu do Hospital de Londres, no entanto, revelou não apenas que o rim era humano, mas que tinha vindo de uma mulher alcoólatra de meia-idade que sofria (assim como Catherine Eddowes) da doença de Bright. Além disso, a plegada de artéria renal ainda ligada ao pedaço preservado de rim combinava precisamente com os restos arteriais cortados no corpo eviscerado de Eddowes.

Parecia haver pouca dúvida de que o horrendo artefato humano enviado a George Lusk era a coisa real — ou que a nota que o acompanhava era uma comunicação autêntica do Açougueiro de Whitechapel. Até hoje, a carta “Do Inferno” é considerada a única mensagem aparentemente genuína já enviada pelo lendário assassino.

CASAISSASSINO _ _

Uma mulher pode viver com um homem por muitos anos sem saber que ele é um maníaco sexual homicida? Aparentemente sim. Alguns dos assassinos em série mais infames da história – entre eles Albert “Boston Strangler” [DeSalvo](#), Peter [Kürten](#) e Andrei [Chikatilo](#) – eram casados com mulheres que não tinham a menor ideia das vidas secretas sinistras de seus maridos. É possível sentir pena dessas mulheres, que acabam descobrindo, para seu maior desânimo, que foram acasaladas com monstros.

Há, no entanto, outro tipo de mulher que — longe de inspirar simpatia — provoca apenas ódio e descrença. Esta é a esposa ou amante de um serial killer que não apenas está ciente dos horrores que seu homem comete, mas também participa ativamente deles.

Talvez o mais infame desta raça seja Myra Hindley. Uma datilógrafa tímida de 23 anos de Manchester, Inglaterra, Hindley levou uma vida normal até que se envolveu com Ian Brady, um psicopata com gosto por pornografia sadomasoquista e parafernália nazista. Em pouco tempo, Hindley estava se vestindo com trajes da SS e posando para as fotos obscenas de Brady – um passatempo bizarro, mas relativamente inofensivo, comparado aos horrores que se seguiram. A partir de julho de 1963, o par perverso assassinou uma série de crianças e depois enterrou os cadáveres nos pântanos desolados nos arredores de Manchester. No caso de uma de suas vítimas - uma menina bonita de dez anos chamada Leslie Ann Downey – o casal forçou a criança a posar para fotos pornográficas, depois gravou

seus apelos atormentados antes de matá-la. Quando a fita foi tocada no julgamento dos [Moors Murderers em 1966](#), espectadores e jurados choraram incontrolavelmente.



Ian Brady e Myra Hindley; de cartões comerciais *Bloody Visions*

(© & ™ 1995 MH Price e Shel-Tone Publications. Todos os direitos reservados.)

Como Brady e Hindley, algumas duplas mortais são amantes solteiros que gostam de assassinato em série da mesma forma que outros casais saboreiam jantares à luz de velas e fins de semana românticos em uma pousada de campo. Os “Assassinos dos Corações Solitários”, Martha Beck e Raymond Fernandez, cometeram um número indeterminado de homicídios no final da década de 1940 (eles confessaram três, mas eram suspeitos de vinte), incluindo o assassinato de uma menina de dois anos. Até o amargo fim, Beck persistiu em ver seu caso vil como um romance de livro de histórias, jurando amor eterno por sua companheira desprezível, mesmo quando ela estava sendo levada para a cadeira.

Carol Bundy levou a devoção romântica a extremos ainda mais hediondos. No início dos anos 1980, Bundy era o amante de Douglas Clark, um psicopata assassino de prostitutas e necrófilo apelidado de “Sunset Strip Slayer”. Entre seus vários prazeres, Clark gostava de atrair mulheres jovens para seu carro, atirar nelas na têmpora enquanto elas o felavam, depois

carregar suas cabeças decapitadas para casa para mais diversão e jogos. Em pelo menos uma ocasião, Bundy ajudou bancando a esteticista – aplicando batom e maquiagem em uma das cabeças e fazendo um lindo penteado. Assim que ela terminou, seu namorado levou a cabeça para o banheiro e a usou para fazer sexo oral. “Nós nos divertimos muito com ela”, Bundy confessou mais tarde. “Eu a inventei como uma Barbie.”

No início dos anos 1990, a Barbie foi novamente invocada no caso de um casal assassino. Só que desta vez, o nome da boneca estava ligado não a uma vítima, mas a um dos perpetradores.

Conhecidos como os assassinos de “Ken e Barbie” por causa de sua beleza dourada, Paul Bernardo e Karla Homolka eram um time canadense de marido e mulher, perfeitamente combinados em sua depravação mútua. A primeira vítima foi a própria irmã de 15 anos de Homolka, Tammy. Em dezembro de 1990, depois de um jantar de véspera de Natal na casa dos Homolka, Paul encheu o adolescente de bebidas com tranquilizantes. Uma vez que ela estava desmaiada, ele gravou Karla enquanto ela fazia sexo oral em sua irmãzinha. Bernardo então estuprou a jovem enquanto Karla cobria a boca de Tammy com um pano encharcado de drogas para mantê-la inconsciente. Infelizmente, a droga – um sedativo animal chamado halotano roubado da clínica veterinária onde Karla trabalhava – fez a menina vomitar e engasgar até a morte com o próprio vômito.

Nos dois anos seguintes, o par monstruosamente depravado sequestrou e gravou o estupro, tortura sexual e assassinato de mais dois adolescentes de Ontário: Kirsten French, de quinze anos, e Leslie Mahaffy, de quatorze anos, que foi estrangulada por Bernardo com uma faca. fio elétrico enquanto ela segurava um ursinho de pelúcia que Homolka lhe dera para o conforto.

Por fim, a dupla foi presa. Bernardo foi condenado à prisão perpétua. Em troca de sua total cooperação, Homolka recebeu uma sentença branda. Para a indignação de muitos de seus compatriotas, ela foi libertada em julho de 2005, depois de cumprir doze anos por seu papel nas atrocidades.

Há outros casos de maridos e esposas que compartilham o gosto pelo assassinato em série — casais que acrescentam tempero ao casamento ao se entregarem a crimes indescritíveis. Entre 1978 e 1980, Charlene Gallego

ajudou a obter vítimas adolescentes para seu marido sádico, Gerald, atraindo-os para seu carro com a promessa de maconha. Ela então se sentava no banco da frente e assistia enquanto ele os estuprava, sodomizava e os espancava até a morte com um martelo. Em 1992, o casal britânico Fred e Rosemary West foi acusado de terrível tortura-assassinato de dez mulheres jovens, incluindo sua própria filha de dezessete anos.

A monstruosa Sra. West, no entanto, não faz mais parte de um casal assassino. Ela ficou viúva no dia de Ano Novo quando seu abominável companheiro se enforcou em sua cela.



Os “Assassinos da Lua de Mel”



Marta Beck; de cartões comerciais *Bloody Visions*

(© &™ 1995 MH Price e Shel-Tone Publications. Todos os direitos reservados.)

A repugnante história de amor de Martha Beck e Raymond Fernandez chegou às telas no filme de 1970 *The Honeymoon Killers*, estrelado por Shirley Stoler e Tony LoBianco. O roteirista e diretor Leonard Kastle faz um excelente trabalho ao capturar a essência assustadora desse romance

repugnante. Apesar (ou talvez por causa) de seu baixo custo, este chiller de baixo orçamento em preto e branco é extremamente eficaz - apenas observá-lo faz você se sentir vagamente impuro.



Um casal de crianças loucas



Retrato de Charles Starkweather por Chris Pelletiere

Charlie “Little Red” Starkweather – um coletor de lixo de dezenove anos de Lincoln, Nebraska – se via como um jovem rebelde romântico como seu ídolo adolescente, James Dean. Na realidade, ele era um punk sociopata com rancor contra todos no mundo, exceto sua namorada de quatorze anos, Caril Ann Fugate. Em 1º de dezembro de 1957, Starkweather derrubou um posto de gasolina em Lincoln, sequestrou o atendente de 21 anos, levou-o para o campo e o matou a sangue frio.

Isso foi apenas um aquecimento para a onda de assassinatos mais notória da década de 1950.

Sete semanas depois, Charlie foi visitar Caril, que ainda não tinha voltado da escola. Sua mãe - que tinha uma opinião justificadamente ruim de Starkweather - deixou-o saber o que ela pensava dele. Charlie atirou nela e no marido até a morte com seu fiel rifle calibre .22. Caril chegou em casa no momento em que seu namorado psicopata estava sufocando sua irmãzinha até a morte, enfiando o cano do rifle em sua garganta. Depois que Caril pregou um bilhete na porta da frente: “Fique longe. Todo corpo está doente com a gripe” - os pombinhos repugnantes se instalaram para assistir TV, comer junk food e foder.

Quando a comida acabou e parentes suspeitos começaram a aparecer, a dupla fugiu no calhambeque de Charlie. Parando em uma fazenda local, eles atiraram no dono de setenta anos e em seu cachorro, depois pegaram carona com dois namorados do ensino médio, Robert Jensen e Carol King. Depois de sequestrá-los sob a mira de uma arma, Charlie matou o menino, depois estuprou a menina e atirou nela. Em um aparente ataque de ciúmes, Caril teria mutilado os genitais da menina morta com uma faca de caça.

Voltando para Lincoln, eles invadiram a casa de um rico empresário, C. Lauer Ward, onde Charlie torturou, estuprou e matou a Sra. Ward e a empregada de 51 anos. Depois de quebrar o pescoço do cachorro da família, Charlie se acomodou para esperar o Sr. Ward voltar do trabalho, explodindo-o quando ele cruzou a soleira.

Escapando na limusine de Ward, a dupla foi para o estado de Washington. A essa altura, um grupo de 1.200 homens estava caçando o casal assassino. Decidindo trocar de veículo, eles pararam do lado de fora de Douglas, Wyoming, onde Charlie atirou em um vendedor chamado Merle Collison enquanto ele cochilava em seu carro. Charlie estava lutando com o cadáver atrás do volante quando um motorista que passava parou e começou a lutar com o pequeno assassino. Starkweather conseguiu pular na limusine e fugir assim que os xerifes chegaram. Liderando-os em uma perseguição em alta velocidade, ele se rendeu após ser atingido de raspão por uma bala da polícia. A onda de assassinatos de vinte e seis dias, que deixou dez pessoas mortas, havia terminado. Charlie foi eletrocutado em 24 de junho de 1959. Caril foi condenado à prisão perpétua, mas teve liberdade condicional em 1977.

Por mais sórdida que fosse na realidade, a história deles continha ingredientes sedutores suficientes – jovens amantes fora da lei condenados em fuga – para dar-lhe um apelo romântico. Foi contada e recontada de várias formas, desde a música de Bruce Springsteen “Nebraska” ao filme cult de Terrence Malick de 1973, *Badlands*, ao romance de 2004 *Outside Valentine* de Liza Ward (cujos avós estavam entre as vítimas do jovem casal sociopata).

K RAFFT -E BING

Qualquer um que pense que o assassinato em série é estritamente um fenômeno moderno será rapidamente desiludido dessa noção ao dar uma olhada em *Psychopathia Sexualis*, o texto clássico do século XIX sobre desvio sexual. Seu autor foi Dr. Richard von Krafft-Ebing (1840-1902), um distinto médico alemão que era considerado o mais importante neuropsiquiatra de sua época.

O enorme compêndio de Krafft-Ebing cobre todas as perversões conhecidas, do fetichismo dos pés à [necrofilia](#). Para o estudante de assassinato em série, as partes mais interessantes são as histórias de casos de notórios assassinos de luxúria. Krafft-Ebing cobre todos os grandes assassinos sexuais do século XIX, incluindo [Jack, o Estripador](#) e Joseph [Vacher](#). Ele também discute uma série de psicopatas menos conhecidos, mas seriamente alarmantes, como o funcionário inglês “Alton” que – depois de desmembrar uma criança – fez a seguinte anotação em seu diário pessoal: “Matou hoje uma jovem; estava bom e quente.”

Outro caso obscuro mas horripilante registrado por Krafft-Ebing é o de “um certo Gruyo, de quarenta e um anos, com uma vida passada irrepreensível, [que] estrangulou seis mulheres ao longo de dez anos. Eram quase todas prostitutas públicas e bastante velhas. Após o estrangulamento, ele arrancou seus intestinos e rins pela vagina. Algumas das vítimas ele violou antes de matar, outras, por causa da ocorrência de impotência, ele não o fez. Ele começou seus atos horríveis com tanto cuidado que permaneceu indetectado por dez anos.”

O trabalho pioneiro de Krafft-Ebing deixa chocantemente claro que, embora o massacre em série esteja inquestionavelmente em ascensão, o

crime em si sempre esteve conosco.

“Eu abri seu seio e com uma faca cortei as partes carnudas do corpo. Então eu arrumei o corpo como um açougueiro faz carne, e o cortei em pedaços com um machado. . . Posso dizer que, ao abrir o corpo, tive tanta ganância que tremi e poderia ter cortado um pedaço e comido”.

O assassino da luxúria Andreas Bichel, citado pelo professor Richard von Krafft-Ebing



Peter Kürten

Em suas próprias palavras, Peter Kürten aspirava a se tornar “o criminoso mais célebre de todos os tempos”. Ele não conseguiu – outros criminosos são mais famosos, incluindo seu modelo, [Jack, o Estripador](#). Ainda assim, embora Kürten tenha ficado aquém desse objetivo, ele pode reivindicar outra distinção. Em um século que produziu uma série de assassinos de luxúria sádicos, Kürten, na opinião de muitos especialistas, pode ter sido o mais terrível de todos.

A casa em que Kürten cresceu - um único quarto ocupado por dez membros da família - era um viveiro de sexo depravado. Seu pai era um bêbado vicioso que habitualmente forçava sua esposa na frente dos filhos e foi preso pelo estupro de sua filha de treze anos. Kürten também se envolveu em sexo com suas irmãs.

A forma favorita de atividade sexual do jovem Kürten, no entanto, não era o incesto, mas a bestialidade. Um vizinho que trabalhava como apanhador de cães ensinou o menino a torturar e masturbar animais, forjando uma ligação inicial na psique já distorcida de Kürten entre crueldade sádica e liberação sexual. Entre as idades de treze e quinze anos, ele cometeu inúmeros atos de bestialidade com porcos, ovelhas e cabras, extraindo um prazer particularmente intenso de esfaquear o animal até a morte enquanto mantinha relações sexuais com ele.

Aos quinze anos, Kürten - já um ladrão habitual - foi preso e encarcerado, a primeira de uma longa série de sentenças de prisão. Ao todo,

ele passaria mais da metade de seus quarenta e sete anos atrás das grades. Entre 1899 e 1928, durante os períodos em que conseguiu permanecer foragido, ele pode ter cometido até três assassinatos, embora nenhum tenha sido atribuído a ele. Um piromaniaco furioso, ele também obtinha satisfação sexual de incendiar celeiros, outro de seus passatempos favoritos.

Kürten casou-se em 1921, ganhando o consentimento de sua futura noiva de uma maneira não convencional (se característica): ele ameaçou matá-la se ela se recusasse a se casar com ele. Até que o próprio Kürten confessasse a verdade indescritível, sua esposa leal e sofrida permaneceu completamente inconsciente de que estava casada com o infame “Monstro de Düsseldorf”.

Kürten ganhou esse apelido em 1929. Durante esse ano, ele desencadeou uma torrente de violência sem precedentes, atacando 29 pessoas entre fevereiro e novembro. Esta onda de sangue chegou ao fim com o esfaqueamento estrangulado e frenético de uma menina de cinco anos, Gertrude Alberman. Alguns dias depois - emulando seu ídolo, Jack, o Estripador - Kürten enviou uma carta à polícia. Nele, ele os dirigiu para os restos selvagens do Alberman menina, bem como ao corpo de outra de suas vítimas, uma empregada doméstica que ele havia esfaqueado vinte vezes e sodomizado após a morte.

Por mais de um ano, os cidadãos de Düsseldorf viveram aterrorizados. A polícia fez todo o possível para rastrear o assassino, questionando quase mil suspeitos e seguindo centenas de pistas. Mas Kürten era infernalmente difícil de rastrear. A maioria dos assassinos de luxúria preferem um único tipo de arma e um certo tipo de vítima. Mas Kürten usou machados, tesouras, martelos, facas e suas próprias mãos para matar jovens e velhos, homens e mulheres.

Em maio de 1930, Kürten misteriosamente deixou uma jovem ir depois de tentar estuprá-la. Setenta e duas horas depois, ele estava preso. Sob custódia, ele derramou sua história indescritível em detalhes surpreendentes. Entre outros fatos, as autoridades descobriram que, além de suas outras perversões, Kürten era um [Vampiro](#), que bebia o sangue de várias vítimas, e uma vez experimentou uma ejaculação depois de cortar a

cabeça de um cisne adormecido e beber o sangue do cotoco do pescoço. Condenado por nove assassinatos, foi guilhotinado em julho de 1931.

“No caso de Oliger, também suguei sangue da ferida na têmpora e de Scheer da facada no pescoço. Da menina Schulte eu só lambi o sangue de suas mãos. Foi o mesmo com o cisne no Hofgarten. Eu costumava passear à noite pelo Hofgarten com muita frequência e, na primavera de 1930, notei um cisne dormindo à beira do lago. Eu cortei sua garganta. O sangue jorrou e eu bebi do coto e ejaculei.”

Das confissões de Peter Kürten



SENHORA -K ILLERS _

A imagem convencional de um serial killer é alguém como Norman Bates – um cara tão legal e de aparência inofensiva que você nunca suspeitaria que ele fosse um maníaco homicida. Claramente, este é um equívoco popular. Houve muitos assassinos em série de aparência assustadora: perdedores obstinados como Henry Lee [Lucas](#), loucos de olhos arregalados como Charles [Manson](#), mefistofélicos como Richard “Night Stalker” [Ramirez](#). Ainda assim, os estereótipos geralmente possuem um núcleo de verdade – e, de fato, houve vários assassinos em série que parecem não apenas normais, mas totalmente apresentáveis. Ao contrário de idiotas psicóticos como David [Berkowitz](#) e Edward [Gein](#) - que não conseguiam obter a hora do dia de uma mulher - esses sociopatas joviais são altamente atraídos pelo sexo oposto. Eles são verdadeiros assassinos de mulheres - em mais de uma maneira.

Embora Ted [Bundy](#) seja sem dúvida o mais conhecido desta raça, ele certamente não foi o primeiro. Cem anos atrás, outro jovem atraente que compartilhava o primeiro nome de Bundy - Theodore Durrant - ganhou notoriedade nacional como um dos assassinos mais hediondos do século. Um jovem de 23 anos brilhante e bem-apessoado que ainda morava em casa com seus pais, Durrant parecia ser um modelo de masculinidade jovem americana: um estudante de medicina, professor de escola dominical e membro do corpo de sinalização da milícia da Califórnia. Ele também era bonito: alto, esbelto e atlético, com traços finos, quase femininos. As mulheres o achavam difícil de resistir. Em 3 de abril de 1895, Durrant atraiu uma de suas amigas para uma igreja vazia, depois a estrangulou, estuprou seu cadáver e o escondeu no campanário. Nove dias depois, ele despachou

outra jovem de maneira semelhante. Não demorou muito para que Durrant – que rapidamente ficou conhecido como o “Demônio do Campanário” – fosse preso, julgado e condenado à morte. O ódio público a Durrant foi tão intenso que, depois que ele foi enforcado, nenhum cemitério de São Francisco concordou em enterrá-lo. Seus pais tiveram que levar seu corpo para Los Angeles para cremação.

O contemporâneo de Durrant, o Dr. HH [Holmes](#), também era um gato para as senhoras. Um sociopata elegante e de fala mansa, Holmes não teve problemas para usar seu charme sedutor em dezenas de mulheres jovens, um número indeterminado das quais encontrou seus fins nas profundezas de seu infame “Castelo do Assassinato”. Um modelo de empreendimento da Era Dourada, Holmes encontrou uma maneira de lucrar com seus crimes vendendo os ossos montados de suas vítimas para as escolas de medicina locais.



TED BUNDY

Ted Bundy; de *True Crime Trading Cards, Série Dois: Assassinos em Série e Assassinatos em Massa*; arte de Jon Bright

(Cortesia de Jon Bright e Valarie Jones)



Theo Durrant transporta uma vítima para o campanário nesta gravura do século XIX

O século XX produziu mais do que sua parcela de homens-damas letais. Um dos mais notórios foi o psico-assassino inglês Neville Heath. Alto, bonito e charmoso, Heath parecia uma versão hollywoodiana de um herói de guerra britânico. Ele era, de fato, um oficial militar que viu a ação como piloto de bombardeiro da RAF na Segunda Guerra Mundial. Infelizmente, ele também era um sociopata sádico cujo gosto por escravidão e flagelação floresceu em uma sede de sangue completa. Em junho de 1946, uma atriz de meio período chamada Margery Gardner acompanhou Heath ao seu quarto de hotel para uma noite de sexo excêntrico. Quando o corpo de Gardner foi encontrado no dia seguinte, a condição de seu cadáver chocou até os policiais mais endurecidos. Amarrada e sufocada com uma mordaca, ela havia sido selvagemmente chicoteada com um chicote de montaria. Seus mamilos quase foram arrancados, e um atizador foi enfiado entre suas pernas. Não muito tempo depois, Heath assassinou e mutilou outra jovem que conhecera em um hotel de Bournemouth. Preso pouco depois, ele se declarou inocente por motivo de insanidade em seu julgamento, mas o júri levou menos de uma hora para condená-lo. Ele permaneceu suave até o fim. No dia de seu enforcamento, ele pediu um uísque duplo ao diretor como um cavalheiro pedindo uma bebida em um bar de hotel.

“Você *sente* o último suspiro deixando o corpo deles. Você está olhando em seus olhos. Uma pessoa nessa situação é Deus!”

T ED B UNDY ,
sobre a alegria do assassinato

CARTAS _

Há alguma controvérsia sobre se Ted “Unabomber” Kaczynski – o terrorista antitecnológico responsável por uma série de ataques com cartas-bomba entre 1978 e sua prisão em 1996 – pode ser considerado um assassino em série. Algumas pessoas dizem que ele certamente era: afinal, ele matou três pessoas e feriu gravemente quase duas dúzias. Outros, no entanto, o consideram um fanático revolucionário que recorreu à violência como forma de promover suas crenças. Esta questão continua a ser uma questão de debate, mas uma coisa é certa – o cara poderia escrever. Em agosto de 1995, ele enviou uma carta ao *New York Times*, oferecendo-se para evitar a violência se o jornal concordasse em publicar seu panfleto, “Sociedade Industrial e seu Destino” – um manifesto de 35.000 palavras que (ainda que maluco em alguns de seus pontos de vista) é um modelo de alfabetização, clareza e coerência.

Infelizmente, Kaczynski também colocou suas habilidades de escrita em usos menos impressionantes. Ao mesmo tempo em que enviou sua carta ao *Times*, ele também escreveu para uma de suas vítimas, o Dr. David Gelernter, da Universidade de Yale, insultando o professor como um “tecno-nerd”. A esse respeito, o Unabomber era, de fato, típico de assassinos em série, alguns dos quais se deleitavam em se comunicar por meio de missivas provocativas.

Durante o auge dos “horrores de Whitechapel”, a polícia de Londres foi inundada com cartas que pareciam ser do assassino sombrio. Quase todos eram trotes, mas um foi assinado com um pseudônimo sinistro que rapidamente se tornaria o nome mais infame da história criminal:

Querido chefe,

Eu continuo ouvindo que a polícia me pegou, mas eles não vão me consertar ainda. Eu ri quando eles parecem tão inteligentes e falam sobre estar no caminho certo. . . . Eu estou atrás de prostitutas e não

vou parar de rasgá-las até que eu fique preso. Grande trabalho o último trabalho foi. Não dei tempo à senhora para gritar. Como eles podem me pegar agora. Eu amo meu trabalho e quero começar de novo. Em breve você vai ouvir falar de mim com meus joguinhos engraçados. . . . Minha faca é boa e afiada, quero começar a trabalhar imediatamente se tiver uma chance. Boa sorte.

Sinceramente

Jack o Estripador

Noventa anos depois, o psicopata nova-iorquino que, até então, era conhecido como o “Assassino Calibre .44” recebeu um apelido novo e permanente quando deixou uma carta de deboche na cena do crime. Dirigida a um capitão da polícia do Queens, a carta começava:

Estou profundamente magoado por você me chamar de odiador de wemon. Eu não sou. Mas eu sou um monstro. Eu sou o “filho de Sam”. Eu sou um pirralho.

Quando o pai Sam fica bêbado, ele fica malvado. Ele bate na família. Às vezes ele me amarra nos fundos da casa. Outras vezes ele me tranca na garagem. Sam adora beber sangue.

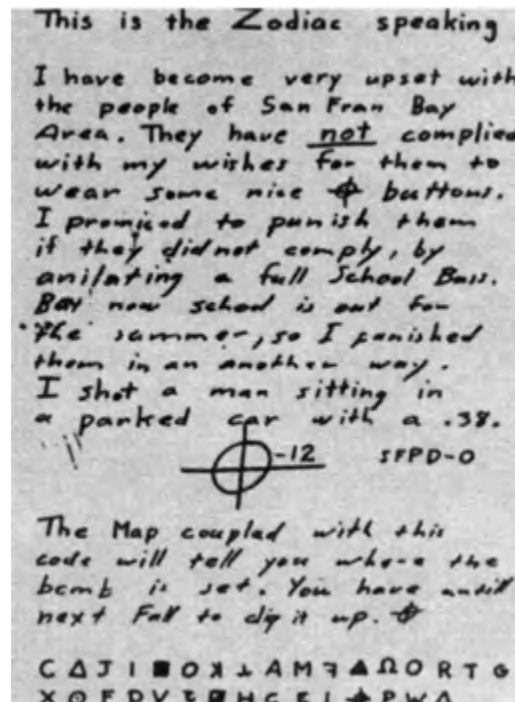
“Saia e mate”, ordena o pai Sam.

Atrás da casa um pouco de descanso. Principalmente jovens – estuprados e massacrados – seu sangue drenado – apenas ossos agora. . . .

Eu me sinto um estranho. Estou em um comprimento de onda diferente de todos os outros – programado para matar.

Em agosto de 1969, outro assassino em série que assassinou com uma arma - o assassino da Califórnia conhecido apenas como [Zodiac](#) - enviou cartas para três jornais da área da baía. Parte de cada letra foi escrita em código. Quando essas passagens foram decifradas, formaram uma mensagem arrepiante: “Eu gosto de matar pessoas porque é muito divertido. É mais divertido do que matar caça selvagem na floresta, porque o homem é o animal mais perigoso de todos. . . . A melhor parte será quando eu morrer. Eu renascerei no Paraíso, e então tudo o que matei se tornará meus escravos. Eu não vou te dar meu nome porque você vai tentar para retardar

ou parar minha coleta de escravos para minha vida após a morte.” No mês seguinte, Zodiac enviou outra carta ao *San Francisco Chronicle*, ameaçando “destruir um ônibus escolar cheio de crianças” – uma ameaça que, felizmente, ele nunca cumpriu.



Carta “Zodíaco”

A tradição continuou nos últimos anos no caso do [BTK](#) Strangler de Wichita. Durante uma onda de assassinatos no final da década de 1970, esse psico-assassino do meio-oeste disparou uma série de cartas que seguiram o padrão usual. O culpado usou a correspondência para fornecer seu próprio [apelido](#) sinistro (um acrônimo baseado em seu sádico MO: Bind, Torture, Kill), bem como para gerar atenção da mídia. E como uma criança mal-humorada, ele ficava petulante quando suas táticas não funcionavam. Quando um jornal não respondeu com rapidez suficiente a uma de suas cartas, ele respondeu e exigiu: “Quanto eu tenho que matar antes de ter meu nome no jornal ou alguma atenção nacional?”

De certa forma, porém, BTK era diferente de seus antecessores. Assim como [Jack, o Estripador](#) e o assassino do [Zodíaco](#), seus assassinatos pararam abruptamente. Ao contrário dos psicopatas anteriores, no entanto, BTK de repente voltou a aparecer anos depois, em 2004, com todo um novo fluxo de correspondência. A razão? Talvez ele estivesse faminto por

reconhecimento novamente. Afinal, o assassino de Green River tinha acabado de ser capturado e estava ganhando atenção nacional. É possível que BTK estivesse se sentindo negligenciado.

Ou talvez ele só quisesse ser pego. Isso explicaria por que um de seus novos pacotes continha um disco de computador que podia ser rastreado até a máquina que o abrigava – uma pista que ajudou a polícia a prender Dennis Rader, que foi rapidamente acusado pelos estrangulamentos ocorridos quase trinta anos antes.

“Estou profundamente magoado por você me chamar de odiador de wemon, eu não sou. Mas eu sou um monstro. Eu sou o 'filho de Sam'. Eu sou um pirralho”.

D AVID B ERKOWITZ



A carta mais doente já escrita?

Sem dúvida, a carta mais medonha já escrita por um assassino em série é aquela que o assassino de crianças canibal Albert [Fish](#) enviou para a mãe de sua vítima de doze anos, Grace Budd. Felizmente, a Sra. Budd era analfabeta funcional e por isso foi poupada do horror de ler este documento indescritível. O original desta carta agora faz parte da coleção do artista Joe Coleman:

Minha querida Sra. Budd,

Em 1894, um amigo meu embarcou como ajudante de convés no Steamer Tacoma, o capitão John Davis. Eles partiram de São Francisco para Hong Kong China. Ao chegar lá, ele e outros dois desembarcaram e ficaram bêbados. Quando eles voltaram, o barco havia sumido. Naquela época havia fome na China. Qualquer tipo de carne custava de US\$ 1 a 3 dólares por libra. Tão grande era o sofrimento entre os muito pobres que todas as crianças com menos de 12 anos eram vendidas aos Açougueiros para serem cortadas e vendidas como comida, a fim de evitar que outros passassem fome. Um menino ou uma menina com menos de 14 anos não estava seguro na rua. Você

poderia ir a qualquer loja e pedir bife — costeletas — ou carne estufada. Parte do corpo nu de um menino ou menina seria trazida para fora e exatamente o que você queria cortar dele. Um menino ou meninas atrás do qual está a parte mais doce do corpo e vendido como costeleta de vitela trouxe o preço mais alto. John ficou ali tanto tempo que adquiriu o gosto pela carne humana. Em seu retorno a NY ele roubou dois meninos um 7 e um 11. Levou-os para sua casa desnudou-os amarrados em um armário. Em seguida, queimou tudo o que eles tinham. Várias vezes todos os dias e noites ele os espancava – os torturava – para tornar sua carne boa e macia. Primeiro ele matou o menino de 11 anos, porque ele tinha a bunda mais gorda e, claro, mais carne. Todas as partes de seu corpo foram cozidas e comidas, exceto a cabeça — ossos e tripas. Ele foi Assado no forno (toda a bunda), cozido, grelhado, frito, estufado. O garotinho foi o próximo, seguiu o mesmo caminho. Naquela época, eu morava na 409 E. 100 St. perto do lado direito. Ele me disse tantas vezes quão boa era a carne humana que eu decidi prová-la. No domingo, 3 de junho de 1928, visitei você na rua 406 W 15. Trouxe-lhe queijo de panela — morangos. Nós almoçamos. Grace sentou no meu colo e me beijou. Resolvi comê-la. Com o pretexto de levá-la para uma festa. Você disse que sim, ela poderia ir. Eu a levei para uma casa vazia em Westchester que eu já tinha escolhido. Quando chegamos lá, eu disse a ela para ficar do lado de fora. Ela colheu flores silvestres. Subi e tirei todas as minhas roupas. Eu sabia que se não o fizesse, teria o sangue dela neles. Quando tudo estava pronto fui até a janela e liguei para ela. Então eu me escondi em um armário até que ela estivesse no quarto. Quando ela me viu toda nua começou a chorar e tentou descer as escadas correndo. Eu a agarrei e ela disse que contaria para sua mãe. Primeiro eu a despi. Como ela chutou – mordeu e arranhou. Eu a sufoquei até a morte, depois a cortei em pedaços pequenos para que eu pudesse levar minha carne para meus quartos, cozinhar e comer. Como era doce e tenro o seu cuzinho assado no forno. Levei 9 dias para comer seu corpo inteiro. Eu *não* fodi ela embora eu pudesse se eu desejasse. Ela morreu *virgem*.



Albert Fish sob custódia (*New York Daily News*)

L IPSTICK

Como regra geral, os serial killers não estão ansiosos para serem pegos. Suas atrocidades são uma fonte de prazer indescritível e, como personalidades psicopatas, são imunes à culpa ou ao remorso.

De vez em quando, no entanto, aparece um assassino em série que se sente mal com seu comportamento. Ele pode até fazer um esforço para parar. A certa altura, por exemplo, Jeffrey [Dahmer](#) — que fantasiava ter um objeto sexual parecido com um zumbi sob seu controle total — roubou um manequim de uma loja de departamentos na esperança de que o manequim pudesse servir como substituto de uma vítima humana. Infelizmente (ainda que previsivelmente), a tática não funcionou. Psicopatas como Dahmer estão nas garras de uma compulsão irresistível e acham impossível largar o hábito do assassinato por conta própria. Às vezes, eles recorrerão ao suicídio (veja [Desejo de Morte](#)). Em outras raras ocasiões — sabendo que são impotentes para evitar cometer horrores futuros — eles imploram para que outra pessoa intervenha.

O exemplo mais famoso deste último fenômeno ocorreu no caso de William Heirens. Criado por pais sexualmente repressivos que o encheram da crença de que “todo sexo é sujo”, Heirens cresceu para ser um fetichista que alcançou o clímax sexual ao invadir casas de mulheres e roubar suas roupas íntimas. Intellectualmente dotado, ele foi admitido na Universidade de Chicago em 1945 com a tenra idade de dezesseis anos. Mesmo enquanto levava uma existência colegial estereotipada – namorando, saindo com amigos, matando aulas – ele continuou a perseguir sua vida clandestina como ladrão de gatos e fetichista de calcinhas.

Em 5 de junho de 1945, uma mulher de 43 anos de Chicago, Josephine Ross, surpreendeu um intruso que estava saqueando seu quarto. Ela foi encontrada naquela tarde, esparramada na cama, com a garganta cortada, o vestido enrolado na cabeça.

Seis meses depois, em 10 de dezembro, o cadáver nu de uma pequena morena de 33 anos chamada Frances Brown foi encontrado no banheiro de seu apartamento em Chicago, não muito longe da cena do crime anterior. Ela havia sido baleada na cabeça, uma faca de açougueiro projetava-se de seu pescoço, e seu roupão estava pendurado sobre a cabeça. Rabiscado com batom na parede da sala havia um pedido de ajuda que se tornaria a mensagem de serial-killer mais famosa do século: “Pelo amor de Deus, pegue-me antes que eu mate mais. Eu não posso me controlar.”

O “Assassino do Batom” (como foi instantaneamente apelidado pela imprensa) cometeu seu último – e mais hediondo – crime no início de janeiro, quando sequestrou Suzanne Degnan, de seis anos, de seu quarto, estrangulou-a, desmembrou seu corpo com um faca de caça, e jogou os pedaços no esgoto.

Heirens foi capturado em junho seguinte, após a maior caçada humana da história de Chicago. Drogado com pentotal de sódio – “soro da verdade” – ele inicialmente alegou que os assassinatos haviam sido cometidos por um alter ego maligno chamado “George Murman”, abreviação de “Murder Man” (veja [Multiple Personality](#)). Para evitar a cadeia, ele concordou em confessar os três assassinatos em troca de prisão perpétua. No dia de sua sentença formal, ele tentou cometer suicídio enforcando-se com um lençol, mas foi salvo por um guarda de ação rápida. Desde o dia em que entrou na

prisão, Heirens – que retratou sua confissão e mantém sua inocência com firmeza – tem sido um prisioneiro modelo, obtendo um diploma universitário em 1972.

(O thriller de Fritz Lang de 1956, *While the City Sleeps*, apresenta um adolescente “Batom Killer” modelado em Heirens e interpretado por um jovem John Drew Barrymore, futuro pai da atriz Drew Barrymore.)

Claro, nem todas as mensagens de batom deixadas por serial killers foram pedidos desesperados de ajuda. Richard [Ramirez](#) – o “Perseguidor Noturno”, que aterrorizou Los Angeles em 1985 – usou o batom de uma vítima para inscrever um pentagrama invertido na parte interna de sua coxa: mais uma profanação de seu corpo e uma provocação cruel para seus perseguidores.

Ao contrário de Heirens, Ramirez não estava clamando ao céu, mas invocando o diabo.

L OVERS ' L ANE M ANIACS

Voltando do cinema para casa em uma noite de sábado, um garoto do ensino médio e sua namorada pararam na pista de seus amantes favoritos para dar uns amassos. O menino ligou o rádio para um pouco de música ambiente. De repente, um locutor veio dizer que um assassino enlouquecido com um gancho no lugar da mão direita havia escapado do manicômio local. A menina ficou assustada e implorou ao menino que a levasse para casa. Ele ficou com raiva, pisou no acelerador e saiu rugindo. Quando chegaram à casa dela, o menino saiu do carro e deu a volta para o lado do passageiro para deixá-la sair. Ali, pendurado na maçaneta da porta, estava um maldito gancho!

Assim vai a história do “Hookman” – um maníaco homicida que ataca adolescentes enquanto eles se beijam dentro de um carro estacionado. Os adolescentes — que contam alguma versão dessa história há pelo menos quarenta anos — geralmente a aceitam como a verdade do evangelho. Os estudiosos do folclore, por outro lado, vêem isso como uma “lenda urbana” que reflete as ansiedades de meninos e meninas adolescentes que estão apenas enfrentando as questões complicadas da sexualidade adulta. Enquanto os folcloristas fazem uma observação valiosa, pode haver mais

realidade na história do que eles imaginam. O fato é que a figura aterrorizante de um maníaco da pista dos amantes não é puramente uma invenção da imaginação adolescente.

A Segunda Guerra Mundial mal havia terminado quando a pequena cidade de Texarkana, no sudoeste, se viu sitiada por um atirador noturno cujos alvos favoritos eram amantes jovens e incautos. No início de março de 1946, esse maníaco mascarado esgueirou-se para cima de um casal, ordenou-lhes que saíssem do carro e depois — depois de dar uma surra no rapaz — submeteu a menina a uma tortura sexual tão cruel que ela implorou para ser morta. Precisamente três semanas depois, ele atacou novamente, desta vez atirando nas duas jovens vítimas na parte de trás de suas cabeças. Após outro hiato de três semanas, o “Moonlight Murderer” — como a imprensa o apelidou — matou mais um par de namorados quando eles voltavam de um baile no salão VFW. Uma enorme caça ao homem foi lançada, envolvendo xerifes locais, Texas Rangers e detetives de homicídios disfarçados de amantes adolescentes. Mas o atirador fantasma nunca foi pego.

Igualmente indescritível era o atirador diabólico conhecido como [Zodíaco](#), cujas vítimas incluíam vários jovens casais mortos em estradas desertas. Um terceiro notório assassino de casal, David “Filho de Sam” [Berkowitz](#), acabou sendo preso — mas não antes de atirar em mais de uma dúzia de vítimas enquanto estavam sentadas em seus carros nas ruas escuras da cidade de Nova York.



Lendas do Terror Adolescente

Os jovens adoram dar calafrios uns aos outros com histórias supostamente verdadeiras sobre psicoassassinos. Embora “O Gancho” seja o mais famoso desses contos populares urbanos, é apenas um de muitos. Outra é “A Morte do Namorado”, uma história que a contadora invariavelmente jura ser absolutamente, positivamente verdadeira, já que ela a ouviu de uma fonte irrepreensível, como a vizinha do primo de sua melhor amiga.

Normalmente, a história trata de um casal de adolescentes cujo carro fica

sem combustível uma noite enquanto eles estão dirigindo por uma área remota e arborizada. O garoto decide caminhar até a cidade para abastecer, dizendo à garota para manter as portas do carro trancadas, já que há um psicopata à solta. Aconchegada sozinha no carro, a garota aguarda ansiosamente a volta do namorado. Mas à medida que a noite passa, não há sinal dele. Depois de um tempo, ela ouve um barulho estranho de arranhar no teto do carro. Na manhã seguinte, um carro da polícia chega. Quando a garota é ajudada a sair do carro, ela olha para cima e vê o cadáver esquartejado de seu namorado, balançando de cabeça para baixo em um galho de árvore, suas unhas arranhando o teto!

Um conto popular semelhante, “The Roommate's Death”, conta a história de duas jovens compartilhando uma suíte em um dormitório universitário. Ouvindo que há um serial killer à solta, eles se trancam em seus quartos separados. Naquela noite, uma das meninas ouve alguém arranhando ameaçadoramente a porta de ligação entre os dois quartos. De manhã, ela reúne coragem para abrir a porta e descobre sua colega de quarto assassinada, com a garganta cortada de orelha a orelha. O som de arranhar tinha sido o esforço moribundo da vítima para obter ajuda.

Outros contos populares de adolescentes sobre psicoassassinos incluem “O Assaltante no Banco de Trás” – sobre mulheres incautas que descobrem que estavam dirigindo junto com um maníaco homicida escondido no carro – e “A Babá e o Homem de Cima”, que fala de um babá que recebe ligações ameaçadoras de um estranho homicida, apenas para descobrir que as ligações estão vindo do telefone do andar de cima.

Qualquer um que não tenha ouvido essas histórias em primeira mão pode tê-las encontrado de outra forma, já que muitas delas foram reformuladas como filmes de terror de baixo orçamento como *Halloween*, *When a Stranger Calls* e *Friday the 13th*. Eles também foram recontados pelo folclorista Jan Harold Brunvand em suas coleções populares de lendas urbanas, começando com *The Vanishing Hitchhiker*.



Henry Lee Lucas



Retrato de Henry Lee Lucas por Chris Pelletiere

Henry Lee Lucas pode ser o serial killer mais prolífico da América. Por outro lado, ele pode ser o maior mentiroso desde o Barão von Münchhausen. Depois de experimentar uma auto-descrita “conversão religiosa” na prisão, ele decidiu desnudar sua alma e confessar um número astronômico de assassinatos. Mais tarde, porém, ele retratou a maior parte de seu testemunho. Entre os agentes da lei, o número exato de seus crimes permanece uma questão de debate. Ainda assim, mesmo que a contagem final de corpos de Lucas fique muito aquém das quinhentas vítimas que ele originalmente reivindicou, ele se classifica como um dos serial killers mais depravados da história.

Submetido a horrores incalculáveis por sua mãe insanamente abusiva (veja [Educação](#)), Lucas começou a se entregar à depravação sádica ainda criança. Aos treze anos, ele estava fazendo sexo com seu meio-irmão mais velho, que também apresentou a Henry as alegrias da bestialidade e [da tortura animal](#). (Uma de suas atividades favoritas era cortar a garganta de pequenos animais e depois violar sexualmente os cadáveres.)

Um ano depois, ele cometeu seu primeiro assassinato, estrangulando uma garota de dezessete anos que resistiu aos seus esforços de estuprá-la. Em 1954, Lucas, de dezoito anos, recebeu uma sentença de seis anos de prisão por roubo. Logo após sua libertação em 1959, ele entrou em uma discussão bêbada com seu pai de 74 anos. mãe e a esfaqueou até a morte. (Ele também confessou ter estuprado o cadáver dela, embora mais tarde tenha retraído esse detalhe.)

Recebendo uma sentença de quarenta anos por assassinato em segundo grau, Lucas acabou em uma instituição psiquiátrica estadual. Apesar de seus próprios protestos – “Quando eles me colocaram em liberdade condicional, eu disse que não estou pronto para ir. Eu disse a todos eles, o diretor, o psicólogo, todo mundo, que eu ia matar” – ele foi solto depois de apenas dez anos. Dezoito meses depois, ele estava de volta à prisão por molestar duas adolescentes.

Lucas foi dispensado da prisão estadual em 1975. Não muito tempo depois, ele conheceu Ottis Toole, um psicopata cruel que se tornou parceiro de Lucas em uma das mais terríveis matanças nos anais do crime americano. Nos sete anos seguintes, essa dupla enlouquecida vagou pelo país, assassinando e mutilando um número incontável de vítimas. Como Lucas, o profundamente depravado Toole também tinha um gosto por [Necrofilia](#). **Ele também se entregou ao [canibalismo](#)** ocasional (uma atrocidade que Lucas tendia a evitar, já que achava a carne humana muito gamy). Durante grande parte de sua odisséia, eles foram acompanhados pela sobrinha pré-adolescente de Toole, Frieda “Becky” Powell, que se tornou amante de Lucas, esposa de direito comum e – em última análise – vítima.

Lucas foi preso por porte de armas em 1983. Poucos dias depois, depois de aparentemente ter sido acometido por um atípico ataque de má consciência, ele chamou seu carcereiro. "Eu fiz algumas coisas muito ruins", ele murmurou. Com isso, ele começou a desabafar, admitindo um número impressionante de assassinatos. Alguns deles foram confirmados, outros se mostraram falsos, muitos permanecem como casos em aberto. De acordo com certos investigadores, Lucas pode ter matado até sessenta e nove vítimas; outros colocam o número em oitenta e um ou possivelmente

ainda mais alto. Em seu julgamento de 1985, ele foi condenado por dez homicídios - mais do que suficiente para obter a sentença de morte.

No final, a vida de Lucas seria poupada. A clemência do estado do Texas veio da fonte mais improvável. O então governador George W. Bush, que permitiu que 152 pessoas fossem executadas durante seu mandato, usou seu poder para comutar uma sentença de morte apenas uma vez – e isso foi para Lucas em 1998. Ele baseou sua decisão nas conclusões de o Conselho Estadual de Indultos e Liberdade Condicional, que indicava que Lucas poderia estar na Flórida no momento em que uma de suas supostas vítimas - uma caroneira cujo cadáver estava vestido apenas com um par de meias laranja - foi morta. Mas o alívio inesperado de Lucas não prolongou sua vida por muito tempo. Em 2001, três anos depois de escapar de uma injeção letal, ele morreu na prisão de ataque cardíaco.

As outras nove condenações por assassinato de Lucas nunca foram contestadas. Seu promotor não concordou com as estimativas mais extravagantes do corpo de Lucas contar, mas ainda sustentou que ele havia matado entre três e uma dúzia de pessoas. Qualquer que seja o total real, a natureza horrível da vida e dos crimes de Lucas foi resumida em uma de suas próprias declarações: “Matar alguém é como caminhar ao ar livre. Se eu quisesse uma vítima, eu iria e pegaria uma.”

Os espectadores interessados em se submeter a uma experiência cinematográfica singularmente perturbadora devem sair correndo e alugar *Henry: Portrait of a Serial Killer*, a brilhante (embora angustiante) ficcionalização de John McNaughton da história de Lucas-Toole.

“O sexo é uma das minhas quedas. Consigo sexo de qualquer maneira que eu possa conseguir. Se eu tiver que forçar alguém a fazer isso, eu faço. . . . Eu os estupro; Já fiz isso, matei animais para fazer sexo com eles e fiz sexo enquanto eles estão vivos”.

H ENRY L EE L UCAS

L USTMORD

Por razões inexplicáveis, possivelmente relacionadas ao seu caráter nacional, os alemães têm um talento especial para cunhar palavras coloridas

e descritivas para o comportamento humano desagradável. As mesmas pessoas que inventaram o termo *schadenfreude* (que significa “ter prazer no infortúnio de outra pessoa”) também inventaram a palavra *lustmord*: matar por alegria, pela pura e sexy diversão disso.

Lustmord, em suma, é realmente outro nome mais cativante para homicídio sexual. O clássico assassino de luxúria não apenas mata suas vítimas (geralmente mulheres). Ele obtém intenso prazer erótico de mutilar e mutilar seus corpos - eviscerando-os ou decapitando-os, cortando suas vulvas, cortando seus seios. “A presunção de um assassinato por luxúria é sempre dada quando são encontrados ferimentos nos genitais”, escreve o Dr. Richard von Krafft-Ebing em seu clássico estudo, *Psychopathia Sexualis*, “e ainda mais, quando o corpo foi aberto ou partes (intestinos, genitais) arrancados.”

Os alemães não apenas inventaram o termo *lustmord*, eles foram pioneiros em sua prática real - pelo menos de acordo com um especialista em crime, Colin Wilson, que afirma que o mais antigo assassino de luxúria documentado na história foi um alemão do século XVI chamado Nicklaus Stüller. Entre suas outras atrocidades, Stüller matou e abriu a barriga de três mulheres grávidas, uma das quais estava grávida de gêmeos.

Em nosso próprio século, a Alemanha continuou sua tradição de produzir alguns dos assassinos de luxúria mais terríveis do mundo. Durante os anos entre as duas guerras mundiais, nada menos que quatro desses monstros estavam soltos na Alemanha: Fritz [Haarmann](#), o “Vampiro de Hanover”, responsável pelo massacre de até cinquenta jovens; Georg Grossmann, o “Açougueiro de Berlim”, acusado de assassinar e canibalizar quatorze jovens; Karl Denke, o “Assassino em Massa de Münsterberg”, outro canibal que massacrrou pelo menos trinta pessoas e guardou sua carne em conserva no porão de sua pousada; e Peter [Kürten](#), o “Monstro de Düsseldorf”, que assassinou, estuprou e mutilou um mínimo de trinta e cinco vítimas, a maioria mulheres e crianças.

Para uma discussão acadêmica sobre o assassinato por luxúria como um tema importante na arte e na literatura alemães durante os anos entre as guerras, os leitores podem consultar o livro de Maria Tartar, *Lustmord*:

Sexual Murder in Weimar Germany (Princeton: Princeton University Press, 1995).

L YCANTROPIA

O assassinato em série sempre existiu, mas a terminologia usada para descrever esse crime hediondo mudou ao longo dos séculos. Quatrocentos anos atrás, assassinos vagavam pelo interior da Europa, massacrando suas vítimas com uma ferocidade bestial. Mas naquela época, eles não eram conhecidos como “sociopatas” ou “maníacos homicidas” ou “assassinos de luxúria”. Eles eram conhecidos como “licantropos”, um termo que deriva de duas palavras gregas – *lykos* (que significa “lobo”) e *anthropos* (que significa “homem”). Em suma, esses maníacos eram considerados lobisomens ou lobisomens literais.

Alguns desses psicopatas eram tão perturbados que eles mesmos poderiam realmente acreditar que eram monstros sobrenaturais. Os camponeses que eles atacavam certamente o fizeram. O mesmo fizeram as autoridades, que acreditavam abertamente na licantria e a consideravam um dos problemas sociais mais prementes da época.

Em filmes antigos como o clássico de 1941 *The Wolf Man*, a licantria é retratada como uma terrível maldição. Lon Chaney Jr. não gosta de se transformar em lobisomem, mas sempre que a lua está cheia, ele começa a brotar cabelos, garras e presas, quer ele goste ou não. As pessoas do século XVI tinham uma visão diferente das coisas. Os lobisomens eram considerados homens malévolos que deliberadamente entraram em uma barganha com o diabo. Eles *queriam* se transformar em monstros.

No final dos anos 1500, havia rumores de que um eremita francês chamado Gilles Garnier havia feito um acordo tão demoníaco. Em troca, ele recebeu uma pomada de magia negra que lhe permitiu se transformar em um lobo voraz e comedor de homens. Mais ou menos na mesma época, um alemão chamado Peter Stübbe supostamente vendeu sua alma por um cinto encantado que o dotou de poderes licantrópicos.

Os métodos de transformação podem ter sido diferentes, mas os assassinatos cometidos por esses dois maníacos foram notavelmente semelhantes e igualmente revirando o estômago – muito mais horríveis do

que os horrores de faz de conta em qualquer filme de lobisomem. Tanto Garnier quanto Stübbe eram assassinos de luxúria e canibais que atacavam principalmente crianças. Em dois meses, Garnier atacou e rasgou quatro pequenas vítimas, usando suas próprias mãos e dentes. Durante um período muito mais longo, Stübbe devastou pelo menos quinze vítimas - incluindo seu próprio filho. Depois de arrancar a garganta do menino, Stübbe supostamente abriu seu crânio e devorou seu cérebro.

A psiquiatria moderna nos deu conceitos como “transtorno de personalidade antissocial” para substituir a noção medieval de licantropia. Mesmo no século XX, no entanto, ocasionalmente aparecia um assassino cujos crimes eram tão terríveis que pareciam obra de um monstro sobrenatural. No final da década de 1920, por exemplo, o assassino de canibais Albert [Fish](#) atraiu uma menina de doze anos para uma casa abandonada conhecida como Wisteria Cottage, depois a matou, cortou-a em pedaços e removeu vários quilos de sua carne, que ele se transformou em um ensopado. Quando esse crime foi descoberto, os escritores dos tablóides quebraram a cabeça para encontrar nomes sensacionais para seu autor.

Entre outros rótulos lúgubres, eles o chamavam de “Lobisomem das Glicínias”.



“Olhe para mim, você verá um tolo. Olhe para mim, você verá seu senhor.
Olhe diretamente para mim, você verá a si mesmo.”

C H A R L E S M A N S O N



Charles Manson

Manson é único entre os maníacos homicidas. Os assassinatos que lhe trouxeram notoriedade duradoura — os assassinatos de Tate-LaBianca em 1969, os crimes mais chocantes da década de 1960 — na verdade foram cometidos por outros; ele mesmo nunca disparou uma pistola ou empunhava uma faca. Mas essa é precisamente a fonte de seu fascínio sombrio - o poder semelhante ao de Svengali que ele exercia sobre seus seguidores escravos, que estavam preparados para fazer seu lance mais louco por sangue. Embora Manson era pouco mais do que um vigarista inteligente com um talento para a tagarelice oculta, ele se transformou em um messias maligno, um guru malévolo, uma personificação dos impulsos mais sombrios de uma era que começou pregando a paz, o amor e o poder das flores e terminou inundado na fantasia satânica de *O Bebê de Rosemary*, *O Exorcista* e “Sympathy for the Devil”.



Cartão comercial de Charles Manson de *Visões sangrentas*

(© & ™ 1995 MH Price e Shel-Tone Publications. Todos os direitos reservados.)

O filho ilegítimo de uma mãe dissoluta que supostamente uma vez tentou trocá-lo por uma jarra de cerveja, Manson suportou uma infância de pesadelo de abandono e abuso. Sua adolescência foi essencialmente um ciclo contínuo de pequenos crimes, prisão, encarceramento e fuga. (“A verdade é que,” Manson disse uma vez em um raro momento de insight, “eu nunca fui nada além de um ladrão medíocre que não sabia como roubar sem ser pego.”) Aos dezoito anos, ele sodomizou um companheiro preso com uma faca, um ato que lhe rendeu um período em um reformatório federal. Em liberdade condicional em 1954, ele passou os próximos doze anos entrando e saindo de várias prisões por crimes que vão de falsificação de cheques a lenocínio. Quando foi solto em 1967 – contra suas próprias objeções – Manson, de 33 anos, passou a maior parte de sua vida atrás das grades.

Ele surgiu durante os dias inebriantes do chamado Verão do Amor, quando a contracultura estava no auge da euforia. Em São Francisco Distrito de Haight-Ashbury - o viveiro do hippiedom - Manson descobriu drogas psicodélicas, amor livre e ocultismo da Era de Aquário. Em pouco

tempo, seu carisma sinistro atraiu uma “família” de vagabundos e desistentes.

Vivendo com seus seguidores em um rancho empoeirado nos arredores de Los Angeles, Manson desenvolveu uma teoria apocalíptica bizarra, parcialmente inspirada pelo *Álbum Branco dos Beatles*, um dos álbuns de rock and roll mais benignos e extravagantes já gravados. Em particular, ele interpretou a música “Helter Skelter” (que se referia a um passeio infantil de parque de diversões) como uma profecia sobre uma guerra racial iminente, durante a qual os negros se levantariam e exterminariam todos os brancos, exceto Manson e seus poucos escolhidos. , que acabaria por dominar o mundo. Para instigar a guerra, Manson enviou seus seguidores em uma missão maluca, ordenando que eles matassem alguns brancos proeminentes de uma forma que implicaria revolucionários negros. Na noite de 9 de agosto de 1969, cinco membros da “família” de Manson invadiram a casa do diretor de cinema Roman Polanski e mataram selvagemmente sua esposa grávida, a atriz Sharon Tate, junto com outras quatro pessoas. Antes de sair, eles usaram o sangue das vítimas para rabiscar grafites incendiários nas paredes. Na noite seguinte, o próprio Manson liderou um grupo de seus “rastejadores assustadores” para a casa de um casal chamado LaBianca, que foi igualmente massacrado e mutilado.

Os assassinatos provocaram pânico em Los Angeles e enviaram ondas de choque por todo o país. Por fim, Manson foi preso quando uma de suas seguidoras – presa por uma acusação não relacionada – se gabou dos assassinatos para um companheiro de cela.

Manson transformou seu julgamento de 1970 em um circo (veja [Courtroom Theatrics](#)), mas o júri não gostou. Ele e quatro de seus seguidores foram condenados à câmara de gás, mas suas sentenças foram comutadas para prisão perpétua em 1972, quando a Suprema Corte da Califórnia aboliu a pena de morte.

“Nossa, que viagem!”

Susan Atkins, membro da “família” de Manson, depois de lamber o sangue de Sharon Tate de suas mãos

CASAMENTO _

Que alguns dos assassinos em série mais notórios da história tenham sido maridos e pais é um testemunho impressionante das personalidades grotescamente divididas desses psicopatas – sua capacidade de levar vidas aparentemente “normais” enquanto secretamente engajados nas atividades mais depravadas imagináveis. A lista de homens de família homicidas inclui Albert [Fish](#), John Wayne [Gacy](#), Albert [DeSalvo](#) e Andrei [Chikatilo](#). Não é surpresa saber que seus casamentos não foram feitos exatamente no céu.

Embora a esposa de DeSalvo nunca tenha se divorciado dele, seu desejo sexual insaciável (supostamente, ele insistia em fazer amor seis vezes por dia) transformou sua vida em uma provação incessante. Outras mulheres não demonstraram a tolerância da Sra. DeSalvo. Depois de se distrair com suas incessantes demandas sexuais, a esposa de 60 anos de Earle Leonard [Nelson](#) finalmente o expulsou de casa (no momento em que ele começou a liberar sua libido estuprando e estrangulando senhorias idosas de costa a costa).

Três esposas abandonaram Angelo Buono – um dos “[Estranguladores de Hillside](#)” – em rápida sucessão por causa de seus hábitos sexuais brutais (uma esposa alegou que Buono a sodomizou na frente dos filhos). Depois de aturar suas “peculiaridades” por quase vinte anos – como sua tendência de andar nu pela casa enquanto gritava “Eu sou Cristo!” – a primeira esposa de Fish, Anna, finalmente fugiu com um jovem amante. Fish começou a cortejar e se casar com uma série de viúvas desesperadas, cada uma das quais o abandonou no momento em que descobriu sua predileção por passatempos nupciais como flagelação e coprofagia.

A primeira esposa de Gacy pediu o divórcio no dia em que ele foi condenado à prisão por acusações de sodomia. Seu segundo casamento também desmoronou depois que ficou claro que a forma preferida de sexo de Gacy envolvia garotas jovens do sexo masculino. Sua esposa não tinha ideia, é claro, de que o espaço sob a casa suburbana deles continha os cadáveres de várias dezenas dessas vítimas. Ela mesma escapou ilesa. A esposa do assassino sexual britânico John Reginald Christie não teve a mesma sorte. Ela acabou como uma de suas vítimas, seu corpo escondido

sob as tábuas da sala de jantar de seu apartamento em Londres (veja [Homebodies](#)).

Por outro lado, alguns serial killers realmente conseguem permanecer casados com satisfação com mulheres que nunca suspeitam que seus maridos sejam outra coisa além de indivíduos comuns, embora um pouco excêntricos. Isso aconteceu com Pedro [Kürten](#), um dos assassinos de luxúria mais terríveis do século XX, cuja esposa dedicada não tinha a menor ideia de que seu marido era o infame “Monstro de Düsseldorf”.

Ainda mais inacreditáveis são aqueles casos em que as esposas não apenas estão cientes das depravações de seus maridos, mas também participam ativamente delas. A sétima esposa de Gerald Gallego, Charlene, ajudou a atrair jovens vítimas femininas para suas garras, prometendo-lhes maconha grátis. E a assassina sexual britânica Rosemary West supostamente ajudou seu marido, Fred, a torturar e assassinar dez pessoas – incluindo sua própria filha de dezesseis anos (veja [Killer Couples](#)).

M ÁSCARA DE SANIDADE

The Mask of Sanity é o título de um estudo clássico de 1976 sobre a personalidade psicopática do psiquiatra Hervey Cleckley. A própria frase se refere à característica mais assustadora do psicopata: sua capacidade de parecer perfeitamente comum, de esconder sua natureza fria sob uma fachada normal.

Nem todos os psicopatas são criminosos. Alguns são pessoas altamente bem sucedidas. Afinal, eles são mestres da manipulação. Eles podem fazer você acreditar que são as pessoas mais carinhosas, sensíveis e encantadoras do mundo. Mas é tudo um show. Sob a superfície, eles são ocos até o âmago - egocêntricos completos que não se importam com nada, exceto seus próprios desejos gananciosos.

O serial killer é o mais assustador de todos os psicopatas. As emoções humanas mais básicas — empatia, consciência, remorso — estão completamente ausentes de sua composição emocional. Por trás de sua “máscara de sanidade”, ele é totalmente maligno. E, no entanto, ele é tão bom em dissimular que é quase impossível ver seu rosto verdadeiro e monstruoso.

Não, de qualquer forma, até que seja tarde demais.

Para saber mais sobre esse fenômeno, veja [Jekyll/Hyde](#).



Lista de verificação psicopática

Alguém que você conhece – um vizinho, parente ou possivelmente seu cônjuge – é um psicopata criminoso? Você é um você mesmo? Dr. Robert Hare—professor emérito da University of British Columbia em Vancouver e autor de *Sem Consciência: O Mundo Perturbador dos Psicopatas Entre Nós* (1999) – elaborou uma lista de verificação de vinte itens identificando as principais características da personalidade psicopática. Veja quantos você ou seus entes queridos possuem!

1. *Charme superficial e superficial* — a tendência de ser suave, envolvente, encantador, astuto e verbalmente fácil. Um psicopata nunca fica com a língua presa.

2. *Auto-estima grandiosa* — uma visão grosseiramente inflada das próprias habilidades e auto-estima. Psicopatas são pessoas arrogantes que acreditam que são seres humanos superiores.

3. *Necessidade de estimulação ou propensão ao tédio* — uma necessidade excessiva de estimulação nova, emocionante e excitante; arriscando e fazendo coisas que são arriscadas.

4. *Mentira patológica* — pode ser moderada ou alta.

5. *Trapaça e manipulação* — o uso de engano e engano para enganar, enganar ou defraudar outros para ganho pessoal.

6. *Ausência de remorso ou culpa* — falta de sentimentos ou preocupação pelas perdas, dor e sofrimento das vítimas.

7. *Afeto superficial* — pobreza emocional ou uma gama ou profundidade limitada de sentimentos.

8. *Insensibilidade e falta de empatia* — falta de sentimento em relação às pessoas em geral; frio, desdenhoso, imprudente e sem tato.

9. *Estilo de vida parasitário* — uma dependência financeira intencional, manipuladora, egoísta e exploradora dos outros.

10. *Controles comportamentais deficientes* — expressões de irritabilidade, aborrecimento, impaciência, ameaças, agressão e abuso verbal.

11. *Comportamento sexual promíscuo* — uma variedade de relações breves e superficiais, vários casos e uma seleção indiscriminada de parceiros sexuais.

12. *Problemas comportamentais precoces* — uma variedade de comportamentos antes dos treze anos, incluindo mentira, roubo, trapaça, vandalismo, bullying, atividade sexual, atear fogo, cheirar cola, uso de álcool e fuga de casa.

13. *Falta de metas realistas de longo prazo* — uma incapacidade ou falha persistente em desenvolver e executar planos e metas de longo prazo.

14. *Impulsividade* — ocorrência de comportamentos não premeditados e sem reflexão ou planejamento; incapacidade de resistir à tentação.

15. *Irresponsabilidade* – falha repetida em cumprir ou honrar obrigações e compromissos.

16. *Falha em aceitar a responsabilidade por suas próprias ações* — como refletido em baixa consciência, ausência de dever, negação de responsabilidade e um esforço para manipular os outros através dessa negação.

17. *Muitos relacionamentos conjugais de curto prazo* — falta de compromisso com um relacionamento de longo prazo.

18. *Delinquência juvenil* – problemas de comportamento entre as idades de treze e dezoito anos.

19. *Revogação da liberdade condicional* — uma revogação da liberdade condicional ou outras liberdades condicionais devido a violações técnicas.

20. *Versatilidade criminal* — diversidade de tipos de infrações penais; tendo grande orgulho em fugir com crimes.



ASSASSINATO EM MASSA _

Embora algumas pessoas usem os termos “assassinato em massa” e “assassinato em série” como sinônimos, existem grandes diferenças entre os dois tipos de homicídio. Essas diferenças têm a ver com questões de *tempo*, *lugar* e *maneira de matar*.

Assassinos em série normalmente cometem suas atrocidades por um período considerável de tempo – às vezes anos. Entre cada matança há um período de esfriamento emocional, semelhante à calmaria saciada que se segue ao sexo. Tendo satisfeito sua sede de sangue, o serial killer passa a ter uma existência mais ou menos comum – pelo menos por um tempo. Eventualmente, seus desejos monstruosos começam a crescer novamente até se transformarem em uma necessidade insuportável. Nesse ponto, ele sai em busca de uma nova vítima.

Embora alguns serial killers se limitem a um local de caça favorito (como o assassino de prostitutas que assombra um determinado distrito da luz vermelha), outros variam livremente por um amplo território. Earle Leonard Nelson, Ted Bundy e Henry Lee Lucas, por exemplo, todos assassinaram mulheres de costa a costa. Uma vez que ele consegue capturar sua presa, o serial killer muitas vezes submete a vítima a atos indescritíveis de sadismo.

Por outro lado, o assassino em massa é um homem ou uma mulher que de repente enlouquece completamente, matando um grande número de vítimas aleatórias (pelo menos quatro, de acordo com um critério do FBI) em uma única erupção de violência que ocorre em um local (como um correios ou restaurante de fast-food). Em suma, se a imagem mais adequada para um serial killer é o “caçador de humanos”, a analogia apropriada para um assassino em massa é a “bomba-relógio humana”. Ele detona sem aviso, destruindo todos na vizinhança (incluindo ele mesmo, já que a maioria dos assassinos em massa ou se mata para evitar a captura ou são mortos a tiros pela polícia em tiroteios climáticos).

O caso “clássico” de assassinato em massa é o de Charles Whitman, o estudante de arquitetura de 25 anos que se barricou em um campanário da Universidade do Texas em agosto de 1966 e começou a atirar em todos dentro do alcance dos rifles, matando vinte e uma pessoa e ferindo outras vinte e oito.

Como mostra o caso de Whitman, assassinos em massa costumam fazer mais vítimas do que assassinos em série (Jeffrey [Dahmer](#), por exemplo, matou dezessete pessoas em comparação com as vinte e uma de Whitman). E, no entanto, o serial killer é uma figura infinitamente mais aterrorizante. Isso ocorre em grande parte porque tendemos a perceber o assassino em massa em termos humanos - como um indivíduo profundamente perturbado que se irrita por causa de uma crise em casa ou no trabalho e entra em uma fúria destrutiva.

Em contraste, o serial killer – o monstro [Jekyll/Hyde](#) que persegue friamente sua presa e obtém seu prazer mais profundo da tortura, mutilação e carnificina – parece algo saído de um pesadelo. Algo dificilmente humano.

MÉDIA _

Veja [X-Rated](#).

M ODELOS

Pelo menos um notório assassino em série – Harvey Murray Glatman, que gostava de tirar fotos de suas vítimas aterrorizadas antes de matá-las – especializou-se em caçar modelos fotográficos (ver [Fotografias](#)). Mas esse não é o tipo de modelo que queremos dizer. Queremos dizer o tipo de plástico, monte-você-mesmo. Sim, para aqueles amadores que desejam adicionar belas figuras de assassinos em série à sua coleção de aviões, automóveis e navios de guerra de poliestireno pintados à mão, uma empresa chamada Von Then Productions (497 Westside Avenue, Suite 140, Jersey City, NJ 07304) oferece kits de modelos de Charles [Manson](#) e Ed [Gein](#).

Qualquer pessoa inclinada a condenar esses produtos como um sintoma do colapso total dos valores morais neste país deve ter em mente que, na década de 1960, a empresa Aurora - a principal fabricante de kits de modelos da América - lançou uma linha de figuras de monstros (Drácula, Frankenstein, o Lobisomem, a Múmia) que se mostrou enormemente popular. De fato, esses kits fizeram tanto sucesso que a Aurora seguiu com uma linha de dispositivos de tortura e execução do tipo faça você mesmo (gaiolas de inanição, forca, guilhotina etc.), provocando tanta indignação

dos pais que a empresa foi forçada a retirá-los do mercado - para grande aflição dos garotos boomers horrorizados em todos os lugares.



Anúncio para o kit modelo Charles Manson
(Cortesia de Damon Fox)



Os assassinos mouros



Myra Hindley e Ian Brady; de 52 cartas colecionáveis de Assassinos Famosos
(Cortesia de Roger Worsham)

Os crimes mais chocantes da história britânica moderna foram cometidos por um par de pombinhos pervertidos chamados Ian Brady e Myra Hindley, também conhecidos como “Moors Murderers”. Desde que Saucy Jack rondava as ruelas de Whitechapel, uma série de assassinatos não provocava tanta indignação e horror na Inglaterra.

Filho das favelas difíceis de Glasgow, Brady (cuja mãe jovem e solteira tinha pouco tempo para ele) teve problemas com a lei aos treze anos. Suas tendências sádicas também se mostraram desde cedo. Um conhecido de infância lembrou-se da vez em que o pequeno Ian cavou uma cova profunda em um cemitério, jogou um gato vivo e selou a abertura com uma pedra. Brady queria ver quanto tempo levaria para o animal morrer de fome.

Aos vinte e poucos anos, Brady desenvolveu um fascínio obsessivo por Hitler e pelo Marquês de Sade. Em pouco tempo, ele estava colecionando parafernália nazista e se entregando a fantasias fascistas e devaneios sádicos. Somente uma coisa era necessária para tornar esses devaneios realidade - um seguidor servil e masoquista.

Ele a encontrou em Myra Hindley, uma atraente garota trabalhadora de 24 anos que — até cair sob o domínio de Brady — não mostrava sinais de desvio. Logo depois que eles começaram a namorar, no entanto, sua devoção ao cachorrinho se transformou em completa submissão emocional.

Em obediência às necessidades de Brady, a jovem quieta e aparentemente bem ajustada se transformou no sonho molhado de um fetichista nazista, uma dominatrix/escrava sexual de botas de cano alto que adorava empunhar - e se submeter - ao chicote e fazer poses pornográficas para o deleite de seu führer. O apelido de Brady para ela era “Myra Hess” (uma homenagem ao capanga de Hitler, Rudolph Hess), e ele a comparou com carinho a Irma Grese, a notória guarda do campo de concentração de Belsen que se deleitava em torturar detentos.

Mas representar fantasias sexuais de inspiração nazista não foi suficiente para Brady. Ele tinha outras – e muito piores – coisas em mente.

Por vários anos, desde o início até meados da década de 1960, o casal depravado sequestrou e matou pelo menos quatro crianças, com idades entre dez e dezesseis anos. Geralmente, foi Hindley quem atraiu a vítima para seu carro. Exatamente o quanto ela participou do assassinato real permanece uma questão de debate, embora Brady claramente tenha assumido o papel mais ativo. Seu assassinato final foi, em muitos aspectos, o mais terrível. Depois de sequestrar uma menina de dez anos chamada Lesley Ann Downey, eles a trouxeram de volta para a casa de Hindley, amarraram-na e despiram-na, obrigaram-na a posar para fotos pornográficas e, então, antes de matá-la, gravaram seus gritos de partir o coração. , gritos e súplicas de misericórdia. Como suas outras vítimas, o cadáver de Downey foi enterrado nos pântanos.

Os “Moors Murderers” foram finalmente pegos quando Brady tentou recrutar um segundo seguidor, seu cunhado adolescente, David Smith. No outono de 1965, Brady pegou um jovem homossexual, o trouxe para casa e o espancou até a morte na frente de Smith. Na verdade, este foi um ato de abate ritual - uma iniciação de sangue destinada a trazer Smith para o rebanho assassino de Brady. Mas o plano saiu pela culatra. Smith ficou tão horrorizado que notificou a polícia.

No julgamento de 1966, Brady e Hindley tiveram que se sentar atrás de escudos à prova de balas para protegê-los de um público indignado. Quando a gravação em fita dos momentos finais de Lesley Ann Downey foi tocada no tribunal, não apenas o júri e os espectadores, mas também os policiais endurecidos choraram abertamente.

Os “Moors Murderers” foram condenados à prisão perpétua, onde Hindley morreu de insuficiência respiratória em novembro de 2002, aos sessenta anos.

MOTIVOS

Na trágica obra-prima de *Shakespeare*, *Otelo*, o vilão Iago decide destruir o nobre herói sem motivo aparente. Afinal, Iago não tem nada a ganhar destruindo a vida de Otelo. E ele não está realmente agindo por inveja ou vingança. Ao tentar explicar o comportamento vicioso desse personagem, um famoso estudioso cunhou a memorável frase “malignidade sem motivo”. Iago faz coisas terríveis por uma única razão – porque ele é a personificação do mal absoluto.

Algumas pessoas tendem a ver o assassinato em série da mesma maneira – como pura malignidade não provocada. E, de fato – em termos de causas tradicionais e facilmente identificáveis como ciúme e ganância – o assassinato em série parece ser um crime “sem motivo”.

Na realidade, no entanto, não existe tal coisa como um assassinato sem motivo. Todo mundo tem suas razões — mesmo que essas razões não sejam imediatamente óbvias. O que impulsiona o serial killer são impulsos psicológicos obscuros – paixões pervertidas e luxúrias monstruosas. As necessidades distorcidas que dominam sua psique são tão reais e convincentes quanto motivos mais “objetivos”, como a cobiça de riqueza ou o desejo de punir um amante infiel.

Na medida em que o assassinato em série é sinônimo de assassinato por luxúria, o motivo principal, de acordo com alguns especialistas na área, é a raiva contra as mulheres e o desejo de infligir dor e sofrimento a elas – em suma, o sadismo sexual. Outros especialistas, no entanto, insistem que o motivo dominante por trás do assassinato em série não é o sexo, mas o poder – mesmo quando o assassinato envolve extrema crueldade sexual. Como um serial killer sádico explicou ao agente especial Roy Hazelwood da Unidade de Ciência Comportamental do [FBI](#): “O desejo de infligir dor aos outros não é a essência do sadismo. Um impulso essencial: ter domínio completo sobre outra pessoa, torná-la um objeto indefeso de nossa vontade, tornar-se o governante absoluto sobre ela, tornar-se seu Deus. O objetivo

radical mais importante é fazê-la sofrer, pois não há poder maior sobre outra pessoa do que infligir dor a ela.”

Por esta razão, alguns criminologistas começaram a considerar Ted Kaczynski, o chamado Unabomber, não como o terrorista antitecnológico que ele afirma ser, mas como um verdadeiro serial killer. De acordo com John Douglas, ex-chefe da BSU, as demandas do Unabomber – como expressas no longo manifesto que ele enviou à mídia – sugerem um “desejo de manipulação, dominação e controle típico de assassinos em série”.

“O objetivo radical mais importante é fazê-la sofrer, pois não há poder maior sobre outra pessoa do que infligir dor a ela.”

Um serial killer, explicando seus motivos

FILMES _

As pessoas sempre ficaram intrigadas com o tipo de maníacos homicidas que agora chamamos de assassinos em série, e toda vez que um novo meio de comunicação de massa é inventado, ele é usado para satisfazer esse fascínio primitivo. Nos dias pré-eletrônicos, a “penny press” fornecia relatos descontroladamente lúgubres de crimes horríveis, completos com gravuras gráficas das vítimas de assassinato. Uma das primeiras gravações produzidas para o fonógrafo Edison mostrava um ator lendo as confissões chocantes de HH [Holmes](#), o notório “Doutor da Tortura” do século XIX. Quando o rádio se tornou popular, os ouvintes se emocionaram com programas como *Lights Out de Arch Obler* (que também prestou homenagem a Holmes em um famoso episódio chamado “Murder Castle”). E assassinos macabros começaram a perseguir a tela virtualmente desde o momento em que os filmes foram inventados.

Desde o enorme sucesso comercial e de crítica da versão cinematográfica de Jonathan Demme de *O Silêncio dos Inocentes*, Hollywood produziu uma série de filmes de assassinos em série manhosos e, em sua maioria, instantaneamente esquecíveis – tantos que um livro inteiro poderia ser escrito sobre o assunto. Na verdade, um livro inteiro *foi escrito sobre o assunto: Serial Killer Cinema* de Robert Cettl (McFarland Publishers, 2003), um volume de referência indispensável para qualquer fã hardcore de slasher.

Com quase um século de filmes maníacos para escolher, restringir a lista a um punhado é uma tarefa ingrata. Mas se estivéssemos organizando nosso Festival de Cinema de Assassinos em Série anual, aqui – em ordem alfabética – está a dúzia de padeiros que selecionaríamos:

Vermelho Profundo (1976). Um filme sangrento verdadeiramente inquietante do maestro italiano do terror Dario Argento. David Hemmings (parecendo altamente dissoluto) estrela como um Pianista britânico no enalço de um assassino enlouquecido em Roma. A trilha sonora por si só é assustadora o suficiente para lhe dar pesadelos por uma semana.

Cidade do Medo (1984). Um thriller vergonhosamente subestimado do diretor Abel Ferrara, sobre um serial killer perseguindo dançarinas de topless no coração desprezível de Manhattan. O elenco de primeira linha inclui Tom Berenger, Billy Dee Williams, Melanie Griffith, Rae Dawn Chong, Michael Grasso e Maria Conchita Alonso.

Frenesi (1972). Depois de uma queda severa com perus como *Cortina Rasgada* e *Topázio*, Alfred Hitchcock voltou a se formar em seu penúltimo filme, um thriller espirituoso, estiloso e genuinamente chocante sobre um serial killer britânico vagamente modelado após o psicopata da vida real conhecido como “Jack o Stripper.”

Dia das Bruxas (1978). John Carpenter baseia-se em todas as lendas de terror adolescente já contadas neste brilhante chiller de baixo orçamento que foi seguido por várias sequências menores e incontáveis plágios.

Henry: Retrato de um assassino em série (1990). Muito possivelmente o mais profundamente perturbador – para não dizer angustiante – filme de assassino em série já feito. Um tour de force cinematográfico, mas definitivamente não para todos. Baseado nas façanhas ostensivas de Henry Lee [Lucas](#).

M (1931). Obra-prima fascinante de Fritz Lang sobre um serial killer de crianças aterrorizando Weimar Berlim. Vagamente baseado na carreira de Peter [Kürten](#), o filme fez uma estrela internacional de Peter Lorre como a personificação rechonchuda do mal psicopata que é caçado e julgado pelo submundo do crime.

Maníaco (1980). Um filme verdadeiramente repulsivo, mas – por isso mesmo – vale a pena ver, já que faz um trabalho tão eficaz de capturar a realidade sórdida e repugnante do assassinato em série. Estrelando o falecido Joe Spinnell como um personagem parecido com Norman Bates que enfeita sua coleção particular de manequins com os escalpos ensanguentados de suas vítimas de assassinato. Tom Savini serviu os efeitos de revirar o estômago.

Peeping Tom (1960). O filme que efetivamente encerrou a carreira do diretor britânico Michael Powell (mais conhecido por sua fantasia de balé, *The Red Shoes*). Um jovem voyeur psicopata filma suas vítimas enquanto as empala com uma lâmina escondida em seu tripé de câmera. Vilipendiado no lançamento, o filme já é considerado um clássico do psicocinema.

Psicose (1960). Não apenas uma obra-prima cinematográfica certificada, mas o trabalho seminal do qual brota todo o gênero dos chamados filmes de terror. O crême de la crême dos psicofilmes.

Se7en (1995). Dos créditos de abertura à cena climática, o diretor David Fincher cria uma atmosfera de insuperável estranheza neste thriller sombrio e extenuante sobre o tipo de psico-assassino de alto conceito que apenas um roteirista de Hollywood poderia sonhar: um louco cujos assassinatos são baseados no Sete Pecados capitais.

O Silêncio dos Inocentes (1991). A versão de luxo de Jonathan Demme, vencedora do Oscar, do brilhante best-seller de Thomas Harris. A interpretação de Anthony Hopkins de Hannibal “o Canibal” Lecter tornou-se tão agradável para o público que o ator reprisou o papel em uma sequência de 2001, *Hannibal*, e uma prequela de 2002, *Red Dragon* (um remake de *Manhunter* de Michael Mann de 1986, no qual Lecter foi interpretado por Brian Cox). Como *Psycho* e *The Texas Chainsaw Massacre*, *Silence* tem uma grande dívida com as atrocidades da vida real do ghoul de Wisconsin Ed [Gein](#).

O Massacre da Serra Elétrica (1974). O *Cidadão Kane* dos filmes de desmembramento. Tobe Hooper - que, infelizmente, nunca foi capaz de duplicar (ou mesmo aproximar) sua maior conquista - cria a interpretação mais assustadora da história de Ed Gein já colocada em

filme. O filme atinge seus choques através de uma combinação potente de brutalidade implacável, atmosfera doentia, sadismo violento e até uma pitada de humor negro (que os espectadores de primeira viagem tendem a perder, já que geralmente cobrem os olhos com as mãos). O remake de 2003 tem valores de produção muito mais espertos, mas apenas uma fração dos sustos.

O Desaparecimento (1988). Um chiller discreto e envolvente da (de todos os lugares) da Holanda. Não procure efeitos extravagantes no estilo de Hollywood, hipercinéticos ação, ou sangue gráfico - apenas uma das histórias de serial killers mais assustadoramente eficazes já filmadas, com um clímax absolutamente arrasador. *Aviso ao espectador*: Não confunda com o remake americano de 1993, estrelado por Kiefer Sutherland e Jeff Bridges.

“Vê-lo agir como um assassino psicopata com complexo de mãe é como ver outra pessoa vomitar.”

do New York Times *Vincent Canby sobre a atuação de Joe Spinnell em Maniac*

M ÚLTIPLAS PERSONALIDADES _

Desde que um dono de motel bem-educado chamado Norman Bates ficou possuído pelo espírito maligno de sua querida mãe, as pessoas associaram assassinos em série a personalidades divididas. Na realidade, no entanto, o transtorno de personalidade múltipla (ou MPD, como é conhecido no ramo da psicologia) é uma condição extremamente rara. Ainda assim, isso não impediu que uma série de assassinos em série tentassem culpar seus crimes em seus alter egos ostensivos.

William Heirens – o “Assassino do Batom”, que é mais conhecido pela mensagem desesperada que rabiscou na parede do quarto de uma cena de assassinato (“Pelo amor de Deus, me pegue antes que eu mate mais”) – afirmou que uma personalidade alternativa chamada George Murman era responsável pelos três assassinatos sexuais cruéis que ele cometeu em 1945 e 1946. Da mesma forma, John Wayne [Gacy](#) insistiu que seus trinta e três assassinatos de tortura eram na verdade obra de uma personalidade maligna que ele chamava de “Jack”.

Kenneth Bianchi – um dos “ [Estranguladores de Hillside](#) ” – foi tão convincente ao inventar uma segunda personalidade homicida (chamada “Steve”) que conseguiu enganar vários psiquiatras antes de ser exposto como uma fraude.

De fato, apesar de todas as alegações em contrário, não houve um único caso autenticado de um serial killer de personalidade dividida (veja [Insanity](#)). O especialista em crimes Colin Wilson, no entanto, descreve o caso aparentemente genuíno de um *estuprador* em série chamado Billy Milligan que sofria de MPD. Sexualmente brutalizado na infância por seu padrasto, a psique traumatizada de Milligan respondeu dividindo-se em nada menos que vinte e duas personalidades distintas — incluindo um pintor de dezesseis anos chamado Tommy; um menino de quatorze anos chamado David (que alegou ter sido enterrado vivo uma vez); um inglês de 22 anos chamado Arthur que falava árabe fluentemente; um ladrão servo-croata chamado Regan; e uma lésbica de dezenove anos chamada Adalana, que assumiu a responsabilidade pelos estupros.

“ MURDERABILIA ”

Veja [Cartas, _Quadrinhos e Colecionáveis](#) .

ANÉIS DE ASSASSINATO _

Na maioria das vezes, o assassinato em série é um negócio solitário, embora psicopatas simpáticos ocasionalmente se unam em pares letais (veja [Killer Couples](#) and [Partners](#)). Muito mais raros, embora não totalmente inéditos, são os casos em que três ou mais assassinos se unem para cometer assassinato por diversão e lucro.

Para o Dr. Morris Bolber e seus confederados, Paul e Herman Petrillo, assassinato era estritamente um negócio. Operando no gueto italiano da Filadélfia durante a Grande Depressão, esses réprobos empreendedores encontraram uma maneira de transformar corpos em dólares ao persuadir donas de casa descontentes a fazer apólices de seguro de vida pesadas para seus maridos. Então – depois de orquestrar as mortes “acidentais” do segurado – Bolber & Co. dividiu os lucros com as viúvas. Entre 1932 e 1937, o Dr. Bolber e seus associados foram responsáveis pela morte de pelo menos uma dúzia de vítimas.

Enquanto a organização Bolber-Petrillo era movida pela boa e velha ganância, outros motivos muito mais perturbadores espreitavam por trás de uma das mais bizarras redes de assassinatos nos anais do crime. Embora historicamente factual, o caso tem todas as características de uma história clássica de terror – uma espécie de *Stepford Wives* ao contrário, envolvendo uma pequena cidade tranquila onde as donas de casa eram realmente maníacas homicidas.

Entre 1919 e 1929, pelo menos vinte e seis mulheres na pequena cidade húngara de Nagyrev encontraram uma nova maneira de se livrar de parentes cansativos. Lideradas por uma parteira assassina chamada Julia Fazekas – que as ensinou a obter arsênico fervendo papel mata-moscas e removendo o resíduo venenoso – essas mulheres fatais se livraram de maridos grosseiros, filhos doentes, pais doentes, irmãos detestáveis – pelo menos quarenta e cinco vítimas em tudo antes que os “Fazedores de Anjos de Nagyrev” (como os jornais os apelidaram) foram finalmente levados a julgamento.



N AZI B UFFS

Críticos da violência na mídia reclamam que filmes hardcore “splatter” como *I Spit on Your Grave* e *Maniac* colocam ideias ruins nas mentes de psicopatas iniciantes. Mas aspirantes a serial killers não precisam de filmes para inspirá-los. Tudo o que eles precisam fazer é abrir um livro de história.

Relatos publicados de atrocidades nazistas eram uma fonte comum de inspiração para assassinos que atingiram a maioria na era pós-Segunda Guerra Mundial. Graham Young, um sociopata britânico nascido em 1947, era um admirador de infância de Hitler e suas políticas genocidas. Young também adorava ler sobre os notórios envenenadores ingleses [do](#) século XIX. Quando Young tinha apenas quatorze anos, ele começou a envenenar sua própria família com todo o desapego de um comandante de campo de concentração. Depois de um período de nove anos em um asilo mental, Young conseguiu um emprego em uma empresa de suprimentos fotográficos e imediatamente voltou aos seus velhos hábitos exterminadores, envenenando vários colegas de trabalho antes de ser pego.

Outro britânico do pós-guerra que abraçou a filosofia nazista foi Ian Brady, a metade masculina do notório [Casal Assassino](#) conhecido como “[Moors Murderers](#)”. Cativado pelo conceito do Übermensch ariano – o “super-homem” que tem o direito de exercer sua vontade em mortais menores - Brady recrutou uma escrava sexual disposta, Myra Hindley, que interpretou uma tropa de assalto obediente ao seu führer de dois bits. Juntos, este par vil sequestrou e assassinou quatro crianças e deixou seus corpos mutilados enterrados nos pântanos.

Nos Estados Unidos, um atormentado adolescente de Chicago chamado William Heirens era igualmente apaixonado pelo nazismo. Estudante de honra e ladrão compulsivo, Heirens nutria uma obsessão latente por violência, sexo e poder totalitário. Além de um estoque de armas de fogo e um estoque de calcinhas femininas roubadas (que ele gostava de usar em casa), ele colecionava fotografias de Hitler, Himmler e outros figurões nazistas. Em 1945 e 1946, as obsessões de Heirens finalmente transbordaram. Ele assassinou duas mulheres e uma menina de seis anos, deixando uma infame mensagem rabiscada com batom na parede do quarto de uma cena de crime: “Pelo amor de Deus, me pegue antes que eu mate mais. Eu não posso me controlar.”

Mais ou menos na mesma época em Wisconsin, Edward [Gein](#) estava alimentando suas próprias fantasias dementes com histórias de revistas sobre as atrocidades nazistas. Um louco do-it-yourselfer, Gein foi inspirado por relatos de funcionários de campos de concentração que transformaram a pele humana em abajures. Quando os investigadores invadiram a casa de horror de Gein em 1957, eles encontraram uma coleção impressionante de artefatos medonhos construídos de forma semelhante - assentos de cadeiras, abajures, cestos de lixo e muito mais - todos criados a partir da carne de cadáveres que Gein havia roubado de cemitérios locais.

N ECRÓFILIA

Em *Psychopathia Sexualis*, seu estudo clássico do comportamento aberrante, Richard von Krafft-Ebing chama a necrofilia de a mais monstruosa de todas as perversões. Como a necrofilia (do grego, que significa “amor dos mortos”) é a prática de fazer sexo com cadáveres, esta não é uma avaliação surpreendente. Tampouco é surpreendente que este mais monstruoso dos atos seja comum entre os mais monstruosos dos criminosos – assassinos em série.

Muitos psicopatas infames, de Earle Leonard [Nelson](#) a Ted [Bundy](#), ocasionalmente estupravam os corpos de suas vítimas recém-mortas. Ainda assim, alguns especialistas no campo da psicologia criminal distinguem esse tipo de indignação – que é motivada pelo desejo malévolo de dominar e violar uma vítima – e o comportamento do “verdadeiro necrófilo”, o homem que está profundamente apaixonado pela morte, que obtém sua

maior satisfação sexual fazendo amor com um cadáver. Esse tipo de necrófilo é muito mais raro entre os serial killers. Mas houve alguns casos notáveis.

Jeffrey [Dahmer](#) com coisas mortas começou quando criança, quando seu hobby favorito era coletar e dissecar atropelamentos. Quando ele era adulto, essa obsessão mórbida havia se transformado em uma perversão indescritível. Dahmer disse a psiquiatras que rotineiramente cortava o abdômen de suas vítimas de assassinato e se masturbava em suas vísceras. Ele também confessou ter estuprado analmente os cadáveres. Seu colega britânico, Dennis [Nilsen](#), também era movido por impulsos necrófilos, embora tendesse a tratar suas vítimas com mais ternura, masturbando-se enquanto se aconchegava ao lado delas na cama.

O mais infame de todos os necrófilos americanos é Ed [Gein](#). Como todos os necrófilos clássicos, Gein estava completamente desinteressado em mulheres vivas. Ele encontrou seus parceiros sexuais em cemitérios locais, que saqueou periodicamente por mais de uma dúzia de anos. Em geral, os necrófilos são considerados menos ameaçadores do que os serial killers porque as vítimas que eles atacam já estão mortas. Gein não foi exceção. Ele era mais ghoul do que serial killer. Ainda assim, ele não era, de forma alguma, inofensivo. Quando os cemitérios locais ficaram sem fêmeas disponíveis, ele simplesmente saiu em busca de uma perspectiva de aparência provável e a transformou no tipo de mulher que ele mais amava - uma morta.

“Eu tirei o sutiã e a calcinha dela e fiz sexo com ela. Essa é uma daquelas coisas que eu acho que tem que fazer parte da minha vida – ter relações sexuais com os mortos.”

H ENRY L EE L UCAS ,

descrevendo sua reação à morte de sua amada esposa, Becky Powell, de doze anos, a quem ele havia acabado de esfaquear no peito durante uma discussão



Conde Leonard Nelson



Earle Leonard Nelson; de cartões comerciais *Bloody Visions*

(© &™1995 MH Price e Shel-Tone Publications. Todos os direitos reservados.)

Nos anais do crime nos EUA, Earle Leonard Nelson – também conhecido como “Gorilla Man” – ocupa uma posição histórica. Ele foi o primeiro serial killer americano do século XX. Em fevereiro de 1926, ele começou uma odisséia frenética de dezoito meses que o levou de um extremo ao outro do país e até o Canadá. Ao longo do caminho, ele matou nada menos que vinte e duas mulheres - um recorde terrível que permaneceria ininterrupto por mais cinquenta anos.

Órfão na infância quando seus pais morreram de sífilis, Nelson foi acolhido e criado pela família de sua mãe. Ele era uma criança retraída e temperamental com hábitos pessoais bizarros. (Entre suas outras peculiaridades, ele ia regularmente para a escola com roupas limpas e recém-lavadas e voltava em trapos sujos, como se tivesse trocado de roupa com um abandonado.) Como resultado de um grave ferimento na cabeça - sofrido quando sua bicicleta colidiu com um teleférico - seu comportamento tornou-se ainda mais errático.

No início da adolescência, ele já era um habituê dos bordéis e bares da Barbary Coast de San Francisco. Ele também tinha levado a pequenos furtos. Em 1915 - apenas alguns meses depois de seu aniversário de dezoito anos - ele foi preso por roubo e condenado a dois anos em San Quentin. A América tinha acabado de entrar na Primeira Guerra Mundial quando Nelson emergiu. Ele se alistou na marinha, mas – depois de se recusar a fazer qualquer coisa além de deitar em sua cama e balbuciar sobre a Grande Besta das Revelações – ele foi confinado a uma instituição mental. Ele permaneceu lá durante a guerra.

Dispensada em 1919, Nelson, de 22 anos, conheceu e se casou com uma solteirona de 60 anos e passou a fazer de sua vida um inferno diário. Pouco depois que ela o deixou, ele atacou uma menina de doze anos e foi devolvido ao manicômio. Dispensado em 1925, ele logo embarcou em sua carreira mortal.

Ele começou em São Francisco, subindo a costa do Pacífico até Seattle, depois seguiu para o leste. A princípio, os tablóides o apelidaram de “Estrangulador das Trevas”; mais tarde, ele ficou conhecido como o “Homem Gorila” – um apelido que tinha menos a ver com sua aparência (na verdade, ele tinha uma aparência bastante comum) do que com a selvageria de seus crimes. Em sua maioria, seus alvos eram senhorias de meia-idade ou idosas que colocaram anúncios de “Quartos para Alugar” em seus jornais locais. Nelson — que podia ser cativante quando queria — aparecia em suas casas e pedia para ver um quarto. Uma vez sozinho com suas vítimas, ele passaria por uma transformação semelhante a [Jekyll/Hyde](#)

:

Normalmente, ele estrangulava as mulheres até a morte, comete estupro post mortem e depois escondia os cadáveres em esconderijos bizarros. Uma de suas vítimas foi enfiada em um baú do sótão. Outros estavam amontoados atrás das fornalhas do porão. Sua última vítima foi descoberta quando seu marido se ajoelhou para fazer suas orações noturnas e encontrou seu corpo enfiado debaixo da cama.

Com os departamentos de polícia de uma dúzia de cidades diferentes em alerta, Nelson foi para o Canadá, onde finalmente chegou ao fim de sua trilha repleta de cadáveres. Depois de matar mais duas vítimas, ele foi

capturado em Manitoba. Ele conseguiu escapar da prisão, desencadeando um pânico em larga escala e uma caçada massiva. Doze horas depois, ele estava de volta sob custódia – desta vez para sempre.

Vários meses depois, Earle Leonard Nelson foi para a forca. Suas palavras finais foram: “Eu perdôo aqueles que me ofenderam”.

NICKNAMES

Com o advento dos tablóides nos anos 1800, os repórteres criminais começaram a quebrar a cabeça para encontrar apelidos atraentes para assassinos sensacionais – uma tradição que continua até hoje. (Quando uma estudante mista foi assassinada na cidade de Nova York no início de 2006 e seu cadáver brutalizado foi encontrado fortemente embrulhado em fita adesiva, os jornais imediatamente apelidaram seu assassino de “O Maníaco da Múmia”.)

Richard Angelo, “O Anjo da Morte”

Elizabeth Bathory, “A Condessa de Sangue”

Kenneth Bianchi e Angelo Buono, “The Hillside Stranglers”

William Bonin, “O Assassino da Autoestrada”

Ian Brady e Myra Hindley, “Os Assassinos dos Mouros”

Gary Carlton, “O Estrangulador da Meia”

Harvey Louis Carnigan, “O assassino de anúncios de procura”

David Carpenter, “O Assassino da Trilha”

Andrei Chikatilo, “A Besta Louca”

Douglas Clark, “O Assassino da Sunset Strip”

Albert DeSalvo, “O Estrangulador de Boston”

Theo Durrant, “O Demônio do Campanário”

Albert Fish, “O Maníaco da Lua”

John Wayne Gacy, “Palhaço Assassino”

Ed Gein, “The Plainfield Ghoul”

John Wayne Glover, “O Assassino da Vovó”
Cleo Green, “O Demônio Vermelho”
Vaughn Greenwood, “O Slasher Skid Row”
Fritz Haarmann, “O Açougueiro de Hanôver”
William Heirens, “O Assassino do Batom”
HH Holmes, “O Doutor da Tortura”
Edmund Kemper, “O Assassino da Coed”
Richard Macek, “O Mordedor Louco”
Earle Leonard Nelson, “O Homem Gorila”
Thierry Paulin, “O Monstro de Montmartre”
Heinrich Pommerencke, “A Besta da Floresta Negra”
Dennis Rader, “BTK”
Richard Ramirez, “O Perseguidor Noturno”
Melvin Rees, “A Besta do Sexo”
Vicytor Szczepinski, “O Assassino da Campainha”
Peter Sutcliffe, “O Estripador de Yorkshire”
Coral Eugene Watts, “The Sunday Morning Slasher”

Thomas Harris reconhece essa tradição em seus thrillers best-sellers, *Dragão Vermelho* e *O Silêncio dos Inocentes*, cujos heróis [do FBI](#) estão à caça de duas figuras aterrorizantes: um serial killer apelidado de “Fada do Dente” (porque ele morde suas vítimas com um conjunto especial de dentaduras) e outro apelidado de “Buffalo Bill” (porque ele “sempre esfola as corcundas”).



Dennis Nilsen



DENNIS NILSEN

Dennis Nilsen; de *True Crime Trading Cards Série Dois: Assassinos em Série e Assassinatos em Massa*; arte de Jon Bright

(Cortesia de Jon Bright e Valarie Jones)

Nilsen – o “britânico Jeffrey [Dahmer](#)”, responsável pelos terríveis assassinatos de quinze jovens – nunca se encaixa no perfil padrão de um serial killer. Quando criança, ele recuava da crueldade com os animais. Até caçar pássaros parecia errado para ele. Em sua vida adulta, dedicou-se a ajudar os oprimidos em seu trabalho para a Manpower Services Commission. Mesmo seus assassinatos foram motivados menos pela raiva psicopática do que por uma forma grotesca de amor. Na frase do escritor Brian Masters, Nilsen “matou por companhia”.

Desde o início da adolescência, a sexualidade de Nilsen foi marcada por uma cepa necrófila. Quando adolescente, ele gostava de se esticar na frente de um espelho e se masturbar enquanto imaginava que o corpo refletido no vidro era um cadáver. Durante um breve caso homossexual em 1972, ele levou filmes caseiros de seu amante - um soldado do exército de dezoito anos - enquanto o jovem fingia estar morto.

Durante seu período de onze anos no exército, Nilsen trabalhou por um tempo como açougueiro (uma ocupação que lhe forneceu habilidades que ele mais tarde usaria de maneira terrível). Depois de deixar o exército em 1972, ele se juntou à polícia de Londres, por apenas um ano. Em pouco tempo, ele havia começado sua carreira no serviço público em um Centro

de Emprego administrado pelo governo. Por um tempo, ele teve um relacionamento satisfeito com outro jovem, mas quando finalmente terminou, o recluso Nilsen mergulhou em uma solidão desesperada. Ele voltou a rituais autoeróticos bizarros. Aplicando pó e tinta em seu corpo nu – para fazê-lo parecer o cadáver de uma vítima de tiro – ele se masturbava enquanto olhava sua própria carne medonha em um espelho.

Alguns dias depois do Natal de 1978, Nilsen começou a matar. Depois de pegar um adolescente em um pub, Nilsen o trouxe de volta para seu apartamento na seção Cricklewood de Londres. Ansioso por companheirismo, Nilsen não queria que o jovem fosse embora. Enquanto o adolescente dormia, Nilsen o estrangulou com uma gravata, depois terminou o trabalho mergulhando a cabeça do menino em um balde de água. Depois, Nilsen despiu o cadáver, deu-lhe um suave banho ritual e o deitou em sua cama. Ele o manteve no apartamento pelos próximos dias, acariciando-o, limpando-o, masturbando-se sobre ele. Eventualmente, ele escondeu sob as tábuas do assoalho.

Nos três anos seguintes, o mesmo padrão medonho se repetiu mais onze vezes no apartamento de Nilsen em Cricklewood. Os corpos acumulados representavam um problema, com o qual Nilsen lidava de maneiras cada vez mais repugnantes. No início, ele armazenava os cadáveres dentro e ao redor de seu apartamento - em seu armário ou sob as tábuas do piso ou em um galpão de jardim. Eventualmente, no entanto, ele foi obrigado a desmembrar os corpos em decomposição e incinerá-los em uma fogueira no quintal. Ele jogou um pneu velho no fogo, esperando que o cheiro de borracha queimada disfarçasse o fedor de carne queimada.

Em 1981, Nilsen mudou-se para um apartamento diferente, onde assassinou mais três jovens e se livrou dos corpos cortando-os e jogando os pedaços no vaso sanitário. (Para remover a carne dos crânios, ele ferveu as cabeças em uma grande panela de sopa.) Eventualmente, esse método de [descarte](#) levou à sua queda. Quando os banheiros de todo o prédio ficaram entupidos, os vizinhos chamaram um encanador, que descobriu ossos humanos e pedaços de carne decomposta bloqueando os canos.

Dentro de seu apartamento fétido, a polícia encontrou uma variedade medonha de humanos restos - cabeças e membros, torsos, ossos e vísceras.

Nilsen, que confessou livremente quinze assassinatos, foi condenado à prisão perpétua em seu julgamento de 1983.

“Eu queria poder parar, mas não consegui. Não tive outra emoção ou felicidade.”

D ENNIS N ILSSEN

N OMADS

Aqui está uma estatística preocupante: quase três quartos de todos os assassinos em série conhecidos no mundo – 74% para ser exato – vêm dos Estados Unidos (em oposição a míseros 19% para toda a Europa). Claramente, há algo na cultura americana que conduz ao assassinato em série. As teorias vão desde nossas atitudes puritanas sobre questões da carne – que presumivelmente produzem todos os tipos de patologia sexual – até nossa dieta constante de violência na mídia.

Quaisquer que sejam os outros fatores envolvidos, um aspecto de nossa vida cultural certamente agrava o problema: a extrema mobilidade dos americanos. Desde a época dos pioneiros, somos um povo em movimento. Embora essa característica cultural tenha, sem dúvida, sido uma fonte de força (nossa liberdade de movimento única ajudou nossa nação a se desenvolver em um ritmo extraordinário), também contribuiu para nossa taxa de criminalidade notoriamente alta. Desde os dias de John Wesley Hardin e Billy the Kid, bandidos altamente móveis foram capazes de se safar de assassinatos por anos, ficando alguns passos à frente da lei.

Já na década de 1920, no entanto, um fenômeno novo e ainda mais assustador apareceu na cena criminal: o assassino nômade que explorou os meios de transporte modernos (principalmente carros e trens) para se manter em constante movimento, deixando para trás um rastro de cadáveres. e pouco mais em termos de pistas rastreáveis). Earl Leonard [Nelson](#) — o “Homem Gorila” que estrangulou quase duas dúzias de mulheres durante uma matança de dezoito meses, de costa a costa, foi uma das primeiras desta raça mortal. Outro foi Carl [Panzram](#), o sociopata itinerante que se gabava de ter cometido mais de mil estupros homossexuais e vinte e um assassinatos ao longo de sua vida extraordinariamente dura.

Vinte anos depois, um andarilho homicida chamado Jake Bird acumulou uma contagem de corpos ainda maior durante sua carreira de peripatético [Axe Murder](#).

Não foi até o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, no entanto, que os americanos começaram a perceber o assassinato em série nômade como uma crescente ameaça pública, graças em grande parte aos crimes de monstros como Ted [Bundy](#) (que cometeu seus crimes de luxúria em quatro estados diferentes) e – ainda mais irritante – Henry Lee [Lucas](#), que pode ter matado até cem pessoas durante sua vida de viagens sem objetivo. Em nossa sociedade móvel e de ritmo acelerado, esses psicopatas itinerantes podem continuar matando por anos, depositando cadáveres em trechos tranquilos de floresta, ao longo de litorais desertos e ao lado de rodovias isoladas - atacando caroneiros, prostitutas de beira de estrada, picapes casuais e outras vítimas fáceis tão desenraizados (e muitas vezes tão difíceis de rastrear) quanto os próprios assassinos.

Para um contraste com o estilo nômade de assassinato em série, veja [Homebodies](#).

NURSERY RHYMES

Como todos sabem, as crianças pequenas são fascinadas por violência e horror (se você quiser ler algo *realmente* assustador, confira *The Complete Grimm's Fairy Tales*). Portanto, não é de surpreender que maníacos homicidas frequentemente apareçam em versos infantis.

Um anônimo [Axe Murderer](#) é o tema desta rima alegremente macabra:

Aí vem uma vela para iluminá-lo para a cama.

Aí vem um helicóptero para cortar sua cabeça.

Um “helicóptero” diferente – aquele pertencente ao infame assassino e canibal alemão, Fritz [Haarmann](#) – aparece nesta rima alemã:

Apenas espere até chegar a sua hora,

Haarmann virá atrás de você,

Com seu helicóptero, oh tão bom,

Ele vai fazer picadinho de você.

Os atos sangrentos de outros assassinos da vida real também foram celebrados em canções de ninar. Todo mundo, é claro, conhece aquele sobre a filha mais notória de Fall River:

Lizzie Borden levou um machado

E deu quarenta pancadas na mãe.

E quando ela viu o que tinha feito,

Ela deu ao pai quarenta e um.

A quase contemporânea de Lizzie, a britânica “Queen Poisoner”, Mary Ann Cotton (veja [Viúvas Negras](#)), também foi imortalizada em uma rima infantil:

Mary Ann Cotton

Ela está morta e está podre.

Ela está deitada em sua cama

Com os olhos bem abertos.

Os ingleses, de fato, parecem se especializar em transformar crimes lúgubres em canções de ninar. Dois dos assassinos mais notórios da história criminal britânica foram os malfeitores do século XIX Thomas Burke e William Hare. Até 1832, a lei britânica proibia a dissecação de cadáveres humanos, exceto os de assassinos executados. Como resultado, havia uma séria escassez de cadáveres de faculdades de medicina. Para preencher essa necessidade científica, alguns médicos recorreram a ladrões de corpos profissionais, que saqueavam sepulturas frescas e vendiam os corpos. Burke e Hare deram uma nova reviravolta ao negócio de tráfico de corpos ao assassinar os hóspedes da pensão que administravam e depois vender os cadáveres a um cirurgião de Edimburgo chamado Robert Knox. A história deles foi recontada muitas vezes e de várias formas, de baladas de rua a “The Body Snatcher” de Robert Louis Stevenson (transformado em um filme de Boris Karloff de 1945). Também inspirou esta pequena rima:

*Burke é o assassino, Hare é o ladrão,
E Knox, o garoto que compra a carne.*

E, claro, há este dístico caprichoso sobre o lendário “Açougueiro de Whitechapel”:

***Jack o Estripador** roubou um kipper,
Escondeu no chinelo de seu pai.*

Assassinos britânicos mais recentes também serviram de tema para versos infantis. Em meados da década de 1950, um médico chamado Buck Ruxton assassinou sua esposa, Isabella, e uma testemunha do crime, sua empregada, Mary Rogerson. Em seguida, ele desmembrou os dois cadáveres e jogou os restos mortais em uma ravina perto de Moffat, na Escócia. Em pouco tempo, crianças em idade escolar britânicas estavam cantando esta pequena cantiga:

*Manchas vermelhas no tapete, manchas vermelhas em
sua faca.*

Oh Dr. Buck Ruxton, você assassinou sua esposa.

A babá ela viu você, e ameaçou contar.

Oh Dr. Buck Ruxton, você a matou também.

Hoje, claro, vivemos em tempos menos poéticos. Em vez de versos, crimes horríveis tendem a ser transformados em piadas horríveis. Ainda assim, de vez em quando algum humilde versificador comporá uma homenagem a um serial killer. As atrocidades de Edward [Gein](#), por exemplo, inspiraram não apenas uma enxurrada de enigmas doentios (veja [Piadas](#)), mas também estas linhas imortais:

*Era uma vez um homem chamado Ed
Quem não levaria uma mulher para a cama.
Quando ele queria zoar,*

*Ele cortou o meio,
E pendurou o resto em um galpão.*

NURSES

Já é ruim o suficiente quando um estudante de direito (como Ted [Bundy](#)) ou um policial (como GJ Schaefer, a “Fera Sexual” da Flórida ligada a vinte assassinatos sádicos) se torna um serial killer. Parece ainda pior quando o psicopata é afiliado com as artes da cura — alguém que dedicou sua vida profissional ao cuidado de outros seres humanos. [Médicos](#) mortais se enquadram nesta categoria. O mesmo acontece com as enfermeiras letais — aquelas profissionais de saúde homicidas que atacam os doentes e os indefesos, administrando não socorro e conforto, mas sofrimento e morte.

Em Cincinnati, durante a década de 1930, uma imigrante alemã chamada Anna Marie Hahn ganhou fama de enfermeira bondosa e devota, um anjo de misericórdia que cuidava de velhos doentes — todos os quais tinham contas bancárias muito saudáveis. De uma forma ou de outra, Hahn conseguiu colocar as mãos no dinheiro deles, seja pedindo “empréstimos”, sendo registrada em seus testamentos ou roubando-os imediatamente. Então ela despachou seus pacientes com uma dose de medicação letal. Ao longo de cinco anos, ela envenenou pelo menos onze das velhas almas confiantes. Ela se tornou a primeira mulher eletrocutada em Ohio.

Enquanto Hahn estava nisso estritamente pelo dinheiro, outras enfermeiras letais foram motivadas por impulsos ainda mais sombrios. A notória multi-assassina da virada do século Jane [Toppan](#) declarou que seu desejo mais profundo era se tornar a assassina mais prolífica de sua época. Embora Toppan tenha sido acusada de onze assassinatos, ela alegou ter cometido trinta e um, e alguns aficionados do crime acreditam que o total real estava mais próximo de cem. Se sim, então Toppan certamente alcançou sua ambição.

Muito mais recentemente, no final da década de 1980, uma assistente sociopata de um lar de idosos chamada Gwendolyn Graham e sua amante lésbica, Catherine Wood, criaram um jogo demente. Eles decidiram sufocar seis pacientes idosos, selecionando vítimas cujas últimas iniciais, quando unidas, formavam a palavra *assassinato*. Como aconteceu, o “jogo” tornou-

se complicado demais para ser concluído, mas Graham e Wood continuaram matando velhos de qualquer maneira, em grande parte porque forneceu aos dois amantes depravados uma emoção sexual tão poderosa.

Nem todas as enfermeiras letais são mulheres. Richard Angelo – o “Anjo da Morte” de Long Island – talvez tenha o raciocínio mais estranho de todos para múltiplos assassinatos médicos. Obcecado com a necessidade de ser reconhecido como um herói, o ex-escoteiro e bombeiro voluntário se formou como enfermeiro, depois foi trabalhar na unidade de terapia intensiva do Hospital Bom Samaritano, onde (com bastante propriedade) trabalhou o turno do cemitério. Em pouco tempo, os pacientes pós-operatórios começaram a cair como moscas. Eventualmente, as autoridades descobriram a causa das mortes misteriosas. Entre meados de setembro e final de outubro Em 1987, Angelo injetava em média dois pacientes por semana com Pavulon e Anectine, drogas que induziam paralisia e insuficiência cardíaca. Sua razão? Para que ele pudesse correr para resgatá-los e provar que era um herói. Infelizmente, seu plano tinha suas falhas: dos quase quarenta pacientes que injetou, pelo menos dez — talvez até vinte e cinco — morreram.

A partir de 1987, outro enfermeiro malévolo, Charles Cullen, embarcou em uma matança que superaria a de Richard Angelo. Trabalhando em casas de repouso e hospitais em Nova Jersey e Pensilvânia, Cullen despachou até quarenta pessoas injetando-as com vários medicamentos, como a droga digoxina para o coração. Quando preso em 2003, ele insistiu que estava simplesmente ajudando pacientes idosos com doenças terminais a saírem de sua miséria – uma alegação seriamente prejudicada pelo fato de que suas vítimas incluíam um estudante universitário de 21 anos se recuperando bem após a cirurgia.

Apelidado de “o pior serial killer da história de Nova Jersey”, Cullen evitou a pena de morte ao concordar em ajudar os promotores a identificar suas vítimas. Em sua audiência de sentença em março de 2006, ele foi denunciado como “filho de Satanás”. “Talvez alguns dias ele realmente acredite que foi um anjo de misericórdia”, disse a filha de uma de suas vítimas idosas. “Vamos corrigir isso. Ele é um demônio das profundezas do inferno.” Ele foi condenado a onze prisões perpétuas consecutivas.



O RCHARDS

No início de 1800 (segundo a lenda), um herói folclórico errante chamado Johnny Appleseed percorria a terra, transformando campos vazios em pomares férteis. É claro que a fertilidade não é a única qualidade relacionada aos pomares de macieiras. Desde os dias de Adão e Eva, a macieira também simboliza o pecado e a corrupção. Na vida real, como no mito, os pomares têm sido associados tanto à bondade quanto ao crime — não apenas com os deliciosos frutos da terra de Deus, mas também com os frutos mortais do mal do homem.

Na primavera de 1873, os cidadãos de Labette County, Kansas, estavam preocupados com o número alarmante de viajantes que haviam desaparecido enquanto passavam pela região. Um pelotão investigando a fazenda recentemente abandonada de uma família chamada Bender notou algo peculiar sobre o pomar de macieiras atrás da casa. As depressões no solo entre as mudas em flor eram retangulares e aproximadamente do tamanho de sepulturas humanas. Quando o pelotão terminou de cavar o pomar, eles descobriram os corpos de uma dúzia de pessoas. A maioria deles eram homens, seus crânios esmagados com uma marreta. Uma era uma menina que havia sido enterrada viva com o cadáver de seu pai. Como se viu, os “Bloody Benders” vinha caçando viajantes incautos por anos, tendo transformado sua casa de fazenda em ruínas em uma espécie de hotel-do-inferno onde os hóspedes durante a noite raramente sobreviviam para ver a luz do dia (veja [Clãs](#)).

Um pomar de macieiras também apareceu com destaque no crime mais sensacional da década de 1920, o caso de assassinato de Hall-Mills. Em

uma manhã de setembro de 1922, um jovem casal passeando em New Brunswick, Nova Jersey, tropeçou em dois cadáveres, masculino e feminino, deitados lado a lado em um pomar de macieiras. A garganta da mulher foi cortada tão ferozmente que ela quase foi decapitada. Ela também foi baleada três vezes no rosto à queima-roupa. Embora o morto não tenha sido submetido às mesmas mutilações, ele foi morto com deliberação arrepiante – executado com uma única bala no cérebro. O que tornou os assassinatos especialmente chocantes foi a identidade das vítimas: o reverendo Edward Wheeler Hall, pastor da igreja episcopal mais elegante de New Brunswick, e sua amante do coro, a sra. Eleanor Mills. O julgamento subsequente da esposa traída do reverendo e de seus dois irmãos excêntricos foi o caso de OJ Simpson da época — um frenético circo da mídia com três picadeiros, seguido de um fascínio lascivo por todo o país. (Como no caso OJ, os réus foram absolvidos e o caso permanece oficialmente sem solução.)

O pomar onde os corpos foram encontrados tornou-se uma grande atração turística, onde os vendedores apregoavam refrigerantes e pipocas para as hordas curiosas, que arrancavam cada folha e maçã dos galhos como lembranças mórbidas.

Cinquenta anos depois, pomares de outro tipo – os pomares de pessegueiros ao redor de Yuba City, Califórnia – tornaram-se o local de uma das descobertas mais horríveis da história criminal americana. Em maio de 1971, um fazendeiro descobriu um cadáver esquartejado enterrado entre duas árvores frutíferas. Outras descobertas em pomares próximos logo se seguiram. Um por um, os cadáveres de trabalhadores migrantes e homens transitórios foram desenterrados até que a contagem de corpos atingiu um escalonamento de vinte e cinco. Todas as vítimas foram brutalmente cortadas com uma faca e um facão, e várias delas apresentavam sinais de agressão sexual. As evidências eventualmente levaram a polícia a alguém muito familiarizado com os pomares de Yuba City, um empreiteiro agrícola chamado Juan Corona, cuja condenação por vinte e cinco acusações de assassinato em 1973 o marcou como o serial killer mais prolífico do país. Infelizmente para a América, esse recorde já foi eclipsado várias vezes.

O RGANIZADO /D ISORGANIZADO

Consulte Criação de [perfil](#).

O VENS

Poucos contos de fadas são mais assustadores para as crianças do que “Hänsel e Gretel” – a história de uma bruxa canibal que planeja se alimentar de duas crianças gordas, mas acaba incinerada em seu próprio forno. Talvez seja isso que adiciona uma dimensão especial de horror aos assassinos em série que usam fornos para se livrar de suas vítimas. Toda a situação parece algo saído de uma história de terror infantil – um conto de fadas da vida real e extremamente sombrio.

Henri Landru, o “Barba Azul de Paris”, até *parecia* um vilão de conto de fadas, com sua cabeça careca, sobrancelhas eriçadas e barba ruiva espetada. Apesar de sua aparência pouco atraente, no entanto, ele se tornou famoso como um dos principais assassinos de mulheres do mundo, casando-se e assassinando nada menos que dez mulheres (ver [Barbas -Azuis](#)). Acreditando (incorretamente) que sem um cadáver as autoridades não poderiam condená-lo por assassinato, ele reduziu todas as suas vítimas a cinzas em um forno ao ar livre. Mesmo sem um único corpo identificável, no entanto, as autoridades conseguiram reunir evidências circunstanciais suficientes para enviar Landru à guilhotina.

Dr. HH [Holmes](#) - o serial killer da virada do século e outro notório assassino de mulheres - eliminou dezenas de vítimas da mesma maneira. Quando os investigadores finalmente invadiram seu “Castelo do Horror” em um subúrbio de Chicago, eles descobriram um crematório no porão e um fogão de escritório enorme que ainda continha os restos carbonizados de uma de suas amantes malfadadas. Os crimes mais hediondos de Holmes, no entanto, foram os assassinatos a sangue frio de três irmãos jovens – os filhos de seu cúmplice, Ben Pitezel. Dois desses pequenos foram asfixiados e enterrados em um porão. Os restos enegrecidos do terceiro, um menino de dez anos, foram encontrados na barriga de um forno a carvão.



Talvez o mais terrível dos muitos crimes de Holmes tenha sido o assassinato de duas meninas, Alice e Nellie Pitezel, que foram mortas com gás dentro de um baú de vapor – uma atrocidade retratada nesta ilustração de livro do século XIX.

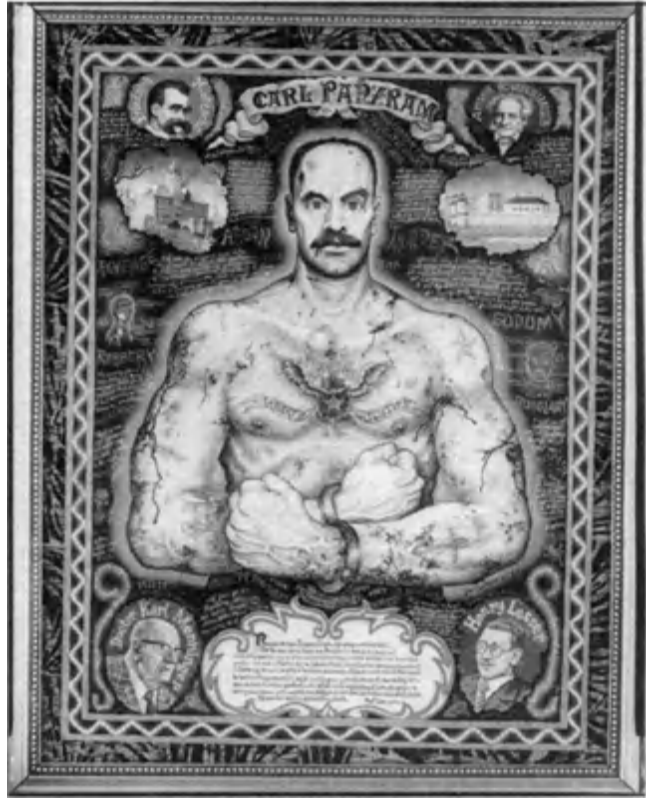
É claro que o descarte de vítimas não é o único uso que os fornos têm sido feitos por psico-assassinos enlouquecidos. Quando a polícia alemã prendeu o assassino sexual canibal Joachim Kroll em 1976, eles encontraram algo cozinhando em seu fogão: a mão decepada de uma menina de quatro anos, fervendo em uma panela com batatas fatiadas e cenouras.



Carl Panzram

Durante seu último período na prisão, no final da década de 1920, Carl Panzram confessou vinte e um assassinatos, incontáveis crimes e mais de mil atos de sodomia. “Por todas essas coisas”, declarou ele, “não estou nem um pouco arrependido”. Foi uma declaração típica de um dos criminosos mais incorrigíveis da história americana. Alguns sociólogos atribuíram a natureza viciosa de Panzram ao sistema penal, que o submeteu a inúmeras brutalidades em um esforço para quebrar seu espírito, mas apenas o encheu de ódio por toda a humanidade. Outros têm uma explicação diferente: que ele simplesmente nasceu mau.

Se a maldade de Panzram foi adquirida ou inata é uma questão de debate. Uma coisa é certa: sua carreira criminosa começou cedo. Sua primeira condenação foi por embriaguez e conduta desordeira – quando ele tinha oito anos. Três anos depois, uma série de assaltos o levou ao reformatório. Durante seu tempo lá, ele incendiou um dos prédios, causando danos estimados em US \$ 100.000. Panzram, de treze anos, foi liberado da instituição em 1904 com um conhecimento que duraria a vida toda — “como roubar, mentir, odiar, queimar e matar” (como ele escreveria em sua autobiografia).



Retrato de Carl Panzram por Joe Coleman

Em liberdade condicional para a custódia de sua mãe, ele prontamente fugiu para levar a vida de um vagabundo. Enquanto pegava carona em um vagão, ele foi estuprado por quatro “vagabundos corpulentos”, que lhe ensinaram outra lição pela qual ele continuaria a viver: “Força e faça o certo”.

Ele se juntou ao exército aos dezesseis anos, mas a disciplina militar não era o costume de Panzram. Ele foi levado à corte marcial e condenado a três anos em Leavenworth. Após sua libertação, ele embarcou em uma carreira de brutalidade espetacular. Viajando ao redor do mundo - para a América do Sul, Europa, África e, finalmente, de volta aos Estados Unidos - ele deixou um rastro de cadáveres em seu rastro.

Na década de 1920, Panzram cometeu dois de seus crimes mais infames. Com os lucros de um assalto especialmente lucrativo, ele comprou um iate e atraiu dez marinheiros a bordo com a promessa de licor pirata grátis. Depois que os marinheiros se embebedaram, Panzram os estuprou, atirou na cabeça de cada um e jogou seus corpos no oceano.

Mais tarde, depois de embarcar como marinheiro mercante para a África Ocidental, ele contratou oito carregadores nativos, presumivelmente para ajudá-lo a caçar crocodilos. Panzram acabou matando e estuprando os africanos, depois alimentando os crocodilos com seus cadáveres.

Em 1928, Panzram estava de volta à América, onde foi preso por uma série de assaltos nas proximidades de Washington, DC. Condenado a vinte anos em Leavenworth, ele anunciou que “mataria o primeiro homem que me incomodasse”. Ele cumpriu sua ameaça no ano seguinte, esmagando o crânio de um capataz de lavanderia. Foi esse crime que finalmente deu a Panzram uma sentença de morte há muito esperada. Ele foi enforcado em 5 de setembro de 1930. Consistente até o fim, foi para a morte com uma maldição nos lábios. “Apresse-se, seu bastardo Hoosier,” ele rosnou enquanto o carrasco preparava o laço. “Eu poderia enforcar uma dúzia de homens enquanto você está brincando!”

Para um filme falho, mas intrigante, sobre Panzram, confira *Killer* (1996), com o sempre assistível (embora um pouco mal interpretado) James Woods no papel-título.

“Sentei-me para pensar um pouco sobre as coisas. Enquanto eu estava sentado lá, uma criança de cerca de onze ou doze anos veio bufando. Ele estava procurando por algo. Ele também encontrou. Eu o levei para um poço de cascalho a cerca de um quarto de milha de distância. Deixei-o lá, mas primeiro cometi sodomia nele e depois o matei. Seus miolos estavam saindo de seus ouvidos quando o deixei, e ele nunca estará mais morto.

C ARL P ANZRAM

PARAFILIA _

Parafilia – que significa literalmente “amor anormal” – é o termo técnico para desvio ou perversão sexual. Não é preciso dizer que, quando se trata de comportamento parafílico, os serial killers são tão doentes quanto parecem.

O fetichista médio por pés, por exemplo, pode reunir uma coleção considerável de sapatos de salto alto roubados. Por outro lado, pelo menos um serial killer gratificou seu fetiche cortando os pés de suas vítimas e armazenando-os em sua geladeira. Cortar e salvar tufo de pelos pubianos

femininos é outro fetiche comum. Os assassinos em série, por outro lado, têm a mesma probabilidade de remover toda a vulva de suas vítimas.



Pintura de Albert Fish se flagelando com uma tábua cravejada de pregos; arte de Michael Rose

O voyeurismo é outra parafilia que os serial killers praticam com uma malevolência singular. O típico Peeping Tom gosta de espionar as pessoas que estão fazendo sexo. Os serial killers voyeuristas, por outro lado, gostam de assistir enquanto seus parceiros ou cúmplices estupram, sodomizam e torturam vítimas indefesas. Entre as outras parafilias favorecidas pelos serial killers estão a bestialidade, o SM e o exibicionismo.

Sem dúvida, o serial killer mais pervertido nos anais do crime americano foi Albert [Fish](#). De acordo com os especialistas psiquiátricos que o examinaram, Fish passou a vida se entregando a todas as parafilias conhecidas, além de algumas das quais ninguém nunca tinha ouvido falar antes. (Por exemplo, ele gostava de inserir rosas de haste longa em seu pênis e olhar para si mesmo no espelho. Em seguida, ele retirava as rosas e as comia.) Suas parafilias mais comuns incluíam: sadismo, masoquismo, flagelação, exibicionismo, voyeurismo, piquerismo (obtendo prazer sexual ao se espetar com objetos pontiagudos), pedofilia, analingus (estimulação

oral do ânus) , co-profagia (comer fezes), undinismo (preocupação sexual com a urina), fetichismo e canibalismo.

PARCEIROS _

Assassinos em série têm sua própria forma especial de ligação masculina. Em vez de jogar boliche com um amigo, eles ocasionalmente se unem a um parceiro e saem rondando em pares. Estima-se que aproximadamente 28% de todos os homicídios em série neste país sejam cometidos por essas duplas mortais.

Embora o bissexual Henry Lee [Lucas](#) e seu parceiro homossexual, Ottis Elwood Toole, fossem amantes ocasionais, a verdadeira base de sua amizade não era o sexo, mas uma paixão compartilhada pelo massacre em série. Pouco depois de se conhecerem em uma cozinha de sopa da Flórida, eles se lançaram em uma vida de violência aleatória e nômade, viajando pelas estradas e atacando um número incontável de vítimas – caroneiros, vagabundos, mulheres com problemas de carro. Mataram com terrível crueldade. (Em um exemplo típico, eles atacaram uma mulher de 46 anos em seu trailer, Lucas a estuprou enquanto Toole a estrangulava com um fio de telefone; depois que ela estava morta, Toole arrancou seus mamilos com os dentes.) a dupla estava com pouco dinheiro, eles derrubariam uma loja de conveniência e matariam o balconista (cujo cadáver era geralmente estuprado pelo necrófilo Toole).

Tanto Lucas quanto Toole cometeram homicídio antes de ficarem juntos. Outros casos, no entanto, são exemplos do que os franceses chamam de [Folie à Deux](#) – uma psicopatologia compartilhada que só funciona quando os dois indivíduos se unem. Separadamente, cada homem — ainda que potencialmente violento — nunca poderia cometer assassinato; juntos, eles trazem à tona os impulsos mais monstruosos um do outro. Este foi o caso, por exemplo, não apenas dos “[Estranguladores de Hillside](#)”, mas também de Leonard Lake e Charles Ng, um par de ex-fuzileiros navais com um interesse comum por armas automáticas e pornografia sadomasoquista. No início dos anos 80, essa dupla depravada sequestrou pelo menos três mulheres e as manteve como “escravas sexuais” em um bunker subterrâneo no remoto complexo arborizado de Lake no condado de Calaveras, Califórnia. O as vítimas eram filmadas enquanto eram submetidas a tortura

sexual extrema e depois assassinadas quando seus captores se cansavam delas. (Ng aguarda julgamento por essas acusações e mantém sua inocência até hoje.) Outras duplas depravadas incluem Lawrence Bittaker e Roy Norris (um par de degenerados que cruzaram as estradas da Califórnia em uma van que chamaram de Murder Mack, sequestrando, torturando e matando um série de meninas), Dean Corll e Wayne Henley (que conspiraram para atrair dezenas de rapazes para a casa de Corll em Pasadena, Texas, onde os meninos foram drogados, algemados, torturados - às vezes por dias - e depois mortos), e Theodore Simmons e Milton Jones de Buffalo, Nova York (que se uniu para torturar e matar padres católicos).

Algumas equipes de assassinos em série têm mais em comum do que sua psicopatologia – na verdade, eles são relacionados pelo sangue. Isso era verdade para os “Estranguladores de Hillside”, Kenneth Bianchi e Angelo Buono, que eram primos; os irmãos Haley de Los Angeles, que cometeram nada menos que quinhentos arrombamentos, sessenta estupros e oito assassinatos no início dos anos 1980; e o descontroladamente psicótico Joseph Kallinger, que contou com a ajuda de seu próprio filho de doze anos em sua campanha de seis meses de assassinato e mutilação.

Claro, mesmo o mais próximo dos companheiros às vezes pode discordar. Rudolph Pleil - sem dúvida o mais monstruoso assassino luxurioso alemão da era pós-Segunda Guerra Mundial - tinha um apetite voraz por estupro, mutilação e assassinato, mas se opôs quando um cúmplice insistiu em decapitar uma vítima. Embora Pleil tenha matado pelo menos duas dúzias de vítimas com martelos, machadinhas e facas, ele evidentemente traçou o limite na decapitação. E Lucas desaprovava as tendências canibais de seu parceiro, recusando-se a participar quando Toole cedeu ao seu gosto por carne humana.



Marcel Petiot

A fumaça que saía da chaminé da rue Le Sueur, 21, em 11 de março de 1944, era tão espessa, negra e fétida que poderia ter vindo de um crematório nazista. Um vizinho telefonou para as autoridades parisienses. Quando os

bombeiros invadiram o prédio, fizeram uma descoberta terrível: uma pilha de corpos humanos dissecados e desmembrados, mais de duas dúzias ao todo. Estes viriam a ser os restos mortais de homens e mulheres judeus. Dentro da fornalha, os bombeiros encontraram uma pilha de membros em chamas – a fonte do fedor.

Havia uma boa razão pela qual a fumaça da chaminé carregava o fedor de um crematório nazista. Na verdade, foi nisso que o dono do prédio — um médico chamado Marcel Petiot — transformou seu forno no porão.

Quando Petiot foi confrontado com as provas de seus crimes, no entanto, ele tinha uma explicação pronta. Um psicopata de audácia incomum - até extravagante, ele insistia que, longe de ser um criminoso, era na verdade um patriota. Os restos mortais, segundo ele, eram de colaboradores nazistas, mortos pela Resistência e confiados a si mesmo para descarte. Os gendarmes ingênuos engoliram essa besteira inteira e libertaram Petiot, que imediatamente fugiu de Paris com sua esposa.

Ele permaneceu foragido por sete meses, durante os quais enviou cartas regulares e pseudônimas ao jornal *Resistance*, repetindo sua alegação de que os corpos eram de nazistas e traidores. Em Paris, no entanto, a polícia tinha uma teoria diferente: que o próprio Petiot era um colaborador que estava assassinando patriotas em nome da Gestapo.

A verdade finalmente veio à tona quando Petiot foi preso depois de sete meses foragido. Embora percebido por seus vizinhos parisienses como um médico próspero e benevolente, Petiot, de 47 anos, tinha um histórico de comportamento criminoso desde a Primeira Guerra Mundial, quando foi condenado por mercado negro. Mais tarde, como prefeito da cidade de Villeneuve, ele foi preso por tráfico de drogas. Ele também era suspeito do misterioso desaparecimento de uma serva grávida. Mas nada em seu passado se comparava aos ultrajes que perpetrava em sua residência na Rue Le Sueur.

Os assassinatos, ao que parece, não tinham nada a ver com política. As vítimas não eram nazistas nem patriotas franceses. A ganância foi o único motivo por trás das atrocidades de Petiot. As vítimas eram judeus ricos desesperados para fugir da França ocupada. Posando como um líder da Resistência, Petiot se ofereceu para contrabandear para fora do país – por

uma taxa. Quando as vítimas desavisadas apareceram em sua casa – carregadas com todos os seus objetos de valor – Petiot administrou uma “inoculação de febre tifóide” que foi enriquecida com estricnina. Então ele os colocou em uma câmara selada. Depois de observar suas agonias de morte através de um olho mágico, ele descartou seus restos mortais em sua fornalha. Os valores que ele conseguiu com essa fraude indescritível somaram quase um milhão de libras inglesas.

O julgamento de Petiot em 1946 foi um dos mais sensacionais da história moderna da França. O próprio réu — às vezes espirituoso e fulminante, charmoso e arrogante — deu um show e tanto, embora seu histrionismo não tenha conseguido seduzir o juiz e o júri. O “maior caso criminoso do século” (como o Os jornais franceses o apelidaram) terminou em 26 de maio de 1946, quando Marcel Petiot, ainda mantendo sua inocência, foi para a guilhotina.

Para uma dramatização interessante (embora excessivamente artística) do caso, espectadores curiosos podem conferir o filme francês de 1992 *Docteur Petiot*, estrelado por Michel Serrault.

“Há uma lenda que todos vocês conhecem bem: a história dos naufrágios. Homens cruéis colocaram lanternas nos penhascos para atrair navios em perigo. Os marinheiros, confiantes, nunca suspeitando que tal engano maligno pudesse existir, navegaram até os recifes e morreram, e aqueles que fingiram levá-los para a segurança encheram seus cofres com os despojos de seus atos imundos. Petiot é apenas isso: o falso salvador, o falso refúgio. Ele atraiu os desesperados, os assustados, os caçados, e os matou, voltando seus instintos de autopreservação contra eles.”

P IERRE V ERON ,

advogado no julgamento do Dr. Marcel Petiot

FASES _

O padrão passo a passo que o serial killer típico segue - desde o momento em que ele começa a meditar sobre seu crime até a inevitável decepção de suas consequências - foi mapeado pelo Dr. Joel Norris, um dos maiores

especialistas do país no assunto. . De acordo com Norris, as sete “fases-chave” do assassinato em série são as seguintes:

1. *A Fase da Aura.* O processo começa quando o assassino em potencial começa a se retirar para um mundo privado de fantasia pervertida. De fora, ele pode parecer perfeitamente normal. Dentro de sua cabeça, no entanto, ele existe em uma espécie de zona crepuscular retorcida. Sua compreensão da realidade afrouxa à medida que sua mente se torna cada vez mais dominada por devaneios de morte e destruição. Gradualmente, a necessidade de realizar suas fantasias dementes torna-se uma compulsão avassaladora.

2. *A Fase de Trollagem.* Como um pescador lançando sua linha e pescando, o assassino agora começa a procurar uma vítima, concentrando-se nos lugares onde é mais provável encontrar o tipo exato de pessoa que suas necessidades doentias exigem. Ele pode demarcar um pátio de escola, cruzar um distrito da luz vermelha, frequentar um ponto de encontro popular ou perseguir uma pista de amantes local. Eventualmente, ele vai se concentrar em um alvo.

3. *A Fase do Cortejo.* Em alguns casos, o assassino simplesmente atacará sem aviso – arrebatando uma vítima da rua ou arrombando uma casa e matando todos que estão dentro. Muitas vezes, no entanto, o assassino obterá uma satisfação depravada ao atrair suas vítimas para suas garras - embalando-as com uma falsa sensação de segurança, enganando-as para diminuir suas defesas. Ted [Bundy](#) parecia tão desarmante e normal que não teve problemas em convencer as jovens a entrar em seu carro da morte. Outros assassinos, como John Wayne [Gacy](#), seduzem suas vítimas com a promessa de dinheiro, emprego ou lugar para passar a noite. Em novembro de 1995, um andarilho chamado Glen Rogers supostamente cometeu cinco assassinatos durante uma matança interestadual. De acordo com aqueles que o conheciam, Rogers era um mestre em cortejar suas vítimas. “Ele conseguia convencer uma pessoa a fazer qualquer coisa”, disse um conhecido à polícia. “Uma carona para casa do bar. Um lugar para dormir por alguns dias. Os afetos de uma mulher.” (Rogers ainda não foi julgado e nega as acusações.)

4. *A Fase de Captura.* O próximo passo é lançar a armadilha que o assassino preparou para suas vítimas. Ver suas reações aterrorizadas quando o verdadeiro horror de sua situação de repente chega em casa faz parte de seu jogo sádico. Este é o momento em que - tendo aceitado uma carona de um estranho afável que lhe ofereceu uma carona para casa - você de repente percebe que o carro está indo na direção errada e que a maçaneta da porta do lado do passageiro foi removida, de modo que não há possibilidade de fuga. Ou quando o belo caso de uma noite que algemou você até as cabeceiras da cama para um pouco de diversão e jogos bizarros, sorridente, diz a você que ele não tem intenção de liberá-lo - nunca.

5. *O Assassinato.* Se matar é um substituto para o sexo, como é para tantos assassinos em série, então o momento em que eles matam uma vítima é o clímax, o ápice do prazer em direção ao qual todo o processo vem se desenvolvendo desde que começaram a fantasiar sobre a morte. o crime. (Na verdade, não é incomum que psicopatas sexuais experimentem um orgasmo enquanto assassinam suas vítimas.) E assim como as pessoas normais têm seus prazeres sexuais particulares – suas posições favoritas ou formas de ser tocadas – os serial killers têm suas próprias preferências homicidas, algumas apreciando o estrangulamento. , outros espancando ou cortando ou morte por tortura lenta.

6. *A Fase do Totem.* Como um clímax sexual, o assassinato é um prazer intenso, mas transitório para o serial killer. Para prolongar a experiência e ajudá-lo a revivê-la em fantasia durante o período de pousio antes de seu próximo crime, ele geralmente remove uma lembrança ou objeto “totêmico” associado à vítima. Isso pode ser qualquer coisa, desde uma carteira até uma parte do corpo (veja [Troféus](#)).

7. *A Fase da Depressão.* No rescaldo do assassinato, o serial killer muitas vezes experimenta uma decepção emocional que é o equivalente ao que os franceses chamam de *tristesse pós-coito*. Este estado pode ser tão grave que o assassino pode realmente tentar o suicídio. Infelizmente, uma resposta mais comum é um desejo renovado de cometer assassinato novamente – uma necessidade

crescente de uma dose de sangue fresco (veja [Depressão Pós-Homicida](#)).

FOTOGRAFIAS _

Em seu arrepiante livro de 1971, *The Family*, Ed Sanders revela que Charles [Manson](#) e seus seguidores rastejantes supostamente fizeram filmes snuff com câmeras super-8mm roubadas – filmes de splatter da vida real retratando sacrifícios humanos, decapitações e outras atrocidades. Embora Sanders nunca tenha sido capaz de confirmar esta história (ele foi oferecido um rolo de pornô Manson de renome por uma fonte não identificada, mas não conseguiu chegar ao preço pedido de US \$ 250.000), o próprio boato incorpora uma verdade enervante sobre assassinos em série. Da mesma forma que as pessoas comuns gostam de registrar os momentos especiais da vida em filme (casamentos, festas de aniversário, férias em família), muitos serial killers gostam de tirar fotos de suas vítimas, vivas e mortas, para guardar como lembranças distorcidas - lembranças mórbidas para ajudá-los a reviver a emoção de seus assassinatos.

Quando a polícia entrou no apartamento miserável de Jeffrey [Dahmer](#), eles ficaram chocados ao encontrar um esconderijo de fotos Polaroid mostrando cadáveres masculinos em vários estágios de desmembramento. Uma foto era de um corpo cortado do esterno à virilha como um cervo eviscerado. Outra mostrava um cadáver devorado pelo ácido dos mamilos para baixo. Talvez a mais chocante de todas tenha sido descrita pela jornalista de Milwaukee Anne E. Schwartz: uma fotografia de “um esqueleto branqueado [com] a carne na cabeça, nas mãos e nos pés . . . deixado perfeitamente intacto.”

[casal assassino](#) britânico Ian Brady e Myra Hindley – também conhecidos como [Moors Murderers](#) – sequestraram uma menina de dez anos e a forçaram a posar para fotos pornográficas antes de estrangulá-la até a morte. Eles também fizeram uma fita de áudio dos pedidos de misericórdia da criança – uma gravação tão dolorosa que, quando foi tocada no tribunal durante o julgamento do assassinato, até policiais endurecidos choraram abertamente.

À medida que a tecnologia progrediu ao longo dos anos, as técnicas de gravação de assassinos em série tornaram-se cada vez mais sofisticadas.

Vinte anos após o caso “Moors Murders”, Leonard Lake e Charles Ng começaram a sequestrar mulheres e aprisioná-las em um bunker subterrâneo no norte da Califórnia (ver [Parceiros](#)). O bunker estava equipado com um conjunto de equipamentos de vídeo de última geração, que Lake havia roubado da casa de um fotógrafo de São Francisco chamado Harvey Dubs. Lake e Ng usaram o equipamento para registrar o estupro, a tortura e o assassinato de três jovens — incluindo a esposa de Dubs, Deborah.



Harvey Murray Glatman, fotógrafo de rapé

Em 1960, o distinto diretor britânico Michael Powell – conhecido por sua bela fantasia de balé, *The Red Shoes* – lançou um filme que enfureceu tanto o público quanto a crítica que efetivamente encerrou sua carreira. Chamava-se *Peeping Tom*, um filme sobre um voyeur sádico que filma suas vítimas enquanto as esfaqueia até a morte com um tripé de câmera letal (ver [Filmes](#)). Que tipo de mente doente - perguntaram os revisores indignados - poderia ter sonhado com uma história dessas? Mas, na verdade, apenas um ano antes do lançamento de *Peeping Tom*, um psicopata americano chamado Harvey Murray Glatman havia sido condenado à morte em San Quentin por crimes chocantes como os retratados no filme.



Harvey Murray Glatman; de 52 cartas colecionáveis de Assassinos Famosos

(Cortesia de Roger Worsham)

Mesmo quando adolescente, Glatman mostrou tendências sexuais distorcidas. Sua forma favorita de masturbação era a asfixia autoerótica — alcançar a liberação sexual enquanto pendia pelo pescoço de uma corda amarrada a uma viga do sótão. Um médico de família garantiu à mãe de Glatman que seu filho superaria essa prática bizarra. À medida que amadureceu, no entanto, Glatman continuou obcecado por fantasias de escravidão, sadismo e estrangulamento. Aos vinte e nove anos, ele começou a realizar seus sonhos depravados.

Fingindo-se de fotógrafo profissional, ele conseguiu persuadir uma série de jovens modelos em dificuldades de que ia tirar suas fotos para as capas das revistas de detetives desprezíveis que eram tão populares nos anos 1950. Como essas capas geralmente apresentavam mulheres jovens amarradas e indefesas, as modelos permitiram que Glatman as amarrasse e as amordaçasse. Eles ficaram ainda mais desarmados por sua aparência - Glatman parecia um nerd assustador, mas essencialmente inofensivo. (Se um filme fosse feito sobre o caso dele, Rick Moranis seria a escolha inevitável do elenco.)

Uma vez que ele tinha as mulheres em seu poder, Glatman começou a despi-las e fotografá-las, estuprá-las sob a mira de uma arma e tirar mais fotos de suas aterrorizadas. parece que o verdadeiro horror de sua situação finalmente ocorreu a eles. Então ele os estrangulou com um pedaço de corda e jogou seus corpos no deserto.

Ao todo, Glatman assassinou três jovens dessa maneira. Ele tentou organizar uma quarta sessão de fotos mortal, mas desta vez, a vítima pretendida provou ser mais do que ele podia lidar. Quando Glatman apontou a pistola para ela em seu carro, ela se lançou contra ele, puxou a arma e o manteve sob a mira de uma arma até a chegada da polícia.

Sob custódia, Glatman confessou em detalhes. Ele foi condenado após um julgamento de três dias em novembro de 1958 e recebeu sua sentença de morte com um encolher de ombros filosófico. "É melhor assim", observou ele.

Poucas pessoas teriam discutido com ele.

P IED P IPERS

De acordo com a lenda alemã, o Flautista atraiu os ratos para fora da cidade medieval de Hamelin tocando uma música mágica em sua flauta. Quando as pessoas da cidade se recusaram a pagá-lo, ele cantou seu canto de sereia novamente, desta vez levando todas as crianças para longe e (como uma versão especialmente perturbadora da história) selando-as em uma caverna onde foram sepultadas para sempre.

Ao longo dos anos, os estudiosos tentaram descobrir uma base histórica para o conto. Em seu livro de 1992 *A World Lit Only by Fire*, por exemplo, o autor William Manchester argumenta que o modelo da vida real para a figura lendária era um assassino luxurioso do século XV que sequestrou e matou 130 crianças. É impossível julgar a validade desta afirmação. Ainda assim, há razões para acreditar que pode ter havido um Pied Piper na vida real. Certamente, nossa própria era produziu uma série de exemplos de carne e osso – desajustados estranhamente carismáticos que usaram algum tipo de sedução inebriante para enganar os jovens terrivelmente.

O mais infame desses personagens é Charles [Manson](#). No auge da era da criança das flores, esse ex-presidiário psicopata conseguiu hipnotizar um grupo de jovens seguidores hippies com uma mistura sedutora de drogas, sexo e ocultismo. Como o mítico Pied Piper, ele era um músico (de certa forma). E - também como o Piper - ele acreditava que havia sido roubado de sua justa recompensa por seus talentos musicais.

Determinado a se tornar uma estrela do rock, ele abriu caminho para entrar em contato com especialistas da indústria como Dennis Wilson, dos Beach Boys, e até viu uma de suas músicas ser apresentada em um álbum dos Beach Boys. Mas ele não conseguiu o lucrativo contrato de gravação que desejava. Após esse desprezo, Manson começou a formular seus planos de assassinato - em parte para realizar suas visões apocalípticas e em parte, alguns dizem, para se vingar do produtor musical Terry Melcher, a quem ele culpou por seus fracassos.

Manson preparou sua “família” para um ataque homicida. Mais uma vez, a música teve seu papel. Para a mente desequilibrada de Manson, as músicas do *Álbum Branco* dos Beatles – especialmente “Helter Skelter” – eram na verdade mensagens codificadas relacionadas a ele. Manson usou

suas interpretações malucas das músicas para ajudar a programar seus discípulos para realizar seus planos. Quando ele terminou, sete pessoas estavam mortas, todas elas esquartejadas até a morte.

Outro Pied Piper moderno foi Dean Corll, apelidado de “Candy Man” por seu hábito de distribuir guloseimas grátis para crianças da vizinhança enquanto trabalhava na confeitaria de sua família. Por trás desse verniz inocente, Corll era um assassino sexual gay insanamente sádico que empregou um cúmplice adolescente chamado Elmer Wayne Henley para obter vítimas do sexo masculino. Atraídos para o apartamento de Corll no subúrbio de Houston com a promessa de festas cheirando cola, os jovens involuntários seriam dominados por Corll e depois submetidos a horas de tortura sexual e mutilação indescritíveis antes de serem mortos. O próprio Corll acabou sendo assassinado por Henley, que então levou a polícia aos restos de vinte e sete jovens, vítimas do abominável “Homem Doce”.

Outro assassino moderno foi explicitamente comparado à antiga lenda alemã pela imprensa. Este era Charles Schmid, um assassino de emoções de meados da década de 1960 apelidado de “Pied Piper of Tucson”.

Aos olhos da maioria daqueles que o conheciam, Schmid era simplesmente bizarro. Ele tingiu o cabelo de preto e o moldou em um topete imponente (como seu ídolo, Elvis), usava maquiagem pesada de panqueca sobre o rosto sujo, pintou a boca com batom branco e exibiu uma falsa “marca de beleza” feita de um quarto de círculo de polegada de massa escura. E então havia o seu andar — um andar estranho e cambaleante que resultava de seu hábito de encher as botas com trapos, papelão e latas de cerveja amassadas para aumentar sua estatura subdimensionada.

Para os adolescentes entediados e inquietos que cruzaram a faixa de Tucson conhecida como no autódromo, no entanto, “Smitty”, de 22 anos, era um rebelde carismático. Ele os atraiu para sua pequena órbita maluca com álcool e sexo e contos tentadores (ainda que totalmente fictícios) de sua vida secreta envolvendo os Hell's Angels, o tráfico de drogas e a máfia.

Ele levou seus seguidores adolescentes a um pesadelo mortal em meados de 1964, quando convenceu dois de seus acólitos a ajudá-lo a atrair uma garota de quinze anos para o deserto. Lá, ele estuprou a garota e esmagou seu crânio com uma pedra. Um ano depois, ele assassinou sua namorada e

sua irmã de treze anos. Alguns de seus seguidores sabiam desses assassinatos, mas por meses se recusaram a contar à polícia, tão dedicados eram ao seu líder psicopata. Eventualmente, no entanto, Smitty foi entregue por um cúmplice cheio de culpa. Enquanto aguardava a execução na penitenciária do Arizona, ele foi fatalmente esfaqueado no rosto e no peito por outro preso.

Pouco depois de sua prisão no final de 1965, uma música pop chegou às paradas que parecia ser um reflexo sinistro do fenômeno Schmid. Intitulado, apropriadamente, "The Pied Piper", e cantado por Crispian St. Peters, seu refrão era: "Hey, vamos lá, baby, siga-me/I'm the Pied Piper, siga-me/I'm the Pied Piper/E eu vou te mostrar onde está."



A atração do Piper

Dado seu fascínio pelo gótico e grotesco, não é surpresa que a autora Joyce Carol Oates tenha sido atraída pelo caso Schmid, usando-o como base para seu clássico conto de 1966 "Where Are You Going, Where Have You Been?" Na versão de Oates, um personagem inefavelmente assustador chamado Arnold Friend – obviamente inspirado em Schmid – aparece na casa de uma adolescente chamada Connie em uma tarde de domingo enquanto sua família está ausente e a leva para um destino sem nome, mas claramente terrível.

Em 1985, o conto de Oates foi transformado em um belo filme chamado *Smooth Talk*, estrelado por Treat Williams como Arnold e Laura Dern como Connie. Embora o filme seja uma adaptação inteligente de sua fonte, os fãs de terror provavelmente acharão decepcionantemente artístico.

O problema oposto aflige dois outros filmes baseados na história de Schmid, ambos os quais são assuntos irremediavelmente schlocky: *The Todd Killings*, um choque de baixo orçamento de 1971 que transforma Schmid em um personagem chamado Skipper Todd, mas se aproxima bastante dos fatos; e *Dead Beat* (1994), que se concentra em um solitário colegial chamado Rudy que se muda para Albuquerque, onde se envolve com uma figura parecida com Schmid chamada Kit.

CANALIZAÇÃO _

Canos entupidos provaram ser a ruína de mais de um serial killer. Em fevereiro de 1983, moradores de um pequeno prédio de apartamentos no norte de Londres reclamaram que seus banheiros não davam descarga. Quando um encanador apareceu para verificar o problema, ele abriu um bueiro próximo e desceu para o esgoto. Como esperado, ele encontrou um cano de esgoto entupido saindo do prédio. O que ele não poderia ter previsto era a natureza da obstrução — uma massa fedorenta de carne putrefata, misturada com ossos de dedos humanos. Não demorou muito para a polícia descobrir a origem desse pesadelo. Viera do andar de cima de um funcionário público de 37 anos chamado Dennis Nilsen, que — poucos dias antes — havia assassinado e esquartejado sua décima quinta vítima homossexual, depois jogado os restos na privada.

Uma descoberta horrível semelhante havia sido feita na Alemanha Ocidental sete anos antes. Em julho de 1976, a polícia da cidade de Duisburg estava realizando uma busca de porta em porta por uma menina de quatro anos desaparecida. Ao entrevistar um velho, eles ouviram uma história bizarra. De acordo com o velho, um colega inquilino de seu prédio — um atendente de lavatório chamado Joachim Kroll — o havia avisado para não usar o banheiro comunitário no andar deles porque o vaso sanitário estava entupido. O que tornou a história tão estranha foi a explicação de Kroll sobre o problema do encanamento. Ele mencionou casualmente que o banheiro estava bloqueado “com coragem”.

A polícia chamou um encanador, que colocou um desentupidor no vaso sanitário entupido. Subiu uma massa de entranhas humanas e outras vísceras. Dentro do apartamento de Kroll, a polícia encontrou vários sacos congelados cheios de carne humana e a mão de uma criança fervendo em uma panela. Como seu colega britânico, Dennis Nilsen, Kroll vinha matando há muito tempo — desde 1955. Ao todo, o canibal alemão e assassino sexual foi responsável por quatorze homicídios.

POESIA _

Entre as fileiras de assassinos em série infames, houve alguns indivíduos bastante criativos. John Wayne [Gacy](#) foi um pintor prolífico cujas obras se tornaram colecionáveis da moda (ver [Arte](#)). Charles [Manson](#) compôs dezenas de [músicas](#), algumas das quais foram gravadas por bandas como Guns N' Roses e Lemonheads. Ed [Gein](#) criou de tudo, de cintos a cestos de lixo a tigelas de sopa de cadáveres exumados e desmembrados de mulheres de meia-idade. Portanto, não é totalmente surpreendente que alguns serial killers tenham tentado a poesia. Também não é surpreendente que a poesia deles seja muito ruim.

Dennis [Nilsen](#) escreveu uma enorme quantidade de versos em homenagem aos jovens que ele estrangulou, desmembrou e jogou no vaso sanitário. Aqui está um exemplo típico, dirigido a uma de suas vítimas mortas: “Eu tento sorrir / Apesar da vingança olhando para mim, / Coberto em sua pasta de tomate, / Um homem de muitas partes / Eu tento esquecer. / Até o perfume da tua passagem / Permanece. / Mais problemas agora / Com todos os seus pedaços. . . .”

Quando adolescente, o morador de Long Island Joel Rifkin – que assassinou e desmembrou pelo menos dezessete prostitutas – obviamente se via como uma espécie de cavaleiro de armadura brilhante, como sugere este pedaço de cachorrinho adolescente: “Uma sereia tentadora me chama perto / um estranho além da escuridão neblina / suplicando de dentro das sombras / e embora eu seja impotente para ajudá-la / ajudá-la eu devo.” E o sempre romântico Ted [Bundy](#) seduziu seus amantes com versos de cartão de felicitações como: “Eu te envio este beijo / entrego este corpo para segurar. / Eu durmo com você esta noite / com palavras de amor indizíveis.”

Que mulher poderia resistir a tal poder lírico?

Se o verso escrito por serial killers foi invariavelmente horrível, o caso é muito diferente quando se trata de poesia *sobre* serial killers. Alguns escritores notáveis produziram obras poderosas que mergulham nas mentes distorcidas de assassinos psicopatas. Essa tradição se estende pelo menos até o “Amante de Porfíria” de Robert Browning, de 1842, cujo orador demente transmite seu amor por sua namorada enrolando seus longos cabelos loiros em torno de sua “pequena garganta” e estrangulando-a até a morte. Poetas mais recentes também exploraram a psicologia dos assassinos

sociopatas em seu trabalho. Estes incluem “The Good Shepherd: Atlanta, 1981” de Ai (sobre os assassinatos de crianças de Atlanta) de seu livro de 1986, *Sin*; O profundamente perturbador “Herbert White”, que pode ser encontrada em sua coleção de 1991, *In the Western Night*; e “Troubadour: Songs for Jeffrey [Dahmer](#)” , de **Thom Gunn**, de seu volume de 2001, *Boss Cupid*.



Um verso anterior

O texto forense clássico do Dr. J. Paul de River, *The Sexual Criminal* (1949), inclui um capítulo chamado “The Poetic Nature of the Sado-Masochist”, que reimprime vários trabalhos de criminosos sexuais condenados. Reimpresso abaixo está um exemplo, intitulado “Exóticos sem censura”. Como poesia, não é “Gunga Din”, mas oferece uma visão do funcionamento de uma mente psicopata:

*Em vão me agacho junto à lareira,
Pois as chamas da lareira não podem me aquecer.
Em vão eu coloco casacos
Contra o frio dos ventos das estrelas. . .
E meus ossos estão gelados dentro de mim
E meu sangue se tornou como água.
E agora do vazio atrás de mim
Vem a tubulação do flautista,
Aquele encanamento sem sentido, queixoso,
Aquele tubulação desafinada, alta e fina. . . .
Então, com um grito, eu me rendo
E salte para fazer o lance.
Da parede eu pego minhas armas
E corra da casa para a floresta.*

*Onde a estrada desce a montanha,
Ofegante me deito em emboscada,
Esperando por algum pobre viajante
Quem me trará minha libertação.
Quando ele vem com passos retardatários,
Súbito e feroz é o meu ataque.
Como uma fera eu o supero
E destruí-lo completamente.
E eu cortei seu coração e comi,
E eu bebo seu sangue como néctar,
E eu cortei sua cabeça e o escalpelei,
E pendurei seu couro cabeludo no meu cinto.
De volta para casa eu ando pelos montes de neve,
E meu coração está quente dentro de mim,
E meu sangue e ossos são novos novamente
E os ventos das estrelas param de me gelar. . . .*

P ISONADORES

Em comparação com o assassino luxurioso comum que pratica tortura, mutilação e evisceração, os serial killers que silenciosamente despacham suas vítimas com veneno parecem modelos de refinamento. Quando se trata de acumular corpos, no entanto, os envenenadores em série podem ser tão mortais quanto qualquer psicopata enlouquecido por sangue.

Particularmente em 1800 - quando a patologia forense ainda estava em sua infância - os envenenadores podiam se safar de assassinatos por anos, já que suas vítimas pareciam morrer de causas naturais. [Governantas](#) homicidas como Anna Zwanziger e Helene Jegado mataram dezenas de pessoas servindo-lhes comida com arsênico. Ainda na década de 1930, uma [enfermeira sociopata](#) chamada Anna Marie Hahn estava distribuindo

doses letais de arsênico para seus pacientes na comunidade alemã de Cincinnati, assassinando até onze homens idosos em um período de cinco anos. (Em 1938, Hahn se tornou a primeira mulher a morrer na cadeira elétrica de Ohio.)

Embora as mulheres tenham uma preferência especial por veneno, elas certamente não têm o monopólio desse método de assassinato insidioso. Na segunda metade do século XIX, a Inglaterra era o lar de um trio de homens que deixaram um rastro de cadáveres envenenados em seu rastro: Dr. William Palmer (que usou tartarato de antimônio e estricnina para se livrar de parentes incômodos e credores insistentes); George Chapman (que envenenou uma sucessão de amantes, também com antimônio); e o Dr. Thomas Neill Cream (que receitou pílulas de estricnina para quatro prostitutas de Londres e alegou que ele era [Jack, o Estripador](#)).

A tradição mortal desses vilões vitorianos foi continuada por um jovem britânico do século XX chamado Graham Young. Curioso sobre os efeitos do tartarato de antimônio no corpo humano, o químico de quatorze anos (e psicopata) começou a misturar a comida de sua família com a substância mortal, eventualmente matando sua madrasta. Considerado culpado, mas insano em 1962, ele passou os nove anos seguintes em um manicômio. Assim que ele foi libertado em 1971, ele conseguiu um emprego em uma empresa de suprimentos fotográficos e começou a envenenar colegas de trabalho com tálio. Quando os investigadores descobriram o que estava acontecendo, cinco dos colegas de trabalho de Young adoeceram violentamente e dois deles morreram após dias de agonia. “Eu poderia ter matado todos eles se quisesse”, disse Young aos policiais que os prenderam.

Os crimes de Young foram a base de *The Young Poisoner's Handbook*, um filme de 1996 elogiado pela crítica de cinema do *New York Times* Janet Maslin por seu “estilo seguro, sagacidade malévola e inteligência intransigente”.

CORREÇÃO POLÍTICA _ _

Como a etiqueta do PC exige linguagem e comportamento completamente inofensivos, os serial killers são tão corretos quanto as pessoas podem estar. Estranhamente, no entanto, pelo menos um assassino múltiplo - um jovem californiano chamado John Linley Frazier - agiu por seu próprio senso

demente de correção política. Do seu ponto de vista distorcido, ele estava matando para proteger o meio ambiente.

Um abandono do ensino médio que trabalhava como mecânico de automóveis, Frazier evoluiu para um fanático ecológico, aparentemente sob a influência das drogas psicodélicas que começou a ingerir no final dos anos 1960. Deixando seu emprego (porque ele acreditava que os carros contribuíam para “o ciclo de morte do planeta”), ele começou a vagar de comuna em comuna. Seus discursos ferozes e obsessivos contra a destruição ambiental, no entanto, colidiram com as sensibilidades maduras de seus novos amigos hippies, e Frazier logo se viu vivendo como um eremita em um barraco de dois metros quadrados na floresta do norte da Califórnia.

A cerca de 800 metros da cabana ficava a casa de um cirurgião oftalmologista chamado Victor Ohta. No outono de 1970, Frazier invadiu a casa dos Ohtas e — em sua paranóia — decidiu que a família era a personificação maligna do materialismo americano em sua forma mais perniciosa. Voltando pouco depois com um revólver .38, Frazier conseguiu amarrar toda a família (pai, mãe e dois filhos), além da secretária do Dr. Ohta. Depois de falar sobre os danos causados ao meio ambiente pela sociedade capitalista, Frazier atirou e matou todas as cinco pessoas e jogou seus corpos na piscina. Em seguida, ele digitou uma nota prometendo a morte de todos aqueles que “arruinam o meio ambiente”, incendiaram a casa e fugiram.

Com a ajuda de hippies locais – que reconheceram as ideias malucas na nota como sendo de Frazier – a polícia rapidamente prendeu o suspeito. Durante seu julgamento em 1971, Frazier apareceu no tribunal com um lado da cabeça completamente careca, o outro lado com cabelos na altura dos ombros e meia barba. Apesar de seu comportamento flagrantemente bizarro, ele foi considerado são e condenado à câmara de gás. Frazier pareceu saudar a decisão, pois, como ele disse, preferia a morte a passar a vida sob o controle de “porcos fascistas”. Quando a Suprema Corte aboliu a pena capital, no entanto, sua sentença foi comutada para prisão perpétua.

P ORNOGRAFIA

Veja [X-Rated](#).

DEPRESSÃO P OST - H OMICIDA

Por mais doentio que pareça, o fato é que, para muitos assassinos em série, o assassinato é um substituto para o sexo. O ato de mergulhar um objeto afiado e pontiagudo no corpo contorcido de outra pessoa é o equivalente a uma relação sexual. Muitos assassinos de luxúria realmente atingem o orgasmo enquanto esfaqueiam (ou espancam ou estrangulam) suas vítimas até a morte. Portanto, não é surpreendente que, após um assassinato, muitos serial killers experimentem o equivalente à depressão pós-coito – a decepção emocional que às vezes desce após o sexo.

De fato, essa experiência é tão comum entre os assassinos de luxúria que um especialista no assunto, o Dr. Joel Norris, na verdade descreve a depressão como uma das [fases padrão](#) do assassinato em série. De acordo com o Dr. Norris, muitos serial killers sofrem graves crises de desânimo após um assassinato porque o assassinato não corresponde às suas fantasias. Além disso, mesmo os assassinos mais frios às vezes podem ser atingidos por um sentimento tardio de horror e culpa depois de cometer um crime particularmente cruel. Ocasionalmente, eles sofrem um desespero tão intenso que chegam a tentar o suicídio (veja [Desejo de Morte](#)).

Seja qual for a causa de sua depressão, a resposta é muitas vezes uma bebedeira ou uso de drogas, o que entorpece sua sensação de vazio e desespero. Logo suas compulsões internas surgem novamente. Como viciados que não podem parar de ficar chapados - mesmo sabendo que sofrerão uma queda inevitável - eles ficam rondando por sua próxima "reparação" de sangue.

FERRAMENTAS DE ENERGIA _

A motosserra é a arma favorita dos serial killers. Pelo menos é o que você pensaria se seu conceito de serial killers viesse inteiramente dos filmes. Durante a década de 1970, Hollywood produziu uma série de filmes de baixo orçamento com títulos como *Driller Killer*, *The Toolbox Murders*, *The Bloody Mutilators* e *The Ghastly Ones*. Os psicopatas desses filmes empunhavam mais ferramentas elétricas do que Tim Allen em *Home Improvement*: furadeiras, serras, motosserras, o que você quiser. O motivo da ferramenta elétrica fez sucesso em dois filmes de Brian De Palma do

início da década de 1980 - *Body Double* (com uma broca elétrica grande o suficiente para se qualificar para o *Guinness Book of World Records*) e *Scarface* (que contém o que é sem dúvida a sequência de mutilação de motosserra mais angustiante na história cinematográfica).



Embora o primeiro filme de assassinato com serra elétrica tenha sido o filme pioneiro de Wes Craven, *The Last House on the Left* (1971), o filme que tornou essa peça específica de equipamento de rigueur para psicopatas cinematográficos foi o clássico cult de Tobe Hooper de 1975, *The Texas Chainsaw Massacre*. Como *Psicose* e *O Silêncio dos Inocentes*, a obra-prima de Hooper foi inspirada nos atos horríveis do ghoul de Wisconsin, Edward [Gein](#). De fato, os anúncios originais do filme afirmavam que era inteiramente factual. “O que aconteceu é verdadeiro! Agora veja o filme que é tão real quanto!” A verdade real, no entanto, é que o filme de Hooper é apenas vagamente – *muito* vagamente – baseado na realidade. Entre outras coisas, Ed Gein nem sequer *possuía* uma motosserra. As únicas ferramentas que ele empregou foram sua fiel pá (para exumar cadáveres femininos) e uma faca de caça de lâmina grande (para desmembrá-los).

É fácil ver por que os criadores de filmes de splatter na sua cara são atraídos por motosserras - elas são grandes, barulhentas e excepcionalmente assustadoras (as motosserras, isto é, embora a descrição sem dúvida se aplique a alguns dos cineastas, também). Por essas mesmas razões, no entanto, as motosserras não são armas muito adequadas para assassinos em série da vida real. Afinal, é difícil entrar furtivamente em uma casa em um bairro residencial agradável e silenciosamente desmembrar uma família inteira com uma serra elétrica. As motosserras também são armas ocultas notoriamente ruins.

Há, no entanto, pelo menos um serial killer que usou uma serra elétrica em suas vítimas, ainda que postumamente. Na década de 1980, um médico sueco chamado Teet Haerm, que trabalhava como legista da polícia de Estocolmo, foi acusado do assassinato em série de sete prostitutas. Mas suas indignações não pararam por aí. Depois de matar suas vítimas, ele decapitou e desmembrou seus corpos com uma serra elétrica.

Então – como outro médico assassino em série, o fictício Hannibal “o Canibal” Lecter – o Dr. Haerm devorou porções de sua carne.

P ROFILING

Durante a década de 1950, Nova York foi aterrorizada por um psicopata anônimo – apelidado de “Mad Bomber” pela imprensa – que plantou dezenas de explosivos caseiros pela cidade. Frustrada em sua investigação, a polícia recorreu a um gênio da psiquiatria chamado James Brussel. Depois de estudar todas as evidências disponíveis, o Dr. Brussel deduziu que o louco desconhecido viria a ser um paranóico de meia-idade descendente da Europa Oriental que vivia em Connecticut com uma tia ou irmã solteira, sofria de uma doença física grave como tuberculose, frequentava a igreja regularmente, se esforçava para se comportar de maneira educada e de fala mansa, e estaria vestindo um terno trespessado (abotoado) quando preso.

Graças em grande parte à descrição de Bruxelas, a polícia conseguiu rastrear o homem-bomba, que se revelou um bem-educado solteirão de 54 anos, de origem de imigrantes poloneses, chamado George Metesky, que morava em Connecticut com suas irmãs solteiras, freqüentava uma igreja semanalmente, havia sido tratado de tuberculose e sofria de da paranoia severa. Quando Metesky foi levado pela polícia, ele estava vestido com um terno azul trespessado. Abotoado.

A incrível previsão de Bruxelas é universalmente reconhecida como o exemplo pioneiro de uma técnica que agora se destaca como uma das armas mais potentes na guerra contra serial killers: o perfil psicológico de “unsubs” (gíria policial para “sujeitos desconhecidos”). Com base no trabalho inovador de Bruxelas, agentes da Unidade de Ciência Comportamental do [FBI começaram a visitar prisões no final da década de 1970.](#) Eles entrevistaram várias dezenas dos assassinos mais infames da América em um esforço para descobrir o que faz esses monstros

funcionarem. Os agentes descobriram que os assassinos em série podem ser divididos em duas categorias. O tipo *organizado* é um assassino metódico que planeja cuidadosamente seus crimes, persegue sua presa, traz consigo sua arma de escolha e, depois de ter sua vítima em seu poder, se envolve em um assassinato lento e sádico. Em contraste, o assassino *desorganizado* tende a estar sujeito a impulsos súbitos e avassaladores, escolhe suas vítimas espontaneamente, depois rapidamente as domina e mata com as armas que estiverem à mão.

Além dessas classificações amplas, cada caso assumido pela equipe de “caçadores de mentes” do FBI recebe atenção altamente individualizada. Quando os oficiais da lei locais são confrontados com um crime particularmente selvagem e desconcertante, eles podem - como um recurso final - enviar uma solicitação ao Programa de Perfil de Personalidade Criminal do FBI. Se o Bureau decidir aceitar o caso, um perfilador fará um estudo minucioso de todos os fatos que receber e enviará de volta um relatório de várias páginas altamente detalhado contendo sua análise do suspeito. Como os perfis são uma forma de adivinhação altamente educada, envolvendo tanto intuição quanto ciência, às vezes eles erram o alvo. Mas quando eles são precisos – o que é surpreendentemente frequente – eles podem parecer estranhos.

Perplexo com o assassinato brutal de uma menina de doze anos, por exemplo, a polícia de uma pequena cidade do sul entrou em contato com o renomado perfil do FBI John Douglas, que apresentou este esboço do suspeito: um homem branco divorciado que dirigia um carro preto ou azul. carro, trabalhava em um “trabalho de operário machista”, foi dispensado do serviço militar de forma desonrosa, conhecia a vítima e tinha antecedentes de crimes sexuais. Seguindo essa pista, a polícia logo prendeu o culpado - um homem branco divorciado que dirigia um Pinto azul, cortava galhos de árvores para ganhar a vida, foi expulso do exército, trabalhou na casa da vítima e foi implicado em um caso anterior de estupro.

Sherlock Holmes não poderia ter feito melhor.

P ROSTITUTOS

Não é surpresa saber que as prostitutas são os principais alvos dos assassinos em série. Por um lado, as prostitutas não têm escrúpulos em ir

para lugares isolados com homens estranhos (na verdade, faz parte da descrição do trabalho). Por outro lado, uma vez que muitas garotas trabalhadoras são fugitivas, vagabundas e drogadas, ninguém fica muito preocupado – ou mesmo percebe – quando elas desaparecem ou aparecem mortas. Finalmente – para aqueles assassinos de luxúria pervertidos e muitas vezes impotentes que veem todas as mulheres como “vadias” – as prostitutas resumem tudo o que mais odeiam e temem sobre sexo. Na visão demente desses psicopatas, essas prostitutas “merecem morrer”.

Desde o início do assassinato em série moderno, os assassinos aproveitaram a vulnerabilidade das prostitutas. Na década de 1880, [Jack, o Estripador](#), estabeleceu o padrão para as futuras gerações de açougueiros noturnos ao massacrar uma série de prostitutas. Seus descendentes mortais incluem o Dr. Thomas Neill Cream (que se desviou do padrão usual envenenando suas vítimas em vez de cortá-las em pedaços), o ainda não identificado “Jack, o Stripper”, e Peter Sutcliffe, que acreditava estar fazendo o trabalho do Senhor. em livrar o mundo das prostitutas. O Dr. Teet Haerm da Suécia também acreditava que estava engajado em uma causa justa. Durante a década de 1980, ele matou, desmembrou e ocasionalmente canibalizou uma série de prostitutas de Estocolmo para – assim ele alegou – limpar as ruas do pecado.

Um dos casos mais sensacionais de assassinato em série de prostitutas nos últimos anos ocorreu em 1990, quando um homem de 45 anos chamado Arthur Shawcross foi acusado de mutilar e assassinar dez prostitutas em Rochester, Nova York. De acordo com Shawcross, ele matou uma mulher porque ela o mordeu, outra porque ela fez muito barulho durante o sexo, uma terceira por tentar roubar sua carteira e uma quarta porque ela o chamou de “covarde”. Como vários outros assassinos em série, Shawcross insistiu que tinha [Múltiplas Personalidades](#) e estava possuído pelo espírito reencarnado de um canibal inglês do século XIII chamado Ariemes, que o ensinou a comer carne humana. (Shawcross alegou ter comido as partes do corpo de várias de suas vítimas.)

Nem todas as vítimas de Shawcross eram prostitutas; ele também caçava crianças. O mesmo aconteceu com outro psico-assassino, o assassino em série sul-africano Stewart Wilken, cujas vítimas eram mais ou menos igualmente divididas entre meninos púberes e prostitutas. Durante um

período de sete anos entre fevereiro de 1990 e janeiro de 1997, Wilken assassinou dez vítimas na cidade costeira de Port Elizabeth, geralmente por estrangulamento. Ele também se envolveu rotineiramente em sexo necrófilo, às vezes retornando a um local de despejo para fazer sexo com o cadáver em decomposição da vítima. Em pelo menos um caso, ele se envolveu em canibalismo, cortando os mamilos de uma prostituta de 42 anos e comendo-os na hora. E para completar a lista de suas enormidades, ele assassinou sua própria filha de dez anos, despiu-a e dormiu ao lado do cadáver até mumificar. Quando finalmente foi preso, ele fez uma autoavaliação que se destaca como um dos maiores eufemismos já registrados.

“Estou doente”, disse ele a seus interrogadores.

“As mulheres que eu matei eram imundas – prostitutas bastardas que estavam sujando as ruas. Eu estava apenas limpando o lugar um pouco.”

PETER “YORKSHIRE RIPPER” SUTCLIFFE

SICÓTICOS _

Graças em grande parte à obra-prima de terror de Alfred Hitchcock de 1960, a palavra *psicopata* é rotineiramente usada em referência a assassinos em série. Existem duas condições mentais muito diferentes, no entanto, que usam *psico* como prefixo: *psicótico* e *psicopata*.

O primeiro desses termos refere-se a uma forma extrema de desintegração da personalidade: basicamente o que os médicos chamam de esquizofrenia paranóide. As pessoas afligidas com esta grave doença mental perderam o contato com a realidade. Eles sofrem de visões bizarras, delírios grotescos e uma variedade de alucinações aterrorizantes - visuais, auditivas e até olfativas. Eles vêem, ouvem e até cheiram coisas que existem apenas dentro de suas próprias mentes profundamente desordenadas. Ed [Gein](#), por exemplo, viu bandos de urubus agachados em galhos de árvores, ouviu risos emanando de folhas mortas e sentiu o cheiro de carne podre flutuando do chão. Outro psicótico, Herbert Mullin, cometeu uma série de assassinatos aleatórios em obediência a uma voz que lhe ordenou matar para evitar um terremoto cataclísmico.

A grande maioria dos psicóticos não é propensa à violência, no entanto, e apenas uma pequena minoria de assassinos em série se enquadra nessa categoria.

A maioria não são psicóticos, mas *psicopatas*. (Veja [Máscara da Sanidade](#).)

P YROMANIA

Juntamente com a [tortura animal e a enurese](#) prolongada , o início de incêndios é um dos três primeiros sinais de alerta de uma futura mania homicida (ver [Tríade](#)). Portanto, não é de surpreender que alguns serial killers continuem suas atividades piromaníacas quando adultos. Afinal, a destruição é a razão de ser do serial killer. Os seres humanos são seu alvo final, mas quando uma vítima viva não está prontamente disponível, um objeto inanimado serve. Incendiar um ou dois prédios é uma maneira comum de um serial killer satisfazer seu desejo de aniquilar.

No final dos anos 1800, Thomas Piper – o “Assassino do Belfry de Boston”, que espancou e estuprou fatalmente quatro vítimas (incluindo uma menina de cinco anos) – confessou que entre suas explosões frenéticas de assassinato de luxúria, ele gostava de definir incêndio em alguns dos edifícios mais importantes da cidade, incluindo o Concord Hall. Desde então, o incêndio criminoso tem sido a forma favorita de diversão para uma longa linhagem de assassinos em série, desde a enfermeira assassina da virada do século Jane [Toppan](#) , ao “Monstro de Düsseldorf”, Peter [Kürten](#) , a psicopatas recentes como David “Filho de Sam” [Berkowitz](#) e Ottis Toole (parceiro de crime de Henry Lee [Lucas](#)).

O ferozmente niilista Toole poderia estar falando por todos os assassinos desse tipo quando explicou por que se sentiu compelido a incendiar casas. “Eu simplesmente odiava vê-los parados ali”, disse ele.



Q UAKER

Em parte porque o termo *serial killer* entrou em uso comum apenas nos últimos vinte anos – e em parte porque os seres humanos têm uma tendência natural de romantizar o passado – as pessoas tendem a supor que o homicídio em série é um fenômeno estritamente contemporâneo. Na verdade, a América tinha muitos assassinos múltiplos nos bons velhos tempos. Eles simplesmente não eram chamados de assassinos em série – ou mesmo necessariamente considerados criminosos.

Um exemplo disso pode ser encontrado no romance best-seller de 1837, *Nick of the Woods*, de Robert Montgomery Bird. O personagem-título – cujo nome verdadeiro, apropriadamente, é Nathan Slaughter – é, de todas as coisas, um Quaker da Pensilvânia. Apesar de pertencer a uma religião que promove o pacifismo, Nathan é um inveterado inimigo dos índios, que veio para o deserto de Kentucky com o propósito expresso de conduzir uma campanha sangrenta contra os nativos americanos. Ao longo do romance, ele se envolve em atos horríveis de violência, todos descritos em detalhes amorosos. A certa altura, por exemplo, ele ataca um chefe chamado Wenonga. Depois de enterrar um tomahawk no cérebro de seu inimigo, ele pega uma faca e escarpela o chefe. Então - ainda não satisfeito - Nathan passa a desenhar “a faca sobre o peito do morto, dividindo pele, cartilagem e até osso, tão afiada era a lâmina e tão poderosa a mão que a impelia”.

Para ter certeza, Nathan é um personagem fictício. Mas ele reflete uma realidade histórica. Muitos americanos acreditam que estamos vivendo em uma época de violência sem precedentes. Mas o derramamento de sangue e o caos não eram menos endêmicos em nossa sociedade cem anos atrás do

que são hoje. Pelo contrário. A história da fronteira americana – com seu registro pavoroso de linchamentos, massacres, tiroteios e outras barbaridades cotidianas – faz nosso próprio tempo parecer uma Idade de Ouro. Nos anos 1800, um homem com gosto por sangue humano podia sair para o deserto e satisfazer seus desejos sádicos para o conteúdo de seu coração - desde que suas vítimas não fossem brancas. Ele pode até ser considerado um herói. Certamente era assim que os leitores do século XIX viam Nathan Slaughter. Aos olhos modernos, no entanto, ele parece um pouco diferente. Como disse um crítico, ele se assemelha a um “serial killer Quaker”.

Q UARRY

Um caçador obcecado por caça grossa – que pescou de tudo, desde tigres de Bengala a ursos pardos do Alasca – fica entediado com presas comuns. Ele procura um novo desafio emocionante, a emoção final. Ele compra uma pequena ilha sul-americana e a estoca com naufragos e sobreviventes de naufrágios. Ele começa a caçar o único animal que possui coragem, astúcia e capacidade de raciocínio: o homem.

Esta é a premissa do premiado conto de Richard Connell, “The Most Dangerous Game”. Na época de sua publicação em 1924, o conto foi percebido como um exercício de imaginação sardônica, seu vilão enlouquecido por matar - um conde russo chamado Zaroff - como uma personificação arrepiante do instinto de caça enlouquecido.

Infelizmente, a caça de humanos tornou-se uma realidade muito comum, à medida que assassinos em série perseguem, prendem e massacram sua presa humana com toda a loucura metódica do monstro fictício de Connell.

Serial killers do chamado tipo organizado (veja [Profiling](#).) perseguem sua presa de uma forma assustadoramente sistemática. Armando-se com suas armas escolhidas, eles perseguem seus campos de caça favoritos em busca da presa mais fácil – mulheres desacompanhadas, caroneiras, prostitutas de ambos os sexos, crianças sem supervisão. Então eles atacam, prendendo suas vítimas pela força ou engano.

Talvez o paralelo mais enervante entre assassinos em série e caçadores de animais de grande porte seja o gosto compartilhado por ganhar [troféus](#).

Embora alguns serial killers estejam satisfeitos em salvar lembranças como carteiras ou fotografias de suas vítimas, outros coletam e preservam partes do corpo. Edward [Gein](#) - o mais notório de todos os caçadores de troféus humanos - mantinha os rostos esfolados, empalhados e montados de mulheres pendurados nas paredes de seu quarto (muito à maneira do louco Conde Zaroff de Connell, que decora sua sala de troféus com cabeças de suas vítimas humanas).

Entre 1973 e 1983, um homem ao ar livre do Alasca chamado Robert Hansen entregou-se à sua própria versão depravada de “O Jogo Mais Perigoso”. Sequestrando prostitutas para o deserto fora de Anchorage, ele as despia e estuprava, depois as forçava a fugir pela floresta enquanto as perseguia com uma faca, arco e flecha ou rifle de caça. Hansen acabou sendo condenado por quatro assassinatos selvagens, embora sua contagem real possa ter chegado a dezessete.

“Ah', disse o general, 'isso me fornece a caça mais excitante do mundo. Nenhuma outra caça se compara a ela por um instante. Todos os dias caço e nunca fico entediado agora, pois tenho uma presa com a qual posso igualar minha inteligência. “

R ICHARD CONNELL , _

“O jogo mais perigoso”

Q UICKLIME

Quando a polícia de Indiana desenterrou o pátio da fazenda de Belle Gunness em abril de 1908, eles descobriram mais de uma dúzia de corpos – o terrível registro de anos de assassinatos motivados pelo lucro, principalmente de possíveis maridos (veja [Viúvas Negras](#)). A maioria dos cadáveres foram drasticamente decompostos. Uma mulher assustadoramente prática, Gunness havia inventado uma maneira de acelerar o processo de putrefação. Ela havia cortado cada um dos corpos em seis seções, depois tratou os pedaços com cal virgem, uma substância altamente cáustica que corrói a matéria orgânica. Se a busca em seu terreiro tivesse ocorrido mais tarde, os corpos estariam decompostos além da possibilidade de identificação.

Outros assassinos empregaram cal virgem para o mesmo propósito – eliminar o corpus delicti. O Dr. HH [Holmes](#) mantinha um tonel do material no calabouço de seu “Castelo do Horror” de Chicago, onde vítimas incontáveis desapareceram no final do século XIX. Cinquenta anos depois, o Dr. Marcel [Petiot](#) – que assassinou dezenas de aspirantes a refugiados durante a ocupação nazista de Paris – usou cal virgem para dissolver os cadáveres enterrados em seu quintal. (Só mais tarde ele se voltou para outro método - a cremação - como um meio mais eficiente de descarte.) John Wayne [Gacy](#) borrifava periodicamente cal no espaço sob sua casa para amortecer o fedor dos corpos masculinos apodrecidos que se acumulavam na lama.

Claro, se você vai usar cal virgem para esse propósito macabro, ajuda saber algo sobre suas propriedades químicas. Em meados da década de 1980, uma mulher de sessenta anos chamada Dorothea Puente começou a alugar quartos em sua pensão em São Francisco para idosos beneficiários da assistência social, que posteriormente desapareceram sem deixar vestígios. Alertado por assistentes sociais suspeitos, a polícia iniciou uma investigação e acabou descobrindo sete cadáveres sem cabeça plantados no quintal de Puente. Embora Puente tivesse o cuidado de borrifar os corpos com cal virgem, ela estava arruinada por seu conhecimento defeituoso de reações químicas. A menos que a cal seja misturada com água, ela atua como uma espécie de conservante, retardando em vez de acelerar o processo de decomposição. Como resultado, os médicos legistas não tiveram problemas para descobrir que as vítimas haviam morrido de doses maciças de Valium e Dalmane – evidências que ajudaram a condenar a letal senhoria e mandá-la para a prisão perpétua.



RAÇA E RACISMO _

Diga a frase “serial killer” para a maioria das pessoas e elas imediatamente evocarão imagens mentais de Jeffrey [Dahmer](#), John Wayne [Gacy](#), Ted [Bundy](#), Charles [Manson](#) – ou talvez Hannibal Lecter. Em outras palavras, caras brancos.

É verdade que uma maioria significativa dos assassinos em série americanos são brancos. Mas há uma explicação simples para isso – a saber, que os brancos constituem a maioria da população dos EUA. Mas também houve muitos assassinos em série afro-americanos. De acordo com o *New York Times*, “assassinos em série negros ocorrem em proporção aproximadamente igual – ou até um pouco maior – ao número de negros na população”. Estudos recentes mostram que entre 13 e 22 por cento dos assassinos em série dos EUA são afro-americanos.

Entre os mais notórios estão Coral Watts, que matou um número indeterminado de mulheres em Houston no início dos anos 1980 (ele confessou treze homicídios, embora seja suspeito de até quarenta); Henry Louis Wallace, que estrangulou nove mulheres na Carolina do Norte no início dos anos 1990; Cleophus Prince Jr. (também conhecido como o “Assassino de Clairemont”), que massacrrou meia dúzia de mulheres em San Diego durante uma farra de nove meses a partir de janeiro de 1990; e Kendall François, que assassinou oito mulheres no norte do estado Nova York de Poughkeepsie no final da década de 1990 e escondeu seus cadáveres em seu sótão.

Dado o número significativo de psico-assassinos negros nos Estados Unidos, por que a maioria das pessoas assume que o assassinato em série é

um fenômeno totalmente branco? A explicação mais provável é o preconceito racial profundamente enraizado. Assassinos em série tendem a manter sua própria raça. Os psicopatas brancos geralmente atacam vítimas brancas; pretos no preto. E o fato triste é que a América branca não está particularmente interessada em crimes envolvendo minorias. Mesmo os assassinatos mais horríveis recebem muito menos atenção da grande mídia – e muitas vezes também da polícia – quando as vítimas são pessoas de cor.

De fato, alguns serial killers contaram com esse fato para escapar impunes de seus crimes. Na década de 1920, por exemplo, o pedófilo canibal Albert [Fish](#) rondava as favelas do centro da cidade porque sabia que a polícia não se esforçaria para investigar o desaparecimento de crianças negras. Mais recentemente, Jeffrey [Dahmer](#) atacou principalmente jovens afro-americanos e asiáticos pelo mesmo motivo. A descoberta das atrocidades de Dahmer desencadeou grandes protestos entre os negros e asiáticos de Milwaukee, indignados com o racismo percebido do departamento de polícia da cidade.

Fish e Dahmer podem estar explorando os preconceitos predominantes da sociedade, mas seus crimes foram motivados por extrema depravação sexual, não racismo. O caso tem sido diferente com uma pequena minoria de assassinos em série. O final dos anos 1970 e o início dos anos 1980, em particular, foram um período de expansão para assassinatos em série baseados em raça, quando um punhado de autodenominados “guerreiros arianos” lançou cruzadas homicidas contra minorias. Em Cleveland, um travesti nazista chamado Frank Spisak matou um homem negro e dois brancos que ele acreditava serem judeus. No oeste do estado de Nova York, o supremacista branco Joseph Christopher caçou e assassinou uma dúzia de afro-americanos durante um período de três meses (cortando os corações de duas de suas vítimas), enquanto Joseph Franklin, adorador de Hitler, percorria de estado em estado, massacrando negros, judeus e casais interracialis — mais de treze vítimas ao todo.

É claro que o assassinato em série de inspiração racial (como a variedade com motivação sexual) não é estritamente um fenômeno branco. No início da década de 1970, um grupo dissidente muçulmano negro conhecido como “Anjos da Morte” exigia que membros em potencial provassem seu zelo matando pessoas brancas e tirando Polaroids de seus cadáveres. Os

assassinatos “Zebra” de São Francisco (assim chamados porque as vítimas eram brancas e os perpetradores negros) foram o resultado horrível: quinze homens e mulheres mortos em seis meses. Alguns anos depois, a área de Chicago era a cena de uma série semelhante de assassinatos aleatórios. Chamando a si mesmos de “De Mau Mau”, os culpados eram um grupo de veteranos negros do Vietnã que desabafavam sua raiva contra a sociedade branca matando dez pessoas, incluindo duas famílias inteiras.



Os assassinatos de crianças em Atlanta

Embora os crimes envolvendo vítimas afro-americanas geralmente recebam pouca atenção da imprensa, uma exceção notável foi a terrível série de assassinatos de crianças que ocorreram em Atlanta no final dos anos 1970 e início dos anos 1980. O caso, que gerou indignação e horror em todo o país, foi amplamente coberto pela grande mídia. De fato, foi em maio de 1981 em um artigo da *New York Times Magazine* sobre o caso então não resolvido que o termo recém-cunhado “serial killer” apareceu pela primeira vez em uma grande publicação.

Em um período de dois anos entre 1979 e 1981, o assassino fez 29 vítimas. A maioria eram crianças, a maioria era do sexo masculino e todos eram afro-americanos. O que tornou a investigação especialmente difícil foi a falta de um padrão claro. Como o infame Peter [Kürten](#), o assassino não parecia ter nenhuma preferência homicida em particular – geralmente estrangulando suas vítimas, mas às vezes esfaqueando-as ou espancando-as até a morte.

À medida que os meses passavam e a contagem de corpos aumentava, tanto o público quanto a mídia exigiam uma solução para o que parecia ser um caso de terrorismo racial. Grupos de direitos civis abriram o caminho, e o presidente Reagan respondeu reservando fundos federais para rastrear o assassino. Enquanto isso, celebridades de Muhammad Ali a Burt Reynolds ofereceram assistência financeira privada. Muitos perceberam os assassinatos como um ato político insano, provavelmente cometido pela Ku Klux Klan. Quando os investigadores finalmente fizeram uma prisão, no

entanto, o suspeito acabou não sendo um racista branco homicida, mas um jovem negro que se encaixava no perfil clássico de um solitário psicopata.

O ponto de virada no caso foi um misterioso incidente em uma ponte que parecia ter saído direto da sinistra balada de 1967 “Ode to Billie Joe”. Na noite de 22 de maio de 1981, policiais ouviram algo espirrar debaixo da ponte que atravessa o rio Chattahoochee. Momentos depois, eles pararam um carro saindo da ponte e questionaram o motorista, um jovem afro-americano chamado Wayne Williams. Ele se tornou o principal suspeito dos assassinatos de crianças em Atlanta quando a polícia descobriu o corpo de uma das vítimas no rio. No mês seguinte, surgiram mais evidências, incluindo fibras encontrado nas vítimas que combinavam com os móveis do carro e da casa de Williams, e pêlos de animais que combinavam com seu cachorro de estimação.

Também o implicando eram traços de personalidade estranhos que lembravam outros psicopatas. Ele muitas vezes mentiu, por exemplo, para exagerar sua própria importância, e gostava de se passar por policiais, uma tática favorita dos serial killers para ganhar a confiança de suas vítimas. A polícia o prendeu em junho. Eventualmente, Williams foi condenado por duas acusações de assassinato e recebeu uma sentença de prisão perpétua para cada um.

Apesar das condenações, muitas pessoas afirmaram que as autoridades enganaram Williams por meio de uma combinação de evidências circunstanciais questionáveis e combinações de fibra inconclusivas. Mais de vinte anos depois, em maio de 2005, esses céticos tiveram a oportunidade de provar seu ponto de vista quando o chefe de polícia Louis Graham, do condado de DeKalb, reabriu a investigação dos quatro assassinatos de crianças em Atlanta em sua jurisdição. Graham, um policial na época da prisão de Williams, sempre acreditou que o verdadeiro culpado era o KKK.

Esses desenvolvimentos, no entanto, podem ser menos significativos do que parecem. Mesmo que Williams seja inocentado dos quatro homicídios do condado de DeKalb, ele não será libertado, já que os casos na jurisdição de Graham não incluem os dois assassinatos que enviaram Williams para a prisão em primeiro lugar. E a nova investigação também terá que responder

a uma pergunta crucial: por que os assassinatos de crianças pararam de repente depois que Williams foi preso?

ESTRADAS DE FERROVIA

Nos anos 1800, a ferrovia era considerada uma das maravilhas da época, uma conquista gloriosa celebrada em histórias e canções. Em um de seus poemas mais famosos, o grande bardo americano Walt Whitman falou sobre a ferrovia:

*Vejo sobre meu próprio continente a Estrada de Ferro
do Pacífico,*

superando todas as barreiras;

Eu ouço as locomotivas correndo e rugindo,

e o estridente apito de vapor,

Eu ouço os ecos reverberarem através do

maior cenário do mundo.

Para Whitman, a ferrovia transcontinental era um símbolo da grandeza e glória da América. Claro, ele não poderia prever o dia em que serviria como o meio de transporte preferido para assassinos psicopatas ambulantes.

Carl [Panzram](#) - o vagabundo da Era do Jazz que acabou confessando vinte e um assassinatos e mais de mil atos de sodomia - começou a andar nos trilhos logo após terminar um período no reformatório. Ele ainda era adolescente quando quatro vagabundos o estupraram em um vagão. A experiência ensinou-lhe uma lição que serviria como seu credo para o resto de sua vida incorrigível: “Força e faça justiça”.

Foi uma lição que ele colocou em prática a cada chance que teve. Por um tempo, ele trabalhou como guarda de trem para a Illinois Central Railroad – um trabalho que lhe oferecia uma excelente oportunidade para dar uma surra em praticamente todos que ele pudesse colocar as mãos, fossem agitadores sindicais, fura-greves ou até mesmo outros guardas.

Os trilhos também figuraram em um episódio especialmente espetacular (embora não documentado) de sua vida ilegítima. De tempos em tempos, afirmou Panzram, ele colocava uma bomba em um túnel ferroviário, explodia um trem que se aproximava e depois atirava em qualquer um que sobrevivesse à explosão.

Embora Panzram fosse tão cruel quanto parece, sua história sobre o massacre de trens cheios de passageiros provavelmente era apenas uma fantasia homicida. Os terríveis crimes do “Railway Killer” Angel Maturino Resendez, no entanto, foram muito reais. Um vagabundo ferroviário moderno, Resendez era um trabalhador migrante do México que pegava carona em vagões de um emprego temporário para outro. Ele também era um psico-assassino cheio de raiva que atacava suas vítimas ao longo da ferrovia.

Depois de cometer seu primeiro assassinato em Lexington, Kentucky, em 1997, Resendez perambulou de trem de um destino aleatório para outro, matando enquanto ia. Normalmente, ele invadia as casas das pessoas e atacava suas vítimas com qualquer arma que estivesse à mão – espingarda, faca de cozinha, marreta ou ferramenta de jardinagem – depois voltava para os trilhos e seguia em frente. O “Railway Killer” atacou várias vezes no Texas e se aventurou até o norte de Illinois. Colocado na “Lista dos Dez Mais Procurados” do [FBI](#), ele finalmente se rendeu em julho de 1999. No ano seguinte, foi sentenciado à morte por um assassinato, embora possa ter matado até nove pessoas ao todo.

Para um serial killer, os trens não eram um meio de passar de um assassinato para outro. Nem eram um terreno fértil para abuso e raiva homicida. Eles eram um alvo. Panzram pode ter inventado histórias sobre explodir trens e tentar matar todos dentro, mas o húngaro maluco, Sylvestre Matuschka, realmente fez isso.

Veterano da Primeira Guerra Mundial e empresário de sucesso, Matuschka passou anos sem agir sobre as bizarras obsessões que o apodreciam. Então, em 1930, aos 39 anos, ele tentou descarrilar dois trens colocando obstruções nos trilhos. Nenhum ato de sabotagem produziu baixas significativas, o que apenas o incitou a conceber uma abordagem mais devastadora.

Depois de aprender metodicamente a arte de armar explosivos, ele explodiu um conjunto de trilhos na Alemanha e fez um trem sair do curso. Matuschka não estava satisfeito. O acidente feriu setenta e cinco passageiros, mas não matou ninguém. Sua próxima explosão, em sua Hungria natal, foi mais do seu agrado. Vinte e duas pessoas foram mortas. Isso o deixou tão feliz, de acordo com um relato, que ele experimentou um orgasmo enquanto observava o desastre se desenrolar.

No tribunal, Matuschka ofereceu uma série de explicações malucas para seus crimes, presumivelmente para apoiar uma defesa de insanidade. Um hipnotizador malvado obrigou-o a fazer isso. Ele acreditava que seus destroços de trem impediriam a propagação do ateísmo. Ele era controlado por um bando de demônios chamado Leo.

Mas a explicação que ele deu no momento de sua prisão foi muito mais simples. “Destruí trens porque gosto de ver as pessoas morrerem”, disse ele. “Gosto de ouvir as pessoas gritarem.”



Ricardo Ramírez

Eles o chamavam de “Perseguidor Noturno” – um demônio sombrio que entrava nas casas escuras e atacava os ocupantes adormecidos. Durante sua fúria de seis meses na primavera e no verão de 1985, ninguém em Los Angeles se sentiu seguro.

Muitas vezes, ele matava primeiro o marido, depois voltava suas atenções depravadas para a mulher. Suas vítimas — com idades entre trinta e oitenta e três anos — foram baleadas, cortadas, espancadas e cruelmente mutiladas. Em um caso, ele esculpiu os olhos de uma mulher de quarenta e quatro anos e os carregou como [Troféus](#). Às vezes, ele pintava pentagramas satânicos nos corpos antes de fugir para a noite.



Ricardo Ramírez; dos Assassinos! conjunto de cartas

(Cortesia de Roger Worsham)

No início de agosto de 1985, ele foi oficialmente creditado com mais de uma dúzia de homicídios. Poucas semanas depois, depois de atacar outro casal – atirando na cabeça do homem e estuprando a mulher – ele fugiu em seu carro. Depois de recuperar o veículo roubado, a polícia conseguiu levantar um conjunto claro de impressões digitais, que acabou por coincidir com as de um pequeno capô chamado Richard Ramirez. Um boletim de todos os pontos foi emitido para o suspeito, e sua foto foi transmitida pela TV local.

Em 31 de agosto, Ramirez tentou arrancar uma mulher de seu carro em um bairro hispânico no leste de Los Angeles. Seus gritos chamaram a atenção dos transeuntes, que reconheceram Ramirez e o atacaram. Apenas a chegada oportuna da polícia salvou o “Night Stalker” da multidão enfurecida.

Em seu julgamento, Ramirez (que também esteve envolvido em vários ataques sexuais, incluindo o sequestro e estupro de várias crianças pequenas) se entregou a várias travessuras bizarras. Ele gostava de brincar de Satanás, inscrevendo um pentagrama na palma da mão esquerda e mostrando-o aos fotógrafos, e fazendo chifres de diabo com os dedos

enquanto entoava: “Mal, mal, mal. . .” Ele foi finalmente condenado por treze assassinatos e condenado à morte. “Grande coisa”, disse ele com um sorriso de escárnio quando o juiz proferiu a sentença. “A morte vem com o território. Vejo você na Disneylândia.”

De acordo com sua própria estimativa, o “Night Stalker” (que permanece no corredor da morte) foi responsável por ainda mais assassinatos do que os treze pelos quais foi condenado. “Matei vinte pessoas, cara”, disse ele a um colega detento. “Eu amo todo esse sangue.”

“Vocês vermes me deixam doente. serei vingado. Lúcifer habita dentro de todos nós!”

R ICHARD “ N I G H T S T A L K E R ” R A M I R E Z ,

dirigindo-se ao tribunal depois de ser condenado por treze assassinatos

LEITURA RECOMENDADA _ _

Embora a popularidade dos livros de crimes reais tenha crescido nos últimos anos, o gênero em si remonta pelo menos a 1621, quando um dos tomos mais vendidos na Inglaterra era uma coleção de histórias de crimes da vida real chamada *God's Revenge Against Murder and Adultery* . Claramente, uma história abrangente de livros criminais exigiria muito mais espaço do que temos à nossa disposição. Mesmo uma história de livros que tratam apenas de assassinos em série americanos está além do escopo desta entrada. Já em 1896, Frank P. Geyer – o detetive da Filadélfia que seguiu o rastro do notório “multi-assassino” Dr. HH [Holmes](#) – publicou um relato de sua investigação, *O Caso Holmes-Pitezel*. Desde aquela época, praticamente todos os serial killers notáveis foram objeto de pelo menos um livro. Cobrir todos eles exigiria um livro próprio.

Ainda assim, existem alguns volumes que qualquer pessoa interessada em serial killers deve estar ciente. Algumas delas tratam do fenômeno como um todo. Estes incluem: *Celebrados Casos Criminais da América de Thomas S. Duke* (1910); *Assassinato em massa* de LC Douthwaite (1928); *Assassinatos em série* de Eric Hickey e suas vítimas (1991); *Assassinato em Massa* de Jack Levin e James Alan Fox : *A Ameaça Crescente da América* (1988); *Hunting Humans* , de Elliott Leyton (1988); *Massacre em Série* de Michael Newton (1992); *O Serial Killer* (1990), de Colin Wilson e Donald

Seaman ; e o volume *Serial Killers* (1992), parte da série “True Crime” da Time-Life Books.

As biografias de cápsulas de assassinos em série infames estão incluídas em várias coleções no estilo enciclopédia. O arrebatador *Bloodletters and Badmen* (1973), de Jay Robert Nash, é o mais conhecido deles, mas deve ser abordado com certa cautela, pois está repleto de imprecisões. Outros incluem: *Hunting Humans* , de Michael Newton (1990); *The Encyclopedia of Serial Killers* (1992), de Brian Lane e Wilfred Gregg ; e *Monstros Humanos* de David Everitt (1993).

Em termos de estudos completos de assassinos em série individuais, a seguir está uma lista alfabética de psicopatas de classe mundial selecionados e os livros que examinam seus crimes.

O Axeman de Nova Orleans

Robert Tallant e William Kimber, *Assassinato em Nova Orleans* (1953)

Martha Beck e Raymond Fernandez

Paul Buck, *Os Assassinos da Lua de Mel* (1970)

David Berkowitz

David Abrahamsen, *Confissões do Filho de Sam* (1985)

Kenneth Bianchi e Ângelo Buono

Ted Schwartz, *O Estrangulador da Encosta* (1981)

Ian Brady e Myra Hindley (Os “Moors Murderers”)

Emlyn Williams, *Além da Crença* (1967)

Ted Bundy

Ann Rule, *O Estranho Ao Meu Lado* (1988)

Andrei Chikatilo

Richard Lourie, *Caçando o Diabo* (1993)

John Reginald Christie

Ludovic Kennedy, *Ten Rillington Place* (1961)

O Assassino do Torso de Cleveland

Steven Nickel, *Tronco* (1989)

Juan Corona

Tracy Kidder, *The Road to Yuba City* (1974)

Jeffrey Dahmer

Anne E. Schwartz, *o homem que não podia matar o suficiente* (1992)

Albert DeSalvo

Gerold Frank, *O Estrangulador de Boston* (1967)

Alberto Peixe

Harold Schechter, *Demente* (1990)

John Wayne Gacy

Tim Cahill, *Sonhos Enterrados* (1986)

Edward Gein

Harold Schechter, *Deviant* (1989)

Harvey Glatman

Michael Newton, *Corda* (1998)

Belle Gunness

Janet L. Langois, *Belle Gunness* (1985)

Gary Heidnik

Ken Englade, *Adega do Horror* (1988)

William Heirens

Lucy Freeman, *Antes que eu mate mais . . .* (1955)

HH Holmes

Harold Schechter, *Depravado* (1994)

Jack o Estripador

Donald Rumbelow, *O Jack, o Estripador Completo* (1975)

Jack, o Stripper

Brian McConnell, *Encontrado Nu e Morto* (1974)

Edmund Kemper

Margaret Chaney, *The Co-Ed Killer* (1976)

Peter Kurten

Margaret Seaton Wagner, *O Monstro de Düsseldorf* (1932)

Leonard Lake e Charles Ng

John Lasseter, *Morra por Mim* (2000)

Henry Lee Lucas

Joel Norris, *Henry Lee Lucas* (1991)

Charles Manson

Vincent Bugliosi, *Helter Skelter* (1975)

Dennis Nilsen

Brian Masters, *Killing for Company* (1985)

Carl Panzram

Thomas Gaddis, *Panzram: A Journal of Murder* (2002)

Marcel Petiot

John V. Grombach, *O Grande Liquidatário* (1982)

Jesse Pomeroy

Harold Schechter, *Demônio* (2000)

Ricardo Ramírez

Clifford Lindecker, *Night Stalker* (1991)

Joel Rifkin

Robert Mladinich, *A História de Joel Rifkin* (2001)

Dr. Harold Shipman

Brian Whittle e Jean Ritchie, *Prescrição para Assassinato* (2000)

Charles Starkweather

Michael Newton, *Waste Land* (1998)

Peter Sutcliffe (“O Estripador de Yorkshire”)

David A. Yallop, *Livrai-nos do Mal* (1980)

Jane Toppan

Harold Schechter, *Fatal* (2003)

Fred e Rosemary West

Colin Wilson, *O Jardim dos Cadáveres* (1998)

Aileen Wuornos

Sue Russell, *Intenção Letal* (2002)

Zodíaco

Robert Graysmith, *Zodíaco Desmascarado* (2003)



Ficção Psicológica

Uma das muitas coisas que distinguem Hannibal Lecter dos serial killers da vida real é que – embora apaixonado por música clássica, literatura renascentista e bons vinhos italianos – ele parece não se importar com sexo. Certamente nunca o vemos entregar-se a algo tão mundano quanto atividade erótica. Ele parece ser um serial killer singularmente celibatário, que obtém seu prazer mais profundo de jantar em um fígado humano perfeitamente salteado enquanto saboreia um Barolo de primeira classe e ouve a última gravação de *A Flauta Mágica de Mozart*.

Para um homem aparentemente assexual, no entanto, Lecter produziu um número prodigioso de descendentes: a saber, as centenas (se não milhares) de assassinos em série fictícios que permeiam a ficção popular desde o sucesso desenfreado de *Red Dragon de Thomas Harris* e *The Silence of the Cordeiros*. Graças a Harris – o primeiro romancista pop a ganhar a sorte grande ao explorar o fascínio obsessivo da América por assassinos psicóticos – o assassino em série se tornou o monstro favorito dos escritores de thrillers modernos, que quebram seus cérebros sonhando com maníacos homicidas cada vez mais diabólicos com MOs fantasticamente elaborados. Até agora, há muitos livros neste gênero para listar aqui, embora o

professor Martin Kich da Wright State University compilou uma excelente bibliografia, disponível online em www.wright.edu/~martin.kich.

Aqui estão uma dúzia de nossos favoritos pessoais (alguns deles antigos de ouro):

1. *Psico*. O avô dos romances psico-assassinos. Este clássico pulp do falecido grande Robert [Bloch](#) transformou as atrocidades da vida real de Ed [Gein](#) em mito genuíno e inspirou uma das obras-primas do cinema americano.

2. *Gótico americano*. Um romance menos conhecido (mas de certa forma ainda mais suspense) de Bloch, baseado nos crimes do [Barba -Azul de Chicago do século XIX](#), Dr. HH [Holmes](#).

3. *Psicopata Americano*. O notório best-seller de Bret Easton Ellis – que desencadeou uma tempestade feminista quando foi publicado originalmente – é na verdade uma comédia sombria sobre o consumismo Yuppie, embora suas cenas de sadismo de revirar o estômago muitas vezes obscureçam sua intenção basicamente satírica.

4. *Dragão Vermelho*. Hannibal Lecter fez sua primeira aparição neste roedor de unhas de Thomas Harris. Um dos thrillers mais cheios de suspense dos tempos modernos, com um final nocaute que, bizarramente, Hollywood não conseguiu acertar em ambas as versões cinematográficas, *Caçador de Homens* de 1986 de Michael Mann e *Dragão Vermelho* de 2002 de Bret Ratner.

5. *O Silêncio dos Inocentes*. *O E o Vento Levou* de Psychokiller romances. Um tour de force de terror-suspense, este romance de Harris - o segundo a apresentar Hannibal Lecter - é o padrão contra o qual todas as outras ficções do gênero serial-killer devem ser medidas.

6. *O assassino dentro de mim*. O narrador do clássico pulp de Jim Thompson – um xerife de cidade pequena que atormenta as pessoas falando em clichês entorpecentes quando não está cometendo atos horrendos de homicídio – não é, estritamente falando, um serial killer. Ainda assim, este romance poderosamente perturbador e sombriamente hilário é um dos melhores retratos psicológicos de um psicopata impresso.

7. *Zumbi*. Joyce Carol Oates rasteja na mente de um psicopata tipo Jeffrey [Dahmer que sonha em criar seu próprio zumbi pessoal](#) usando picadores de gelo para realizar lobotomias em vítimas vivas. Não para os melindrosos!

8. *O Alienista*. Um thriller histórico intensamente evocativo de Caleb Carr sobre um psiquiatra rastreando um serial killer na Nova York da virada do século. O romance apresenta uma aparição do “Boy Fiend” da vida real, Jesse Pomeroy (veja [Juveniles](#)).

9. *Filho de Deus*. Escrito no estilo lírico da marca registrada do autor Cormac McCarthy, este romance assombroso conta a história de um necrófilo parecido com Eddie [Gein chamado Lester Ballard, que se esconde em uma caverna do Tennessee com seus troféus profanos, emergindo periodicamente em busca de novas vítimas](#).

10. *No Corte*. O thriller erótico de suspense brutal de Susanna Moore lida com uma professora universitária de Nova York que se vê envolvida em um caso sexual altamente carregado com um policial que também pode ser um serial killer. O romance chega a um clímax arrasador, completamente perdido na decepcionante versão cinematográfica de 2003, estrelada por Meg Ryan.

11. *Dexter Sonhando Sombria*. Neste romance envolvente, Jeff Lindsay consegue a façanha improvável de criar um serial killer absolutamente cativante. Dexter Morgan, o protagonista deste thriller deliciosamente excêntrico, é um especialista forense da polícia durante o dia e um assassino sádico em seu tempo livre. O que o torna um personagem tão atraente - além de sua sagacidade e humor autodepreciativo - é seu código estrito de ética do serial killer: ele ataca apenas psicopatas mais doentes do que ele.

12. *13 passos para baixo*. Os leitores que procuram horror hardcore e suspense de ponta podem achar este livro decepcionante. Mas para aqueles que apreciam prosa elegante, caracterização complexa e sutileza psicológica, este romance da aclamada escritora de mistério britânica Ruth Rendell – sobre uma excêntrica senhoria solteirona e seu inquilino sociopata, um reparador de equipamentos de ginástica obcecado pelo lendário serial killer Reg Christie – é um raro deleite alfabetizado.



Apenas para bibliófilos

Patterson Smith, um livreiro antiquário e historiador social, é especializado em volumes de crimes raros e esgotados. Smith oferece de tudo, desde obras de referência difíceis de encontrar (como uma reimpressão do clássico de 1910 de Thomas S. Duke, *Celebrated Criminal Cases of America*) até esquisitices como *Killer Fiction*, uma coleção de histórias absolutamente arrepiantes do assassino sexual condenado GJ Schaefer.

Para informações, contate: Patterson Smith, 23 Prospect Terrace, Montclair, NJ 07402.

REGISTROS _

Não, não estamos nos referindo à versão do Guns N' Roses de "Look at Your Game, Girl" de Charlie [Manson ou](#) " [Heidnik](#)'s House of Horrors" dos Serial Killers (você encontrará esses números cativantes cobertos sob [Canções](#)). Estamos falando de algo muito mais sombrio: assassinos que podem reivindicar a distinção mortal de terem matado a maioria das vítimas.

A taxa de assassinatos em série aumentou de forma tão alarmante nos últimos anos que alguns criminologistas falam em termos de uma "epidemia". Uma indicação de quão assustadora a situação se tornou é o número crescente de vítimas atribuídas a assassinos individuais. Em 1888, o mundo ocidental ficou horrorizado com os feitos de [Jack, o Estripador](#) - mas o total de cinco vítimas de Saucy Jack não seria sequer uma menção no noticiário nacional hoje em dia.

Em 1896, o registro de Jack já havia sido eclipsado pelo Dr. HH [Holmes](#) , que matou um mínimo de nove vítimas (ele mesmo reivindicou 27, e alguns historiadores do crime calculam o total na casa das centenas). Trinta anos depois, Earle Leonard [Nelson](#) estabeleceu o recorde de homicídios em nosso país, estrangulando 22 mulheres durante uma matança selvagem pelo

país. Seu contemporâneo Carl [Panzram](#) ficou aquém desse número, confessando vinte e um assassinatos (além de uma série de outros crimes).

Durante os últimos vinte e cinco anos, cada novo recorde foi quebrado quase tão logo foi estabelecido. Em 1973, Juan Corona tornou-se oficialmente o serial killer mais prolífico da história americana quando foi condenado por matar vinte e cinco transeuntes da Califórnia. Mas no final da década, Ted Bundy havia matado pelo menos vinte e oito e John Wayne Gacy trinta e três.

E ainda assim os números continuaram subindo. Na Rússia, Andrei Chikatilo foi acusado de cinquenta e dois assassinatos sádicos e suspeito de ainda mais. Gary Ridgway – o há muito evasivo “Assassino de Green River” – acabou confessando quarenta e oito assassinatos, embora possa ter havido até sessenta. Por mais assustadores que sejam esses números, eles empalidecem diante dos estimados duzentos e cinquenta assassinatos cometidos pelo Dr. Harold Shipman, o serial killer mais prolífico da Inglaterra (ver Médicos).

Quando se trata de assassinos que *conquistaram* o maior total, os campeões de todos os tempos são o próprio americano Henry Lee Lucas e o matador de luxúria sul-americano Pedro Lopez (também conhecido como “Monstro dos Andes”), cada um dos quais confessou mais de três cem assassinatos. Lucas, no entanto, finalmente retratou sua história. Quanto a Lopez – que foi condenado em 1980 por cinquenta e sete homicídios – o verdadeiro número de suas vítimas nunca foi definitivamente estabelecido.



Henry Lee Lucas; dos Assassinos! conjunto de cartas

(Cortesia de Roger Worsham)

GELADEIRAS _

Os assassinos em série são conhecidos por usar seus eletrodomésticos para propósitos com os quais os amigos da Maytag e da KitchenAid nunca sonharam – nem mesmo em seus piores pesadelos. Vivendo em uma antiga casa de fazenda decadente sem eletricidade, Edward [Gein](#) foi forçado a confiar em métodos demorados de bronzeamento para preservar sua coleção de [troféus anatômicos](#). Outros assassinos em série, no entanto, cujas casas estavam equipadas com todas as conveniências modernas, tiveram muito mais facilidade. Para preservar uma parte favorita do corpo, tudo o que eles precisavam fazer era colocá-la na geladeira.

Douglas Clark – o “Sunset Strip Slayer”, que matou uma série de prostitutas de Hollywood em 1980 – tinha um fetiche especial por cabeças femininas decapitadas. Sua namorada, Carol Bundy, cedeu a essa perversão aplicando maquiagem na cabeça de uma das vítimas de Clark, uma prostituta de vinte anos. Clark guardou esta lembrança grotesca na geladeira de seu apartamento, ocasionalmente removendo-a para fins de sexo oral.

Sete anos depois, em março de 1987, a polícia da Filadélfia invadiu a casa de um maníaco chamado Gary [Heidnik](#) e descobriu um trio de mulheres meio famintas acorrentadas ao encanamento de seu porão.

Heidnik, como se viu, havia sequestrado e escravizado um total de seis vítimas, submetendo-as a meses de estupro e tortura. Vasculhando o resto da casa, os oficiais rapidamente descobriram que os horrores não se limitavam à chamada Masmorra da Tortura. No congelador da geladeira da cozinha, encontraram um braço humano, destinado a uma refeição canibal. Entre suas outras atrocidades, Heidnik gostava de misturar carne humana picada com comida de cachorro e forçar seus cativos famintos a devorar a refeição profana.

Outros assassinos em série, como o assassino da luxúria alemão Joachim Kroll, abasteceram suas geladeiras com carne humana para satisfazer seus próprios desejos canibais. O mesmo aconteceu com Jeffrey [Dahmer](#), cuja geladeira continha uma grande variedade de partes do corpo, incluindo cabeças, intestinos, rins, pulmões, fígados e coração.

RELIGIÃO _

Veja [Zelotes](#).

R IPER

De acordo com a maioria dos historiadores do crime, [Jack, o Estripador](#), é o psico-assassino seminal da era moderna – o avô de todos os assassinos em série. Portanto, é justo que alguns de seus descendentes tenham recebido o nome dele.

Seu primeiro homônimo perseguiu o interior do sul da França: Joseph [Vacher](#), o “Estripador Francês”, que atacou quase uma dúzia de vítimas no final da década de 1890. Desde então, a maioria dos assassinos batizados com o nome do Estripador são compatriotas do original.

Durante a blitz em Londres da Segunda Guerra Mundial, enquanto a Luftwaffe de Hitler fazia chover terror do céu, a cidade foi confrontada com um tipo muito diferente de ameaça – um demônio homicida que perseguia e massacrava mulheres indefesas. Em 9 de fevereiro de 1942, este açougueiro sedento de sangue atacou pela primeira vez, estrangulando uma farmacêutica em um abrigo antiaéreo. No dia seguinte, ele pegou uma prostituta em Picadilly Circus e, depois de acompanhá-la de volta ao apartamento no Soho, cortou sua garganta e mutilou seus órgãos genitais com um abridor de latas. Mais duas vítimas se seguiram nas noites

seguintes, ambas submetidas a horríveis mutilações. O perpetrador dessas atrocidades — que acabou sendo um cadete da RAF de 25 anos chamado Gordon Cummins — foi pego depois de mais duas tentativas de assassinato, ambas fracassadas. Seus atos medonhos, tão reminiscentes dos originais “Whitechapel Horrors”, lhe renderam o apelido de “Blackout Ripper”.

Outro dos herdeiros homicidas de Jack foi Peter Sutcliffe, também conhecido como o “Estripador de Yorkshire”. Um motorista de caminhão de trinta e poucos anos e ex-coveiro, Sutcliffe - que acreditava estar agindo sob ordens de Deus - conduziu uma campanha de cinco anos de carnificina que começou em meados da década de 1970. Usando suas armas favoritas — martelo de caneta esférica, cinzel, faca de trinchar e chave de fenda — ele atacou mais de duas dúzias de mulheres, matando treze. Embora algumas de suas vítimas fossem mistas, seus principais alvos eram prostitutas. Quando Sutcliffe foi finalmente preso em 1981, após a maior caçada humana da história britânica, seu irmão mais novo, Carl, perguntou por que ele havia feito isso. “Eu estava apenas limpando as ruas”, respondeu Sutcliffe.

Os crimes de Cummins e Sutcliffe estavam claramente na tradição dos “horrores de Whitechapel” originais. Mas esses dois assassinos diferiam de Jack, o Estripador em um aspecto importante: ambos acabaram sendo pegos. Um serial killer de [prostitutas](#) que iludiu a polícia foi o assassino sombrio que estrangulou meia dúzia de mulheres no início e meados da década de 1960. Depois de despachar suas vítimas, ele jogou seus corpos nus em vários lugares ao redor de Londres – um MO que inspirou seu apelido de tablóide. O assassino (que nunca foi oficialmente identificado) foi apelidado de “Jack, o Stripper”.

R ITUAL

Assassinatos rituais cometidos por cultistas adoradores do diabo acontecem o tempo todo na ficção de terror e fantasia, mas raramente, ou nunca, na vida real. O [FBI](#) ainda não documentou uma única instância de tal sacrifício cerimonial na América (veja [Satanismo](#)). Por outro lado, padrões ritualísticos bizarros são comuns entre os serial killers. Embora esse comportamento muitas vezes pareça aleatório para um observador externo, ele claramente possui um significado profundo e terrível para o próprio assassino, que é compelido a repeti-lo várias vezes.

Muitas vezes, o padrão envolve uma *maneira particular* de matar. Cada um dos crimes de [Jack, o Estripador](#), culminou em uma espécie de evisceração ritual — como se ele estivesse encenando algum sacrifício primitivo em que as entranhas da vítima eram removidas e oferecidas aos deuses. Outro assassino em série não identificado, o louco da década de 1930 conhecido como o “Cleveland Torso Killer”, metodicamente desmembrou suas vítimas e fugiu com suas cabeças, que ele aparentemente manteve como [troféus rituais](#) — da mesma forma que os guerreiros aborígenes coletam os escalpos e cabeças encolhidas de seus inimigos.

Outras vezes, o assassino realizará algum ritual compulsivo como *parte integrante* do crime. John Wayne [Gacy](#) transformou seus assassinatos hediondos em uma cerimônia grotesca recitando o Salmo 23 (“O Senhor é meu pastor”) enquanto garrotavam lentamente suas vítimas. O “Assassino de Green River” — que assassinou uma série de mulheres jovens na área de Seattle durante o início dos anos 1980 — deixou pedras estranhas em forma de pirâmide nas vaginas de suas vítimas. Ed [Gein](#) — em uma emulação involuntária daqueles sacerdotes astecas que se vestiam com a pele esfolada de vítimas sacrificadas — gostava de desfilar com roupas feitas de carne humana de cadáveres femininos dissecados. E Albert “Boston Strangler” [DeSalvo](#) ritualisticamente deixou suas vítimas parecendo grotescos presentes de Natal embrulhados para presente. Depois de estrangular uma mulher, ele amarrava a ligadura — geralmente um lenço, meia ou faixa de roupão de banho — em um grande laço ornamental. Em um caso, ele também deixou um cartão de felicitações apoiado no pé da vítima.

R USSIA

Durante décadas, os líderes da União Soviética sustentaram que o crime não era um problema em seu país. O roubo e o assassinato, insistiam eles, eram sintomas da decadência capitalista ao estilo ocidental. O colapso do comunismo no início dos anos 1990, é claro, revelou todos os tipos de problemas que haviam sido escondidos pela Cortina de Ferro. Em particular, o julgamento de Andrei [Chikatilo em 1992](#) — o “Estripador de Rostov” — demonstrou que, embora a URSS não tenha sido capaz de fornecer a seus cidadãos itens básicos de consumo, certamente poderia produzir assassinos em série tão aterrorizantes quanto qualquer psicopata

americano. Além disso, embora Chikatilo fosse sem dúvida o mais selvagem dos assassinos sexuais russos, ele não era o único: vários assassinos rondavam a União Soviética desde os primeiros dias do regime comunista.

No início da década de 1920, trinta e três homens foram vítimas de um comerciante de cavalos sociopata chamado Vasili Komaroff, também conhecido como o “Lobo de Moscou”. Depois de atrair um cliente em potencial para seu estábulo, Komaroff - ajudado por sua esposa - espancava ou estrangulava a vítima até a morte, tirava seus pertences, depois amarrava o corpo, enfiava-o em um saco e o depositava em um terreno baldio, em algum lugar da cidade. Quando as autoridades finalmente o pegaram, Komaroff alegou que ele matou apenas por dinheiro – uma explicação improvável, já que seus quase três dúzias de assassinatos lhe renderam um total de US\$ 26,40. Claramente, havia outros motivos mais sombrios em ação - mas as autoridades soviéticas estavam muito menos interessadas em entender sua psicologia do que em matá-lo o mais rápido possível. Komaroff e sua esposa foram executados por um pelotão de fuzilamento em junho de 1923.

Nos anos mais recentes, à medida que a taxa de assassinatos em série começou a crescer no Ocidente, a União Soviética também teve sua parcela de assassinos horríveis. Em 1964, um ator desempregado de Moscou chamado Vladimir Ionosyan massacrrou cinco pessoas com um [machado](#). Dez anos depois, um assassino sombrio apelidado de “Ivan, o Estripador” matou onze mulheres de Moscou. As autoridades acabaram prendendo um homem pelos assassinatos, mas – no estilo tipicamente soviético secreto – nunca divulgaram quem era o culpado ou como o caso foi resolvido.

Na década de 1980 — enquanto a América era confrontada com horríveis como Henry Lee [Lucas](#) e Gary [Heidnik](#) — as autoridades soviéticas alcançaram Gennadily Mikhasevich, que usou sua posição como policial auxiliar para prender e estrangular 33 mulheres. Outro monstro homicida daquela década foi Nikolai Dzumagalies – um dos assassinos em série mais assustadores e ferozes já gerados na URSS (ou em qualquer outro lugar, aliás). Como Francis Dolarhyde, o aterrorizante psicocriep do romance *Red Dragon* de Thomas Harris – que ataca suas vítimas com um conjunto letal de dentaduras – Dzumagalies (ou “Metal Fang”, como ele veio a ser

apelidado) ostentava assustadores dentes falsos de metal branco. Atraindo mulheres para a margem solitária de um rio à noite, ele começou a estuprá-las, esfaqueá-las e esquartejar seus corpos. Em seguida, ele assou a carne e a compartilhou com amigos, que, acreditando que estavam comendo carne bovina, foram transformados em canibais involuntários.



S ADISM

Alguns criminologistas definem o assassinato em série em termos estritamente quantitativos: três ou mais homicídios cometidos por um longo período de tempo, com um período de “esfriamento” emocional entre cada incidente (ver [Definição](#)). Outros especialistas da área, no entanto, acreditam que o assassinato em série no sentido estrito do termo sempre contém outro elemento: um poderoso traço de sadismo sexual.

Certamente, esse é o aspecto do assassinato em série que o torna um crime exclusivamente hediondo – ainda pior do que o assassinato em massa. Afinal, uma coisa é ser morto por um pistoleiro enlouquecido em uma loja de conveniência; outra é ser vítima de um psicopata que explica calmamente (como um serial killer realmente fez): “Primeiro, vou torturá-lo da maneira mais horrível e dolorosa que posso imaginar. Então vou abusar sexualmente de você da maneira mais degradante que posso imaginar. Então vou matá-lo da maneira mais lenta e dolorosa que puder. Alguma pergunta?”

Albert [Fish](#) gostava de castrar adolescentes e vê-los sangrar até a morte em agonia. Leonard Lake e Charles Ng gravaram fitas de vídeo do assassinato lento e sádico de suas escravas sexuais em cativeiro. Outro serial killer torturou uma prostituta por quarenta e três dias antes de matá-la. Estes são apenas alguns dos inúmeros exemplos indescritíveis.

Nesse sentido, o assassinato em série pode ser visto como uma espécie de caricatura depravada do funcionamento sexual normal. Em vez de procurar um encontro em um bar de solteiros ou clube de dança, o serial killer vai caçar vítimas em algum campo de caça favorito – um distrito da luz

vermelha, digamos, ou um ponto de encontro homossexual. Uma vez que ele tem uma vítima em seu poder, ele alcança a liberação sexual não por meio de relações sexuais, mas por meio de tortura, degradação e, finalmente, assassinato (não é incomum que um assassino luxurioso atinja o orgasmo durante os estertores da morte de sua vítima). O chamado período de esfriamento corresponde à calma satisfeita que normalmente segue o sexo, enquanto a crescente necessidade do psicopata de matar de novo é o equivalente a aumentar a fome sexual - na verdade, o serial killer fica cada vez mais excitado por sangue.

Psicopatas sexuais desse tipo tendem a ser vítimas de abuso físico e/ou emocional extremo na infância (geralmente abuso sexual). Submetidos a criações viciosas que distorcem completamente suas naturezas eróticas, eles crescem comparando sexo não com amor e ternura, mas com agressão, domínio e raiva assassina. Para citar apenas um dos muitos exemplos: Joseph Kallinger – que torturou e mutilou uma série de meninos (incluindo seu próprio filho) – foi criado por pais que rotineiramente o açoitavam com um gato de nove caudas e o ameaçavam de castração. . Outros assassinos em série que seguem esse padrão são Henry Lee Lucas, John Wayne Gacy, Edmund Kemper e Jeffrey Dahmer — em suma, alguns dos criminosos mais monstruosos do nosso (ou de qualquer outro) tempo.

“Sempre tive o desejo de infligir dor aos outros e que os outros me infligissem dor. Eu sempre parecia gostar de tudo que doía. O desejo de infligir dor, isso é tudo o que está acima de tudo.”

UM PEIXE DE LBERT

“É provável que ele primeiro tenha cortado as gargantas de suas vítimas, depois aberto o abdômen e tateado entre os intestinos. Em alguns casos, ele cortou os genitais e os levou embora; em outros, ele apenas os rasgou em pedaços e os deixou para trás. Ele não parece ter tido relações sexuais com suas vítimas, mas muito provavelmente o ato homicida e a subsequente mutilação do cadáver foram equivalentes ao ato sexual”.

R ICHARD VON K RAFFT -E BING ,
discutindo Jack the Ripper

S ATANISMO

Se você acredita em tudo que ouve sobre *Geraldo*, pode muito bem pensar que nosso país está invadido por cultistas satânicos que regularmente se entregam ao sacrifício humano e a todo tipo de perversão indescritível. De fato, além do testemunho altamente não confiável de vários loucos religiosos e histéricos sexuais, há pouca ou nenhuma evidência de que tais covens de adoração ao diabo realmente existam, pelo menos não nos Estados Unidos da América.

Por outro lado, como os serial killers são inexoravelmente atraídos por tudo o que é sombrio e depravado, eles geralmente gostam de embelezar seus crimes – e a si mesmos – com um pouco de simbolismo satânico. Wayne Nance, um motorista de caminhão de Montana que matou cinco pessoas em meados da década de 1980, usou um cabide em brasa para marcar o número da Besta – “666” – em sua própria carne. Da mesma forma, John Kogut - um jovem paisagista de Long Island que liderou uma gangue que estuprou e assassinou três jovens - queimou uma cruz invertida em seu antebraço.

Outros autodenominados devotos do diabo gostam de deixar marcas satânicas na cena do crime. Depois de invadir a casa suburbana de uma mulher de 84 anos de Los Angeles e espancá-la até a morte, Richard, o “Noite Stalker” [Ramirez](#) desenhou pentagramas em sua pele, depois pintou mais alguns nas paredes antes de fugir. Em seu julgamento, ele manteve a imprensa entretida gritando saudações a Satanás e mostrando um pentagrama que ele havia inscrito na palma da mão. “Você não entende”, disse ele, zombando do juiz. “Você não é esperado. Estou além do bem e do mal. Legiões da noite! Raça noturna!”

Um dos mais notórios de todos os casos relacionados a Lúcifer foi o selvagem mutilação de 1984 do adolescente de Long Island Gary Lauwers pelo drogado viciado pelo diabo Rickie Kasso. “Diga que você ama Satanás!” Kasso comandava repetidamente, enquanto cortava Lauwers em pedaços com um canivete. Por mais horrível que tenha sido, no entanto, o assassinato não foi - como originalmente relatado - um sacrifício ritualístico, mas sim um ato vicioso de vingança por alguns sacos de pó de anjo roubados.

O único caso documentado de assassinato em série satânico ocorreu em Matamoros, México, onde uma gangue de drogas adoradora do diabo matou quinze vítimas de sacrifício em um rito demoníaco projetado para garantir proteção sobrenatural (veja [Cultos](#)).

PASSANDO PELOS CRACKS _ _ _

Assassinos em série tendem a possuir duas características típicas de psicopatas. Sem emoções humanas normais, eles são capazes de permanecer absolutamente calmos sob circunstâncias intensamente estressantes. Eles também têm a capacidade de parecer tão completamente e brandamente normais que é praticamente impossível para qualquer um concebê-los como assassinos enlouquecidos e de sangue frio (veja [Mask of Sanity](#)). Ambas as características têm mantido muitos assassinos em série em um lugar extremamente bom, permitindo-lhes enganar até mesmo investigadores altamente treinados e escapar da prisão por anos.

Por várias décadas, Albert [Fish](#) vagou por todo o país, em busca de presas jovens. Durante esse tempo, ele estava frequentemente sob custódia e fora de custódia por acusações que iam desde pequenos furtos até indecência pública. Em nenhum momento, no entanto, as autoridades suspeitaram que ele fosse capaz de crimes insanamente violentos. Somente em 1934 a terrível verdade veio à tona: o velho de cabelos grisalhos e avô, que parecia tão doce e gentil que estranhos confiavam seus filhos aos seus cuidados, passou a vida torturando, mutilando e, finalmente, canibalizando meninos e meninas. garotas.

Em meados da década de 1970, uma série de jovens mulheres foi sequestrada e assassinada em Seattle depois de conhecer um homem chamado “Ted”. Um dos muitos suspeitos no caso acabou por ser um estudante de direito chamado Ted [Bundy](#). Quando a polícia verificou seus antecedentes, no entanto, eles decidiram que o jovem republicano brilhante e ambicioso não poderia ser o assassino - deixando o sociopata Bundy livre para assassinar, estuprar e mutilar jovens mulheres por mais quatro anos.

Um dos casos mais notórios em que um serial killer escapou das mãos da polícia ocorreu na noite de 27 de maio de 1991, quando dois policiais de Milwaukee, alertados por uma ligação para o 911, encontraram um adolescente nu aparentemente tentando fugir de uma casa mais velha. cara.

O homem — um homem de trinta anos de fala mansa chamado Jeffrey [Dahmer](#) — explicou que ele e o menino eram amantes gays que estavam envolvidos em nada mais sério do que uma “disputa doméstica”. Dahmer foi tão educado e persuasivo que a polícia o deixou levar o adolescente de volta ao seu apartamento — onde Dahmer começou a estrangulá-lo, fazer sexo com o cadáver e desmembrar o corpo.

A polícia não é a única conhecida por deixar os monstros da vida real livres. Em 1978, o serial killer mais prolífico do mundo, Pedro Lopez, foi pego por um grupo de índios peruanos enquanto tentava sequestrar uma das meninas de sua aldeia. Os índios indignados estavam no processo de levar Lopez a uma morte lenta e agonizante, quando uma missionária apareceu em cena e os convenceu a desistir. Lopez foi entregue à polícia peruana, que simplesmente o deportou para o Equador. Como resultado da compaixão equivocada do missionário — e da negligência grosseira da polícia peruana — o “Monstro dos Andes” passou a estuprar e assassinar dezenas de mulheres equatorianas.

Uma coisa é um missionário cristão, cuja fé exige perdão, ser enganado pelo mal sociopata. Parece muito menos compreensível quando o otário é um psiquiatra treinado — supostamente um especialista no funcionamento mais obscuro da mente humana. Em setembro de 1972, um painel inteiro de psiquiatras nomeados pelo Estado entrevistou Edmund [Kemper](#) para determinar quão bem ele havia se ajustado à vida desde sua alta de um hospital psiquiátrico três anos antes. Os médicos foram unânimes em seu julgamento — Kemper não era mais uma ameaça para a sociedade. Kemper saiu da entrevista livre de qualquer supervisão psiquiátrica.

Dentro do porta-malas de seu carro estava a cabeça de uma garota de quinze anos que ele havia decapitado no dia anterior.

S ONGS

Embora as letras do rap “gangsta” cheias de crimes tenham sido alvo de todos os tipos de críticas, a verdade é que as pessoas sempre gostaram de músicas sobre sexo e violência. Os moralistas que anseiam pelos bons velhos tempos antes de músicas como “Murder Was the Case” dominarem as ondas de rádio podem ter em mente que um dos maiores sucessos da década de 1950 foi “Tom Dooley” do Kingston Trio — uma cantiga triste

sobre um cara que é prestes a ser enforcado por matar sua namorada (“Encontrei-a na montanha, / Lá tirei a vida dela. / Encontrei-a na montanha, / Esfaqueei-a com minha faca”). E, de fato – embora as canções folclóricas sejam geralmente consideradas alegres e edificantes – algumas das canções mais antigas da tradição folclórica são as chamadas baladas de assassinato, muitas das quais datam de centenas de anos e descrevem crimes violentos em detalhes horripilantes. Uma balada popular chamada “Expert Town”, por exemplo, contém letras como: “Pouca atenção eu prestei, / eu a venci cada vez mais; / Eu bati nela até o sangue escorrer—/ Seu cabelo era amarelo como ouro.”

Nos Estados Unidos, as canções sobre assassinos em série datam pelo menos do século XIX. Em seu livro *American Murder Ballads*, Olive Burt reimprime uma música sobre a notória assassina [da Viúva Negra](#), Belle Gunness, cujos primeiros versos são assim:

*Belle Gunness era uma bela dama,
No estado de Indiana.
Ela pesava cerca de trezentos quilos,
E isso é bastante peso.
Que ela era mais forte que um homem
Todos os seus vizinhos possuíam;
Ela abateu porcos com facilidade,
E fez tudo sozinho.
Mas os porcos eram apenas uma linha lateral
Ela se entregou de vez em quando
Sua ocupação favorita
Foi um massacre de homens.*

Canções contemporâneas sobre psicokillers, em suma, não são apenas uma aberração moderna, mas uma continuação de um gênero que se estende desde a Idade Média e provavelmente mais além.

Para os ouvintes adolescentes, é claro, uma das principais funções da música rock é levar seus pais a ataques de indignação. Poucas coisas podem atingir esse objetivo consagrado pelo tempo com mais eficácia do que músicas que celebram assassinos em série. Os membros da banda de Marilyn [Manson](#) prestam homenagem aos seus psicopatas favoritos em seus sobrenomes, que - além do apelido inspirado em Charlie de seu líder - incluem [Gacy](#), [Gein](#), [Berkowitz](#) e [Fish](#). A banda de "death metal" Macabre gravou canções como "The Ted [Bundy](#) Song", "Gacy's Lot" e "Edmund [Kemper](#) Had a Terrible Temper", juntamente com um álbum conceitual inteiro dedicado aos atos depravados de Jeffrey [Dahmer](#).

A seguir está uma lista de doze gravações memoráveis que tratam de assassinatos em série e caos.

1. *Bobby Darin*, "Mack the Knife". No auge da contracultura dos anos 60, nenhum hippie que se preze teria confessado uma afeição pelo canto irremediavelmente antiquado de Bobby Darin. Hoje em dia, no entanto, ele é amplamente considerado como o epítome do Sintraesque de estalar os dedos. Nesta versão irresistível de uma pequena balada arrepiante da Ópera dos *Três Vinténs* de *Kurt Weill e Bertolt Brecht de 1928*, Darin canta sobre um personagem parecido com Jack, o Estripador, chamado MacHeath. Raramente um assassinato em série soou tão sugestivo.

2. *Os Rolling Stones*, "Midnight Rambler". Embora a única coisa chocante sobre eles agora seja a idade, os Stones eram a banda de rock bad boy original: os anti-Beatles que cantaram "Let It Bleed" em resposta a "Let It Be" dos Moptops. Este hino de blues para o Boston Strangler é cantado por Mick Jagger em seu melhor momento pré-geriátrico.

3. *Warren Zevon*, "Menino Excitável". Do sardônico cantor e compositor mais conhecido por seu hit "Lobisomens de Londres", vem esta música emocionante sobre um "garoto excitável" que estupra e assassina seu par no baile de formatura do ensino médio. Depois de

cumprir dez anos de prisão, ele cava a sepultura dela e constrói “uma jaula com os ossos dela”.

4. *Talking Heads*, “Psico-assassino”. Uma incursão musical cativante na mente de um assassino homicida, esta é a música que colocou David Byrne e sua banda no mapa. *Qu'est-ce que c'est?*

5. *Polícia*, “Assassinato por Números”. Um comentário irônico sobre a cultura da violência disfarçada de hino à arte de matar. As letras de Sting desempenham um papel fundamental na trama do filme de serial killer *Copycat* de 1995.

6. *Os Beatles*, “Maxwell's Silver Hammer”. Nem todo mundo é fã dessa cantiga contagiante escrita por Paul McCartney sobre um maníaco homicida. Ian MacDonald, autor do definitivo *Revolution in the Head: The Beatles' Records and the Sixties*, chama-o de “péssimo erro de cálculo que representa o pior lapso de gosto de McCartney”.

7. *Slayer*, “Máscara de Pele Morta”. Um tributo alucinante a Ed “Psycho” Gein de uma banda que é uma das principais fornecedoras de rock “black metal”.

8. *Assassinos em série*, “ **Casa dos Horrores de [Heidnik](#)**.” Uma raridade. Lançado no obscuro selo Suspiria e prensado em vinil vermelho-sangue, este tributo punk-rock ao assassino Gary Heidnik apresenta uma melodia que pode ser melhor descrita como “primitiva”. Mas como você pode odiar uma música com letras como “Ele tinha um porão direto do inferno / Marquês de Sade pensaria que era bom”?

9. *Bruce Springsteen*, “Nebraska”. A assombrosa música-título do álbum acústico de Springsteen de 1982 é um relato em primeira pessoa da infame matança de Charles Starkweather nos ermos de Nebraska (veja [Killer Couples](#)).

10. *Alice Cooper*, “Eu amo os mortos”. Não é exatamente uma música de assassino em série, mas – com versos como “Eu amo os mortos antes que eles sejam frios / Eles são carne azulada para eu segurar” – certamente é uma que os assassinos em série podem se identificar.

11. *Guns N' Roses*, “Olhe para o seu jogo, garota”. Esta música desencadeou uma tempestade de controvérsias quando apareceu no

GNR de 1993, *The Spaghetti Incident?* álbum, mesmo que não tenha nada a ver com serial killers. O razão? Foi escrito por ninguém menos que Charles [Manson](#), que - antes de ganhar notoriedade como o líder enlouquecido de matar de um culto de hippies homicidas - era um aspirante a compositor. A versão do próprio Manson de "Look at Your Game, Girl" aparece em seu lendário LP *Lie*, junto com outras composições imortais como "People Say I'm No Good", "Garbage Dump", "Sick City" e "Don' t Faça Qualquer Coisa Ilegal." A discografia do Manson também inclui: *The Manson Family Sings*, *Charles Manson Live at San Quentin*, e um CD recente chamado *Commemoration*, que inclui sua homenagem a Hank Williams Sr. e vários números sinceros sobre o meio ambiente.

12. *A Máquina Infernal de Joe Coleman*. Ao contrário dos títulos anteriores nesta lista, este é um *álbum inteiro* de música relacionada ao caos montado pelo único Joe Coleman (ver [Art](#)). Entre seus muitos tesouros estão o canto country-western de Red River Dave, "California Hippie Murders" e "Strangler in the Night", com letra de Albert "Boston Strangler" [DeSalvo](#)!

SERIAL KILLERS



Capa do disco de "A Casa dos Horrores de Heidnik"; arte de Liz Pop (Cortesia de Larry Kay e Paul Bearer)

No reino da música pop relacionada a serial killers, também deve ser feita menção ao agora extinto grupo punk Ed Gein's Car; o álbum de 1991 *Too Much Joy* de um grupo chamado Cereal Killers (entendeu?); e o single de edição limitada “Biter” da banda de Kansas City Season to Risk, que apresenta uma pintura de capa de John Wayne Gacy.



Capa do álbum para *A Máquina Infernal* de Joe Coleman

(Cortesia de Joe Coleman)

S OVENIRES

Veja [Troféus](#).



Richard Speck

Estritamente falando, Richard Speck era um [assassino em massa](#), não um serial killer, já que os crimes que lhe renderam infâmia eterna foram todos cometidos em uma única noite. Ainda assim, esses crimes foram tão horríveis que colocam Speck diretamente nas fileiras dos monstros americanos do século XX.



Richard Speck; de 52 cartas colecionáveis de Assassinos Famosos

(Cortesia de Roger Worsham)

Um bandido desajeitado, cheio de cicatrizes de acne, viciado em bebida e drogas, Speck havia registrado quase quarenta prisões aos vinte anos por crimes que iam de roubo a assalto com arma mortal. Os assassinos em massa às vezes são chamados de “bombas-relógio humanas” – e a descrição certamente se encaixa em Speck, cuja vida foi um acúmulo lento e inexorável de uma explosão devastadora de violência.

Essa explosão ocorreu na noite de 13 de julho de 1966. Speck - que trabalhava como marinheiro mercante - estava em Chicago, esperando para embarcar para Nova Orleans. Ele passou o dia bebendo álcool, bebendo refrigerantes e cobiçando as mulheres enquanto elas tomavam banho de sol no parque atrás de Jeffrey Manor, uma casa da cidade para estudantes de enfermagem que trabalham em um hospital local. Por volta das 23h, Speck voltou para a casa da cidade e bateu na porta. Foi aberto por uma estudante de enfermagem de 23 anos chamada Corazon Amurao, que se viu cara a cara com um estranho bexiguento brandindo uma faca e uma arma. "Eu não vou te machucar", disse Speck enquanto empurrava seu caminho para dentro. “Preciso do seu dinheiro para ir a Nova Orleans.”

Speck a levou para o andar de cima, onde encontrou mais cinco estudantes de enfermagem. Reunindo-os todos em um quarto, ele ordenou que se deitassem no chão. Então, rasgando um lençol em tiras, ele começou

a amarrar suas vítimas aterrorizadas. Na hora seguinte, mais três jovens chegaram à casa da cidade. Eles também acabaram amarrados e indefesos no chão do quarto.

Brincando com sua arma, Speck sentou-se no chão com seus nove cativos, enquanto embora debatendo o que fazer com eles. Finalmente, ele chegou a uma decisão medonha. Desamarrando Pamela Wilkening, de vinte anos, ele a levou para um quarto contíguo, onde a esfaqueou no peito e a estrangulou. Mary Ann Jordan e Suzanne Farris foram as próximas. Speck os empurrou para outro quarto e os atacou com sua faca.

Parando para lavar o sangue de suas mãos, Speck voltou ao seu trabalho horrível. Uma a uma, as jovens foram levadas para diferentes quartos e brutalmente mortas – algumas tiveram suas gargantas cortadas, outras foram estranguladas. A última a morrer foi Gloria Davy, de 22 anos. Speck levou seu tempo, estuprando-a duas vezes antes de sodomizá-la com um objeto estranho e estrangulá-la até a morte.

Tendo despachado cada uma das jovens – ou assim ele pensou – Speck se arrastou para a noite. Mas durante sua fúria, ele havia perdido a conta de suas vítimas. Uma das estudantes de enfermagem — Corazon Amurao — conseguiu se esconder debaixo de uma cama. Esperando até as cinco da manhã, ela saiu de baixo do colchão, foi até a varanda e começou a gritar: “Eles estão todos mortos! Meus amigos estão todos mortos!”

A partir da descrição de Amurao, juntamente com outras pistas - principalmente as impressões digitais que ele havia deixado por todo o apartamento e os nós reveladores que ele havia amarrado, que eram característicos de um marinheiro - a polícia rapidamente identificou Speck, que foi preso no Cook County Hospital após um suicídio fracassado. tentar. Ele recebeu a sentença de morte, mas quando a Suprema Corte dos Estados Unidos aboliu a pena de morte, ele foi sentenciado novamente a penas perpétuas consecutivas no valor de quatrocentos anos. Ele havia servido apenas dezenove deles quando morreu na prisão de um ataque cardíaco.



A fita da mancha

Em maio de 1995, o público viu pela primeira vez uma fita VHS granulada que deu um novo significado ao termo “vídeo pornográfico”. Filmado na prisão de Stateville em 1988 – três anos antes de sua morte – a fita mostra Richard Speck cheirando cocaína, praticando sexo oral com outro preso e exibindo seu corpo monstruosamente repulsivo.

Parecendo indescritivelmente grotesco em um penteado loiro e curto, Speck – descansando em uma cela com sua jovem amante afro-americana – brinca sobre seus assassinatos, fala sobre o quanto ele gosta de ser penetrado anal por outras homens, e se gaba da boa vida que tem desfrutado na prisão. “Se eles soubessem o quanto eu estava me divertindo aqui”, ele diz, rindo, “eles me soltariam”.

No que talvez seja o momento mais revoltante desta fita completamente odiosa, Speck – a mando de seu amante – tira a roupa para revelar que está usando uma calcinha de seda azul e um conjunto de seios femininos induzidos por hormônios. Ele então passa a realizar felação no outro homem.

Quando este vídeo foi mostrado aos legisladores de Illinois, desencadeou uma tempestade de indignação. “Esse é o tipo de coisa que realmente abala a confiança do público no sistema de justiça criminal”, observou um legislador estadual. Na verdade, este comentário foi um eufemismo significativo. A fita era tão abominável que - depois que partes dela foram transmitidas em emissoras de notícias de todo o país - até alguns oponentes obstinados da pena de morte se arrependeram de que Speck havia escapado da execução.

ASSASSINATOS DE S PREE

Em seus esforços para estabelecer classificações criminais precisas, o **FBI** distingue entre assassinato em série e assassinato em série. De acordo com as definições do Bureau, um serial killer sempre experimenta um período de “esfriamento” emocional entre seus crimes – um hiato que dura de dias a anos. Por outro lado, um spree killer é alguém que mata uma série de

peessoas em vários locais diferentes sem período de reflexão entre os homicídios.

Um caso clássico de matança ocorreu em 1949, quando um ex-soldado enlouquecido chamado Howard Unruh atravessou seu bairro de Camden, Nova Jersey, com uma Luger de 9 mm na mão, atirando em todos que cruzavam seu caminho. No espaço de apenas doze minutos, ele matou treze pessoas e feriu mais três. Mais recentemente, um inglês de 27 anos chamado Michael Ryan se vestiu como Rambo – com um fuzil de assalto AK-47 Kalashnikov – e passou a manhã de 19 de agosto de 1987 atirando em trinta pessoas ao redor da cidade mercantil britânica de Hungerford.

Outros assassinos de farra, no entanto, cometem seus crimes por um período de tempo muito mais longo. Isso pode fazer com que a distinção do FBI entre assassinato em série e assassinato em série pareça um pouco embaçada. Em 1984, por exemplo, um homicida maníaco chamado Christopher Wilder foi em uma onda de assassinatos que deixou seis mulheres mortas em um mês. Talvez o mais famoso de todos os spree killers americanos, Charles Starkweather, matou dez pessoas durante um tumulto de 26 dias pelos ermos de Nebraska e Wyoming (veja [Killer Couples: A Couple of Crazy Kids](#)).

Talvez uma distinção mais útil entre assassinato em série e homicídio em série tenha a ver com motivos subjacentes. O assassinato em série é, em última análise, um crime sexual. O serial killer passa muito tempo (talvez anos) entregando-se a fantasias obsessivas e obsessivas sobre domínio, tortura e assassinato. Finalmente, impulsionado por uma fome avassaladora, ele sai em busca de um tipo muito preciso de vítima (mulheres com longos cabelos escuros repartidos ao meio, por exemplo, ou adolescentes asiáticos). Uma vez que ele tenha cumprido seus desejos depravados, sua sede de sangue diminui por um certo período de tempo, até que se transforma em uma necessidade irresistível.



Charles Starkweather; dos Assassinos! conjunto de cartas

(Cortesia de Roger Worsham)

assassinato em massa, por outro lado, é realmente uma forma de [assassinato em massa móvel](#). Enquanto o assassino em massa comete seus crimes em um único local (por exemplo, o funcionário descontente que de repente enlouquece e explode todos os seus colegas de trabalho), o assassino se desloca de um lugar para outro (por um bairro, em uma cidade ou mesmo em todo um condado ou estado). Mas sua fúria é essencialmente um único massacre prolongado (mesmo quando dura várias semanas).

Em suma, o assassino de farra geralmente não é um psicopata sexual, mas um indivíduo profundamente desequilibrado que de repente se descontrola e embarca em uma jornada assassina. passeio, deixando um rastro de cadáveres em seu rastro. Os assassinos de farra compartilham outra característica com os assassinos em massa: são movidos por impulsos profundamente autodestrutivos. Normalmente, seus ataques terminam com suas próprias mortes, seja por suicídio ou em uma enxurrada de tiros da polícia. Eles são bombas-relógio ambulantes que detonam sem aviso prévio, destruindo todos à vista – inclusive eles mesmos.

Esse impulso suicida ficou claro no caso de Andrew Cunanan, cujo tumulto pelo país se tornou uma sensação da mídia mundial no verão de 1997. Um jovem carismático que levava uma vida hedonista e chamativa como o brinquedo de menino homens gays, Cunanan eventualmente entrou em uma espiral descendente repentina, possivelmente como resultado do abuso de drogas. No verão de 1996, o festeiro de luxo levava uma existência sórdida e desesperada. Pouco depois, ele embarcou em uma onda

de assassinatos que culminou no assassinato do famoso estilista Gianni Versace. Com uma gigantesca caça ao homem em andamento, Cunanan se refugiou em uma casa-barco em Miami, onde, em 25 de julho de 1997, deu um tiro na cabeça com seu revólver calibre .40.

Cunanan se encaixa perfeitamente no perfil de um assassino de farra: um indivíduo profundamente amargurado, cheio de raiva e ressentimento reprimidos, cujo mundo de repente desmorona. A vida tornou-se insuportável, ele decide sair com um estrondo - mas não sem levar outros com ele. Além disso, ao cometer um crime tão importante, ele procura demonstrar que é alguém com quem, afinal de contas, não é a nulidade que parece ser, mas o tipo de pessoa que pode prender a atenção do mundo.

A mesma síndrome psicológica pode ser vista no caso de outro assassino spree cujos crimes mantiveram a nação em cativeiro: o "Beltway Sniper", John Allen Muhammad. Um homem extremamente arrogante, Muhammad falhou em todas as áreas da vida adulta - casamento, paternidade, negócios. Fervendo de ressentimento, ele culpou todos, menos a si mesmo, por sua vida fracassada. Com a ajuda de um cúmplice adolescente, Muhammad – que havia aprimorado suas habilidades de tiro no exército – partiu em uma farra aterrorizante, atirando aleatoriamente em mais de uma dúzia de pessoas na área de Washington, DC, enquanto realizavam suas rotinas diárias. . Como no caso de Cunanan, os crimes foram a maneira de Maomé se vingar da sociedade e satisfazer seu próprio senso iludido de importância.

Ao contrário de Cunanan, Maomé foi levado vivo, embora tivesse planejado para acabar com sua vida do mesmo jeito. Ele aguarda execução na Virgínia, tendo sido condenado à morte em março de 2004. Seu acólito adolescente, Lee Boyd Malvo, recebeu uma sentença de prisão perpétua.

ESTATÍSTICAS _

Se você mora na Califórnia e é o tipo de pessoa que se preocupa obsessivamente em encontrar um serial killer, considere se mudar para um lugar diferente – como Maine. De todos os estados da união, a Califórnia tem o maior número de casos de homicídios em série no século XX – 16% do total nacional. Maine, por outro lado, tem o mais baixo – nenhum. Outros estados a evitar: Nova York, Texas, Illinois e Flórida. Os lugares

mais seguros da América, pelo menos em termos de assassinato em série, são Havaí, Montana, Dakota do Norte, Delaware e Vermont, cada um dos quais teve apenas um caso de assassinato em série no século XX.

Para o estudante de assassinato em série com mentalidade estatística, aqui estão alguns outros fatos e números interessantes:

- Os Estados Unidos são o maior produtor de assassinos em série, com 76% do total mundial. A Europa vem em um distante segundo lugar com míseros 17%.
- A Inglaterra produziu 28% do total europeu. A Alemanha está em segundo lugar muito próximo com 27 por cento, e a França é a terceira com 13 por cento.
- Em termos demográficos, a grande maioria dos assassinos em série americanos — 84% — são caucasianos e apenas 16% negros.
- Em termos de gênero, os homens constituem a esmagadora preponderância dos serial killers – pelo menos 90%. De fato, dependendo de como o crime é definido, muitos especialistas acreditam que o assassinato em série é uma atividade exclusivamente masculina. (Veja [Definição](#) e [Mulheres](#).)
- Embora as mulheres constituam, no máximo, uma fração infinitesimal dos assassinos em série, elas constituem a maioria das vítimas – 65%.
- É muito raro um serial killer atacar membros de outra raça. Como a maioria dos serial killers são brancos, a grande maioria das vítimas também é branca – 89%.
- Assassinato em série tende a ser crime de um jovem. A maioria dos serial killers – 44 por cento – inicia suas carreiras mortais na casa dos vinte anos, com 26 por cento começando na adolescência e 24 por cento na casa dos trinta.
- Se você está procurando uma carreira que o mantenha a salvo de assassinos em série, você deve evitar a prostituição, já que as prostitutas são os principais alvos dos assassinos sexuais sociopatas. A má notícia é que realmente não há nenhuma

profissão que necessariamente irá protegê-lo de um encontro com um serial killer. Em quase 15% dos casos de assassinato em série, as vítimas são escolhidas inteiramente ao acaso.

SUICÍDIO _

Veja [Desejo de Morte](#).



TEATRO _

Os tipos de doentios que agora chamamos de assassinos em série – açougueiros sanguinários que se divertem com tortura, mutilação e toda variedade concebível de assassinato – foram retratados no palco por séculos. Durante a era elisabetana, por exemplo, uma das formas mais populares de drama era a chamada tragédia de vingança, apresentando vilões que nunca ficavam mais felizes do que quando arrancavam os olhos de um rival ou arrancavam suas entranhas ou lhe davam tortas feitas com o cheiro fétido. carne de seus próprios filhos. Até Shakespeare entrou em cena. Em sua peça *Titus Andronicus*, uma jovem – após ser estuprada por uma gangue – tem sua língua cortada e suas mãos cortadas para evitar que ela identifique seus agressores.

Alguns séculos depois, os parisienses afluíram ao Teatro do Grand Guignol, especializado em esquetes insanamente sádicas com títulos como “O Jardim da Tortura”, “O Mercador de Cadáveres”, “O Beijo de Sangue”, “O Castelo da Morte” e “O Horrível Experimento”. Os enredos, como eram, eram pouco mais do que um pretexto frágil para retratar as atrocidades mais ultrajantes imagináveis, todas simuladas com efeitos de palco chocantemente realistas. O público gritou, desmaiou e, ocasionalmente, perdeu seus jantares enquanto assistia psicopatas gargalhantes amputam os membros de suas vítimas ou arrancam suas línguas ou viram seus crânios abertos ou grelham seus rostos em fogões em brasa.

Hoje em dia, a tradição de Grand Guignol de gore gratuito e efeitos de revirar o estômago foi amplamente dominada por [filmes de terror de baixo](#)

orçamento (e a ocasional produção de Hollywood de alto nível, como *Hannibal*, de Ridley Scott). Ocasionalmente, no entanto, uma peça sobre assassinato em série ainda aparece no palco da Broadway. O “suspense musical” de Stephen Sondheim de 1979, *Sweeney Todd*, por exemplo, ressuscita o conto do lendário “Demon Barber of Fleet Street” – o louco vitoriano que massacrava seus clientes em sua cadeira especialmente projetada, então (com a ajuda de sua senhoria-amante) transformou-os em tortas de carne. A partitura, uma das melhores de Sondheim, contém o hino mais espirituoso ao canibalismo já escrito (“A Little Priest”).

Não há músicas em *The Pillowman*, de Martin McDonagh, que estreou na Broadway em 2005. Como a peça de Sondheim, no entanto, contém uma potente mistura de horror e humor, juntamente com alguns momentos chocantes que não estariam fora de lugar no palco do Teatro do Grand Guignol. Uma meditação sobre o poder de contar histórias, a peça trata de uma série de terríveis assassinatos de crianças que podem ou não ter sido inspirados nos contos macabros escritos pelo personagem principal e cometidos por seu irmão deficiente mental.

Outra peça recente e poderosamente perturbadora sobre assassinato em série é *Frozen*, de Bryony Lavery, um drama angustiante de três personagens sobre uma britânica, Nancy, cuja filha de dez anos é sequestrada e morta por um serial killer; o próprio serial killer, um pedófilo com lesão cerebral chamado Ralph; e uma psicóloga americana, Agnetha, que estuda as causas do homicídio em série. A teoria de Agnetha – que a psicopatologia criminal está enraizada em mudanças neurológicas causadas por abuso infantil extremo – ecoa de perto a da psiquiatra criminal da vida real Dorothy Otnow Lewis, coautora do influente estudo de 1999 *Guilty by Reason of Insanity*. As semelhanças não foram perdidas por Lewis, que, em 2004, abriu um processo de plágio altamente divulgado contra o dramaturgo, alegando que Lavery não apenas havia roubado seu livro, mas “roubado sua vida”.



Jane Toppan

Eles chamam as enfermeiras de “anjos da misericórdia” – e ao que parece, Jane Toppan se encaixa nessa descrição. Além de sua óbvia competência, ela parecia ser uma mulher sensível e simpática que havia trabalhado para algumas das melhores famílias de Boston. Claro, nenhum de seus empregadores sabia nada sobre os primeiros anos de Jane. Eles não sabiam sobre a morte trágica de sua mãe quando Jane era apenas uma criança – ou sobre a insanidade subsequente de seu pai, que o impeliu a costurar as pálpebras um dia em sua alfaiataria em Boston. Eles não estavam cientes das próprias tentativas de suicídio de Jane depois de ser abandonada por seu noivo. Ou as obsessões mórbidas que ela demonstrou durante seus anos de estudante de enfermagem em um hospital de Cambridge, onde seu fascínio bizarro por autópsias se tornou uma fonte de consternação para seus supervisores.

Não foi até que os membros da família Davis começaram a cair como moscas no verão de 1901 que a terrível verdade sobre a enfermeira habilidosa e aparentemente compassiva finalmente veio à tona. Longe de ser um “anjo de misericórdia”, Jane Toppan acabou sendo um dos “anjos da morte” mais sanguinários da América.

A Sra. Mattie Davis foi a primeira a ir, presumivelmente por insuficiência cardíaca. Ela morreu enquanto visitava sua velha amiga Jane Toppan. A filha mais velha de Davis, a sra. Annie Gordon, ficou tão aflita que se voltou para a enfermeira Toppan em busca de alívio. Toppan obrigado administrando algumas injeções. Pouco depois, Annie Gordon seguiu sua mãe até o túmulo. Poucos dias depois, o patriarca da família, o capitão Alden Davis, foi derrubado, supostamente por um grande derrame. Ele também estava recebendo medicação da enfermeira Toppan. Isso deixou apenas um membro sobrevivente da família, outra filha casada, a Sra. Mary Gibbs. Vários dias após o funeral de seu pai – depois de se colocar sob os cuidados da gentil enfermeira Toppan – Mary Gibbs também caiu morta.

Com toda a família de sua esposa exterminada em menos de seis semanas, o marido de Mary Gibbs exigiu uma autópsia. Toppan fez o possível para evitar isso, mas Gibbs – suspeitando de crime – chamou a Polícia Estadual de Massachusetts. A autópsia no corpo de Mary Gibbs confirmou os medos mais sombrios de seu marido. Sua esposa havia sido

morta com uma injeção letal de morfina e atropina, obviamente administrada por Jane Toppan.

Até então, Toppan havia fugido de Boston. Ela foi finalmente presa em Amherst, New Hampshire, em 29 de outubro de 1901 - embora não antes de ter eliminado sua própria irmã adotiva.

A princípio, Toppan insistiu em sua inocência, embora ela admitisse ao à polícia que ela “frequentemente tinha problemas com a cabeça”. Enquanto os investigadores investigavam seu passado, eles descobriram uma série de ex-pacientes que sofreram mortes súbitas e misteriosas. Questionado por psiquiatras (ou “alienistas” no jargão da época), Toppan finalmente confessou ter envenenado não apenas os quatro membros da família Davis, mas também outras sete pessoas – onze vítimas no total. Mais tarde, ela diria a seu próprio advogado que o total verdadeiro era trinta e um.

Em seu julgamento de 1902, os médicos testemunharam que Toppan havia “nascido com uma condição mental fraca e nervosa” e sofria “de falta de senso moral e autocontrole defeituoso”. Havia motivos para acreditar que sua condição era hereditária: não apenas seu pai, mas também sua irmã haviam acabado em um manicômio. O próprio testemunho de Toppan ajudou a convencer o júri de sua loucura. “Essa é minha ambição”, declarou ela, “ter matado mais pessoas – mais pessoas indefesas – do que qualquer homem ou mulher que já viveu”. Declarada insana, ela foi confinada a um asilo estadual, onde morreu em 1938, aos oitenta e quatro anos.

“Essa é minha ambição, ter matado mais pessoas – mais pessoas indefesas – do que qualquer homem ou mulher que já viveu.”

J A N E T O P P A N

ATRAÇÕES TURÍSTICAS _ _

Desde o verão de 1994, um dos pontos turísticos mais populares de Los Angeles tem sido o condomínio Brentwood, onde a falecida Sra. OJ Simpson e seu amigo garçom, Ron Goldman, tiveram seu fim brutal. O que devemos fazer com esse fenômeno? Será que os turistas que vêm admirar esta célebre cena de crime são pouco mais do que voyeurs mórbidos satisfazendo seu fascínio lascivo? Nós vamos . . . sim. E esse fascínio

reflete algo alarmante sobre o declínio dos valores morais em nossa sociedade obcecada pela violência? Absolutamente não. O fato é que, para o bem ou para o mal, o público intenso o fascínio por crimes sensacionais sempre foi uma característica da sociedade humana – e vendedores ambulantes sempre encontraram maneiras de explorá-lo.

Cem anos atrás, nossa nação foi fascinada pelo caso do “multi-assassino” HH [Holmes de Chicago](#), que eliminou um número indeterminado de vítimas nas profundezas labirínticas de seu chamado Murder Castle. Assim como o público enlouquecido por JO de hoje, os americanos não se cansaram da história de Holmes. Percebendo o potencial comercial dessa mania, um aspirante a showman chamado AM Clark alugou a notória residência do “multi-assassino” e anunciou seus planos de transformá-la em um “museu do assassinato”, completo com visitas guiadas por um detetive de homicídios de Chicago. O castelo, no entanto, foi destruído por um incêndio misterioso antes que Clark pudesse lucrar com sua reputação horrível.

Sessenta anos depois, outro incêndio suspeito destruiu a casa de fazenda em ruínas do ghoul de Wisconsin, Ed [Gein](#), pouco antes de a propriedade ser leiloada. Durante meses, o lugar atraiu hordas de curiosos. O incêndio da casa (aparentemente por moradores indignados) acabou com qualquer plano de transformá-la em um local turístico permanente. Um expositor chamado Bunny Gibbons, no entanto, surgiu com outra maneira de capitalizar a notoriedade de “Crazy Ed”. Licitando com sucesso o sedã Ford de Gein, Gibbons equipou o carro com um par de bonecos de cera - um no banco do motorista, simulando Ed, o outro representando um cadáver feminino mutilado. Em seguida, ele exibiu o “Carro da Morte de Ed Gein” em feiras de condado por todo o Meio-Oeste, cobrando dois pedaços cada um para dar uma espiada no CARRO QUE LEVOU OS MORTOS DE SEUS TÚMULOS!

Esse espetáculo macabro, no entanto, empalideceu diante da atmosfera de carnaval que prevalecia na propriedade da infame assassina [da Viúva Negra](#) Belle Gunness, nas semanas seguintes à descoberta de seus crimes. Viajando de carroça, automóvel e trem de excursão especial, milhares de habitantes do Meio-Oeste se reuniram na fazenda onde uma dúzia de vítimas de assassinato foram desenterradas. Uma vez lá, eles poderiam ficar

boquiabertos com as sepulturas abertas e espiar os restos em decomposição em exibição na cocheira. Depois de ver as partes do corpo decompostas, eles poderiam se preparar para um piquenique em família e depois se deliciar com doces e sorvetes vendidos por vendedores ambulantes locais. E para aqueles que desejam uma lembrança da ocasião, havia belos cartões-postais de uma das vítimas desmembradas de Gunness.

Como o xerife local proclamou alegremente: “Eu nunca vi as pessoas se divertirem melhor!”

T RANSVESTISMO

Travestis homicidas têm sido uma característica dos filmes de terror desde que Norman Bates, de Anthony Perkins, vestiu as roupas de sua mãe e esquartejou Janet Leigh no chuveiro. Na vida real, é claro, não há nenhuma correlação entre travestismo e violência. Pelo contrário, caras que gostam de usar suéter angorá e salto alto tendem a ser perfeitos cavalheiros. Existem vários casos, no entanto, em que o travestismo tem sido um fator na formação de assassinos em série.

No início de suas infâncias, Charles [Manson](#) e Henry Lee [Lucas](#) foram obrigados a se vestir como meninas. Manson, que suportou o tipo de educação brutalizada [que](#) parece garantido para produzir psicopatologia extrema, estava constantemente sendo transportado entre parentes enquanto sua mãe rebelde estava se prostituindo ou cumprindo pena na prisão. Aos seis anos, ele foi enviado para a Virgínia para morar com uma tia e um tio. Este último provou ser um valentão sádico que estava constantemente ridicularizando sua pequena carga como uma “maricas”. Para deixar claro, ele impôs uma punição cruel, forçando o jovem Charlie a comparecer ao primeiro dia de aula de vestido.

Lucas foi submetido à mesma crueldade, só que desta vez o perpetrador foi sua própria mãe dura, uma mulher insanamente viciosa que - entre suas inúmeras outras formas de abuso - enrolou o cabelo loiro de seu filhinho em cachos e o mandou para a escola em roupas de menina.

Claramente, nem Manson nem Lucas gostavam de ser uma garota. Um serial killer lendário que *fez isso* foi Edward [Gein](#), mas ele era menos um travesti do que um transexual frustrado. Em seus esforços loucos para se

transformar em mulher, Gein tentou confeccionar um terno feito de pele esfolada dos torsos de cadáveres femininos desenterrados. Vestido com essa fantasia medonha – um “colete mamário” e leggings de pele humana, com uma vulva afixada em sua virilha – ele saltitava em torno de sua casa decadente, fingindo ser sua própria mãe. Gein, é claro, serviu de modelo na vida real para o travesti Norman Bates, bem como para Buffalo Bill, a malévola aspirante a mulher de *O Silêncio dos Inocentes*, de Thomas Harris.



Vestida para matar

Michael Caine interpreta um psiquiatra de Nova York que acaba sendo (surpresa!) mais maluco do que um pote de 300 ml de Jif nesta homenagem hitchcockiana de 1980, dirigida com talento típico por Brian De Palma. Sua cena mais memorável – na qual Angie Dickinson é cortada em pedaços em um elevador por um assassino travestido – carrega um verdadeiro golpe (embora não corresponda ao brilho de sua fonte, a famosa cena do chuveiro em *Psicose*). Em suma, *Dressed to Kill* é um excelente exemplo cinematográfico do gênero serial-killer travesti.

TRIAD _

Embora seja impossível prever se um jovem se tornará um serial killer, existem três sintomas infantis que os criminologistas consideram os principais sinais de perigo. Eles são:

1. *Enurese* (mais comumente conhecida como xixi na cama). Muitas crianças fazem xixi na cama. Mas esse comportamento pode ser um sinal de patologia mais profunda quando persiste além dos doze anos. (Mais de 60% dos serial killers ainda faziam xixi na cama quando adolescentes.)

2. *Arranque de fogo*. As crianças gostam de brincar com fósforos porque ficam intrigadas com as chamas brilhantes, coloridas e bruxuleantes. Mas os serial killers em ascensão levam esse interesse a um extremo assustador. Seu fascínio pelo fogo é uma manifestação precoce de sua predileção pela

destruição espetacular. Ottis Toole — o ajudante cretino de Henry Lee [Lucas](#) — incendiou uma casa do bairro quando tinha seis anos. O assassino de emoções adolescente George Adorno era ainda mais jovem quando exibiu suas tendências piromânicas pela primeira vez, incendiando sua própria irmã quando tinha apenas quatro anos. O incorrigível Carl [Panzram](#) foi jogado em um reformatório quando tinha onze anos. Alguns meses depois, ele incendiou o local, causando danos no valor de US\$ 100.000.

3. *Atividade sádica.* Antes de serem grandes o suficiente para causar danos a outros seres humanos, os futuros serial killers se divertem atormentando pequenas criaturas. Veja [Tortura Animal](#).

A palavra *tríade* significa simplesmente qualquer grupo de três. Quando os criminologistas usá-lo em relação a assassinos em série, eles estão se referindo a esse conjunto específico de sintomas. É claro que, mesmo quando uma criança exibe todos os três — urinar na cama por muito tempo, acender fogo e crueldade sádica com os animais — não há garantia de que ela se torne um serial killer.

Ainda assim, é um *péssimo* sinal.

ARMADORES _

Uma característica distintiva do assassinato em série é o chamado [Período de Resfriamento](#). Semanas, meses, até anos podem decorrer entre os crimes de um assassino. O tempo todo, no entanto, sua fome de sangue está crescendo dentro dele, suas fantasias de tortura e morte estão se tornando mais urgentes a cada dia. De repente, algo o empurra do devaneio mórbido para a ação assassina, levando-o a realizar suas fantasias letais em vítimas vivas. Os criminologistas chamam esse “algo” de *fator desencadeante*.

Prevenir o assassinato em série poderia ser mais fácil se houvesse alguma maneira de identificar os gatilhos específicos que levam os psicopatas a matar. Infelizmente, não existem tais meios. Quase tudo pode inflamar um serial killer. Às vezes, é a aparência da vítima. A mania homicida de Ed [Gein](#) foi inspirada em mulheres matronas, enquanto David [Berkowitz](#) descarregava sua fúria psicótica em mulheres bonitas de cabelos castanhos compridos.

Casos como esses fazem um certo sentido psicanalítico, já que os gatilhos podem ser vistos como substitutos simbólicos para figuras odiadas do passado do assassino. (No caso de Gein, foi sua mãe monstruosa; no caso de Berkowitz, as várias garotas que o rejeitaram desde a infância.) . Um maníaco massacrava suas vítimas depois de receber instruções de alienígenas OVNI, enquanto o assassino de luxúria alemão Heinrich Pommerencke foi inspirado a cometer um massacre em série por uma cena em *Os Dez Mandamentos de Cecil B. DeMille*.

A natureza totalmente imprevisível desses fatores desencadeantes é uma das coisas mais assustadoras sobre assassinos em série. Uma jovem pode ser assassinada porque tenta fugir. Outro pode ser morto pelo motivo oposto. Ao concordar em realizar qualquer ato sexual que seu sequestrador queira, ela ameaça seu senso de controle. Percebendo sua oferta desesperada como uma tentativa de assumir o controle da situação, ele fica furioso e a mata.

Em suma, simplesmente não há como dizer o que vai levar um serial killer a uma súbita raiva homicida. Uma noite no final de dezembro de 1981, um sociopata chamado David Bullock foi ao apartamento de um conhecido chamado Herbert Morales. Morales estava muito orgulhoso de sua árvore de Natal, que ele se esforçou muito para decorar. Enquanto Bullock estava lá, Morales começou a ajustar alguns dos ornamentos.

Como Bullock explicou mais tarde à polícia, Morales “começou a mexer com a árvore de Natal, me dizendo como a árvore de Natal era bonita. Então eu atirei nele.”

“Ele começou a mexer com a árvore de Natal, me dizendo como a árvore de Natal era bonita. Então eu atirei nele.”

D AVID B ULLOCK,
*explicando por que ele assassinou um conhecido após uma festa de
Natal de 1981*

T ROFIAS

Para estudantes sérios de assassinato em série, um livro de referência padrão é o enciclopédico *Hunting Humans*, de Michael Newton. O título deste trabalho pretende transmitir a natureza predatória dos assassinos em

série – a maneira como eles perseguem e matam suas vítimas, como se outras pessoas não fossem nada mais do que animais de caça a serem massacrados por prazer.

Mas o título de Newton também é adequado por outro motivo. Como caçadores de caça grossa que comemoram suas façanhas trazendo para casa um troféu da morte – um conjunto de chifres, uma cabeça empalhada ou uma pele de prêmio – o serial killer geralmente faz a mesma coisa, removendo um item de sua vítima e preservando-o. como uma preciosa lembrança.

Às vezes, esses objetos são completamente mundanos – uma bijuteria, um relógio de pulso barato, uma foto de família ou algum outro objeto pessoal com pouco ou nenhum valor aparente. Mas o objeto claramente tem grande valor para o serial killer, ou então ele não correria o risco de ser pego com uma prova tão incriminadora em sua posse. Dependendo do que isso valor é, esses itens são classificados pelo [FBI](#) como “lembranças” ou “troféus”. “Souvenirs” são definidos como itens que são usados para alimentar as fantasias de um serial killer, enquanto “troféus” são objetos que são guardados como prova de sua habilidade.

Para todos os efeitos, no entanto, não há muita diferença entre os dois. Em última análise, ambos servem ao mesmo propósito para um serial killer, preenchendo-o com um senso de seu próprio poder e permitindo que ele reviva seus crimes em fantasia enquanto contempla seus tesouros mórbidos. Em suma, esses itens são essencialmente *objetos de fetiche* que proporcionam prazer intenso e pervertido a seus colecionadores.

A prova dessa perversidade está na natureza de muitos desses troféus. Enquanto alguns são comuns, outros são claramente sexuais. A roupa íntima de uma vítima feminina é a favorita entre os assassinos de luxúria, com saltos altos e meias de náilon em segundo lugar.

Os troféus mais hediondos de todos, é claro, são partes do corpo humano. Os assassinos em série são conhecidos por coletar tudo, desde recortes de unhas até corpos inteiros. O assassino sexual britânico John Reginald Christie mantinha três cadáveres completos em seu armário da cozinha, enquanto a extensa coleção de Jeffrey [Dahmer](#) incluía crânios pintados,

cabeças refrigeradas e órgãos genitais masculinos armazenados em uma panela de lagosta.

O mais infame de todos os colecionadores de troféus humanos foi o ghoul de Wisconsin, Ed [Gein](#), que transformou sua casa de fazenda em ruínas em uma espécie de museu de história não natural, cheio de artefatos humanos cuidadosamente preservados. Entre seus tesouros medonhos estavam assentos de cadeira feitos de carne humana, tigelas de sopa feitas de crânios, um cinto de mamilo e uma caixa cheia de vulvas preservadas. Talvez o mais chocante de tudo tenha sido os itens encontrados em seu quarto: uma coleção de rostos femininos, esfolados de seus crânios, bronzeados, empalhados e montados na parede — exatamente como troféus de caça premiada.

TIPOS _

[definição](#) exata de assassinato em série continua sendo uma questão de debate nos círculos criminológicos. Na visão de alguns especialistas, o assassinato em série, no sentido estrito do termo, é essencialmente sinônimo de assassinato sádico por luxúria. Outras autoridades, no entanto, têm uma visão mais ampla do assunto e acreditam que existem diferentes tipos de serial killers. De acordo com esses especialistas, os serial killers podem ser divididos nas quatro categorias a seguir:

1. Assassinos *visionários*. A maioria dos serial killers são psicopatas — isto é, seres humanos inteligentes, mas totalmente amorais, caracterizados por uma completa falta de consciência ou empatia. Os assassinos visionários, por outro lado, são *psicóticos* — pessoas cujas mentes são dominadas por delírios e alucinações bizarras. David “Filho de Sam” [Berkowitz](#), por exemplo, alegou que estava obedecendo a um demônio que transmitia suas ordens através do cachorro de estimação de um vizinho. Herbert Mullin, que matou treze pessoas no início dos anos 1970, era um esquizofrênico paranóico que ouviu “vozes telepáticas” ordenando-lhe que matasse para evitar um desastre natural, um terremoto catastrófico que destruiria a Califórnia.

2. Assassinos em série *orientados para missões* se veem como cruzados vingadores, livrando a sociedade de “indesejáveis” — prostitutas, homossexuais, “estrangeiros” etc. No final dos anos 1970, por exemplo, um

bandido adorador de Hitler chamado Joe Franklin embarcou em um -man guerra contra casais interracialis, matando treze pessoas antes de ser parado.

3. Os assassinos em série hedonistas não têm motivos além de seu próprio prazer . Eles matam porque se sente bem. Infligir a morte é o máximo para eles, uma fonte de prazer intenso, até mesmo sexual.

4. *Buscadores de poder.* O motivo principal desses assassinos é a necessidade urgente de afirmar sua supremacia sobre uma vítima indefesa, para compensar seus próprios sentimentos profundos de inutilidade, dominando completamente outro ser humano.

O problema com essas categorias é que muitas vezes há tanta sobreposição entre os diferentes tipos que todo o sistema se desfaz. Por exemplo, um assassino missionário que tem como alvo prostitutas pode estar respondendo a vozes “divinas” ordenando-lhe que limpe as ruas de prostitutas. E o prazer que um assassino hedonista obtém de amarrar e torturar uma adolescente pode derivar do poder total que ele exerce sobre sua vítima.

Satanás entra nas pessoas e as faz fazer coisas que elas não querem.”

HERBERT M ULLIN ,
serial killer “visionário”



NÃO RESOLVIDO

Os assassinos em série são os mais assustadores de todos os criminosos, não apenas porque fazem coisas tão terríveis. O que também os torna realmente assustadores é que - embora sejam capazes dos atos mais insanamente violentos - eles não são lunáticos delirantes. Pelo contrário, o assassino em série típico é um homem com um [QI acima da média](#), astúcia excepcional e uma capacidade incrível de parecer tão entediante e normal quanto o próximo cara. Como resultado, os serial killers muitas vezes passam despercebidos por anos. De fato, alguns deles são conhecidos por evitar a captura para sempre – deixando um rastro de cadáveres em seu rastro, mas nenhuma pista real de suas próprias identidades.

O exemplo clássico desse fenômeno, é claro, é [Jack, o Estripador](#), embora tenha havido outros serial killers menos renomados cujas identidades permanecem desconhecidas. Nenhuma prisão foi feita, por exemplo, no caso do açougueiro noturno conhecido como o “Axeman of New Orleans” (ver [Axe Murderers](#)). Nem na terrível sequência de homicídios “[Lovers' Lane](#)” cometidos pelo “Monstro de Florença” (veja [Estrangeiros](#)). E tem havido muitos assassinos sexuais em série ainda mais obscuros que escaparam impunes. assassinatos repetidos, como o psicopata apelidado de “Assassino Colonial Parkway”, responsável pela morte de quatro casais na Virgínia no final dos anos 1980.

Por que alguns serial killers nunca são pegos? Uma possibilidade é que eles simplesmente decidam parar antes de serem presos – na verdade, desistir enquanto estão à frente. Mas isso parece improvável, pelo menos na grande maioria dos casos. Afinal, maníacos homicidas são tão viciados em

morte quanto alcoólatras são em beber, e como não há programas de recuperação de doze passos para assassinos luxuriosos, parece improvável que um assassino compulsivo simplesmente abandone o vício por conta própria. Uma explicação mais plausível é que alguns serial killers são *forçados* a parar. Eles podem se encontrar presos atrás das grades - presos por um crime não relacionado ou confinados a um manicômio. Ou (como outros mortais) eles podem morrer de repente, possivelmente por suas próprias mãos.

O suicídio foi oferecido como uma teoria no caso de “Jack the Stripper”, um serial killer de prostitutas que aterrorizou Londres em meados da década de 1960. Embora o caso permaneça oficialmente sem solução, muitos acreditam que o culpado foi um segurança que tirou a própria vida (veja [Estripadores](#)). No caso do misterioso “Toledo Slugger”, outra explicação plausível foi oferecida. Em 1925 e 1926, uma série de mulheres foi estuprada e espancada até a morte por um assaltante sombrio em Toledo, Ohio. Em seu zelo para encontrar o culpado, a polícia prendeu todos os “deficientes mentais” conhecidos e os enviou para asilos estaduais. Como os crimes do Slugger pararam abruptamente nessa época, algumas pessoas acreditam que a polícia conseguiu prender o assassino em sua varredura em toda a cidade.

Outros casos, no entanto, continuam a representar quebra-cabeças duradouros – e tentadores. Outro maníaco de Ohio – o “Cleveland Torso Killer” (também conhecido como “Mad Butcher of Kingsbury Run”) – é um exemplo disso. Durante um período de quatro anos na década de 1930, esse maníaco sanguinário esquartejou uma dúzia de pessoas, deixando partes de corpos espalhadas pela cidade. No entanto, apesar de um esforço total dos oficiais da lei, liderados por ninguém menos que Eliot Ness, o ex-intocável que estava servindo como diretor de segurança pública de Cleveland), o “Mad Butcher” escapou da prisão. Na primavera de 1938, suas atrocidades pararam repentina e misteriosamente. Até hoje ninguém sabe quem ele era. Os suspeitos variam de um estudante de medicina mentalmente desequilibrado a um imigrante boêmio e um vagabundo psicopata. Talvez a teoria mais perturbadora de todas tenha sido apresentada por um detetive de Cleveland que acreditava que os assassinatos no torso

pararam porque o culpado puxou as estacas e foi para o oeste, para a Califórnia – onde cometeu o infame homicídio “Dália Negra”.

Decifrar um lendário caso de assassinato não resolvido é um desafio que alguns entusiastas do crime acham impossível resistir. Cada temporada de publicação parece trazer outro livro, alegando ser a solução definitiva para um desses mistérios da vida real. Só nos últimos anos, o público americano foi tratado com um ex-policial de Los Angeles apontando seu próprio pai como o assassino da “Dália Negra” (*Black Dahlia Avenger* de Steve Hodel); um veterano escritor de crimes reais que nomeia o original “ [Zodíaco](#) ” (Robert Graysmith's *Zodiac Unmasked*); e uma autora de mistérios de sucesso anunciando, com grande fanfarra, que finalmente descobrira quem era Jack, o Estripador (*Retrato de um Assassino* , de Patricia Cornwell). Se esses livros realmente serão a última palavra em seus respectivos assuntos, só o tempo dirá, embora haja razões para acreditar que esses casos (especialmente o de Saucy Jack) continuarão a gerar novas “soluções definitivas” no futuro.

Ocasionalmente, é claro, um caso de assassinato em série há muito não resolvido realmente chegará a uma resolução repentina e inesperada – não, no entanto, como resultado das teorizações engenhosas de um escritor de best-sellers, mas através da apreensão do criminoso após anos de perseguição policial persistente. investigação. Em dezembro de 2001, por exemplo – vinte anos depois que ele cometeu sua primeira atrocidade – o infame “Green River Killer” foi finalmente levado à justiça. Alguns anos depois, outro caso notório que frustrou os investigadores por décadas – os assassinatos “ [BTK](#) ” em Wichita, Kansas, chegou a uma conclusão gratificante com a prisão de um suspeito, Dennis Rader.



Não Resolvido Mais

O tempo não está, via de regra, do lado dos investigadores de homicídios. A cada ano que passa, a trilha fica mais fria e as chances de encontrar o assassino diminuem. Quando décadas inteiras passam, essas chances diminuem para quase zero.

Em pelo menos um caso, no entanto, o inverso acabou por ser verdadeiro. A passagem do tempo - e, mais especificamente, a tecnologia que se desenvolveu durante esse período - tornou possível identificar um dos assassinos de sexo em série mais notórios e indescritíveis da história americana moderna.

No início da década de 1980, um misterioso psico-assassino assassinou dezenas de mulheres jovens, a maioria prostitutas e fugitivas, despejando muitas delas ao longo do Green River do Condado de Kings, Washington – um padrão de assinatura que ganhou lhe deu seu apelido homicida, o “Assassino do Rio Verde”. A maioria de suas vítimas foi estrangulada. Em alguns casos, eles foram estuprados após a morte.

A polícia local não apenas foi incapaz de identificar o culpado, como também teve dificuldade em acompanhar quantas pessoas ele matou, em grande parte porque ele era tão hábil em esconder os corpos no interior do condado de Kings. Em 1984, quando os assassinatos pareciam ter cessado, as autoridades colocaram o número de vítimas em 24. Cinco anos depois, depois de encontrar mais restos em decomposição, sua melhor aposta foi quarenta e nove.

A polícia podia não ter muitas pistas conclusivas, mas havia uma coisa que não faltava: possíveis suspeitos. Ao todo, eles compilaram uma lista de cerca de 1.300 nomes. Um deles era um pintor de caminhões, Gary Ridgeway, que havia sido visto com algumas das vítimas. Ele também tinha um problema em manter as mãos longe da garganta das mulheres. Uma vez ele tentou estrangular uma prostituta e outra vez tentou o mesmo com sua esposa. A polícia suspeitou dele o suficiente para pedir que ele fizesse um teste no detector de mentiras. Ridgeway concordou e passou no teste não uma, mas duas vezes. Ele estava fora do gancho, pelo menos nos próximos quinze anos ou mais.

De alguns dos cadáveres, os investigadores conseguiram coletar amostras de sêmen, mas eram minúsculas – pequenas demais para a ciência forense dos anos 1980 produzir qualquer resultado útil. Em 2001, no entanto, a situação mudou. A tecnologia aprimorada tornou possível analisar amostras tão pequenas, e o sêmen encontrado em três das vítimas correspondia ao DNA da saliva retirada de Ridgeway.

Em novembro de 2001, a polícia prendeu o pintor de 52 anos, quase vinte anos após a última vítima conhecida ter sido assassinada. Para escapar da pena de morte, ele concordou em cooperar, fornecendo à polícia informações sobre outros assassinatos que eles não conheciam, um deles cometido ainda em 1996. Em seu julgamento, ele confessou quarenta e oito assassinatos, mas poderia ter havido mais — talvez até sessenta. O problema era que, depois de tantos anos, Ridgeway tinha problemas para se lembrar.

Como ele disse aos investigadores: “Matei tantas mulheres que tenho dificuldade em mantê-las em ordem”.

U PBRING

É comum descrever uma infância especialmente dura e carente como “dickensiana” – mas no caso de assassinos em série, esse adjetivo é totalmente inadequado. Comparado com a infância da maioria dos serial killers, os primeiros anos de Oliver Twist em um asilo vitoriano parecem férias prolongadas na Disneylândia.

Albert “Boston Strangler” [DeSalvo](#) foi criado por um pai monstruoso que gostava de levar prostitutas para casa, fodê-las na frente das crianças e depois espancar selvagemmente sua esposa quando ela reclamava. Uma das memórias de infância mais vívidas de DeSalvo foi ver seu pai quebrar todos os dentes de sua mãe, depois quebrar seus dedos um por um enquanto ela estava esparramada embaixo da pia da cozinha. O próprio DeSalvo não apenas recebeu surras regulares e cruéis com um cano de chumbo, mas, junto com suas duas irmãs, foi vendido como escravo. Um conhecido do idoso DeSalvo pagou nove dólares pelos três filhos, que foram enviados para o Maine e forçados a trabalhar como lavradores.

Henry Lee [Lucas](#) foi criado em uma miséria inimaginável por uma prostituta alcoólatra brutal que obrigou seu marido paraplégico a vê-la fazer sexo com seus truques. Henry foi forçado a assistir também – geralmente vestido com as roupas de menina que sua mãe o obrigava a usar. Ela também o espancava impiedosamente com objetos que iam de vassouras a vassouras e tinha prazer em matar seus animais de estimação.

pequeno Charlie [Manson](#) era uma prostituta alcoólatra bissexual, que supostamente trocou seu filho por uma jarra de cerveja. Depois que ela foi jogada na prisão por assalto à mão armada, Manson foi levado por um tio brutal, que o ridicularizou como um maricas e o mandou para a escola em um vestido. Nos últimos anos, ele foi colocado em uma instituição onde era rotineiramente espancado com uma pá de madeira para fazer xixi na cama.

Criado em um orfanato gótico e sombrio, Albert [Fish](#) foi educado em sadismo por uma professora que disciplinava meninos e meninas desobedientes, despindo-os e espancando-os na frente das outras crianças. O assassino sexual Joseph Kallinger - cujas vítimas incluíam seu próprio filho - foi criado por pais adotivos que o mantinham na linha com um martelo, um gato de nove caudas e constantes ameaças de castração. O serial killer Hugh Morse foi criado por uma avó insanamente tirânica, que uma vez o puniu por ir ao cinema matando seus camundongos de estimação.

De acordo com as descobertas do [FBI](#), 42% dos serial killers sofreram abuso físico grave quando crianças, 43% foram molestados sexualmente e 74% foram submetidos a tortura psicológica contínua.

Claro, há aqueles que zombam da noção de que uma infância infeliz é a principal causa de assassinatos em série, apontando que inúmeras pessoas que crescem em lares seriamente disfuncionais não se tornam maníacos homicidas. Esses críticos também se referem a monstros como Jeffrey [Dahmer](#) e Ted [Bundy](#), que parecem ter vindo de origens mais ou menos normais da classe média. E, de fato, fotos de infância do pequeno Ted, vestido com um terno de caubói ou posando ao lado de um boneco de neve, não ficariam fora de lugar no álbum de família de Ozzie e Harriet.

É, sem dúvida, verdade que outros fatores estão envolvidos na formação de assassinos em série (ver [Causas](#)). Ainda assim, a “paternidade negativa” (como os sociólogos a chamam curiosamente) está invariavelmente presente em suas origens. (Há indícios de que Dahmer e Bundy foram vítimas de abuso sexual de parentes.) Brutalizado na infância, o serial killer cresce cheio de uma raiva assassina que se volta contra toda a humanidade. Ele só pode conhecer o prazer administrando a dor. Ele só pode se sentir vivo quando está infligindo a morte.

“Eu odiei toda a minha vida. Eu odiava todo mundo. Quando eu cresci e me lembro, eu estava vestida de menina pela mãe. E fiquei assim por dois ou três anos. E depois disso fui tratado como o que chamo de cachorro da família. fui espancado. Fui feito para fazer coisas que nenhum ser humano gostaria de fazer.”

H ENRY L EE L UCAS



Joseph Vacher

Uma das coisas mais assustadoras sobre serial killers é o quão normal eles podem parecer. Ted [Bundy](#) parecia um garoto de fraternidade, Jeffrey [Dahmer](#) como um nerd de computador e John Wayne [Gacy](#) como o presidente do Rotary Club local. O francês Joseph Vacher (1869-1897) foi diferente. No caso dele, as aparências não enganavam. Ele tinha o tipo de rosto que poderia dar pesadelos às crianças. E suas ações eram consistentes com sua aparência.

Um vagabundo repulsivamente decadente com um rosto paralisado e um olho que vazava um fluxo constante de pus, Vacher nasceu em uma família de camponeses pobres, o último de quinze filhos. Ele cometeu seu primeiro crime conhecido - a tentativa de estupro de um menino - quando tinha dezenove anos. Dois anos depois, ele foi recrutado para o exército e cortou a própria garganta com uma navalha quando não conseguiu ser promovido a cabo. Vários anos depois, ele tentou o suicídio novamente quando uma jovem que ele cobiçava rejeitou seus avanços. Vacher atirou nela três vezes com uma pistola, depois virou a arma contra si mesmo e atirou à queima-roupa em seu próprio rosto.

A mulher sobreviveu. O mesmo aconteceu com Vacher, embora metade de seu rosto estivesse agora permanentemente paralisado e seu olho direito estivesse reduzido a uma ferida crua e supurada. buraco. Depois de um ano em um manicômio, ele recebeu alta como “curado”. Equipando-se com

algumas necessidades básicas (mapas, um guarda-chuva, um porrete, várias facas de açougueiro e um cutelo), ele perambulou pelo campo por três anos e meio. Parando em uma casa de fazenda sempre que tinha fome, batia na porta e exigia comida do dono, que geralmente ficava feliz em obrigar apenas para se livrar do vagabundo hediondo.

Mas Vacher estava possuído por outros apetites infinitamente mais repugnantes. Durante suas andanças, ele atacou e matou onze pessoas de ambos os sexos, atacando-as em um frenesi demoníaco – esfaqueando, estrangulando, mutilando, mordendo, estripando. A maioria de suas vítimas, tanto homens quanto mulheres, foram estupradas após a morte.

O "Estripador Francês", como o assassino sombrio começou a ser chamado, foi finalmente preso em agosto de 1897. Em seu julgamento, ele argumentou que não era mentalmente competente. Sua mente, ele alegou, tinha sido distorcida como um menino de oito anos quando foi mordido por um cachorro louco. O tribunal não estava convencido. Na véspera de Ano Novo de 1898, Vacher, de 29 anos, foi enviado para a guilhotina.

V AMPIRES

Há boas e más notícias sobre vampiros. A boa notícia é que eles não existem, pelo menos não do tipo encontrado em filmes antigos de Bela Lugosi. Há muitas coisas para se preocupar na vida, mas ser atacado em seu quarto por um demônio da Transilvânia de quatrocentos anos não é uma delas.

A má notícia sobre os vampiros é que alguns psicopatas sexuais obtêm intensa satisfação bebendo sangue humano e recorrerão ao assassinato em série para satisfazer esse desejo monstruoso. Desviantes como esses não dormem em caixões ou se transformam em morcegos, mas em um aspecto crucial, eles são infinitamente mais assustadores do que o Drácula de Bram Stoker ou os sugadores de sangue sensuais dos romances de Anne Rice. Esses demônios vorazes são reais.

Um dos vampiros mais infames da vida real foi o assassino de luxúria italiano Vincenz Verzeni. Desde tenra idade, Verzeni teve um prazer requintado no estrangulamento. Aos doze anos, descobriu que sentia um

enorme prazer em torcer o pescoço das galinhas. Quando chegou ao final da adolescência, ele havia progredido de aves de capoeira para mulheres. A princípio, ele simplesmente estrangulava suas vítimas até atingir o orgasmo. Uma vez que ele chegasse ao clímax, ele deixaria suas vítimas vivas. Em seus vinte e poucos anos, no entanto, a perversão de Verzeni tomou um rumo terrível. Em 1871, ele atacou uma garota de quatorze anos, arrastou-a para um campo e a sufocou até a morte. Então — em um frenesi sádico — ele mastigou sua coxa e chupou seu sangue, arrancou seus intestinos, rasgou seus órgãos genitais e removeu um pedaço de sua panturrilha, que ele carregou com ele, com a intenção de assá-lo e comê-lo. Oito meses depois, ele atacou outra jovem, garroteando-a com uma tira de couro, depois abrindo seu pescoço com uma mordida e devorando seu sangue. Verzeni foi preso após agredir seu próprio primo de dezenove anos, que conseguiu combatê-lo, e imediatamente o denunciou à polícia.

No final da década de 1940, o assassino em série britânico John George Haigh assassinou meia dúzia de pessoas para colocar as mãos em seu dinheiro, depois dissolveu seus restos mortais em seu tanque de ácido no porão. Em seu julgamento de 1949, o notório “Assassino do Banho de Ácido” insistiu que antes de descartar cada corpo, ele havia batido na jugular da vítima, tirado um copo cheio de sangue e sorvido. Embora as alegações vampíricas de Haigh tenham sido vistas por muitos como uma tentativa desajeitada de lidar com uma alegação de insanidade, parece bastante certo que pelo menos ele foi afligido por um caso grave de *hematomania* - uma obsessão vitalícia por sangue.

Um dos casos mais estranhos de vampirismo foi o de Florencio Fernandez, um pedreiro argentino de 25 anos que, em 1960, escapuliu pelas janelas de quinze mulheres adormecidas e as atacou em suas camas — prendendo seus braços, mordendo seus gargantas e bebendo seu sangue. Como o personagem Nicolas Cage no filme cult *Vampire's Kiss* de 1989, Fernandez aparentemente sofria de uma séria ilusão vampírica. Ele morava em uma caverna, rondava a noite em um manto preto parecido com o de Drácula e passava as horas do dia afundado em um sono semelhante ao de um coma.

Como o servo zoófago de Drácula, Renfield, o jovem Richard Chase adorava beber o sangue de animais — coelhos, gatos, cachorros. Em 1978,

no entanto, ele progrediu para crimes infinitamente mais monstruosos. Durante uma farra de quatro dias, ele invadiu várias casas, matou e massacrou os habitantes (incluindo uma mulher grávida e um bebê de 22 meses) e chafurdou em seu sangue. Após sua prisão, ele confessou ter bebido o sangue de suas vítimas. Chase - que foi apelidado de "Vampiro de Sacramento" - serviu como modelo na vida real para o assassino indescritível no filme *Rampage de 1992*, um filme instigante (e ocasionalmente angustiante) dirigido por William Friedkin , famoso por *Exorcista* .

Para saber mais sobre o mundo dos assassinos sugadores de sangue da vida real, os leitores devem confira o livro *True Vampires* (Feral Press, 2003) de Sondra London (uma escritora que ganhou alguma notoriedade por sua ligação romântica com não um, mas dois infames assassinos de luxúria, Gerard, o “Açougueiro de Blind Creek” Schaefer e Danny, o “Gainesville Ripper” Rollings). O livro de Londres não é apenas uma pesquisa abrangente de seu assunto macabro; também apresenta belas ilustrações de um dos loucos que ela cobre: Nico Claux, também conhecido como o “Vampiro de Paris”, que satisfez seus impulsos profanos profanando túmulos, saqueando necrotérios e roubando bancos de sangue.



Ricardo Chase; dos Assassinos! conjunto de cartas

(Cortesia de Roger Worsham)

“Eu tinha um prazer indescritível em estrangular mulheres, experimentando durante o ato ereções e prazer sexual real. A sensação de prazer ao estrangulá-los foi muito maior do que a que experimentei ao me masturbar. . . . Nunca me ocorreu tocar ou olhar para os genitais. Satisfez-me agarrar as mulheres pelo pescoço e sugar-lhes o sangue.”

V INCENZ V ERZENI



O Desaparecimento

A Holanda não é exatamente conhecida por sua epidemia de assassinatos em série, então é surpreendente que uma das representações cinematográficas mais perturbadoras de um assassino psicopata apareça no filme holandês de 1988 *The Vanishing*, dirigido por George Sluizer.

O filme se concentra em um jovem obcecado chamado Rex Hofman, cuja namorada desaparece sem deixar vestígios quando eles fazem um pit stop em uma estação de descanso na estrada. Embora Hofman eventualmente conceda que sua namorada deve ter sido sequestrada e morta, ele não pode viver com a incerteza atormentadora e se recusa a descansar até descobrir o que aconteceu com ela.

O vilão da peça é um dos psicopatas mais perturbadores da história do cinema, um homem de família manso e de fala mansa com gosto por uma forma particularmente indescritível de tortura. Retratado com perfeição arrepiante por um ator chamado Barnard Pierre Donnadieu, o assassino finalmente se oferece para mostrar ao jovem assombrado o que a garota desaparecida experimentou. Em uma conclusão arrasadora (embora um tanto implausível), Hofman aceita a proposta do assassino – levando a um dos finais mais aterrorizantes já colocados no cinema. Este é um daqueles pequenos e discretos filmes de terror europeus que tem infinitamente mais impacto do que o típico festival de respingos de Hollywood.

Hollywood, de fato, produziu um remake de *The Vanishing* em 1993, estrelado por Kiefer Sutherland e Jeff Bridges. Embora dirigido novamente

por Sluizer, esta segunda versão cai completamente plana. Atenha-se ao original!

V IGAP

Veja [FBI](#).



W ANNABES

Os serial killers são levados a cometer seus ultrajes por profundas compulsões psicológicas, geralmente de natureza sexual pervertida. Como resultado, eles tendem a cometer seus crimes de maneira altamente pessoal e ritualística. Eles podem amarrar uma vítima exatamente assim, torturá-la de uma maneira específica, usar um tipo específico de arma para infligir a morte e depois deixar o cadáver arrumado em uma posição específica. Todos esses elementos – que compõem a “assinatura” única do assassino – são ditados por suas necessidades individuais doentias. É por isso que existem tão poucos [Copycats assassinos em série](#). Os psicopatas homicidas, em sua maioria, não estão interessados em imitar outros assassinos; eles só querem gratificar suas próprias necessidades pessoais depravadas.

Há uma necessidade, no entanto, que é comum à maioria dos serial killers. Em grande parte porque eles são tão horivelmente abusados e humilhados quando crianças, a maioria desses psicopatas crescem sentindo-se totalmente inúteis e impotentes. Para compensar essa sensação de nada, eles geralmente desenvolvem uma megalomania furiosa – uma necessidade incontrolável de provar ao mundo (e a si mesmos) que são seres superiores e todo-poderosos. Para alguns, essa necessidade se manifesta como uma ambição insana de ganhar infâmia eterna, de ter seus nomes nos livros de história ao lado dos criminosos lendários do passado. Assassinos como esses são o equivalente psicopata de aspirantes a celebridades.

O assassino de luxúria alemão Peter [Kürten](#), por exemplo, procurou superar a maldade de seu ídolo [Jack, o Estripador](#) e se tornar “o maior

criminoso que já viveu”. As confissões altamente questionáveis de Henry Lee [Lucas](#) - que admitiu mais de trezentos assassinatos - foram aparentemente motivadas pelos mesmos impulsos de auto-engrandecimento. O Dr. HH [Holmes](#), o “multi-assassino” do século XIX, às vezes descrito como o primeiro serial killer da América, possuía a mesma ambição bizarra. Tendo orgulho perverso de seu status de criminoso proeminente do país (ou “arqui-demônio”, como os jornais gostavam de chamá-lo), Holmes confessou avidamente o assassinato de várias dezenas de vítimas – muitas das quais posteriormente estavam vivas e bem. .

De fato, alguns serial killers estão tão famintos pelo status de celebridade que ficam ativamente irritados quando seus crimes são ignorados ou subestimados. Quando o assassino sexual alemão Rudolph Pleil foi acusado de nove assassinatos selvagens, ele insistiu indignado que o número real era vinte e oito. Apenas uma coisa importava para Pleil – que ele fosse universalmente reconhecido como “*der beste Totmacher*”, o “melhor matador do mundo”.

Da mesma forma, quando o serial killer de Wichita que se autodenominava “[BTK](#)” não recebeu o tipo de cobertura da imprensa que ele achava que merecia, ele disparou uma reclamação mal-humorada para um jornal local: “Quanto eu tenho que matar antes de conseguir minha nome no jornal ou alguma atenção nacional?”

Colin Ireland, um psicopata britânico que atacava gays, achava que sabia a resposta para essa pergunta. Na primavera de 1993, ele assassinou selvagemmente cinco vítimas aleatórias. A razão? Ireland era um aspirante cujo sonho demente era ser conhecido como um serial killer. Ele havia lido em um livro que para ser assim classificado, uma pessoa tinha que matar no mínimo quatro. Ele jogou no último para uma boa medida.

TEMPO DE GUERRA

Há um velho ditado chinês: “Na crise há oportunidade”. Essa pérola de sabedoria proverbial é sintetizada por certos assassinos em série, que transformaram a maior crise de todas – a guerra global – em uma oportunidade para assassinato em massa.

Se a Primeira Guerra Mundial nunca tivesse ocorrido, um sociopata francês chamado Henri Landru poderia ter vivido seus dias como nada mais do que um bandido mesquinho. Quando o conflito estourou, no entanto, Landru de repente percebeu uma oportunidade única de explorar os problemas de sua nação para seu próprio lucro pessoal. Com a população masculina da França dizimada, o país ficou subitamente cheio de viúvas jovens e ricas. Landru começou a caçar essas mulheres vulneráveis, atraindo-as através de [anúncios matrimoniais sedutores](#), depois cortejando-as, casando-as e assassinando-as por seu dinheiro (ver [Barbas - Azuis](#)).

Cerca de vinte anos depois — durante a Segunda Guerra Mundial — os piores temores da França se concretizaram quando as tropas de Hitler ocuparam Paris, tendo sucesso onde as do Kaiser fracassaram. Os judeus parisienses buscaram desesperadamente uma maneira de escapar do terror nazista. Esperando para atacá-los estava outro psicopata francês, Dr. Marcel [Petiot](#). Fazendo-se passar por um simpático agente da Resistência que os ajudaria a tirá-los clandestinamente do país, Petiot matou lentamente os possíveis refugiados com “vacinas” letais, depois saqueou seus pertences.

Mais ou menos ao mesmo tempo em Londres – enquanto a Luftwaffe alemã bombardeava a cidade noite após noite – um avião inglês chamado Gordon Cummins encontrou uma chance de liberar seu sadismo de longa data. Aproveitando os apagões obrigatórios da cidade, perambulou pelas ruas escuras e, em menos de uma semana, assassinou selvagememente quatro mulheres (ver [Estripadores](#)).

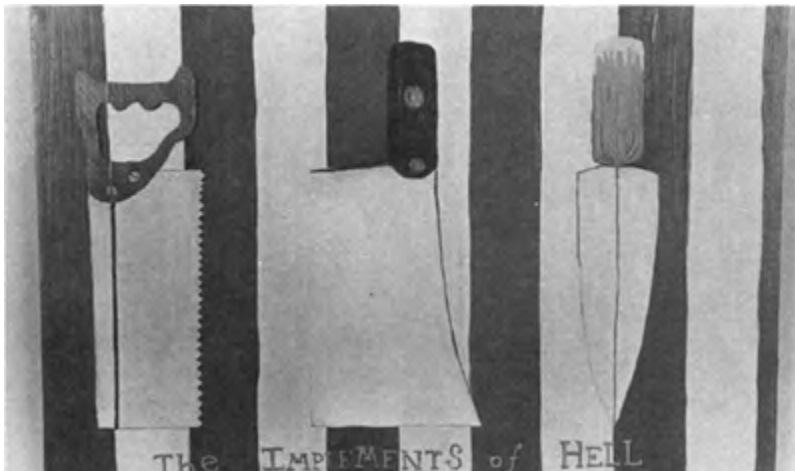
As condições caóticas da guerra permitiram que outro notório assassino da luxúria – Bela Kiss da Hungria – não cometesse seus crimes, mas escapasse da punição por eles. Antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial, Kiss tinha conseguido matar nada menos que vinte e três mulheres sem levantar suspeitas. Quando seus crimes foram descobertos, ele já havia se alistado no exército e sido morto em ação. Ou assim apareceu. Só mais tarde as autoridades supuseram que Kiss havia realmente trocado placas de identificação com um soldado moribundo, assumido a identidade deste último e desaparecido sem deixar rastro (veja [Paradeiro Desconhecido](#)).

ARMAS _

Assassinos em série cinematográficos são artistas da morte, constantemente em busca de novas formas imaginativas de criar carnificina. Em suas mãos homicidas, tudo, desde uma foice a um grampeador, torna-se um instrumento de caos, empunhado com o virtuosismo de um maestro.



Investigadores exibem a serra que Fish usou para desmembrar o corpo de Grace Budd



“Implementos do Inferno” de Fish; pintura de Michael Rose

Por outro lado, os serial killers da vida real são muito mais convencionais na escolha de armas. O que os distingue dos assassinos comuns é sua

preferência por meios “manuais” de assassinato – esfaqueamento, estrangulamento, espancamento – em vez de armas de fogo. Enquanto a maioria dos assassinatos americanos são cometidos com armas de fogo, os serial killers preferem a abordagem “hands-on”, que oferece uma experiência física mais intensa. Quando se trata de prazer doentio e sádico, atirar em pessoas a uma distância de seis metros simplesmente não pode competir com enfiar uma faca de caça serrilhada em sua carne.

Claro, existem exceções notáveis. Ed [Gein](#) despachou suas vítimas com uma bala na parte de trás do crânio. E antes de começar a assinar suas cartas como “Filho de Sam”, David [Berkowitz](#) — o assassino em série que aterrorizou a cidade de Nova York no final dos anos 1970 — foi apelidado por causa de sua arma favorita: o “Assassino de calibre .44”.

O QUE É DESCONHECIDO

Os crimes perpetrados por serial killers são tão terríveis que, quando uma dessas criaturas está à solta, às vezes parece que um monstro sobrenatural surgiu do submundo. Repórteres de jornais tropeçam em si mesmos para inventar apelidos lúgubres de filmes de terror – o “Fera Louca”, o “Assassino de Vampiros”, o “Caçador de Lobisomens”. Então é fácil sentir um choque de surpresa quando o monstro é finalmente capturado. O demônio sobrenatural acaba por ser um perdedor indescritível que parece tão ameaçador quanto um geek de computador. O demônio é reduzido a dimensões pateticamente humanas.

Infelizmente, alguns serial killers nunca são capturados. Em casos como esses, o assassino muitas vezes continua a viver na fantasia popular como uma espécie de fantasma ou espectro. Mitos e contos populares crescem em torno deles. Isso certamente é verdade para o mais famoso de todos os serial killers, [Jack, o Estripador](#). Mas existem outros assassinos em série conhecidos que desapareceram sem deixar vestígios e cujo destino continua a provocar a imaginação dos aficionados do crime. O assassino anônimo [Axe que esquartejou uma série de abandonados em Cleveland em meados da década de 1930 é um desses casos.](#) Apesar dos esforços conjuntos da polícia de Cleveland – incluindo o lendário Eliot Ness, dos *Intocáveis*, que dirigia o departamento na época – o “Assassino do Torso de Cleveland” nunca foi preso.

Como o Estripador, o “Cleveland Torso Killer” é uma figura fascinante porque ele continua sendo um enigma total. Ninguém sabe quem ele era ou o que aconteceu com ele. Há outros casos, no entanto, em que a identidade do assassino não está em questão. O mistério tem a ver com o paradeiro final do maníaco.

Vasculhando as ruínas da casa de fazenda incinerada pertencente ao notório assassino [da Viúva Negra](#) Belle Gunness, os pesquisadores encontraram um corpo feminino carbonizado e assumiram que eram os restos mortais de Gunness. Só havia um problema. O cadáver não tinha cabeça, então fazer uma identificação positiva foi um pouco complicado. Eventualmente, os investigadores concluíram que o cadáver era um substituto – uma mulher que Gunness havia assassinado expressamente para esse propósito. Nos anos seguintes, Gunness teria sido avistado em diferentes partes do país, da Nova Inglaterra a Los Angeles. Mas até hoje ninguém sabe o que realmente aconteceu com ela.

Alguns anos depois, durante a Primeira Guerra Mundial, oficiais da cidade húngara de Czinkota descobriram os corpos de 23 mulheres assassinadas dentro e ao redor da casa abandonada de um funileiro aposentado chamado Bela Kiss. Infelizmente, parecia não haver maneira de punir o assassino, já que Kiss (que se alistou no exército) teria morrido em combate. Relatos de sua morte, no entanto, foram muito exagerados. Como se viu, Kiss - enquanto se recuperava de seus ferimentos em um hospital militar - trocou placas de identificação com um soldado moribundo e desapareceu sob o nome do outro homem. Daquele ponto em diante, seu rastro desapareceu. Supostos avistamentos em ambos os lados do Atlântico – de Budapeste a Nova York – mantiveram sua lenda viva.

O compatriota de Kiss, Sylvestre Matuschka, foi um dos assassinos em série mais bizarros de todos os tempos, um maníaco que obtinha intenso prazer sexual ao bombardear trens ferroviários e ouvir os gritos moribundos dos passageiros. Matuschka foi realmente condenado e preso na década de 1930, mas de alguma forma ele conseguiu se libertar durante a turbulência da Segunda Guerra Mundial. O que aconteceu com ele em seguida é uma incógnita. De acordo com alguns historiadores do crime, no entanto, Matuschka foi forçado a se juntar ao exército soviético, que reconheceu

seus talentos especiais e lhe deu um trabalho para o qual ele era qualificado de maneira única: especialista em explosivos.

MULHERES _

Uma das questões mais debatidas entre as pessoas que estudam crimes violentos é: existe uma assassina em série feminina? A resposta simples é sim . . . e não. Tudo depende de como você define assassinato em série.

Se você seguir a definição do [FBI](#) — três ou mais assassinatos separados com um período de reflexão emocional entre cada homicídio —, a resposta é claramente afirmativa. Os anais do crime estão cheios de mulheres fatais que mataram um grande número de vítimas — noivas Viúvas [Negras](#) que despacham uma sucessão de maridos; [Enfermeiras](#) homicidas que administram a morte a dezenas de pacientes; [Governantas](#) malvadas que se desfazem de famílias inteiras. O enciclopedista serial-killer Michael Newton compilou um volume chamado *Bad Girls Do It!* que retrata quase duzentas assassinas múltiplas do sexo feminino – um conjunto quase imponente o suficiente para confirmar a famosa frase de Rudyard Kipling: “A fêmea da espécie é mais mortal que o macho”.

É claro que muitos especialistas – incluindo Newton – acreditam que o verdadeiro assassinato em série sempre envolve outro elemento, especificado na definição apresentada pelo Instituto Nacional de Justiça em 1988: a presença de “conotações sádicas e sexuais”. Mesmo quando você adiciona esse ingrediente, há um número considerável de mulheres que se encaixam na conta, desde a “Lonely Hearts Killer” Martha Beck, até a assassina sexual britânica Rosemary West (acusada da terrível tortura e assassinato de dez vítimas, incluindo sua própria filha), a Elizabeth Bathory, a notória “Condessa de Sangue” da Romênia do século XVI, que supostamente matou até seiscentas vítimas para seu próprio deleite erótico.

O problema surge quando você tenta encontrar uma criminosa do sexo feminino que corresponda ao modelo do serial killer moderno, simbolizado por [Jack, o Estripador – o](#) assassino psicopata solitário, perseguindo e capturando suas vítimas, depois massacrando e mutilando-as em um sexo frenesi enlouquecido. Aqui, a questão se torna muito mais complicada. Na verdade, é praticamente impossível encontrar uma única mulher em toda a história do crime que se encaixe nesse molde. (Como a crítica de cultura

Camille Paglia coloca com uma franqueza característica: “Não existe uma mulher Jack, o Estripador.”) Beck e West, por exemplo, faziam parte de [Killer Couples](#). E Bathory cai na venerável – embora completamente depravada – tradição do malvado [Aristocrata](#), exemplificado por monstros como Calígula e Gilles de Rais.

Existe uma solução para este quebra-cabeça. Se você pensa no homicídio em série como fundamentalmente um crime sexual (como sugere a definição do NIJ), segue-se que as assassinas em série diferem de seus colegas masculinos aproximadamente da mesma forma. que a natureza erótica das mulheres difere da dos homens. Assim como a sexualidade masculina é fálico-penetrante, promíscua e bastante indiscriminada, um serial killer masculino típico massacrará qualquer estranho aleatório em que possa colocar as mãos. A assassina em série comum, por outro lado, geralmente precisa ter um relacionamento com alguém antes de matá-la. Ela deriva sua excitação não de violar o corpo de um estranho com um instrumento penetrante, mas de uma caricatura grotesca de ternura e intimidade: servir comida envenenada a um marido, por exemplo, ou sufocar uma criança até a morte. Jane [Toppan](#), uma envenenadora vitoriana que subiu na cama com suas muitas vítimas e alcançou o orgasmo enquanto as abraçava durante seus estertores, exemplifica esse padrão.

Tenha em mente também que – embora seus crimes sejam menos terríveis – as mulheres psico-assassinas não são menos sádicas do que os homens. Pelo contrário, pode-se argumentar que – apesar de toda a carnificina pós-morte a que foram submetidas – as prostitutas assassinadas por Jack, o Estripador, tiveram uma morte mais rápida e misericordiosa do que as vítimas de mulheres loucas como a enfermeira Toppan, que foram obrigadas a sofrer o prolongado sofrimento. agonias de envenenamento lento.

A única, se discutível, exceção a essa regra é Aileen [Wuornos](#), a ex-prostituta da Flórida que matou uma série de captadores masculinos entre dezembro de 1989 e novembro seguinte. Alguns observadores viam Wuornos como um assassino em série clássico – um predador de sangue frio que matava por puro prazer, como David “Filho de Sam” [Berkowitz](#). Alguns especialistas chegaram a temer que Wuornos representasse o início

de uma tendência assustadora: a primeira de uma nova geração de assassinas em série femininas que logo estariam aterrorizando a América.

Esses temores provaram ser injustificados. Wuornos parece ter sido um caso isolado. Na verdade, nem todo mundo a considera uma serial killer no sentido clássico, mas uma alma patética e perdida: uma mulher brutalizada cuja raiva do mundo – e do sexo masculino em particular – explodiu em uma explosão de violência horrível.



Aileen Wuornos

Algumas pessoas a consideram “a primeira assassina em série da história” – uma predadora de sangue frio que perseguiu e assassinou uma série de vítimas por um longo período de tempo. Outros (inclusive ela) afirmam que ela só matou em legítima defesa, quando ameaçado de violência e estupro. Qualquer que seja a visão correta, uma coisa é certa. Entre dezembro de 1989 e novembro seguinte, sete motoristas do sexo masculino de meia-idade, dirigindo pelas rodovias do centro da Flórida, pararam para pegar Aileen “Lee” Wuornos e acabaram mortos.



Aileen Wuornos; de cartões comerciais *Bloody Visions*

(© & ™ 1995 MH Price e Shel-Tone Publications. Todos os direitos reservados.)

Praticamente desde o dia de seu nascimento em 1956, a vida de Wuornos era um pesadelo ininterrupto de privação e violência, abandono e abuso. Ela era filha de um casal de adolescentes cujo casamento havia terminado antes de ela nascer. Seu pai acabaria se enforcando na prisão depois de ser preso por acusações de abuso sexual infantil. Um dia, quando Aileen tinha apenas seis meses, sua mãe deixou a menina e o irmão com uma babá, depois telefonou para dizer que ela não voltaria para casa. Aileen foi acolhida por seus avós, mas expulsa de casa quando tinha treze anos depois de dar à luz um filho ilegítimo (consequência, segundo ela, do estupro). Quando ela tinha quatorze anos, ela estava vivendo uma vida desesperadamente brutalizada – dormindo em um carro abandonado, lutando por bebidas, drogas e uma refeição ocasional. Aos vinte anos, casou-se com um homem de setenta anos, mas a união durou apenas um mês (segundo ela, ela o abandonou porque ele a espancou com uma bengala; segundo o dele, ele pediu o divórcio depois que ela o espancou para pegar as chaves do carro). Dois anos depois, ela tentou suicídio com um tiro no estômago. Depois de se recuperar, ela roubou uma conveniência loja sob a mira de uma arma, foi prontamente preso e passou treze meses na prisão. Outras prisões – por falsificação de cheques e roubo de automóveis – se seguiram.

Em 1986, Wuornos conheceu o amor de sua vida - uma lésbica chamada Tyria Moore - em um bar gay de Daytona. Mesmo depois que sua paixão sexual esfriou, os dois permaneceram inseparáveis pelos próximos quatro anos. Durante esse tempo, a raiva e o ressentimento de Wuornos em relação aos homens ficaram cada vez mais violentos. Ela continuou a se apressar. Agora, no entanto, ela carregava uma arma de calibre .22 na bolsa quando trabalhava nas paradas de caminhões e estaleiros.

Em 30 de novembro de 1989, Wuornos deu uma volta com o proprietário de uma oficina de eletrônicos de 51 anos chamado Richard Mallory. No dia seguinte, seu carro abandonado foi encontrado em um trecho de floresta isolada, junto com sua carteira, uma garrafa de vodka meio vazia e um pacote rasgado de preservativos. Doze dias depois, o cadáver crivado de balas de Mallory foi descoberto em um ferro-velho. Seguiram-se mais seis assassinatos quase idênticos.

Depois que Wuornos e Moore foram vistos dirigindo um dos carros das vítimas, a polícia da Flórida conseguiu encontrar seu rastro. Wuornos foi preso em um bar de motoqueiros decadente chamado The Last Resort. Uma vez sob custódia, ela confessou todos os sete assassinatos, embora afirmasse que estava agindo em legítima defesa. Julgada pelo assassinato de Richard Mallory, ela insistiu que havia atirado nele depois que ele a sufocou e a torturou, a estuprou anal e ameaçou matá-la. O júri não foi persuadido. Wuornos foi condenado e sentenciado à morte. “Sou inocente”, ela gritou quando o veredicto foi lido. “Espero que você seja estuprada! Vagabundos da América!” Durante um processo subsequente – no qual Wuornos recebeu mais três sentenças de morte – ela lançou obscenidades semelhantes ao promotor: “Espero que sua esposa e filhos sejam estuprados na bunda!”

Enquanto Wuornos estava no corredor da morte, ela parecia ficar cada vez mais desequilibrada. Mesmo enquanto proclamava sua inocência, ela enviou uma carta à Suprema Corte da Flórida, declarando: “Eu sou uma pessoa que odeia seriamente a vida humana e mataria novamente”. Ela demitiu seus advogados, parou seus recursos e aguardou ansiosamente sua execução. Ela foi condenada à morte por injeção letal em outubro de 2002. Suas últimas palavras pareciam confirmar a opinião de alguns observadores de que, ao final de sua lamentável vida, Wuornos havia enlouquecido completamente: “Voltarei como *o Dia da Independência* com Jesus, como o filme, grande nave-mãe e tudo. Eu voltarei.”



Da bela à fera

2003 foi um grande ano para Aileen Wuornos. É verdade que ela estava morta desde outubro anterior, quando sua execução tão atrasada finalmente aconteceu. Mas quatorze meses depois que ela foi morta por injeção letal, sua história de vida triste, sórdida e chocantemente violenta foi imortalizada não em um, mas em dois filmes altamente aclamados: o documentário de Nick Broomfield, *Aileen: Life and Death of a Serial Killer*, e o drama de Patty Jenkins, *Monstro*, estrelado pela atriz Charlize Theron.

Em face disso (por assim dizer), escalar Theron – uma das mulheres mais glamorosamente bonitas do planeta – como Wuornos de feições grosseiras e endurecidas fazia tanto sentido quanto decidir que Brad Pitt seria perfeito no filme. papel de Quasimodo. Ajudada, no entanto, por um brilhante trabalho de maquiagem, Theron se transformou completamente na arrogante e desbocada odiadora de homens, ganhando um merecido Oscar por sua atuação.

Para ter uma ideia de quão incrivelmente convincente ela é no papel, os espectadores podem compará-la com os Wuornos reais no poderoso documentário de Broomfield, uma continuação de seu igualmente bom filme de 1993, *Aileen Wuornos: The Selling of a Serial Killer*.

O HOMEM ERRADO _ _ _

Só há uma coisa pior do que ser preso, condenado e preso por um crime que não cometeu: ser executado por isso. E quando o crime em questão é assassinato em série, a indignação é agravada. Não apenas um homem inocente é condenado à morte, mas o verdadeiro culpado permanece à solta e continua a se safar do assassinato.

Infelizmente, casos como este têm ocorrido de tempos em tempos. Um dos mais notórios foi o de Timothy Evans, um motorista de caminhão inglês estúpido condenado pelo assassinato brutal de sua esposa e filha em 1950. A principal testemunha de acusação contra Evans era seu vizinho de baixo - um cavalheiro quieto e eminentemente respeitável chamado João Reginald Christie. Três anos depois que Evans foi enforcado na Pentonville Prison, em Londres, Christie desocupado seu apartamento em 10 Rillington Place. Os inquilinos que o substituíram imediatamente notaram um odor fétido emanando de algum lugar da cozinha. Traçando sua fonte para uma seção oca da parede, eles arrancaram o papel de parede, espiaram dentro e descobriram os restos decompostos de três mulheres enfiados em um armário escondido. Outro corpo - o da esposa de Christie - foi encontrado sob as tábuas do assoalho, e mais dois corpos femininos foram desenterrados no quintal. Ao todo, o homenzinho quieto havia cometido oito assassinatos – quatro deles após a execução de Evans. O próprio Christie foi enforcado em julho de 1953. Outros treze anos se passariam

antes que o governo britânico finalmente admitisse que havia cometido um erro no caso de Evans e lhe concedesse um perdão póstumo.

Erros fatais desse tipo podem acontecer em qualquer lugar, é claro. Mas eles são particularmente comuns em nações totalitárias, onde a “justiça” é aplicada com uma velocidade alarmante. Durante a década de 1930 e início da década de 1940, as autoridades nazistas periodicamente apanhavam e executavam suspeitos de desvios por uma série de assassinatos luxuosos ocorridos na cidade de Kopenick, a leste de Berlim. O verdadeiro culpado, no entanto - um sociopata chamado Bruno Ludke - não foi identificado até 1943, altura em que, segundo sua própria admissão, cometeu surpreendentes oitenta e cinco assassinatos.

Uma história semelhante ocorreu na ex-URSS. Em 1978, o cadáver selvagem de uma adolescente foi encontrado em uma floresta nos arredores da cidade industrial de Rostov-on-Don. A polícia soviética rapidamente prendeu e executou um criminoso sexual conhecido. Infelizmente, eles atiraram no homem errado. No momento em que identificaram o certo - Andrei [Chikatilo](#), a "Fera Louca de Rostov" - ele havia massacrado mais de cinquenta mulheres e crianças.



O Assassino de Milquetoast

A história de John Reginald Christie e seu vizinho, Timothy Evans – um dos casos mais sensacionais nos anais do crime britânico moderno – é contada com poder discreto no absorvente filme de 1970 de Richard Fleischer, *10 Rillington Place*. Filmado na própria casa do assassino (que foi demolida no ano seguinte para dar lugar a uma garagem), o filme alcança seu poder genuinamente assustador ao apresentar o sensacional fatos do caso de uma forma moderada e discreta, consistente com a aparente monotonia do próprio assassino.

Richard Attenborough – que alcançou fama como o diretor vencedor do Oscar de *Gandhi* e outros filmes de alto prestígio – tem uma atuação impressionante como o homicida Milquetoast que estuprou e assassinou oito mulheres ao longo de um período de treze anos, armazenando seus

cadáveres em e em torno de seu apartamento no endereço infame. Igualmente bons são John Hurt como o pateticamente estúpido Evans e Judy Geeson como sua esposa, Beryl. Altamente recomendado para quem gosta de filmes psicodélicos suaves e de bom gosto. Se você está procurando por gore hardcore, esqueça.



XC HROMOSSOME

Durante a década de 1960, alguns cientistas tentaram estabelecer uma ligação entre violência e masculinidade excessiva. De acordo com sua pesquisa, a presença de um cromossomo Y extra (ou masculino) tornava um homem mais propenso a crimes violentos (ver [cromossomo Y](#)).

Hoje em dia, essa teoria não recebe muita credibilidade. Curiosamente, no entanto, houve *um* caso documentado de um serial killer sofrendo do defeito oposto. Bobby Joe Long, que assassinou dez mulheres na década de 1970, tinha um cromossomo X extra (ou feminino) em cada célula de seu corpo. Como resultado, suas glândulas produziram uma quantidade excessiva do hormônio feminino estrogênio, fazendo com que ele crescesse seios durante a puberdade.

Sua humilhação por essa condição pode muito bem ter contribuído para seu desequilíbrio mental — embora certamente não fosse seu único problema. Descontroladamente propenso a acidentes, Long sofreu uma série de graves [lesões na cabeça](#) ao longo de sua vida. E como tantos assassinos em série, ele também foi submetido ao que os sociólogos gostam de chamar de “paternidade negativa”. Entre outras coisas, sua mãe dormiu na cama com ele até os treze anos.

XEROX _

Ao contrário da crença popular, a maioria dos serial killers fica feliz em cometer seus crimes em total obscuridade. Eles gostam de viver nas sombras, onde podem perseguir seus prazeres indescritíveis sem chamar a atenção para suas identidades.

Outros serial killers, no entanto, são o oposto. Eles são cães de publicidade. Seu prazer pervertido é reforçado por jogos mentais com a polícia e a mídia. Isso geralmente toma a forma de provocações escritas – um fenômeno que remonta pelo menos ao caso de [Jack, o Estripador](#). Enviar tais cartas é a maneira do psico-assassino apontar o nariz para seus perseguidores, de mostrar sua suposta superioridade. “Pegue-me se puder”, essas mensagens parecem zombar.

É claro que, com os avanços da ciência forense moderna, o envio de uma carta original corre riscos — o papel timbrado, por exemplo, pode ser rastreado até a loja onde foi vendido e de lá até o comprador. Uma maneira de contornar esse problema é enviar uma cópia. Foi exatamente o que aconteceu no caso do autodenominado [BTK Strangler](#) - embora essa precaução tenha dado à polícia uma pista intrigante no caso.

Enquanto aterrorizava a cidade de Wichita amarrando, torturando e matando pelo menos sete vítimas, BTK manteve uma correspondência constante com a mídia. Em 10 de fevereiro de 1978, ele enviou uma carta a uma emissora de TV local na qual alegava ter assassinado sete vítimas e perguntava petulantemente: “Quantos eu tenho que matar antes de ter meu nome no jornal ou alguma atenção nacional?” A carta, no entanto, não era um original, mas uma xerox.

No outono de 1984, um membro da força-tarefa criada para identificar o assassino em série indescritível levou essa evidência para a sede da empresa Xerox em Syracuse, Nova York. Os técnicos de lá determinaram que era uma cópia de quinta geração, impossibilitando o rastreamento. Eles foram, no entanto, capazes de estabelecer exatamente *onde* o assassino fez sua cópia. A máquina Xerox estava localizada na biblioteca da Wichita State University. Infelizmente, sem outras pistas, a polícia não pôde usar essa informação para diminuir ainda mais o número de suspeitos.

A investigação continuou girando até 2003, quando o BTK Strangler decidiu entrar em contato com a mídia mais uma vez. Incluídos em seu novo conjunto de correspondência estavam outros itens xerocados: fotocópias da carteira de motorista de uma mulher junto com cópias de fotos de seu cadáver. O assassino tinha gostava de levar lembranças das cenas de seus crimes, então não era de surpreender que ele tivesse mantido

a licença dessa mulher. O que *foi* surpreendente foi a identidade da mulher. Vicki Wegerle foi encontrada assassinada em 1986, nove anos após o último assassinato conhecido de BTK. Até receberem este pacote, a polícia não fazia ideia de que Wegerle era outra das vítimas do Estrangulador.

Quando eles finalmente fizeram uma prisão no caso no ano seguinte, eles tinham outro assassinato para adicionar ao currículo de terror do assassino.

A empresa Xerox também figurou no caso do pior episódio de [assassinato](#) em massa da história havaiana. Em 2 de novembro de 1999, um descontente reparador de copiadoras de 41 anos chamado Bryan Uyesugi fez um ataque violento em seu local de trabalho, matando sete de seus colegas funcionários da Xerox com uma pistola semiautomática. Apesar dos esforços da defesa para retratá-lo como mentalmente incompetente – o velho estratagema “atormetado por demônios” – Uyesugi foi considerado culpado e condenado à prisão perpétua sem liberdade condicional. Seu ato terrível lhe rendeu infâmia eterna nos anais do crime havaiano como o “Xerox Killer”.

XR ATED

De acordo com os especialistas da Unidade de Ciência Comportamental do [FBI, talvez até 80% dos serial killers demonstrem uma predileção por pornografia hardcore, particularmente filmes e livros com sexo violento e sadomasoquista.](#) Claro, esta não é exatamente a descoberta mais surpreendente do mundo. De fato, seria muito mais surpreendente saber que *Horton Hears a Who* era o livro favorito de Henry Lee [Lucas](#) ou que Jeffrey [Dahmer](#) era um grande fã da série Nancy Drew.

Ainda assim, vários cruzados morais usaram essa estatística para ajudar a reforçar seu argumento de que a pornografia – junto com outros tipos de entretenimento transgressor (como filmes “slasher” e rock “death metal”) – é uma das principais causas de homicídio sexual. Os cientistas sociais permanecem divididos sobre esta questão. Para cada psicólogo que insiste que existe uma ligação direta e causal entre entretenimento pornográfico e crimes violentos, há outros que argumentam o contrário – que o material que retrata sexo explícito e violência pode realmente ajudar a neutralizar impulsos agressivos.

Em suma, a relação entre violência na mídia e crimes na vida real permanece extremamente obscuro. Vale a pena notar, no entanto, que, desde que existe uma cultura popular, ela tem sido culpada por tudo, desde delinquência juvenil a assassinatos múltiplos.

Cem anos antes dos vídeos pornográficos e dos filmes splatter, o alvo favorito dos reformadores sociais era o gênero conhecido como “dime novels” – brochuras baratas relatando as aventuras lúgubres de homens maus sanguinários, piratas cruéis e detetives de dois punhos. Escrevendo no final de 1800, a Dra. Elizabeth Blackwell — a primeira médica da América — alertou que “os perigos decorrentes de uma literatura tão cruel não podem ser superestimados pelos pais”. O terrível caso do demônio infantil de Boston, Jesse Pomeroy, parecia confirmar a afirmação de Blackwell. O Pomeroy de aparência grotesca começou a torturar crianças mais novas quando tinha onze anos. Ele se formou em assassinato aos quatorze anos, atacando uma menina de dez anos e um menino de quatro anos. Após sua prisão, moralistas indignados culparam seus crimes pela influência corruptora de romances baratos como *Desperate Dan*, *the Dastard* e *The Pirates of the Pecos*. Infelizmente, seu argumento foi um pouco prejudicado pelo fato de que Pomeroy aparentemente nunca havia lido um livro em sua vida.

Em nossos tempos, outras formas de entretenimento pop foram atacadas por sua influência presumivelmente perniciosa. Na década de 1950, os quadrinhos de terror foram condenados como uma das principais causas da delinquência juvenil. Mais recentemente, a crescente taxa de criminalidade nos Estados Unidos foi atribuída a tudo, desde os filmes de *sexta-feira 13* até o gangsta rap.

Na verdade, é muito difícil estabelecer uma ligação direta entre as imagens da mídia e o comportamento humano, principalmente quando se trata de serial killers, cujas mentes funcionam de maneiras tão bizarras. O notório assassino de canibais da década de 1930, Albert [Fish](#), achou certas passagens da Bíblia extremamente excitantes. As fantasias assassinas de Charles [Manson](#) foram inspiradas por uma das obras de arte popular mais benignas já criadas – o *Álbum Branco dos Beatles*.

O assassino sexual alemão Heinrich Pommerencke – conhecido como a “Besta da Floresta Negra” – é outro caso em questão. Uma noite em fevereiro de 1959, Pommerencke foi ao cinema e, depois de ver um monte de mulheres brincando na tela, convenceu-se de que todas as mulheres mereciam morrer. Pouco depois, ele cometeu o primeiro de quatro assassinatos violentos por estupro.

O filme que inspirou esse tumulto? *Os Dez Mandamentos* de Cecil B. DeMille .



A pornografia me fez fazer isso

Na noite anterior à sua execução, Ted [Bundy](#) deu sua última entrevista ao evangelista James Dobson. Com a morte a poucas horas de distância, Bundy – o assassino de trinta a cinquenta mulheres jovens – tinha uma mensagem para a América: cuidado com a pornografia. Bundy confessou que em tenra idade se tornou viciado em imagens de violência sexual e afirmou que sua exposição à pornografia brutal o transformou em um assassino sexual.

Os cruzados antipornografia abraçaram a declaração de Bundy. Aqui, eles argumentaram, estava a prova conclusiva de tudo o que eles estavam alegando – a pornografia leva ao mal supremo.

Houve alguns problemas com a declaração de Bundy, no entanto. Por um lado, ele nasceu em 1946, o que significa que ele cresceu durante a década de 1950 – uma época em que era consideravelmente mais difícil encontrar pornografia sadomasoquista do que é hoje. De volta à era Eisenhower, você não podia simplesmente entrar na loja de vídeo do seu bairro e alugar *Vadias de Bondage Adolescentes* na seção “Só para Adultos”. Se Bundy estava realmente gostando de pornografia violenta naquela época, já deve ter havido algo sombrio e distorcido dentro dele que o estava levando a sair e caçar essas imagens.

Há outro problema sério com a admissão de Bundy, convenientemente ignorado por ativistas antipornografia: Bundy era um mentiroso psicopata.

Por dez anos, ele fez todo o possível para negar sua culpa. Mesmo quando o gabarito finalmente terminou, ele encontrou uma maneira de se livrar da responsabilidade por suas atrocidades, colocando a culpa em influências externas.

Ele não era responsável por seus crimes. A pornografia o fez fazer isso.

XR AYS

Na opinião de muitos aficionados do crime, o assassino mais perverso da história americana foi o pedófilo canibal Albert [Fish](#). Talvez a evidência mais convincente em apoio a essa opinião tenha sido uma série de raios X tiradas logo após a prisão de Fish pelo sequestro e assassinato de Grace Budd, de 12 anos.

Entrevistado em sua cela por dois psiquiatras nomeados pelo Estado que foram tentando avaliar sua sanidade, Fish revelou que - como um ato de contrição por matar a garota - ele havia comprado um pacote de agulhas de costura e, usando um dedal, enfiou cinco delas atrás de seus testículos tão profundamente que ficaram para sempre embutido dentro de seu corpo.

Embora essa história parecesse ultrajante demais para acreditar, Fish era um degenerado de proporções tão extravagantes que as autoridades decidiram verificar. O velho foi levado da prisão para um hospital próximo, onde sua região pélvica foi radiografada pelo radiologista-chefe do hospital.



Uma das radiografias da região pélvica de Albert Fish, mostrando mais de duas dúzias de agulhas enfiadas na parte inferior do corpo

(New York Daily News)

Como se viu, a incrível afirmação de Fish era na verdade um eufemismo. Os raios X revelaram claramente uma série de objetos finos e pontiagudos espalhados pela região da virilha e do abdome inferior do velho. Esses objetos - que pareciam lascas longas e pretas flutuando no tecido brilhante ao redor e entre os ossos do quadril - eram inconfundivelmente agulhas. Sua localização - ao redor do reto e da bexiga, logo abaixo da ponta da coluna vertebral e nos músculos da virilha - deixou claro que eles foram inseridos no corpo de Fish por baixo, evidentemente através do períneo, a carne entre o ânus e o ânus. escroto.

Por mais inacreditável que parecesse, o velho estava dizendo a verdade — ou pelo menos parte dela. Ele havia dito aos psiquiatras que havia se punido enfiando cinco agulhas em seu corpo. Mas quando o médico contou os objetos nos raios X, ele chegou a um número significativamente diferente. Alojados dentro do corpo de Fish havia nada menos que vinte e sete agulhas! Entre sua estonteante variedade de prazeres masoquistas, o velho descontroladamente pervertido estava enfiando agulhas de costura em sua própria virilha há anos (ver [Parafilia](#)).

“Esses raios X são únicos na história da ciência médica.”

D R. _ F R E D E R I C K W E R T H A M ,
comentando os raios X da região pélvica de Albert Fish



Y ARDS

Alguns anos atrás, o jornal satírico *The Onion* publicou uma pseudo-notícia intitulada “Vizinhos se lembram do assassino em série como assassino em série”. O artigo citava (o inteiramente fictício) Will Rowell, de Dunedin, Flórida, que se lembrava de seu vizinho, Eddie Lee Curtis, como “um tipo de sujeito assassino, insano e assassino em série. . . . Ele meio que se mantinha sozinho, matando enfermeiras, fazendo sexo com seus cadáveres e depois enterrando seus corpos em seu quintal.”

Como diria Homer Simpson, é engraçado porque é verdade. Enquanto alguns serial killers suburbanos fazem um grande esforço para se livrar de suas vítimas (o psicopata de Long Island Joel Rifkin, por exemplo, dirigia rotineiramente até Nova Jersey para se livrar dos restos desmembrados das prostitutas que ele atraiu para sua casa e depois estrangulados), outros se contentam em simplesmente enterrá-los em seus próprios quintais.

Das nove jovens que tiveram mortes horríveis nas mãos do [casal assassino britânico](#) Fred e Rose West, por exemplo, um número - incluindo sua própria filha de dezessete anos - acabou enterrado no jardim dos Wests.

Billy Mansfield, um refugiado de um parque de trailers em Weeki Wachee, Flórida, assassinou Renee Salings, de 29 anos, pouco depois de se mudar para Santa Cruz, Califórnia. Alguns meses depois, as autoridades da Flórida desenterraram a propriedade de Mansfield em Weeki Wachee e descobriram os restos de quatro outras mulheres enterradas em seu quintal.

Outro psicopata de Santa Cruz, Edmund [Kemper](#), o “Coed Butcher”, começou a usar seu quintal para fins diabólicos aos nove anos de idade, quando cavou um buraco nos fundos de sua casa e enterrou o gato da

família vivo. Anos mais tarde, depois de se formar em assassinato sexual sádico, ele atirou fatalmente em uma estudante de dezenove anos chamada Cynthia Schall, transportou seu corpo para casa no porta-malas de seu carro e o manteve durante a noite em seu armário. No dia seguinte, enquanto sua mãe estava no trabalho, ele dissecou o cadáver na banheira, depois enterrou a cabeça de Schall em seu quintal com o rosto virado para a janela do quarto. “Às vezes à noite”, ele confessou mais tarde, “eu conversava com ela, dizendo coisas de amor, do jeito que você faz com uma namorada ou esposa”.

Claro, plantar cadáveres em seu próprio quintal pode ser um negócio arriscado. No início dos anos 1990, por exemplo, Herb Baumeister – um homem de família aparentemente respeitável do Meio-Oeste com uma vida dupla depravada – começou a trolhar os pontos de encontro gays de Indianápolis. Sempre que sua esposa levava as crianças para uma visita noturna à vovó, Herb trazia uma picape masculina de volta para sua bela casa suburbana, estrangulava o jovem durante o sexo e depois descartava o cadáver em seu quintal arborizado.

Tudo correu bem até 1994, quando um dos filhos de Herb, brincando no quintal, tropeçou no esqueleto meio enterrado de um ser humano. Felizmente para Herb, sua esposa, Julie, tinha uma capacidade de negação altamente desenvolvida. Quando ela confrontou Herb sobre essa descoberta alarmante, ele contou a ela uma história de galo e touro: o esqueleto, segundo ele, era apenas um antigo espécime anatômico que ele havia herdado de seu pai médico e decidiu descartar. Julie escolheu acreditar nele.

Eventualmente - graças aos esforços de um investigador particular, contratado pela mãe de um dos jovens desaparecidos - Baumeister foi identificado como suspeito. Quando a polícia revistou sua propriedade, eles encontraram milhares de fragmentos de ossos humanos – maxilares, fêmures, dedos, costelas, vértebras, todos despojados por animais e pelos elementos, alguns parcialmente queimados. Especialistas estimaram que, juntos, os fragmentos do esqueleto constituíam os restos mortais de onze vítimas.

Quando a escavação terminou, o próprio Baumeister estava morto. Fugindo para o Canadá, ele cometeu suicídio em um parque de Ontário na

noite de julho 3, 1996, dando um tiro na cabeça com uma Magnum .357 depois de comer um sanduíche de manteiga de amendoim.

YC HROMOSSOME

O assassinato em série é um ato tão esmagadoramente maligno que é natural que as pessoas se perguntem por quê. Por que um ser humano cometeria um crime tão monstruoso? Há uma necessidade desesperada de encontrar uma explicação que dê sentido a esse horror incompreensível. Por pelo menos cem anos, os cientistas têm procurado uma causa única e identificável para a violência criminoso. Em 1968, eles finalmente criaram um. A resposta para a pergunta *Por quê?* acabou sendo . . . Y.

Mais precisamente, acabou sendo um *cromossomo Y*. Como todos que cursaram biologia no ensino médio sabem, existem dois cromossomos sexuais, [X](#) (feminino) e Y (masculino). Cada célula do homem médio contém um de cada. Alguns homens, no entanto, têm um cromossomo Y extra, ou masculino, uma condição conhecida como Síndrome XYY. Assim que fizeram essa descoberta, os cientistas começaram a teorizar que essa pitada extra de masculinidade tornava seu possuidor ainda mais masculino – ou seja, bruto, agressivo e violento – do que o normal.

Sua teoria parecia ser confirmada pelo caso de Richard [Speck](#), o notório assassino múltiplo que, em 1966, matou oito estudantes de enfermagem em seu apartamento em Chicago. Speck, que foi diagnosticado como um tipo XYY, se encaixava perfeitamente na imagem de um bruto masculino superalimentado. Ele era grande, burro e selvagem, com um rosto devastado por cicatrizes de acne e uma tatuagem “Born to Raise Hell” orgulhosamente exibida em um braço. Em seu julgamento, seu advogado argumentou que Speck não era responsável por seus crimes porque sofria da síndrome XYY. Na verdade, a tatuagem de Speck estava dizendo a verdade – seu cromossomo masculino extra o fez mal desde o nascimento.

Havia apenas um problema com essa defesa. Speck, descobriu-se, tinha sido diagnosticado erroneamente. Ele era normal — pelo menos do ponto de vista cromossômico.

Destemidos, os proponentes da teoria apontaram que existe uma proporção incomumente alta de tipos XYY na população carcerária. Mas

essas descobertas mostraram-se distorcidas. A grande maioria dos homens nascidos com Síndrome XYY não apresenta tendências anormalmente violentas. Até agora, a teoria foi amplamente desacreditada. Até o momento em que este artigo foi escrito, o assassinato em série permanece o que sempre foi - um mal insondável. Ou, como diz a Bíblia, um “mistério de iniquidade”.



O “Estripador de Yorkshire”



Peter Sutcliffe; de cartões comerciais *Bloody Visions*

(© & ™ 1995 MH Price e Shel-Tone Publications. Todos os direitos reservados.)

A busca de cinco anos pelo maníaco homicida conhecido como “Yorkshire Ripper” foi a maior caçada humana da história britânica. A polícia entrevistou mais de 200.000 pessoas, obteve mais de 30.000 depoimentos, revistou mais de 20.000 casas. No decorrer dessa investigação gigantesca, um jovem motorista de caminhão chamado Peter Sutcliffe foi chamado para interrogatório nada menos que nove vezes – tantas vezes que seus colegas de trabalho o apelidaram de brincadeira de “[Jack, o Estripador](#)”. A cada vez, porém, seus interrogadores engoliam o álibi de Sutcliffe e o deixavam em liberdade.

Em 2 de janeiro de 1981, a polícia descobriu – quase acidentalmente – que Sutcliffe era, de fato, o assassino. A essa altura, treze mulheres, com idades entre dezesseis e quarenta e sete anos, haviam sido brutalmente assassinadas — espancadas, esfaqueadas e mutiladas.

Sutcliffe levava o tipo de vida esquizóide tão característica dos serial killers. Por um lado, ele era um trabalhador confiável e um marido dedicado. No outro, ele era um sociopata que odiava mulheres cujos crimes foram motivados por intenso ódio sexual. O próprio Sutcliffe afirmou que sua vingança contra as [prostitutas](#) começou depois que uma prostituta o enganou com dinheiro. Mas as raízes de sua patologia eram claramente muito mais profundas. Quando adolescente, ele conseguiu um emprego como atendente de necrotério e gostava de manipular cadáveres como se fossem bonecos de ventríloquo. Ele também passou horas em um museu de cera local, paralisado por uma exibição que mostrava os efeitos devastadores da DV no corpo humano.

Sutcliffe começou agredindo prostitutas com cacetes caseiros – meias pesadas com cascalho ou tijolos. Suas primeiras vítimas sobreviveram a esses ataques. Uma prostituta de 28 anos chamada Wilma McCann não teve a mesma sorte. Em 30 de outubro de 1975, Sutcliffe esmagou a parte de trás de seu crânio com um martelo esfaqueado catorze vezes. Três meses depois, ele matou novamente. Após este segundo homicídio, os impulsos assassinos de Sutcliffe pareceram diminuir. Um ano depois, no entanto, eles explodiram com uma vingança. Nos quinze meses entre fevereiro de 1977 e maio de 1978, ele matou mais sete mulheres, espancando-as primeiro com seu martelo e depois atacando-as com sua faca. Em alguns casos, ele mutilou a genitália. A maioria dessas vítimas eram prostitutas, embora uma fosse uma vendedora de loja de dezesseis anos que estava voltando de uma discoteca para casa.

Com todo o norte da Inglaterra em pânico, a polícia montou uma caçada ao assassino. Eles foram desviados, no entanto, por uma gravação que receberam em junho de 1979, que supostamente era do Estripador. Enquanto a polícia perseguia essa pista (que acabou sendo uma farsa), Sutcliffe continuou a matar. Até então, ele não estava mais se restringindo às prostitutas. As últimas quatro vítimas de Sutcliffe foram estudantes universitárias e jovens trabalhadoras.

Sua prisão ocorreu em janeiro de 1981, quando um policial em vigilância – o sargento Robert Ring – avistou Sutcliffe em um carro com uma prostituta. Uma verificação das placas de Sutcliffe revelou que o carro foi roubado. Antes de ser levado para a delegacia, Sutcliffe pediu permissão para ir atrás de alguns arbustos e “fazer xixi”. O sargento Ring obrigado.

Na manhã seguinte, enquanto Sutcliffe ainda estava sendo interrogado, uma lâmpada se acendeu na cabeça de Ring. Correndo de volta ao local onde prendera Sutcliffe, procurou atrás dos arbustos e descobriu um martelo e uma faca. Confrontado com esta evidência, Sutcliffe confessou rapidamente. Ele tentou alegar insanidade, alegando que a voz de Deus, emanando de um túmulo, havia ordenado que ele matasse. O tribunal não ficou impressionado. O “Estripador de Yorkshire” foi condenado à prisão perpétua.



Z EALOTS

Há muitas pessoas ao redor que culpam os males sociais de nosso país – incluindo nossa epidemia de crimes violentos – pela perda de valores religiosos antiquados, como se a taxa de homicídios diminuísse milagrosamente se os americanos passassem menos horas na frente da TV e mais tempo estudando a Bíblia. Infelizmente, há um pequeno problema com essa teoria. Alguns dos assassinos mais monstruosos da história americana eram fanáticos religiosos que podiam recitar as Escrituras de memória e — quando não estavam ocupados torturando crianças ou mutilando cadáveres — adoravam fazer nada melhor do que ler o Bom Livro.

Albert [Fish](#), o monstro canibal que passou a vida inteira caçando criancinhas, é um caso aterrorizante em questão. Desde seus primeiros anos, Fish era fascinado pela Bíblia e, a certa altura, sonhava em se tornar um ministro. À medida que envelhecia, seus interesses religiosos floresceram em uma mania completa. Obcecado com a história de Abraão e Isaque, ele se convenceu de que também deveria sacrificar uma criança – uma atrocidade que ele realmente cometeu em mais de uma ocasião. De tempos em tempos, ele ouvia palavras estranhas e arcaicas – *corrige*, *deleita*, *castiga* – que ele interpretados como mandamentos divinos para atormentar e matar. Ele organizaria essas palavras em mensagens quase bíblicas: “Bem-aventurado o homem que corrige seu filho em quem se compraz com açoites”; “Feliz é aquele que pegar Teus pequeninos e bater suas cabeças contra as pedras.” Fish não apenas torturou e matou crianças em resposta a essas ilusões, mas também se submeteu a uma variedade de tormentos masoquistas em expiação por seus pecados. Uma de suas formas favoritas de auto-mortificação era enfiar agulhas de costura tão profundamente em

sua própria virilha que elas permaneciam cravadas em sua bexiga. Para Fish, irremediavelmente demente, seu derradeiro crime — o assassinato, o desmembramento e a canibalização de uma menina de 12 anos — também tinha conotações religiosas. Como ele disse ao psiquiatra que o examinou na prisão, ele associou comer a carne da criança e beber seu sangue com a “ideia da Sagrada Comunhão”.

O quase contemporâneo de Fish, Earle Leonard [Nelson](#), foi outro fanático religioso, que passou incontáveis horas lendo passagens do Livro das Revelações: “E a mulher estava vestida de púrpura e escarlata. . . tendo na mão um cálice de ouro cheio de abominações e imundícias da sua prostituição; e na sua testa estava escrito um nome: MISTÉRIO, A GRANDE Babilônia, A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES E ABOMINAÇÕES DA TERRA”. A familiaridade de Nelson com a Bíblia foi uma de suas características mais desarmante, permitindo-lhe ganhar a confiança de suas senhorias-vítimas, que nunca imaginaram que um jovem tão culto e obviamente devoto era na verdade o infame “Gorilla Murderer”, o sombrio estrangulador em série responsável por quase duas dúzias de assassinatos selvagens de costa a costa.

Houve muitos outros psicopatas que cometeram seus crimes em nome da religião, desde o pregador de rua auto-ordenado Benjamin Miller, que assassinou uma série de prostitutas negras no final dos anos 1960 como punição por seus caminhos pecaminosos, até o casal hippie homicida. James e Susan Carson, que acreditavam estar cumprindo a injunção bíblica “Não permitirás que uma bruxa viva” (Êxodo 22:18) quando assassinaram suas vítimas.

Fanáticos religiosos homicidas foram tema de dois filmes memoráveis: o esplêndido thriller de 1955 *Night of the Hunter* (no qual Robert Mitchum faz uma virada aterrorizante como um pregador obcecado pelo pecado) e o hit terrivelmente barroco de 1995, *Se7en*, sobre um serial killer que organiza suas vítimas em quadros grotescos inspirados nos Sete Pecados Capitais: gula, luxúria, preguiça, orgulho, raiva, inveja e ganância.

“E lhes farei comer a carne de seus filhos e a carne de suas filhas, e comerão cada um a carne de seu amigo no cerco e no aperto, com que os seus inimigos, e os que procuram a sua vida, se apertarão eles.”

Jeremias 19:9 (a passagem favorita das Escrituras de Albert Fish)

Z EITGEIST

Qualquer um que faça um estudo sério da história criminal descobre rapidamente um fato intrigante, embora deprimente: cada período produziu muito mais casos de assassinatos terríveis do que a maioria das pessoas imagina. Para citar apenas um dos inúmeros exemplos, em 1895, um estudante de medicina chamado Theo Durrant assassinou e estuprou duas jovens em São Francisco e escondeu seus cadáveres mutilados na igreja do bairro. O caso Durrant foi uma sensação nacional - mas quem, além do mais ardente aficionado do crime, já ouviu falar dele hoje?

Isso levanta uma questão interessante: por que alguns assassinos hediondos desaparecem na obscuridade instantânea, enquanto outros alcançam um status quase mítico? Parte da resposta certamente está nos atos singularmente horríveis deste último. Os lendários assassinos em série (Ed [Gein](#), Albert [Fish](#), Jeffrey [Dahmer](#), etc.) têm uma qualidade maior que a vida. Seus crimes parecem menos patológicos do que sobrenaturais – os feitos de demônios e ghouls. Mas há outro fator também. Certos criminosos exercem um poderoso fascínio porque parecem incorporar os mais obscuros impulsos e obsessões de seus dias – tudo o que há de mais repreensível em qualquer idade. Tanto quanto qualquer herói ou celebridade, eles personificam o espírito da época – o que os alemães chamam de zeitgeist.

“Para acompanhar tal carreira, é preciso voltar a eras passadas e ao tempo dos Bórgias ou dos Brinvilliers, e mesmo esses não eram monstros humanos como Holmes parece ter sido. Ele é um prodígio da maldade, um demônio humano, um ser tão impensável que nenhum romancista ousaria inventar tal personagem. A história também tende a ilustrar o fim do século.”

De um artigo de jornal de 1896 sobre HH Holmes

O “multi-assassino” do século XIX Dr. HH [Holmes](#) é um exemplo clássico. Um cavalheiro elegante com um fascínio mortal, Holmes parecia a encarnação viva do monstro do conto de fadas [Barba Azul](#), matando e desmembrando uma série de jovens mulheres núbéis nas profundezas sombrias de seu “Castelo do Horror”. Ao mesmo tempo, ele era o epítome

aterrorizante de todos os excessos da Era Dourada, um psicopata louco por dinheiro cujos assassinatos eram motivados tanto pela ganância quanto pela sede de sangue.

Na década de 1930 - a época em que o bebê Lindbergh foi sequestrado - Albert Fish representava o pior pesadelo de todos os pais, um ladrão de crianças diabolicamente astuto disfarçado de um velho gentil. Enquanto o caso de Edward Gein teve o horror atemporal de um conto de fadas do tipo “Hänsel and Gretel” (a habitação aparentemente inócua e isolada que acaba sendo a morada de um ogro), seus crimes também refletiam a patologia cultural predominante da América do pós-guerra, uma época e um lugar marcados por extrema hipocrisia sexual, quando as realidades do comportamento erótico eram mascaradas por uma cultura oficial de pudor.

Charles Starkweather – o aspirante a sociopata James Dean que matou onze pessoas durante uma matança de três semanas – incorporou outro fenômeno quintessencialmente dos anos 1950: o “delinquente juvenil” extremamente anti-social com rancor contra a sociedade adulta. Durante a década de 1960, Charles Manson – o hippie demônio enlouquecido por sexo e drogas – foi a realização do pesadelo dos medos mais sombrios da sociedade “hétero”, enquanto Ted [Bundy](#) parecia incorporar tudo o que havia de mais perigoso na década de 1970. cena de swing-singles da geração: o perigo de encontrar-se com a picafe errada e acabar em uma noite muito desagradável.

O muito criticado livro de Bret Easton Ellis, *American Psycho* , na verdade joga muito bem com a noção do serial killer como símbolo do zeitgeist. Seu protagonista yuppie sociopata, Patrick Bateson, pretende ser uma metáfora para a ganância da era Reagan dos anos 80. Sua única preocupação é a satisfação de seus próprios apetites, e ele considera as outras pessoas nada mais do que mercadorias altamente descartáveis para serem usadas para seu próprio prazer.



Zodíaco



Zodiaco; dos Assassinos! conjunto de cartas

(Cortesia de Roger Worsham)

A Califórnia no final da década de 1960 era um viveiro de hippie – o local do Summer of Love, o berço do “be-in”, a terra onde os visitantes eram aconselhados a usar flores no cabelo. Ao mesmo tempo, foi o lar de alguns dos psicopatas mais notórios do final do século XX. Charles [Manson](#) e sua “família” enlouquecida por sangue mataram sete pessoas em Los Angeles em 1969. Um ano depois, um hippie chamado John Linley Frazier destruiu uma família de cinco pessoas na cidade de Santa Cruz, no norte da Califórnia. Talvez ainda mais enervante tenha sido o atirador noturno conhecido apenas como “Zodíaco”. que aterrorizou São Francisco durante uma farra de nove meses que começou em dezembro de 1968. Antes que ele terminasse, cinco pessoas morreram e mais duas ficaram gravemente feridas.

Seu motivo? “Gosto de matar pessoas porque é muito divertido”, explicou ele em uma carta anônima.

O primeiro a morrer foi um casal de adolescentes, morto a tiros em uma [Lovers' Lane](#). Seis meses depois, ele abateu outro jovem casal, matando a jovem com nove tiros de pistola 9mm (o jovem, baleado quatro vezes, sobreviveu). Quarenta minutos depois - no que seria a primeira de uma série

de comunicações assustadoras do assassino - a polícia recebeu um telefonema anônimo de um homem de voz rouca: você encontrará as crianças em um carro marrom. Eles foram baleados com uma Luger de 9 mm. Eu também matei aquelas crianças no ano passado. Adeus."

Enquanto o pânico se espalhava pela área, o assassino começou a enviar [cartas](#) aos jornais locais, assinadas com o símbolo astrológico do zodíaco. Cada letra continha uma linha de cifra. Decodificadas por um professor do ensino médio local, as linhas enigmáticas formavam uma única mensagem que explicava as motivações do assassino: "Eu renascerei no Paraíso, e então tudo o que matei se tornará meus escravos. Eu não vou te dar meu nome porque você vai tentar retardar ou parar minha coleta de escravos para minha vida após a morte."

Dois meses depois, Zodiac (como agora era chamado) partiu para coletar mais alguns escravos. Vestindo um capuz preto com fendas nos olhos e o símbolo do zodíaco pintado em branco, o assassino abordou um jovem casal com uma arma, amarrou-os com corda e depois os atacou com uma faca de caça. O jovem sobreviveu com cinco ferimentos nas costas, mas a garota – esfaqueada quatorze vezes – morreu.

Sua última vítima conhecida foi um motorista de táxi de São Francisco que foi baleado uma vez na parte de trás da cabeça. Antes de fugir do local do crime, o assassino arrancou partes da camisa da vítima. Pouco depois, o editor do *San Francisco Chronicle* recebeu um envelope. Dentro havia uma amostra da camisa do motorista de táxi e uma carta do Zodiac na qual ele prometia "destruir um ônibus escolar alguma manhã". Felizmente, ele nunca cumpriu essa ameaça. Nem - até onde se sabe - Zodiac nunca matou novamente.

O clássico filme de Clint Eastwood, *Dirty Harry* (1971) é um emocionante relato ficcional da caça ao assassino do Zodíaco, com Andy Robinson fazendo uma performance inesquecível como o psicocriep indescritível. Escusado será dizer que o filme tem um final muito mais satisfatório – com Clint explodindo o psicopata no bem merecido esquecimento – do que a vida real forneceu. Na verdade, o Zodíaco simplesmente desapareceu.

Houve muitas teorias sobre sua identidade, mas uma ganhou mais força do que outras. Em seu livro de 2002, *Zodiac Unmasked*, o autor Robert Graysmith afirma que o assassino era um molestatador de crianças condenado e desajustado chamado Arthur Leigh Allen, que morreu em 1992.

Outros, no entanto, apontam que nem as impressões digitais de Allen nem sua caligrafia correspondem às evidências deixadas pelo assassino. No final, a identidade do Zodíaco continua sendo um dos grandes mistérios [não resolvidos](#) do crime moderno.

Z OMBIES

O angustiante romance de 1995 de Joyce Carol Oates, *Zombie*, trata de um psicopata chamado Quentin P——, que está obcecado com a ideia de criar um zumbi que se tornará seu escravo pessoal. Para esse fim, ele realiza uma série de lobotomias improvisadas em várias vítimas semi-drogadas, enfiando um picador de gelo sob suas pálpebras e em seus cérebros. Tudo o que ele consegue fazer, no entanto, é matá-los – embora alguns deles consigam sobreviver por um breve período (veja [Leituras Recomendadas](#)).

Ao revisar o romance de Oates no *New York Times Book Review*, um crítico proeminente interpretou essa história como uma “alegoria” sobre “do que a própria sociedade americana é capaz”. Os “esforços do personagem para criar zumbis”, escreveu este crítico, são “derivados dos procedimentos psicocirúrgicos irreversíveis realizados durante as décadas de 1940 e 1950 em milhares de americanos infelizes considerados psicóticos, perigosos ou incompetentes”.

“Um verdadeiro ZUMBI seria meu para sempre. Ele obedeceria a todos os comandos e caprichos. Dizendo 'Sim, Mestre' e 'Não, Mestre'. Ele se ajoelhava diante de mim levantando os olhos para mim dizendo: 'Eu te amo, Mestre. Não há ninguém além de você, Mestre.’”

De Zumbi, de Joyce Carol Oates

Embora esta seja uma teoria engenhosa, ela ignora um fato crucial: a obsessão zumbi de Quentin P—— deriva não das práticas psicocirúrgicas da década de 1940, mas das atrocidades muito mais recentes de Jeffrey

[Dahmer](#), a inspiração óbvia para o romance de Oates. Além de seus muitos outros atos indescritíveis, Dahmer realizou uma série de lobotomias do tipo "faça você mesmo" em um esforço para transformar suas vítimas em escravas sexuais passivas que ele poderia violar à vontade.

Ao contrário do monstro fictício de Oates, Dahmer não dependia de um picador de gelo. Em vez disso, depois de drogar sua vítima, ele fazia um buraco na cabeça do jovem e injetava ácido muriático no cérebro com uma seringa hipodérmica. A maioria das vítimas morreu instantaneamente, embora uma tenha permanecido viva e ambulatorial por dois dias após ser injetada.

Z OOFILIA

Zoofilia é o termo técnico para bestialidade: sexo com animais. Peter [Kürten](#) e Henry Lee [Lucas](#) estão entre os degenerados conhecidos por terem se envolvido nessa perversão na adolescência. Os serial killers em ascensão geralmente combinam bestialidade com [Animal Torture](#), como uma espécie de ensaio para seus atos posteriores de assassinato por luxúria. Quando jovem, por exemplo, Kürten gostava de cortar a garganta de animais — porcos, ovelhas, cabras, cachorros — enquanto fazia sexo com eles.

É claro que a zoofilia é apenas uma de uma gama chocante de perversões às quais os serial killers se entregam rotineiramente. Para saber mais sobre o assunto, veja [Parafilias](#).

Z ULU

Embora a maioria dos assassinos em série dos EUA seja branca — espelhando a demografia racial do nosso país — a situação é diferente em outras partes do mundo. A África do Sul, por exemplo, produziu um número impressionante de assassinos em série nas últimas décadas, quase todos negros de KwaZulu-Natal, ou Reino Zulu.

O mais notório é Morris Sithole. Abandonado por sua mãe viúva em tenra idade, Sithole foi enviado para um orfanato em KwaZulu-Natal, onde sofreu maus tratos nas mãos de seus supostos cuidadores. Libertado da prisão depois de cumprir pena por estupro, ele embarcou em uma onda de assassinatos que deixou mais de três dúzias de mulheres mortas entre

janeiro e outubro de 1995 – estranguladas, estranguladas com suas próprias roupas íntimas ou mortas com um garrote. Após sua captura, Sithole reconheceu livremente seu ódio às mulheres, explicando que estava ensinando suas vítimas “uma lição muito boa” ao matá-las. Seu reinado de terror lhe rendeu uma sentença de prisão combinada de mais de 2.400 anos.

Embora não correspondessem à contagem de corpos de Sithole, três outros assassinos em série negros da província de KwaZulu-Natal – Samuel Bongani Mfeka, Sipho Agmatir Thwala e David Selepe – também estupraram e estrangularam um número alarmante de vítimas durante a década de 1990. (Veja [Raça e Racismo](#).)



Autor Foto © Bela Borsodi

HAROLD SCHECHTER é professor de literatura e cultura americanas e autor de best-sellers nacionais renomado por seus escritos sobre crimes reais. Seus inúmeros livros de não-ficção incluem *Fatal*, *Fiend*, *Bestial*, *Deviant*, *Deranged* e *Depraved* . Ele também é o autor de vários romances históricos aclamados com Edgar Allan Poe: *Nevermore*, *The Hum Bug*, *The Mask of Red Death* e *The Tell-Tale Corpse* . Ele mora no estado de Nova York.



Autor Foto ©Laurie Everitt

DAVID EYERITT é o autor de *Human Monsters* , uma enciclopédia dos assassinos mais infames do mundo. Além de escrever sobre crimes reais, ele também é romancista e colaborador frequente do *The New York Times* .

LIVROS DE HAROLD S. CHECHTER

Não-ficção:

Fatal

Demônio

Bestial

Depravado

Perturbado

Divergente

A enciclopédia de A a Z de assassinos em série

Ficção:

O zumbido

Nunca mais

Respiração da Morte

Clamor

Esperamos que você tenha gostado de ler este eBook de Pocket Books.

Junte-se à nossa lista de e-mails e receba atualizações sobre novos lançamentos, ofertas, conteúdo bônus e outros ótimos livros da Pocket Books e Simon & Schuster.

[CLIQUE AQUI PARA SE INSCREVER](#)

ou visite-nos online para se inscrever em
eBookNews.SimonandSchuster.com

Índice

Adorno, Jorge, [287](#)
Allen , Tobias, [32-33](#), [50-51](#)
“Alton” [154](#)
Ângelo, Ricardo , [198](#), [205-6](#)
Ariemes , [235-36](#)
Atkins, Susan, [177](#)
crianças em Atlanta, [227](#), [245-46](#)
Aubray, Marie Madeleine d', [14](#)
"Axeman of New Orleans", [20-22](#), [118](#), [251](#), [293](#)
Bola, Joe, [10-11](#), [71](#), [78](#)
Bates, Norman (personagem fictício), [24](#), [29](#), [30](#), [107](#), [157](#), [190](#),
[286](#)
Bathory, Elizabeth, [14](#), [118](#), [198](#)
Clã Beane, 57-59 ,[86](#), [118](#)
Beck, Martha, [62-63](#), [119](#), [149](#), [151](#), [251](#)
Becker, Maria, [98](#)
Clã Bender, [57](#), [58](#), [207](#)–8
Berkowitz, David ,[24-26](#), **40** , [50](#), [56](#), [61](#), [93](#), [119](#), [128](#), [157](#), [161](#),
[163](#), [167](#), [237](#), [269](#), [288](#), [291](#)
Bernardo, Paulo, [149](#)
Bianchi, Kenneth "Hillside Strangler" , **116-17** , [119](#), [129](#), [190](#), [198](#),
[215](#), [216](#), [251](#) . *Veja também* Hillside Stranglers
Bichel, Andreas, [154](#)

Pássaro, Jake, [20](#), [118](#), [202](#)
Pássaro, Robert Montgomery , [239-40](#)
Bispo, Arthur Gary, [72](#)
Bittaker, Lawrence, [16](#), [97](#), [216](#)
Assassinato “Dália Negra”, [294-95](#)
Bloch, Robert , [29-30](#), [107](#) , [254](#)
Blot, Henri, [109](#)
“Barba Azul de Paris”. *Veja* Landru, Henri
barbas azuis , [14](#), [26](#), [30-32](#), [209](#) , [254](#). *Veja também pessoa específica*
Bobbitt, Lorena, [140](#)
Bolber, Morris, [191](#)
Bonin, William George “Assassino da Autoestrada”, [123](#), [198](#)
Borden, Lizzie, [20](#), [21](#), [49](#), [203](#)
Estrangulador de Boston. *Ver* DeSalvo, Albert
Botkin, Cordélia, [61](#)
Bowers, Rosalind, [109](#)
[Brady](#), Ian, [13](#), [85](#), [148-49](#), [184-85](#), [193-94](#) , [198](#), [221](#), [251](#)
Assassino de “Noivas no Banho” (George Joseph Smith), [24](#), [31](#), [32](#)
Briggen, Joseph , [11-12](#)
Brilhante, Jon, [69](#), [80](#), [96](#), [108](#), [158](#)
Brown, Frances, [166](#)
Bruxelas, James, [233](#)
Bryan, Pedro, [43](#)
"BTK" (Dennis Rader) , [2](#), [34-36](#) , [56-57](#), [162-63](#), [198](#), [295](#)
Budd, Grace , [9](#), [42](#), [85](#), [95-96](#), [163-65](#)
Bullock, David, [289](#)

Bundy, Carol, [149-50](#), [258](#)

Bundy , Ted, [36-38](#)

bestialidade de, [36](#), [37](#)

barbas azuis em comparação com, [30](#)

livros sobre, [251](#)

e características dos serial killers, [181](#)

alunos como vítimas de, [59-60](#)

e colecionáveis, [47](#), [50](#)

imitadores de, [61](#)

e definição de assassinato em série, [73](#), [74](#)

eliminação por, [77](#)

desenhos sobre, [41](#)

eletrocussão de, [38](#)

escapa de, [37](#), [84](#)

maldade de, [85](#)

fantasias de, [92](#)

Entrevistas do FBI de, [37](#), [93](#)

e groupies, [109](#)

e história de assassinato em série, [119](#)

QI de, [131](#)

Personagem Jekyll/Hyde de, [36](#)–[37](#), [59](#)–[60](#), [138](#), [139](#)

como assassino de mulheres, [157](#), [158](#), [159](#)

mobilidade de, [202](#)

nacionalidade de, [98](#)

e necrofilia, [194](#)

número de vítimas de, [37](#), [257](#)

e fases, [219](#)

como poeta, [227](#)

e raça, [243](#)

como deslizando pelas rachaduras, [267](#)

e músicas/música, [269](#)

como estudante, [36](#), [204](#)

educação de, [298](#)

Buono, Angelo , **116-17** , [119](#), [178](#), [198](#), [215](#), [216](#), [251](#) . *Veja também* Hillside Stranglers

Burke, Thomas, [203](#)

Carignan, Harvey Louis, [8](#)

Carlton, Gary, [198](#)

Carneal, Michael, [144](#)

Carnigan, Harvey Louis, [198](#)

Carpinteiro, David, [198](#)

Carr, Caleb, [136](#), [143](#), [144](#), [255](#)

Chapman, George, [136](#), [229](#)

Chikatilo, Andrei "Mad Beast" , [43](#), **54-55** , [63](#), [98-99](#), [124](#), [148](#), [178](#), [198](#), [251](#), [257](#), [261](#)

Christie, John Reginald “Monster of Rillington Place”, [122](#), [127](#), [178](#), [251](#), [290](#)

Cristóvão, José, [244](#)

Clark, Douglas “Sunset Strip Slayer”, [149](#)–50, [198](#), [258](#)

Cleckley, Hervey, [179](#)

“Cleveland Torso Killer” [118](#), [251](#), [260](#), [294](#)

Cline , Alfred, [31-32](#)

Coleman, Joe , [17-19](#), **163** , [212](#), [271](#), [272](#)

Collins, John Norman, [60](#)

“Assassino da Parkway Colonial”, [294](#)

Colombina, [144](#)
Connell, Richard, [8](#), [240](#), [241](#)
Constanzo, Adolfo de Jesus, [66](#)
Corll, Dean "Homem Doce", [16](#), [122](#), [216](#), [224](#)
Cornwell, Patricia, [16](#), [136](#), [295](#)
Corona, Juan , [208](#), [251](#), [256-57](#)
Algodão, Mary Ann, [27](#), [28](#), [203](#)
Creme, Thomas Neill, [79-80](#), [229](#), [235](#)
"Homem Criminoso" , [52-53](#)
Cullen, Charles, [206](#)
Cummins, Gordon "Blackout Ripper", [259](#)
Cunanan, André, [277](#)
Dahmer , Jeffrey, [69-71](#)
 tortura animal por, [12-13](#), [70](#)
 livros/filmes sobre, [3](#), [252](#), [255](#)
 canibalismo de, [42-43](#), [70](#)
 como celebridade, [3](#)
 e características dos serial killers, [182](#)
 e colecionáveis, [45](#), [46](#), [48](#), [49](#), [50](#), [69](#)
 imitadores de, [24](#), [56](#), [61](#), [199](#)
 morte de, [71](#)
 e definição de assassinato em série, [73](#)
 descarte por, [70](#), [78](#)
 desenhos sobre, [17](#)
 fantasias de, [165](#)
 e história de assassinatos em série, [119](#)
 como caseiro, [122](#)

e homossexualidade, [70](#), [123](#), [267](#)
humor de, [142](#)
insanidade de, [129](#)
piadas, [140](#)
necrofilia de, [70](#), [195](#)
número de vítimas de, [70](#)
e fotografias, [221](#)
poesia sobre, [228](#)
e questões raciais, [243](#), [244](#)
e refrigeradores, [258](#)
sadismo de, [264](#)
como deslizando pelas rachaduras, [267](#)
e músicas/música, [269](#)
troféus de, [290](#)
educação de, [70](#), [298](#)

“De Mau Mau”, [245](#)
de Rais, Gilles, [14](#), [30](#), [118](#)
de River, J. Paul, [228](#)
de Sade, Marquês, [184](#), [270](#)
“Anjos da Morte”, [244](#)
DEM, Jonathan. Veja *O Silêncio dos Inocentes*
Denke, Karl, [42](#), [122](#)
[DeSalvo](#), Albert “Boston Strangler,” 75-77 , [84](#), [119](#), [148](#), [178](#), [198](#)
, [252](#), [260](#), [269](#), [271](#), [297](#)
Dix, Otto, [17](#), [18](#)
“Doc”, [13](#)
Doss, babá “Vovó rindo”, [28](#)

Douglas, John, [53](#), [94](#), [95](#), [186](#), [234](#)

Drenth, Herman, [32](#)

Duque de Clarence, Albert Victor/Edward, [14](#), [136](#)

Durrant, Theodore, [109](#), 157-58 ,[159](#), [198](#)

Dutroux, Marc, [98](#)

Dzumagalies, Nikolai, [262](#)

Ellis, Bret Easton, [254](#)

Emker, William, [110](#)

Fazekas, Julia, [192](#)

FBI , [92-95](#)

Unidade de Ciências Comportamentais de, [37](#), [75](#), [78](#),
[93](#), [95](#), [131](#), [186](#), [234](#)

e características dos serial killers, [53](#)–54, [181](#)

classificação de troféus por, [290](#)

e definição de serial killers, [275](#)

definição de assassinato em série de, [73](#), [74](#)

Arquivos Gein de, [108](#)

lista dos mais procurados, [247](#)

NCAVC de , [93](#), [94-95](#)

programa de perfil de, [93](#), [131](#), [234](#)

e rituais, [260](#)

e Robinson, [131](#)

spree killers distinguidos de serial killers por, [275](#)

e educação de serial killers, [297](#)

VICAP de, 93-94 , [95](#). *Veja também pessoa específica*

Fentress, Albert, [43](#)

Fernandez, Raymond, [62-63](#), [119](#), [149](#), [151](#), [251](#)

Peixe , Alberto, [95-97](#)

anúncios de, [8-9](#), [10](#)

livros sobre, [252](#)

canibalismo de, [95](#), [266](#)

e colecionáveis, [96](#)

e imitadores, [61](#)

desejo de morte de, [71-72](#)

desenhos sobre, [17](#), [41](#)

e excremento , [85-86](#)

execução de , [42](#), [87](#), [96-98](#)

e história de assassinatos em série, [118](#)

e homossexuais, [124](#)

insanidade de , [129-30](#)

cartas/notas de , [97](#), [163-65](#)

casamento de, [178](#)

apelido para, [198](#)

parafilia de , [214-15](#)

e questões raciais, [244](#)

sadismo de, [263](#), [264](#)

autotortura de , [97](#), [323-25](#)

como deslizando pelas rachaduras, [266](#)

e músicas/música, [269](#)

educação de, [297](#)

como lobisomem, [173](#)

Raios X de , [97](#), [323-25](#)

“Assassino calibre 44.” *Veja* Berkowitz, David

François, Kendall , [243-44](#)

Franklin, Joseph, [244](#), [291](#)

Frazier, John Linley , [230-31](#)

Freud, Sigmund, [127](#), [139](#)

Caril Ann, [152-53](#)

Gacy , John Wayne, [103-5](#)

como artista, [15-16](#), [227](#)

livros sobre, [252](#)

como celebridade, [3](#)

e colecionáveis, [47](#), [49](#), [50](#), [103](#)

e definição de assassinato em série, [73](#), [74](#)

descarte por, [77-78](#), [104-5](#), [242](#)

desenhos sobre, [17](#), [41](#)

maldade de, [85](#)

execução de, [105](#)

fantasias de, [92](#)

entrevista do FBI de, [93](#)

e groupies, [109](#)

ferimentos na cabeça de, [114](#)

e história de assassinatos em série, [119](#)

como caseiro, [122](#)

e homossexualidade, [104](#), [123](#)

insanidade de, [129](#)

QI de, [131](#)

Personagem Jekyll/Hyde de, [103](#)–4, [138](#), [139](#)

casamento de, [178](#)

e múltiplas personalidades, [190](#)

nacionalidade de, [98](#)

apelido para, [198](#)
número de vítimas de, [104](#)–5, [257](#)
e fases, [219](#)
perfil de, [3](#)
e questões raciais, [243](#)
rituais de, [260](#)
como sádico, [86](#), [104](#), [264](#)
e músicas/música, [269](#), [272](#)
educação de, [104](#)

Gallego, Charlene, [150](#), [179](#)

Gallego, Gerald/Gerard, [150](#), [179](#)

Garnier, Gilles, [118](#), [173](#)

Gein, Eduardo , [105-9](#)

aparecimento de, [157](#)
livros/filmes sobre, [29](#), [44](#), [107](#), [189](#), [232](#), [233](#), [252](#),
[254](#), [255](#)
canibalismo de, [44](#)
como celebridade, [107](#)
e colecionáveis, [47](#), [48](#), [49](#), [50](#)
artesanato de, [227](#)
morte de, [107](#)
e definição de assassinato em série, [105](#)
desenhos/retratos de, [17](#), [41](#), [106](#), [141](#)
fã-clube para, [90](#), [91](#)
entrevista do FBI de, [93](#)
e groupies , [109-10](#)
e história de assassinatos em série, [119](#)

e homossexualidade, [123](#)
piadas/rimas sobre, [107](#), [140](#), [141](#)–42, [204](#)
e mídia, [107](#)
kits modelo de, [182](#)
e nazistas, [194](#)
necrofilia de, [106](#), [195](#)
e refrigeradores, [258](#)
rituais de, [260](#)
sanidade de, [107](#), [128](#), [237](#)
e músicas/música, [269](#), [270](#), [272](#)
e atrações turísticas, [285](#)
e travestismo, [286](#)
gatilhos para, [288](#)
troféus de, [107](#), [241](#), [290](#)
educação de, [105](#)–6

Gilmore, Gary, [40](#)

[Glatman](#), Harvey Murray, [8](#), [72](#), [119](#), [182](#), [221-23](#), 252

Glover, John Wayne “Assassino da Vovó”, [99](#)

Dourado, André, [144](#)

Gottfried, Gessina, [125](#)

Graham, Gwendolyn, [205](#)

Teatro Grand Guignol , [281-82](#)

Grans, Hans, [112](#)

Verde, Cléo, [198](#)

"Homem verde." *Ver* DeSalvo, Albert

Assassino do “Rio Verde”. *Veja* Ridgway, Gary

Greenwood, Vaughn, [198](#)

Grese, Irma, [185](#)
 Grossmann, Georg, [42](#), [71](#), [172](#)
 Grosz, George, [17](#), [18](#)
 Gruyo, [154](#)
 Gunness, Bela, [7-8](#), [20](#), [26-27](#), [241-42](#), [252](#), [268](#), [285](#)
[Haarmann](#), Fritz , [42](#), [61](#), [62](#), [78](#), [98](#), [111-13](#), [172](#), [198](#), [202-3](#)
 Haerm, Teet, [138](#), [233](#), [235](#)
 Hahn, Anna Marie, [205](#), [229](#)
 Haigh, John George “Assassino do Banho Ácido” , [128-29](#)
 irmãos Haley, [216](#)
 Caso de assassinato de Hall-Mills, [208](#)
 Hanaei , Saeed "Aranha iraniana", [99-100](#)
 Hansen, Robert, [8](#), [10](#), [241](#)
 Lebre, Roberto , [179-80](#)
 Lebre, William, [203](#)
 Harris, Eric, [97](#), [144](#)
 Harris, Thomas, [23](#), [42](#), [64](#), [108](#), [189](#), [199](#), [254](#), [255](#), [262](#), [286](#)
 Heath, Neville, [159](#)
 Heidnik, Gary ,[50](#), [71](#), [114-16](#), [131](#) , [252](#), [256](#), [258](#), [270](#), [271](#)
 Heirens, William "Batom Killer", [16](#), [72](#), [118](#), [129](#), [165-66](#), [190](#),
[194](#), [198](#), [252](#)
 Henley, Elmer Wayne, [16](#), [51](#), [216](#), [224](#)
 Estranguladores de Encosta, [50](#), [61](#), [77](#), [97](#), [116-17](#). **Veja também**
 Bianchi, Kenneth
 Buono, Ângelo
 Hindley, Myra ,[16-17](#), 148-49 , [184-85](#), [194](#), [198](#) , [221](#), [251](#)
 Hitchcock, Alfred, [24](#), [29](#), [107](#), [136](#), [137](#), [188](#), [236](#), [287](#)

Hitler, Adolf, [110](#), [184](#), [185](#), [193](#), [194](#), [244](#), [291](#)

Hoch , Johann, [30-31](#)

Hodel, Steve, [295](#)

Holmes, HH , [119-21](#)

tortura animal por, [120](#)

livros/filmes sobre, [187](#), [250](#), [252](#), [254](#)

como celebridade, [119](#)

e colecionáveis, [49](#), [80](#)

e definição de assassinato em série, [74](#)

eliminação por, [121](#)

como médico, [79](#)

desenhos sobre, [120](#)

enforcamento, [121](#)

e história de assassinatos em série, [118](#)

como dama-assassino, [158](#)

e mídia, [4](#)

número de vítimas de, [118](#), [121](#), [256](#)

e fornos , [209-10](#)

pseudônimo para, [198](#)

e cal virgem, [242](#)

e atrações turísticas, [285](#)

educação de, [120](#)

Homolka, Karla, [149](#)

“Prostituto”, [167](#), [168](#)

Hungria: anel de assassinato , [191-92](#)

Associação Internacional de Ciências Forenses, [53](#)

Ionosyan, Vladimir, [261](#)

Saeed Hanaei), [99-100](#)

Jack, o Estripador , [100-101](#), [133-38](#)

livros/filmes sobre, [136](#), [137](#)–38, [252](#)

como celebridade, [27](#)

e colecionáveis, [49](#)

imitadores de, [26](#), [61](#), [155](#)

e desejos de morte, [72](#)

médicos como , [79](#), [80](#), [101](#), [135-36](#)

e fã-clubes, [90](#)

como avô de assassinos em série, [259](#)

e história de assassinatos em série, [118](#)

e Internet, [130](#)

cartas de, [134](#), [160](#)–61, [162](#)

nacionalidade de , [98](#), [100-101](#)

número de vítimas de, [235](#), [256](#)

canção de ninar sobre, [204](#)

“fotografia” de, [17](#)

e envenenadores, [229](#)

rituais de, [260](#)

sadismo de, [133-35](#), [147-48](#), [265](#)

e músicas/música, [269](#)

parada repentina em assassinatos por, [34](#), [135](#)

teorias cerca de, [2](#), [14-15](#), [16](#), [79](#), [80](#), [100-101](#), [135-36](#), [154](#), [295](#)

como assassinatos não resolvidos, [293](#)

Jack, o Stripper, [252](#), [260](#), [294](#)

Jegado, Helene, [125](#), [229](#)

Johnson, Mitchell, [144](#)

Kaczynski, Ted “Unabomber”, [160](#), [186](#)

Kallinger, Joseph, [71](#), [216](#), [264](#), [297](#)

Kasso, Rickie, [266](#)

Kemper, Edmund ,[13](#), [23](#), [50](#), [60](#), [119](#), [145-47](#), **198** , [252](#), [264](#), [267](#), [269](#)

Assassinos de “Ken e Barbie”. *Veja* Homolka, Karla
Bernardo, Paulo

Kenke, Karl, [71](#), [172](#)

Kilroy, Mark, [66](#)

Kinkel, Kip, [144](#)

Klebold, Dylan, [97](#), [144](#)

Knowles, Paul John “Casanova Killer” , [127-28](#)

Knox, Robert, [203](#)

Assassino da Escola Kobe, [99](#)

Kodaira, Yoshio, [99](#)

Kogut, John, [265](#)

Komaroff, Vasili, [261](#)

Krafft-Ebing, Richard von ,[153-54](#), **171** , [194](#), [265](#)

Kroll, Joachim, [210](#), [226](#), [258](#)

[Kürten](#), Peter, [12](#), [61](#), **72-73** , [86-87](#), [98](#), [148](#), [155-56](#), [172](#), **178-79**
, [188](#), [237](#), [245](#), [252](#)

Lake, Leonard, [71](#), [97](#), [215](#) -16, [221](#), [252](#), [263](#)

Landru, Henri, [8](#), [30](#), [31](#), [209](#)

Lauwers, Gary, [266](#)

Lavery, Bryony, [282](#)

Lecter, Hannibal (personagem fictício), [42](#), [64](#), [78](#), [131](#), [189](#), [233](#), [243](#), [254](#), [255](#); *Veja também O Silêncio dos Inocentes*

Leonski, Edward “Singing Strangler”, [99](#)

Leopoldo, Nathan, [97](#)

“Assassino do Batom”. *Veja* Heirens, William

Loeb, Ricardo, [97](#)

Lombroso , Cesare, [52-53](#)

“Assassinos de Corações Solitários”. *Veja* Beck, Marta

Fernandez, Raimundo

Longo, Bobby Joe, [72](#), [114](#), [128](#)

Lopez, Pedro “Monstro dos Andes”, [99](#), [257](#), [267](#)

assassinatos na pista dos amantes, [98](#), [167](#)–68, [293](#)

Lu Wenxian “Estripador de Guangzhou”, [99](#)

Lucas, Henry Lee , [169-71](#)

tortura animal por, [12](#), [169](#)

aparecimento de, [157](#)

prisões de, [169](#), [170](#)

bestialidade de, [169](#)

e blasfêmia, [28](#)

livros/filmes sobre, [171](#), [188](#), [253](#)

e canibalismo, [170](#), [216](#)

e características dos serial killers, [181](#)

e colecionáveis, [50](#)

morte de, [170](#)

desejo de morte de, [71](#)

desenho/retrato de, [17](#), [169](#)

ferimentos na cabeça de, [114](#)

e homossexualidade, [215](#)

mobilidade de, [202](#)

necrofilia de, [195](#), [169](#), [170](#)
número de vítimas de, [169](#), [170](#)–71, [257](#)
parceiro de, [97](#), [170](#), [215](#), [216](#)
conversão religiosa de, [169](#)
sadismo de, [264](#)
sanidade de, [170](#)
e travestismo, [286](#)
educação de, [169](#), [286](#), [297](#), [298](#)

Lucas, Bruno, [86](#)

Macek, Richard, [198](#)

“Bombardeiro Louco” , [233-34](#)

“Mad Butcher of Kingsbury Run.” *Veja* “Cleveland Torso Killer”

Malvo, Lee Boyd, [277](#), [278](#)

Manchester, William, [223](#)

Manson, Charles , [175-77](#)

aparecimento de, [157](#)
como artista, [16](#)
livros sobre, [253](#)
e colecionáveis, [47](#), [48](#), [50](#), [176](#)
como compositor, [227](#)
teatro do tribunal de, [63](#), [177](#)
como líder do culto, [65](#), [175](#)–76, [177](#)
desenhos sobre, [19](#)
fã-clubes para , [90-91](#)
entrevista do FBI de, [93](#)
ferimentos na cabeça de, [114](#)
e história de assassinos em série, [119](#)

kits de modelo de, [182](#), [183](#)
nacionalidade de, [98](#)
e fotografias , [220-21](#)
como flautista , [223-24](#)
e raça, [243](#)
e músicas/música, [177](#), [256](#), [269](#), [270](#)–71
e travestismo, [286](#)
educação de, [176](#), [286](#), [297](#)

Manuel , Pedro, [55-56](#)

Matuschka, Silvestre, [248](#)

Maybrick, James, [136](#)

clã McCrary, [58](#)

McDonagh, Martin, [282](#)

McDonald, William “Sydney Mutilator”, [99](#)

Meiwes, Armin, [9](#), [43-44](#), [130](#)

Melville, Herman, [5](#), [52](#)

Metesky , George, [233-34](#)

Michael, Stephen G., [95](#)

Mikhasevich, Gennadily, [261](#)

Milligan, Billy, [191](#)

“Monstro de Milwaukee.” *Veja* Dahmer, Jeffrey

“Monstro de Düsseldorf.” *Ver* Kürten, Peter

“Monstro de Florença”, [98](#), [293](#)

“Assassino ao Luar”, [167](#)

Assassinos de Mouros, [184-85](#). **Veja também** Brady, Ian

Hindley, Myra

Morse, Hugh, [297](#)

Muhammad, John Allen “Sniper Beltway” , [277-78](#)

Mullin, Herbert, [237](#), [291](#)

Mumfre, Joseph , [21-22](#)

“O Maníaco da Múmia”, [198](#)

Nance, Wayne, [265](#)

Nelson, Earle Leonard "Gorilla Man" ,[83-84](#), [114](#), [118](#), [178](#), [181](#),
[194](#), [196-97](#) , [198](#), [201-2](#), [256](#)

Ness, Eliot, [294](#)

Ng, Charles, [71](#), [97](#), [215-16](#), [221](#), [252](#), [263](#)

“Perseguidor Noturno”. *Veja* Ramírez, Richard

[Nilsen](#), Dennis, [24](#), [56](#), [78](#), [122](#), [123](#), [195](#), [199-201](#) , [226](#), [227](#),
[253](#)

Norris, Roy, [97](#), [216](#)

Oates, Joyce Carol, [3](#), [225](#), [255](#)

Olshaker, Mark, [95](#)

Ostrog, Michael, [79](#)

Palmer, William, [229](#)

Panzram, Carl ,[11](#), [12](#), [19](#), [118](#), [202](#), [211-13](#), [213](#) , [247](#), [248](#), [253](#)
, [256](#), [287](#)

Paulin, Thierry, [98](#), [198](#)

Pedachenko, Alexandr, [79](#)

Pelletiere, Chris, [17](#), [106](#), [141](#), [152](#), [169](#)

Peruto, Chuck R., [116](#)

Petiot, Marcel , [80-81](#), [98](#), [216-18](#), [242](#) ,[253](#)

Petrillo, Herman, [191](#)

Petrillo, Paul, [191](#)

Pickton, Robert, [12](#)

Piper, Thomas “Assassino do Belfry de Boston”, [237](#)

Pleil, Rudolph, [62](#), [216](#)

Pomeroy, Jesse, [142-43](#), [253](#), [255](#)

Pommerencke, Heinrich, [100](#), [198](#), [288](#)

Powell, Frieda “Becky”, [170](#), [195](#)

Príncipe, Cleofus Jr., [243](#)

Psicose (livro/filme), [24](#), [29](#), [44](#), [90](#), [107](#), [108](#), [189](#), [232](#), [254](#), [287](#)

Puente, Dorotéia, [242](#)

Rader, Dennis "BTK" , [2](#), [34-36](#) , [56-57](#), [162-63](#), [198](#), [295](#)

Rakowitz, Daniel, [43](#)

Ramirez , Richard “Night Stalker” , [16](#), [50](#), [109](#), [157](#), [166](#), [198](#), [248-50](#), [253](#), [265-66](#)

Dragão Vermelho (livro/filme), [64](#), [189](#), [199](#), [254](#), [262](#)

Rees, Melvin “Sex Beast”, [119](#), [198](#)

Rendell, Ruth, [255](#)

Resendez, Angel Maturino “Railroad Killer”, [1](#), [247](#)

Ressler, Robert K., [13](#), [35](#), [53](#), [74-75](#), [92](#), [94](#), [99](#)

Ridgway, Gary “Green River” assassino, [1](#), [2](#), [77](#), [162](#)–63, [257](#), [260](#), [295](#)–96

Rifkin, Joel, [13](#), [227](#), [253](#)

Robinson, John E. , [130-31](#)

Rogers, Glen, [219](#)

Ross, Michael, [72](#)

Ruxton, Buck, [204](#)

Ryan, Michael, [275](#)

Sagawa, Issei, [43](#)

Sanders, Ed , [220-21](#)

Saulo, Pedro, [17](#)

Schachtman, Tom, [94](#)

Schaefer, GJ “Florida Sex Beast”, [204](#), [256](#)

Schmid, Charles "Pied Piper de Tucson" , [84](#), [224-26](#)

Seda, Heriberto , [61-62](#)

Shawcross, Arthur , [43](#), [235-36](#)

Sherman , Lydia, [27-28](#)

Sherrill, Patrick, [55](#)

[Shipman](#), Harold, [2](#), [81-82](#), **98** , [253](#), [257](#)

Sickert, Walter, [16](#), [136](#)

O Silêncio dos Inocentes (livro/filme), [3](#), [23](#), [42](#), [44](#), [64](#), [90](#), [93](#), [107](#), [108](#), [124](#), [187](#), [189](#), [199](#), [232](#), [254](#)–55, [286](#)

Simmons, Theodore, [216](#)

Simpson, JO, [4](#), [140](#), [208](#), [284](#)

Sithole, Morris, [99](#)

Smith, David, [185](#)

Smith, George Joseph, [24](#), [31](#), [32](#)

Smith, Patterson, [256](#)

Filho de Sam. *Veja* Berkowitz, David

Speck, Richard , [16](#), [46](#), [49](#), [50](#), [93](#), [114](#), [119](#), [272-75](#)

Spisak, Frank, [244](#)

Stanley (cirurgião britânico), [79](#), [136](#)

Starkweather, Charles, [17](#), [119](#), [152-53](#), [253](#), [270](#), [276](#)

Staton, Rick , [16](#), [49-51](#)

Stevenson, Robert Louis, [138-39](#), [203](#)

Stubbe, Peter, [86](#), [90](#), [118](#), [173](#)

Stüller, Nicklaus, [172](#)

Suff, William Lester, [118](#)

“Sunset Strip Slayer” (Douglas Clark), [149](#)–50, [198](#), [258](#)
Sutcliffe, Peter “Yorkshire Ripper”, [100](#), [128](#), [198](#), [235](#), [236](#), [253](#),
[259](#)
Swango, Michael, [81](#)
Szczepinski, Vicytor, [198](#)
O Massacre da Serra Elétrica (filme), [11](#), [30](#), [44](#), [90](#), [107](#), [108](#),
[189](#), [232](#)–33
Bandidos , [66-67](#)
“Rebatedor de Toledo”, [294](#)
Toole, Ottis Elwood, [97](#), [170](#), [171](#), [215](#), [216](#), [237](#), [287](#)
Toppan , Jane, [205](#), [237](#), [253](#), [283-84](#)
Tumberty, Francisco, [101](#)
Unruh, Howard, [275](#)
Vacher, Joseph, [98](#), [123](#)–24, [154](#), [259](#)
Versace, Gianni, [277](#)
Vlad, o Empalador, [118](#)
Wallace, Henry Louis, [243](#)
Ward, Liza, [153](#)
Watts, Coral Eugene, [198](#), [243](#)
West, Fred e Rosemary, [85](#), [98](#), [150](#)–51, [179](#), [253](#)
Wilder, Christopher, [276](#)
Wilken, Stewart, [236](#)
Williams, Wayne , [245-46](#)
Wilson , Colin, [123](#), [172](#), [190-91](#)
Madeira, Catarina, [205](#)
Woodham, Lucas, [144](#)
Wuornos, Aileen, [123](#), [124](#), [253](#)

Young , Graham, [193](#), [229-30](#)

Assassinatos de “zebra”, [244](#)

Assassino do zodíaco, [1](#), [34](#), [61](#)–62, [119](#), [130](#), [161](#)–62, [167](#), [253](#),
[295](#)

Zwanziger, Anna, [125](#), [229](#)



POCKET BOOKS, uma divisão da Simon & Schuster, Inc.

1230 Avenue of the Americas, Nova York, NY 10020

www.SimonandSchuster.com

Copyright © 1996, 1997, 2006 por Harold Schechter e David Everitt

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reproduzir este livro ou partes dele de qualquer forma.

Para informações, endereço Pocket Books, 1230 Avenue of the Americas, New York, NY 10020

ISBN-13: 978-1-4165-2174-7

ISBN-10: 1-4165-2174-7

Esta edição de bolso da Pocket Books é de julho de 2006

POCKET e colofão são marcas registradas da Simon & Schuster, Inc.

Design da capa por Anna Dorfman

Fotografias de capa de John Wayne Gacy © Getty Images;

Charles Manson © Getty Images; Jeffrey Dahmer © AFP/Getty Images;

Ed Gein © Time Life Pictures/Getty Images; David Berkowitz © Getty Images